



grávida
EM UM
casamento
POR CONTRATO

ALINE PÁDUA



grávida
EM UM
casamento
POR CONTRATO

ALINE PÁDUA

Copyright 2022 ©

1º edição – julho 2022

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS A ALINE PÁDUA

Diagramação: AAA Design

Ilustração: AAA Design

Revisão: Sônia Carvalho

SUMÁRIO

[NOTA](#)

[UMA GRAVIDEZ INESPERADA](#)

[CEO INESPERADO – meu ex melhor amigo](#)

[O BEBÊ INESPERADO DO COWBOY](#)

[FELIZ NATAL, TORRES](#)

[UMA FAMÍLIA INESPERADA PARA O VIÚVO](#)

[GRÁVIDA DO CEO QUE NÃO ME AMA](#)

[O CASAMENTO DO CEO POR UM BEBÊ](#)

[A FILHA DO VIÚVO QUE ME ODEIA](#)

[PLAYLIST](#)

[POR TRÁS DE VERÔNICA DE VERÔNICA REIS](#)

[Sinopse](#)

[01](#)

[02](#)

[03](#)

[04](#)

[05](#)

06

GRÁVIDA EM UM CASAMENTO POR CONTRATO

SINOPSE

PRÓLOGO

CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 2

CAPÍTULO 3

CAPÍTULO 4

CAPÍTULO 5

CAPÍTULO 6

CAPÍTULO 7

CAPÍTULO 8

CAPÍTULO 9

CAPÍTULO 10

CAPÍTULO 11

CAPÍTULO 12

CAPÍTULO 13

CAPÍTULO 14

CAPÍTULO 15

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[CAPÍTULO 24](#)

[CAPÍTULO 25](#)

[CAPÍTULO 26](#)

[CAPÍTULO 27](#)

[CAPÍTULO 28](#)

[CAPÍTULO 29](#)

[CAPÍTULO 30](#)

[CAPÍTULO 31](#)

[CAPÍTULO 32](#)

[CAPÍTULO 33](#)

[CAPÍTULO 34](#)

[CAPÍTULO 35](#)

[CAPÍTULO 36](#)

[CAPÍTULO 37](#)

[CAPÍTULO 38](#)

[CAPÍTULO 39](#)

[CHAME DO QUE QUISER...](#)

[EPÍLOGO](#)

[EXTRA](#)

[NOTA](#)

[Contatos da autora](#)



E chegamos a nossa última e tão esperada REIS! Vulgo, rainha da p*rra toda, porque é assim que a gente conhece Verônica. Essa personagem despertou todo tipo de sentimento e agora é sua vez de contar sua história. Não quero me alongar por aqui, mas preciso deixar o recado de que recomendo a leitura de toda a série TORRES-REIS para o melhor entendimento desse livro. Mas caso não se importe com spoiler, você pode arriscar ler esse e se gostar, fazer sua própria ordem.

Nero e Verônica, nossos queridos VeNero, tem sua construção em pequenos detalhes de cada livro. Começa de fato no livro 3 dos Torres e segue daí. Fica também o aviso que a história de Verônica começa em POR TRÁS DE

VERÔNICA REIS e o romance se passa de fato em GRÁVIDA EM UM CASAMENTO POR CONTRATO. Por isso os dois estão disponíveis aqui, e separados.

Espero de coração que Verônica seja tão especial para vocês, o quanto é para mim....

Boa leitura,

Aline

UMA GRAVIDEZ INESPERADA

Família Torres – Livro 1



adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

Se no meio do caminho de algumas pessoas tem uma pedra, no meio do caminho de Maria Beatriz, sempre teve Inácio. O herdeiro da fazenda que fica ao lado das antigas terras de sua família, tornou-se um homem bruto e fechado, que quando aparece na sua frente, ela já sabe que só pode ser problema ou alguma proposta indecorosa. Maldito peão velho!

Inácio Torres é um homem de poucas palavras, mas que vê em uma mulher tagarela, a oportunidade perfeita. Mabi precisa de dinheiro, ele o tem. Ele precisa de um casamento falso, e ela é a escolha perfeita. Porém, a única coisa que recebe de Mabi, como sempre, é uma negativa. Maldita criança sonhadora!

No meio das voltas que a vida dá, uma noite de prazer os marca. E a consequência será muito maior que o arrependimento: UMA GRAVIDEZ INESPERADA.

CEO INESPERADO - meu ex melhor amigo

Família Torres – Livro 2



adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

Se nem tudo que reluz é ouro, Júlio é apenas a melhor imitação de pedra preciosa que Babi colocou os olhos.

O seu ex-melhor amigo, a abandonou e quebrou seu coração quando eram adolescentes. Bárbara Ferraz jurou a si mesma que nunca mais o deixaria ficar perto. *Maldito CEO engomadinho!*

Júlio Torres sabe que deixou uma parte de si para trás. Sua ex-melhor amiga o odeia e ele, muitas vezes, teve o mesmo sentimento por si. *Maldita sombra!*

Júlio sabe que não pode mais ignorar, porque ele não quer apenas a sua melhor amiga de volta, ele a quer como sua.

Babi foge dele como o diabo foge da cruz. **Entretanto, como fugir se depois do reencontro e finalmente os pratos limpos, ela se descobre grávida do seu ex-melhor amigo?**

O BEBÊ INESPERADO DO COWBOY

Família Torres – Livro 3



adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

Se existe amor à primeira vista, Abigail Alencar e Bruno Torres compartilham o completo oposto. Abi o detestou desde o primeiro momento, e com o passar dos anos, o sentimento permaneceu. Bruno é o típico cowboy cafajeste, arrogante e popular, que ela não suporta um segundo na presença.

A cidade pequena sabe de seu desgosto e desinteresse no mais novo dos Torres, porém, ele sempre pareceu ficar ainda mais animado em confrontá-la. Se existe algo sobre Bruno que ela conhece bem, é que ele não foge de um desafio.

Assim, quando Abi o encontra como babá da sua filha de apenas um ano, ela só consegue pensar que ele quer algo. Bruno jura que está ali

apenas para tirá-la do sério, como sempre, mas tudo acaba por mudar, naquele exato instante.

Existe uma linha tênue entre o amor e o ódio... eles estarão dispostos a cruzá-la?

FELIZ NATAL, TORRES

Família Torres – Livro Extra



adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

O Natal parou de ser uma data festiva, e tornou-se dolorosa, assim que Maria Beatriz perdeu os pais. No entanto, nesse ano, tudo mudou e ela vai lutar para que essa data seja ressignificada. Que ela possa sorrir na data, o tanto quanto, um dia o fez, no passado. Assim, ela precisa que tudo saia PERFEITO.

Uma árvore de Natal destruída, enfeites perdidos pela casa, a ceia que não vai chegar a tempo, um desmaio...

Será que ela terá o seu Feliz Natal ao lado dos Torres?

Esse é um conto natalino, narrado na visão de Mabi e Inácio (do livro Uma Gravidez Inesperada), onde você poderá passar essa data tão especial ao lado da Família Torres.

UMA FAMÍLIA INESPERADA PARA O VIÚVO

Família Torres – Livro 4



adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

Olívia Torres sempre teve em mente que para bom entendedor meia palavra bastava. Assim, quando se apaixonou perdidamente e descobriu que o homem com o qual se envolveu era casado, o seu mundo perdeu o chão. Ela apenas foi embora, sem olhar para trás.

Contudo, com Murilo, ela nunca pôde parar de olhar. Ainda mais, quando descobriu que estava grávida.

Murilo Reis perdeu tudo. Nunca pensou, que em algum momento, poderia voltar a sentir algo. Entretanto, bastou um olhar para Olívia, para ele compreender que ainda existia uma chance. Chance essa, que se perdeu por completo, quando ela o deixou.

Anos depois e uma coincidência do destino, Murilo descobre que não apenas as lembranças daquele amor de verão permaneceram, mas sim, que ele tem uma filha.

Um amor de verão pode ser o amor para a sua vida?

GRÁVIDA DO CEO QUE NÃO ME AMA

Família Reis – Livro 1



adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

O triste é que aquele velho ditado se tornou real em sua vida: Valéria que amava Tadeu, que amava Bianca, que amava Murilo, que não amava ninguém. Desde que seus olhos pousaram em Tadeu Reis, Valéria se apaixonou. Não sabia dizer se era pelo olhar escuro enigmático, o sorriso que ela queria tirar daqueles lábios cerrados ou o fato de ele ser tão atencioso com quem amava.

Porém, Tadeu apenas tinha olhos para outra mulher, e Valéria escondeu aquele sentimento no fundo de sua alma, tentando matá-lo durante os anos que se passaram. Uma coincidência do destino, os coloca frente a frente. Ela sabe que ele é errado, mais do que isso, uma grande mentira, porém, seu corpo não resiste.

E uma noite com o homem errado não é o fim do mundo, certo?

Para ela, tornou-se um outro começo, já que terá uma parte dele consigo, para sempre. Valéria está grávida do homem que não a ama. E não pretende deixá-lo descobrir.

O CASAMENTO DO CEO POR UM BEBÊ

Família Reis – Livro 2



adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

Águas passadas não movem moinhos - era o que Lisa repetia a si mesma. Contudo, estar sempre tão próxima do único homem que realmente se apaixonou, fazia com que ela quisesse voltar, e na verdade, se afogar com ele. Igor Reis era um erro, e ela sempre soube.

Ainda assim, não podia evitá-lo para sempre, já que seus círculos de amizades eram tão próximos. Então, era apenas isso: Igor era um amigo. Um ótimo fofoqueiro e

uma pessoa para perder horas conversando – mesmo que quisesse perder muito mais.

Todavia, quando ele bate na sua porta no meio da madrugada com um bebê a tiracolo, ela não sabe o que de fato está acontecendo. Porém, nada é tão ruim que não possa piorar, e ele a pede em casamento.

Nas voltas que a vida dá, Lisa se vê com o sobrenome Reis, um bebê para chamar de seu e um contrato de casamento por um ano com o homem que ama.

Até onde o casamento do CEO por um bebê será uma mentira?

A FILHA DO VIÚVO QUE ME ODEIA

Família Reis – Livro 3



adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

Os opostos se atraem.

Carolina Reis queria jurar que isso estava errado, mas não pôde evitar a forma como seu corpo reagiu ao cowboy bruto e grosso que, literalmente, atravessou o seu caminho. Franco era uma incógnita, com um chapéu de cowboy escuro e uma expressão tão dura, que lhe fazia indagar se ele em algum momento sorria. *Bruto insensível!*

Franco Esteves não tinha tempo para perder, muito menos, com uma patricinha mimada que encontrou sozinha no meio da estrada. Porém, não conseguia evitar ajudar alguém, mesmo que este parecesse ser no mínimo uma década mais novo, com olhos claros penetrantes e um sorriso zombeteiro. *Diacho de madame!*

O que era para ser apenas um esbarrão no meio do nada, torna-se uma verdadeira tortura, quando Carolina assume, por coincidência a função de tutora da filha do cowboy. Ele só quer evitá-la. Ela só quer irritá-lo. No meio do ódio e atração que lhes permeiam, uma adolescente se torna um vínculo que eles não podem evitar.

Mas até onde ela será a única a uni-los?



Posicione a câmera do seu celular para ler o QrCode e conheça um pouquinho das músicas que inspiraram este livro. Caso não consiga ter acesso, clique

[aqui](#)

POR TRÁS DE
Verônica
Reis

ALINE PÁDUA

Sinopse

Existe uma história de cinco irmãos e como o amor chegou para cada um deles. Contudo, para que cada história existisse, outras cinco pessoas tiveram que agir. Uma delas, até os dias atuais, protegia a família deles. A família, que um dia, a escolheu.

Por trás de Verônica Reis existe muito além da história de cinco irmãos. Existe a história da família Reis.

Esse conto é um prequel de “GRÁVIDA EM UM CASAMENTO POR CONTRATO”.

“sasageyo sasageyo

shinzou wo sasageyo

subete no gisei wa

ima kono toki no tame ni”^{[\[1\]](#)}

01

“Vou te abraçar
E te proteger
Então deixe o amor te aquecer
Até amanhã
Eu vou ficar com você
Do seu lado.”^[2]

Pedro Reis era o mais velho de quatro irmãos.

O único próximo à mãe e o único que chorou no funeral do pai.

O pai não era grande coisa, mas ainda assim, Pedro foi aquele que herdou seu primeiro nome e era aquele que tentava entender o homem que apenas parecia ligar para álcool e dinheiro. Ao menos, até o dia de sua morte.

Os irmãos Reis tinham pequenas diferenças de idade, mas ainda assim, Pedro sempre se mostrou como um protetor de todos. Ainda mais, no momento em que um bebê foi deixado à frente da mansão dos Reis, apenas com cinco palavras: ela é filha de Rodinei.

Foi Pedro quem acordou naquele dia, e quando abriu a porta para ir ao trabalho, deu de cara com um amontoado de cobertas e bochechas vermelhas. Por sorte, não fazia frio naquela manhã, mas ele não tinha ideia em que momento o bebê foi deixado ali.

A primeira coisa que fez foi trazer aquele pacotinho de gente para o seu colo. E em seguida, adentrar a casa. Ele não sabia dizer o sentimento que o tomou naquele instante. Ele sempre foi o mais sensível em relação à família, e demonstrava abertamente seus sentimentos, contudo, nunca se permitiu ser aberto com ninguém mais.

O sobrenome Reis era almejado, e ele seguia a linha de confiar desconfiando sempre de qualquer pessoa. Mas o bebê inocente em seu colo... Ele se viu sorrindo para o mesmo, e quando finalmente conseguiu tirar todas as cobertas, ele notou que usava um macacão rosa bebê, e pelo que estava no cartão, provavelmente era uma menina.

Uma bebê abandonada à sua porta.

Foi quando ela quase começou a chorar e ele a balançou, sem ter ideia do que estava fazendo de fato.

Ele sentiu um olhar preso nele, e foi quando o levantou. Sua mãe descia as escadas e parecia tão confusa, a ponto de apenas se aproximar e pegar o cartão que estava na mão livre dele.

— Ela é filha de Rodinei.

As palavras de Regina Reis foram como uma agulha caindo em um local totalmente silencioso.

— Aquela vadia...

O grito de Rodinei fez com que a bebê no colo de Pedro chorasse alto, e o mais velho apenas lhe deu um olhar que o calou de imediato.

— Sabia da existência dessa criança? — a voz de Regina era baixa, mas com toda certeza, ela se controlava. — Sabia que em algum momento alguém cobraria a paternidade?

— Ela não é minha filha. — pontuou, olhando profundamente para a mãe. — Eu não sei onde aquela vad...

— Rodinei! — a voz de Pedro não era nada amigável.

— Enfim, ela não queria a criança, mas queria alguém que pudesse lhe dar dinheiro por ela. Quando me neguei a pagar, ela sumiu. — comentou, dando de ombros. — E agora colocou uma zé ninguém à frente da porta como se...

— Vamos fazer um teste de DNA. — Regina falou simplesmente, e trocou um leve olhar com Pedro. — Hoje.

— Eu quero essa criança longe de mim, independente do resultado. Não preciso de ninguém além de Roberto e Reinaldo para querer tirar meu dinheiro.

Aconteceu muito rápido. Mas em um momento Regina estava do lado de Pedro e no outro, a mão dela estava no rosto do filho mais novo.

— *Meu* dinheiro. — Regina foi certa. — Não sei como errei tanto com vocês, a ponto de não pensarem por nenhum momento que um bebê inocente foi deixado à porta, mas, sim na herança que terá que dividir.

— Sabe que eu não me importo, não é, mamãe?

— Não sei porque ainda me chama de mãe já que não se importa. — o mais novo apenas fez uma careta e já

ia sair.

— Vamos fazer esse teste agora. — Pedro exigiu, e ele parou no caminho. Se existia uma única pessoa que Rodinei realmente respeitava e se importava era com o irmão mais velho.

Assim que o sangue de Rodinei foi coletado, ele simplesmente sumiu da clínica. Enquanto isso, Pedro estava com a bebê, no pediatra e tentando compreender como estava a saúde da pequena. De fato, era uma menina. E de fato, ela não parecia doente, mas tinha que receber maiores cuidados.

Ele não sabia por que, mas simplesmente cancelou todo o seu dia, para ficar ao lado da pequena. Era desesperador quando alguém os afastava, e Pedro considerou que estava enlouquecendo. Nunca sentiu tal coisa e muito menos conseguiu entender do que se tratava.

Ele não entendeu porque estava pedindo para seu assistente comprar artigos para bebês de oito meses. Muito menos, porque já estava olhando como ficaria um quarto de bebê ao lado do seu. Algo sobre como Pedro se sentia em relação à pequena, que sequer tinha um nome, e pelo que ele conseguiu descobrir, sequer uma certidão de nascimento, o fez ficar ali.

Ficar com ela, em seus braços.

Levá-la para seu apartamento no centro e tentar cuidar da forma como conseguia.

À espreita, Regina acompanhava o filho. Todo cuidado, atenção e carinho que ele depositava em uma criança que ele nunca tinha visto antes. Ela nunca entendeu como o seu marido já falecido conseguiu fazer com que os filhos mais novos fossem tão apegados apenas ao dinheiro e não à família. Mas com Pedro, mesmo ele amando o pai, ele nunca caiu em seus joguinhos.

Regina sentia a culpa por ter escolhido aquele homem como pai deles. Não existia um dia em que não se arrependesse de ter focado tanto em salvar a empresa da

família e torná-los tão grandes, do que ter ficado mais em casa e cuidado dos filhos atentamente. Talvez se ela não tivesse se dedicado tanto ao trabalho, os filhos não teriam dado tanto valor apenas ao trabalho dela.

Pedro era uma exceção.

Ele parecia entendê-la. Ao menos, ele sempre tentou.

E vendo-o ali, tão apegado àquele pequeno ser, ela já sabia que independentemente do resultado, ele não a deixaria ir. Pedro tinha encontrado uma razão além da própria mãe e dos irmãos.

Quando o resultado ficou pronto, Pedro olhou para a mãe e pediu que ela abrisse.

— Isso faz diferença? — Regina perguntou, segurando o papel, notando-o sentado no sofá, com a bebê dormindo sobre seu colo. — Faz realmente diferença, meu filho?

— Não sei o que aconteceu. — admitiu, suspirando fundo. Pedro tinha apenas vinte e dois anos, mas parecia

carregar muita coisa consigo, principalmente, o peso do sobrenome. — Eu só... Só não consigo ficar longe dela.

— Sente que ela é sua filha?

Aquela não era uma pergunta que ele esperava, mas o que o surpreendeu de fato, foi ele ter uma resposta já na ponta da língua para aquilo. Ele olhou para o pequeno rostinho em seu peito, que ressonava e parecia tão inocente em meio a um mundo que já a recebera cruelmente. Ela fora abandonada. Ela fora renegada. E ela sequer tinha um ano de idade.

Pedro sabia, na realidade, ele soube daquilo quando a encontrou.

Ela era a filha que ele não sabia que um dia desejou, mas ela o era. E foi naquele instante que ele soube que daria o mundo e tudo de si por ela.

— Verônica. — falou, e levantou o olhar para mãe.
— Verônica Regina Reis.

— Filho...

— Algo me diz que ela vai te adorar, mamãe. — ele riu e deixou uma lágrima descer. Sua mãe não estava

muito diferente. — Não preciso saber do resultado sobre a paternidade de Rodinei, eu sei que... que ela é minha filha.

“Você pode deixar pra lá

Você pode dar uma festa cheia de todo mundo que você conhece

E não convidar a sua família, porque eles nunca te mostraram amor

Você não precisa se desculpar por ir embora e crescer.”^[3]

O que ninguém esperava de fato era que Pedro Reis assumiria aquele bebê. O choque na alta sociedade foi praticamente um escândalo que duraria meses. As perguntas de quem era a mãe e do porquê Pedro aparentemente não estar em um relacionamento.

A questão era que ele tinha o seu amor há alguns anos. O melhor amigo de infância, que se tornou o homem que ele amava por completo – Sérgio Kang. Só que era um amor que apenas eles, Regina e Yumi – a irmã mais velha de Sérgio – sabiam. Se o futuro pode ser intolerante, o passado era tanto quanto.

Eles sabiam o quanto seriam julgados por se amarem. E eles nunca ligaram de fato para o que os outros pensariam sobre, mas eles pensavam em como

aquilo poderia prejudicar suas próprias famílias. Ambos sabiam que, ao menos Regina faria de tudo para protegê-los, mas ainda assim, a família de Sérgio poderia fazer o inferno contra eles, junto ao resto da alta sociedade.

Então, eles aceitaram, que por algum tempo, viveriam seu amor em silêncio. Eles ainda eram novos, apenas vinte e poucos anos, e tinham planos de jogar tudo para o alto quando chegassem aos quarenta.

Planos que foram um tanto modificados quando Rodinei abriu mão de fato da paternidade de Verônica, e Pedro, a registrou como dele. Um escândalo escondido sob o casamento relâmpago de Yumi Kang com Pedro Reis. Era o cenário perfeito da família tradicional para que todos não pensassem de fato na real origem de Verônica.

Aos seis anos, a pequena Verônica entendia que tinha dois papais, a madrinha Yumi e a vovó Regina. Mas os dois papais não eram algo que ela podia contar a alguém. Nem aos tios. Não que ela gostasse deles, na realidade, Verônica praticamente nunca os via.

Rodinei parecia evitá-la.

Roberto parecia nem estar ali.

Reinaldo parecia ocupado demais.

Ao menos, na cabeça de uma criança de seis anos, era como funcionava.

E a vida seguia, tranquilamente.

Ela morava em uma casa com os dois papais, a madrinha e a vovó. Ela era uma criança feliz, tinha tudo, e estava mais do que animada para o seu primeiro dia escolar. Ela era esperta e mal via a hora de ser tão inteligente quanto os seus pais.

O que ela não sabia, era que naquele dia, eles receberiam uma visita inesperada. Uma que se repetiria de dois em dois anos, e depois em quatro. A visita de um de seus tios.

Reinaldo apareceu com um bebê no colo, e sorria abertamente. Pedro estranhou a visita repentina, e ainda mais, a forma como ele parecia ter ganhado na loteria. Não era do feitio do irmão, e ele sabia. Ainda mais que Reinaldo odiava crianças.

— Garanti o meu também. — ele falou, olhando odiosamente para o irmão mais velho. — Garanti o meu futuro e vou garantir de novo.

— Não está mesmo dizendo que...

— O que está acontecendo?

— Yumi, apenas leva Verônica daqui, por favor.

A garotinha não queria sair, seu olhar preso no bebê no colo de seu tio.

— Diga oi para o seu priminho Tadeu, querida.

Verônica não soube o que dizer, nem porque o tio falou com ela. Ele nunca o fazia, mas antes que pudesse perguntar, foi pega no colo pela madrinha e levada escadas acima.

— Pronto, vamos ficar aqui até o seu tio ir...

— Por que os titios nos odeiam?

Yumi arregalou os olhos, e percebeu que a cada dia seria mais difícil poupar Verônica da bagunça real que os Reis se tornaram. Como ela explicaria para uma criança que a família dela era dividida em dinheiro e nada mais?

Como se explica a ambição nua e crua para uma criança que conhecia o mais puro amor?

— Eles não nos odeiam, pequena. — ela falou, segurando as pequenas mãos. — Eles não sabem o que é amar, na verdade. E não podemos obrigar alguém a aprender.

— O papai Pedro tenta ensinar, né?

— Ele sempre tentou. — ela suspirou fundo. — Mas tem coisas que só vai entender quando for adulta.

— Eu já sou grande, madrinha. — a garotinha fez um bico, que fez Yumi sorrir e querer apertá-la.

A porta se abriu e Sérgio entrou, e com ele, um grito acabou passando.

— *Eu não vou deixar, seja qual truque de merda estejam tentando para garantir mais da herança, só porque não tenho um filho. Você pode ter uma, mas eu terei dois. Assim como Roberto.*

— *Irmão...*

— *Ou melhor, você não tem...*

— Ok. — Sérgio deu um grito mais alto, ao bater a porta atrás de si, e sorriu para a filha. — Que tal a gente ouvir uma música bem alto e dançar?

— O senhor não ia trabalhar?

— Olha só! — bateu palmas mais altas e incentivou a irmã a fazer o mesmo. Ele o fazia, porque sabia que novamente uma discussão ocorria no andar de baixo e Reinaldo não pouparia ninguém de dizer que Verônica, na realidade, era filha de Rodinei. — Como Nossos Pais?

A garotinha deu um grito, e bateu palmas.

Ela amava aquela música, porque era a que vovó sempre lhe cantava antes de dormir. Ela não entendia algumas palavras ainda, nem o real significado, mas ela sabia que era bom cantar e dançar junto à família.

A família que ela ainda não tinha noção do quanto a amava. E do quanto ela amava de volta.

— Eu tenho um priminho. — falou animada, assim que caiu do lado da madrinha na cama, com Sérgio ainda cantando alto e tentando evitar que ela escutasse qualquer coisa. — Ele se chama Tadeu, papai.

— É mesmo, pacotinho?

— Não sou um pacotinho. — respondeu o pai, que apertou suas bochechas, e sorriu para a mesma.

Contudo, Sérgio nunca poderia deixar de chamá-la assim. Nunca esqueceria do dia em que Pedro apareceu na sua porta, com aquela bebezinha toda empacotada de cobertores no colo, e que já parecia suar pelo tanto de camadas, e disse que era pai. E perguntando se ele queria ser pai também.

Sérgio apenas aceitou a bebê no colo para bater no peito de Pedro e só não o xingou porque a tinha ali.

— Eu não te traí. — Pedro então percebeu que deveria explicar. — Na verdade...

— Ela está com calor. — Sérgio falou, tirando dois cobertores e a bebê abriu os olhinhos. — Parece um pacotinho fofo.

— O nosso pacotinho fofo? — Pedro indagou, e o homem à sua frente, o encarou mortalmente, mesmo o deixando adentrar o apartamento.

Batidas na porta o tiraram daquelas lembranças, e logo um Pedro claramente exausto adentrou o ambiente. Ele sabia que os Reis tinham suas diferenças, mas nunca pensou que pesaria tanto assim para o marido.

Ele sabia o quanto doía em Pedro não ser tão próximo dos irmãos como gostaria. Não da forma como Sérgio era com Yumi. Roberto o invejava. Reinaldo o odiava. O único que parecia sentir algo positivo era Rodinei, mas esse parecia preferir o mundo do que um almoço em família. Então, aquilo tudo quebrava o seu marido, mesmo que ele não confessasse.

— E meu priminho é legal?

— Ele ainda é um bebê, pacotinho. — Pedro falou e viu a careta da filha. — Mas logo você vai poder ficar mais próxima a ele, já que ele vai ficar com a gente por um tempo.

— Ele vai? — a menina parecia tão animada que pulou da cama, e mesmo que quisesse, sua inocência nunca notaria a clara interrogação e dúvida no olhar dos outros dois adultos no ambiente.

Era aquilo.

Os irmãos de Pedro voltando a usar pessoas como bem entendiam, e agora, pareciam ser os próprios filhos que eles nem mesmo queriam.

E Regina, parada com o mais novo neto no colo, já no jardim da casa para qual se mudou assim que Pedro se casou com Yumi, soube que não deixaria que Tadeu, e nem um outro neto que eles lhe apresentassem, pagassem pela ganância dos pais.

Ela os criaria.

Ela faria de tudo por eles.

E não erraria, não como fez com os filhos. Ela não se permitiria mais errar.

“É tão estranho, os bons morrem jovens
Assim parece ser, quando me lembro de você
Que acabou indo embora
Cedo demais.”^[4]

— Você é agora o mais novo. — Verônica falou, acariciando os cabelos escuros de Tadeu, que apertava fortemente suas mãos. O bebê tinha um ano, e todo aquele tempo, morou com eles.

Os pais, madrinha e avó até acreditaram que Verônica estranharia e teria ciúmes. Mas na realidade, ela se apegou completamente a Tadeu desde o primeiro momento. Reinaldo não apareceu durante todo aquele tempo, e Pedro apenas via o irmão na empresa, o qual nunca indagou como estava o filho e muito menos, o citava. A não ser, para se gabar para outros que tinha um herdeiro e em breve, teria outro.

As pessoas indagavam quem era a mãe do filho de Reinaldo, mas era algo que ele apenas não trazia à tona.

Não era de fato importante, não para o jogo que ele queria ganhar. Ele só precisava de alguém com seu sangue, nada mais. O resto, poderia ser deixado de lado, portanto, um filho com barriga de aluguel e outro em breve, seria o mais correto.

Ele e Roberto sabiam exatamente em que épocas teriam seus próximos filhos. E acreditavam que aquele era o melhor plano para barrar qualquer estratégia que a mãe pudesse usar para tirá-los do testamento.

O dinheiro era o que importava.

Eles não tinham ideia de como Verônica tratava Tadeu como seu próprio irmão. E de como, ela já era superprotetora com ele. Assim como os pais o eram com ela, ela era com ele.

— Pacotinho.

Verônica fez uma careta, mas se virou, encarando Pedro. O homem sorriu, porque sabia que a filha detestava tal apelido. Mesmo assim, era algo tão deles, que jamais conseguiria se perder. Verônica poderia ter trinta anos, mas ele sabia que a chamaria exatamente

assim. Ali, com quase sete, Pedro só conseguia pensar em como ela cresceu rápido.

— Os papais têm uma viagem junto com sua madrinha, mas a vovó vai ficar com você.

— E os seguranças também? — ela perguntou, esperta como era.

Ela ainda não compreendia, mas já assistia filmes que mostravam pessoas que sempre seguiam outras para protegê-las. Além de uma conversa breve que a avó teve com ela, quando percebeu as mesmas pessoas bem próximas a elas, desde que saíram de casa.

Verônica ainda estava aprendendo o que significava ser uma Reis. Não eram apenas inimigos dentro de sua própria família, eles estavam do lado de fora também, e eram ainda mais perigosos.

— Os seguranças vão ficar aqui também. — Pedro sorriu e beijou sua cabeça, olhando-a profundamente.

Ele não sabia dizer que sentimento o tomou, mas ele separou-a rapidamente de Tadeu e trouxe-a para o seu colo. Chegando próximo ao ambiente estava Sérgio, que

não pôde evitar ir até eles, e fazer parte daquele abraço de família.

— Te amamos, pacotinho.

Sérgio disse, e ela sorriu e apertou a bochecha de ambos os pais, como eles faziam com ela. Sabia que a forma que cada um deles tocava em seu rosto, quando diziam que a amavam, era a forma de não precisar dizer as palavras, mesmo que eles sempre fizessem,

Pedro antes de ir, levou o dedo médio e indicador à testa da filha, tocando-a. Ela sabia o que significava. *Um até logo, eu te amo.*

— Vovó! — Verônica gritou, enquanto dava tchau para os pais e a madrinha, que já estavam saindo com o carro.

— Eu e Tadeu estamos bem aqui, querida.

Ela pulou no lugar, segurando as pernas da avó. Por um segundo, Regina tentou segurar a sensação ruim que se passava em seu peito. Pesava e doía, e ela ainda não sabia o porquê. Ela segurava Tadeu no colo, e sentia as mãos de Verônica em suas pernas. Era como se ela

estivesse se apegando a força dos netos. Algo estava errado, e ela só não sabia dizer o quê.

Horas depois, enquanto ela não conseguia dormir, e apenas assistia Verônica e Tadeu dormindo lado a lado, na grande cama de casal, Regina ouviu o barulho do seu telefone. Ela foi até o mais próximo e atendeu, sentindo-se um pouco nauseada.

A sensação ruim não passava desde o momento em que Pedro, Sérgio e Yumi saíram. O que ela não esperava, era que no segundo em que atendesse o telefone, na realidade, fossem seus seguranças avisando que Rodinei estava à frente da casa.

Ela olhou rapidamente para os netos bem-comportados e protegidos por travesseiros, principalmente Tadeu. Ela então desceu as escadas, já tendo liberado a entrada do filho mais novo, que há muito não via. Porém, quando ela o encontrou já de joelhos na frente da porta de entrada, ela paralisou.

— Filho...

— Eu estava passando pela rodovia... — ele mal conseguia falar. — Vi toda a movimentação de ambulâncias e... Eu ia ignorar, como sempre. Poderia ser só mais um acidente. Mas então, eu vi a cor azul do carro de Pedro, assim que a luz da ambulância...

— Não...

— Eu descii do carro e fui até lá. — o homem não tinha nem forças, não sabia como estava conseguindo contar aquilo para a mãe. — Consegui apenas ver Yumi sendo retirada, e então duas lonas pretas sobre...

— Não! — o grito de Regina era de pura dor, quando ela caiu também de joelhos. — Não eram eles...

— Eu sinto muito, mãe.

Era a primeira vez, em anos que Rodinei tomava coragem de estar ali. E ele nunca imaginou que quando o fizesse, estaria exatamente para contar tal notícia. De como ele viu a única pessoa que ele realmente amou e lhe protegeu do pai bêbado e sem qualquer sentimento, apenas como um corpo enrolado no asfalto de uma rodovia.

Aquilo quase o matou.

Porque por mais que Rodinei não fosse perfeito, ele era o admirador número 1 de quem Pedro era. Ele amava o irmão, mesmo que se sentisse um fardo para o mesmo. Ele amava a mãe, que agora trazia para os seus braços, mesmo que nunca tivesse de fato demonstrado.

Ele demorou a entender que Regina trabalhava tanto fora não porque não os amava, mas porque ela queria dar-lhes uma vida melhor. Ele demorou a entender o que Pedro tão facilmente compreendeu. E agora, quando ele ia voltar, e dizer que queria fazer parte novamente, se ele pudesse... Pedro tinha morrido.

Regina gritava contra o peito do filho mais novo, porque agora ela entendia a sensação de angústia que a atingia. Ela agora entendia porque pediu tantas vezes para Yumi ou Sérgio convencerem Pedro de que uma viagem não era algo bom no momento. Ela agora entendia que perdeu duas das pessoas que ela mais amava na vida. Ela perdeu o único filho, que algum dia, a amou de fato.

— Vovó!

A voz de Verônica fez com que Regina reunisse forças de onde não tinha, e engolisse o choro que não conseguia sequer controlar. Ela tentou, porque Verônica precisava dela.

— Tá tudo bem? — a pequena perguntou, descendo as escadas e seu olhar parou no tio mais novo, que ela não via há muito tempo. — Eu sonhei com o papai.

— Foi um sonho bom, querida? — ela indagou para a neta, ainda de costas, e se soltando aos poucos de Rodinei. Sua face jamais esconderia a dor de perder um filho.

— Ele disse que eu tinha que olhar as estrelas.

E então, Regina quase desabou novamente. Quando Verônica se aproximou, e olhou para avó, a pequena não tinha ideia do que acontecia. Mas um fato era que nunca viu a avó chorar antes. Não até aquele momento.

Algo estava muito errado, e ela temia que não pudesse consertar. Nem mesmo se pedisse ajuda aos seus papais.

— Quer ver as estrelas, vovó?

Foi tudo o que a pequena conseguiu perguntar, em sua grande inocência, e tocando as costas da avó com carinho. O que ela não tinha ideia, naquele momento, era que a partir dali, seriam apenas elas duas contra o mundo. Não mais eles cinco.

“Tudo que eu quero é nada mais
Do que ouvir você batendo na minha porta
Porque se eu pudesse ver seu rosto mais uma vez.”^[5]

Verônica demorou para entender o que a perda significava. Demorou para compreender que seus pais não voltariam. Então ela os esperou um ano inteiro, praticamente parada na porta de entrada da casa, sempre no horário que eles voltavam do trabalho.

O que lhe restou, após aquele ano, fora ver a avó segurando as lágrimas e a madrinha tentando falar com ela do outro lado da linha telefônica. Verônica era jovem demais para compreender o quanto aquele acidente que não foi tão acidental assim, tinha impactado sua família.

A família que agora se resumia nela, Tadeu e Regina.

Regina via a neta, durante todo aquele ano, esperando pelos pais. Esperando que as coisas voltassem

ao normal. Esperando que eles voltassem. Seria mentira dizer que ela mesma não esperou o mesmo. Que ela ainda não conseguia acreditar que tinha feito o reconhecimento dos corpos. Era uma dor que ela tentou deixar de lado, porque os netos precisavam dela.

Uma dor que ela carregava, e tentava não repassar para Verônica. Ela ainda cresceria e poderia entender. Ao mesmo tempo que Regina teria que prepará-la. Regina sabia que era pedir demais para qualquer um estar em seu lugar, mas sabia também, mesmo antes de tudo, que esse lugar pertenceria a Verônica, se ela assim o quisesse.

Mas era um lugar que demandava um controle emocional que ela não poderia exigir ou ensinar. Contudo, a cada momento que pensava sobre, ela apenas queria que a neta ficasse longe de tudo aquilo.

Até o momento que seus outros netos vieram.

A relação que Verônica desenvolveu com cada um deles, mostrou-lhe que ela era como Pedro. Ela queria protegê-los, desde o primeiro momento. Enquanto Reinaldo e Roberto compareceram ao velório do irmão e

foram expulsos do mesmo segundos depois, eles reapareceram novamente apenas para entregar seus outros herdeiros como troféus.

Eles ainda permaneciam os mesmos, e Regina entendeu que não podia mais se iludir de que eles mudariam. Eles não mudaram. E mesmo que ela se negasse a crer, estavam interligados àquela dor toda.

Ela viu Yumi ter que se esconder em outro país por medo. Ela viu Rodinei dizer que ela não o veria mais, mas ele as protegeria. E ela viu outros quatro netos serem entregues, como apenas parte de uma mercadoria.

Reinaldo deixara Tadeu e Igor. Roberto deixara Murilo e Carolina. E por mais que ela não compreendesse como eles conseguiam tratar pessoas de tal maneira, ela se viu apegando-se aos netos e tudo a respeito deles, para continuar. Os cinco eram sua razão. Eles se tornaram a ligação que ela jamais perderia. O amor que ela precisava para não desistir.

— Eu disse para não correr, Carolina!

A voz brava de Verônica percorreu todo o jardim, enquanto colocava um curativo na perna da prima. Carolina reclamou, ainda em seus três anos de idade, completamente brava porque Igor a empurrou.

— Ele que me *empulou* — a garotinha de cabelos loiros disse, e emburrou. Verônica sorriu, em seus quinze anos.

Ela tinha amadurecido naquele tempo. Ela tinha aprendido muito do que significava estar à frente daquela família e de como Regina queria que ela o fizesse. Era uma promessa de que no aniversário de dezesseis, Regina e ela teriam uma conversa aberta sobre tudo aquilo. Mesmo que Verônica já insistisse. Ela sabia como os tios tratavam os filhos como troféus, e como parecia que eles nunca de fato haviam perdido um irmão.

E Verônica olhava para os quatro pequenos emburrados à sua frente, porque tinham praticamente se atropelado no meio da corrida de uma ponta do jardim até ela, e agora, estavam todos meio ralados.

Tadeu se fazendo de durão. Murilo segurando o ralado no queixo, e a risada dos mais novos. Igor rindo

abertamente de Carolina. E Carolina emburrada, à sua frente.

Por mais que todos fossem primos, Verônica sabia que eles significavam muito mais. Porque ela os protegia desde o momento que passaram pela porta da frente da casa. Ela os protegia como irmãos. Ela os protegia exatamente como Pedro faria.

Como Pedro fez por ela.

— Tem que parar de brigar. — falou, passando as mãos levemente pelos cabelos de Igor. — E você, Murilo... Pode rir da cara deles, porque estão todos errados.

O garotinho de cabelos ruivos gargalhou alto, e Verônica viu Tadeu com um sorrisinho no canto da boca. Ela os amava tanto, que jamais deixaria que os pais dos mesmos os machucassem. Ela sempre os impediu de tirá-los dali e levar para festas ou para as próprias casas. Ela fazia aquilo desde os doze anos, e tinha total apoio da avó. O que fazia com que Roberto e Reinaldo a odiassem.

Ao menos, agora, eles a odiavam com razão.

— Olha só...

Ela então se levantou de prontidão, ao notar Roberto e Reinaldo ali. Ela respirou fundo algumas vezes, pensando em como eles teriam passado pelos seguranças. Regina teve que fazer uma viagem de última hora e não apareceria até a próxima semana. Contudo, os deixou protegidos. Ao menos, era o que pensava.

— Acho que está na hora de apresentarmos nossos filhinhos para a alta sociedade, pensarmos em acordos e...

— Verô. — A mais velha ouviu o medo na voz de Carolina, e ficou à frente de todos eles, de forma protetiva.

Antes que ela pudesse apenas mandá-los a merda, ela pensou em como o faria. Ela tinha quinze anos, e sabia quase nada sobre defesa pessoal e muito menos, como derrubar dois homens, o dobro do seu tamanho. Era estranha e complexa aquela dinâmica, mas ela sabia que não poderia deixar seus irmãos saírem dali.

Não com aqueles homens à sua frente.

Algo dentro de Verônica parecia saber o quão baixo eles eram. Talvez pelas conversas aos gritos e murros em paredes que ela escutou de sua avó com cada um deles. Talvez pela forma nada carinhosa que eles encaravam os filhos ou tentavam tirá-los dali à força, mesmo sendo eles mesmos que os deixaram. Ou por nunca terem ligado em qualquer data comemorativa. Ou simplesmente estado ali.

— Só vou dizer uma vez, *para fora*.

Ela levantou o olhar e não reconheceu o homem de terno preto e que deveria ser um dos seguranças deles, que se prostrou à frente dela.

— Estão invadindo essa propriedade e se não quiserem ser presos, vão sair de bom grado.

— Rodinei?

Verônica piscou algumas vezes, ao ouvir Roberto fazer tal pergunta para o segurança, mas a mesma não foi respondida. Ela viu o homem tirá-los dali facilmente, e ficou com uma incógnita em sua mente. *Rodinei, seu tio, era um segurança deles?*

— Quem quer bolo de chocolate?

Ela indagou, fingindo animação e ajudou os irmãos a se levantarem. Todos eles pareceram menos tensos assim que ficaram sozinhos. Ela sentia muito por eles, porque eles nunca saberiam como era ter pais tão maravilhosos. Não como os que ela teve.

Foi por pouco tempo, mas com toda certeza, Pedro e Sérgio tornaram Verônica a pessoa que ela era. Uma pessoa que se importava e que sabia o que era o amor verdadeiro em uma família.

E ela sentia o mesmo com cada um deles. Esperava que de alguma forma, os cinco pudessem ser o bastante entre si, junto à sua avó, para darem continuidade a uma família tão bonita como a que ela cresceu.

“Oh, irmão, nossa conexão é mais profunda que a tinta
Das tatuagens em nossa pele
Embora não compartilhemos o mesmo sangue
Você é meu irmão e eu te amo, essa é a verdade.”^[6]

Era Natal.

A data que eles mais adoravam naquela casa.

A Mansão Reis como a própria Regina chamava, era o lugar em que ela passou a viver assim que Pedro adotou Verônica e se casou. Ele preferiu deixar os outros filhos, que tanto desejavam apenas o dinheiro, com a mansão ainda maior na qual cresceram, que fora escolhida, um dia, pelo seu falecido marido. Ela se culpava até hoje pela péssima escolha que fez, ao se casar por contrato com aquele homem. Por aquilo, ela sempre deixou uma regra clara em sua mente, e para aqueles que amava – que eles não fariam o mesmo. Que eles se casariam por amor.

Naquele Natal, Verônica estava ansiosa.

Ela já tinha dezessete anos, e tinha feito sua escolha. Ela sentia ansiedade por ser, algum dia, uma mulher tão forte quanto sua avó. Ainda que, já tentasse ser forte pela mulher que ela via sofrer um pouco mais a cada dia. Se Verônica sentia falta dos pais, Regina sentia falta de uma maneira que não poderia ser mensurada.

— Todos animados para os presentes? — Regina perguntou, observando os netos ao redor da grande árvore de Natal.

Mais um ano e Roberto e Reinaldo não apareceram. E ela entendeu que apenas deveria aceitar que eles nunca de fato quiseram estar naquelas datas. Desde a morte de Pedro, eles simplesmente não apareceram mais. E ela percebeu que Pedro foi quem fez com que Regina acreditasse na ilusão de que poderiam ser uma família unida.

Eles nunca foram.

A questão era que mesmo que eles tivessem o seu sangue, muitas vezes, era como se não fossem seus

filhos. Olhando para os netos à sua frente, ela sentia um amor tão grande, que entendia que o amor que tanto entregou aos filhos, nunca foi recíproco.

Rodinei estava fadado ao próprio destino que escolheu, e talvez, ela conseguisse um abraço dele no dia seguinte. O filho nunca superou de fato a dor de ver o irmão e cunhado mortos, e muito menos, Yumi quase sem vida. Rodinei se culpava, e Regina, por mais que tentasse mostrar que ele não tinha culpa, parecia impossível. Ele pareceu se agarrar aquela dor.

Como ela o culparia?

Se não fosse pelos netos à sua frente, ela estaria fadada ao mesmo destino.

— Eu quero o maior! — Carolina deu um gritinho, indicando o embrulho colorido.

— Eu quero o maior! — Igor rebateu, como sempre, brigando por tudo com ela, mesmo que fosse pura implicância.

— Eu quero o bolo de chocolate da Verô. — Murilo resmungou, mas os olhos brilhavam em direção a um

presente que parecia uma bicicleta.

— Eu quero dormir. — Tadeu reclamou, porque os irmãos não o deixaram dormir na noite anterior.

Fizeram-no ficar com ele, vigiando a árvore, caso o Papai Noel viesse. Ele já tinha onze anos, e sabia que era apenas uma historinha de criança, mas concordou, para que seus irmãos tivessem a mesma experiência fantástica que ele, de acreditar em algo além da realidade.

No fim, todos dormiram na escada, e nem perceberam quando Verônica os levou para seus respectivos quartos. Para ela, o Natal era uma mistura de sentimentos. Ela amava a data, porque era a favorita da avó. Mas ainda sentia que a avó não estava de fato tão feliz naquele ano. Na realidade, desde o momento que as datas especiais todas se modificaram, por não terem seus pais, nem sua madrinha.

Quando o telefone tocou, Verônica se levantou e se adiantou, enquanto a avó tentava convencer os netos de adivinharem qual era o presente de quem. Assim que atendeu, ela ouviu a voz que tanto sentia saudade, e que

agora, ela passava a compreender um pouco, do porquê não estar ali.

— *Oi, pacotinho.*

— Oi, madrinha — ela falou, suspirando fundo. — Feliz Natal, madrinha!

— *Aqui já estamos algumas horas a mais, mas você sabe...* — a garota de dezessete anos riu, e sentia a saudade gritar em seu peito. — *Desculpe por não estar aí.*

— Eu entendo. — ela falou, porque nunca poderia julgar sua madrinha pela dor e trauma que passou. Na verdade, ninguém poderia. — Eu acho que um dia, a senhora vai conseguir vir me ver de novo.

— *Sei que não estou aí em corpo, mas eu te protejo.*
— *Era tudo o que Yumi poderia de fato falar. A realidade era que se culpava por não suportar adentrar aquela casa novamente.* — *Eu sempre vou te proteger.*

— Eu sou grande agora, madrinha. — Riu de lado. — Eu posso me proteger.

— *Essa é a filha dos homens mais incríveis que eu já conheci...*

O silêncio pesou e Verônica segurou as lágrimas.

— Sinto falta deles, todos os dias — admitiu, para uma das poucas pessoas que poderia lhe entender.

— *Eu também, pacotinho. — Ela pôde ouvir a madrinha fungar do outro lado da linha. — Eu prometo que farei meu melhor para voltar.*

— Eu prometo que vou me cuidar até lá.

Quando a ligação foi desfeita, Verônica tentou fingir que estava tudo bem, mas a realidade era que ela entendia agora porque Yumi escolheu se afastar após a morte de quem amava. Apenas de falar com ela, a saudade lhe batia em cheio.

Como poderia ser para Yumi? Ela estava no mesmo carro. Ela ficou em coma por meses. Ela perdeu parte da sua sanidade após aquele acidente. Ela... Ela poderia apenas sofrer mais ao se ver à frente de Verônica.

A realidade era que Yumi se lembrava do rosto assustado e com medo de Verônica, quando a viu assim que saiu de coma. Olhar para Verônica acionou o gatilho de lembranças de tudo que aconteceu no momento do

acidente. Ela conseguiu lembrar-se das últimas palavras do irmão e do cunhado. E foi quando ela soube, que por algum tempo, não poderia olhar para a afilhada.

Não que aos dezessete a garota pudesse entender aquela dor toda, ou soubesse como Yumi se sentia, e exatamente por aquilo, tentava poupá-la. Porque não se perdoaria, caso sua dor aumentasse a que estava em sua afilhada. Verônica era o elo que restou com as pessoas que mais amava, e não poderia deixar ir – nunca. Mas ainda era dolorido demais.

— O meu é incrível!

— O meu é mais!

— Eu amei a bicicleta, vovó!

— Eu adorei o banco imobiliário.

— E o seu presente, querida. — a voz de Regina soou baixa, em direção à neta mais velha, que notou o claro desconforto.

Verônica se parecia muito com ela naquele ponto, e talvez, fosse a própria Regina que serviu de exemplo para que fosse assim – esconder-se de si mesma. Mas Verônica

poderia se esconder de qualquer um, mas nunca, da avó. Regina a conhecia melhor do que ninguém. E sabia que mesmo quando se fosse, uma parte dela, ficaria com Verônica.

A jovem de dezessete anos abriu a caixinha pequena e delicada, e passou as mãos pelo delicado medalhão em formato retangular.

— Um dia, quando você conseguir confiar e amar alguém fora disso aqui... — Regina falou, indicando a todos eles. — Use-o, e lembre-se de que além dos seus irmãos, nós ainda estaremos lá.

— Não fale como se fosse morrer em pouco tempo, vovó.

— Depois do primeiro infarto, querida, a sua avó sempre tem tudo muito bem preparado para que você sempre saiba que estarei aqui.

Verônica sentiu o peso de suas palavras, e entendia o lado da mais velha. Ela nunca se sentiu tão assustada quanto no dia em que a avó foi levada às pressas da empresa após um infarto. Ela ainda estava se

recuperando, mas existiam restrições claras até o momento. Não permitir que ela trabalhasse ou se estressasse demais era o que Verônica tentava, todos os dias. Mesmo que as vezes falhasse.

Regina colocou o medalhão em seu pescoço e em seguida, viu a neta abri-lo. Verônica passou a mão pela foto, na qual ela ainda era uma bebê, mas tinha ao seu lado as quatro primeiras pessoas que fizeram sua vida ter sentido por completo – Papai Sérgio, Papai Pedro, Madrinha Yumi e Vovó Regina. Olhou de relance para as outras quatro pessoas que estavam ali, que mesmo que não soubessem, no coração de Verônica dividiam o mesmo espaço – seus irmãos.

— É o melhor presente de todos, vovó.

— O melhor presente sempre é a família, não é?

E Verônica sentiu o abraço quente e acolhedor da mulher que a conhecia melhor do que si mesma. Regina Reis era seu pilar, e Verônica temia que em algum momento, perdesse sua estrutura por completo.

“Você e eu somos de carne e osso. Eu sempre vou estar lá para você, mesmo que seja apenas como um obstáculo para você superar. Mesmo que você me odeie. Isso é o que os irmãos mais velhos fazem.”^[7]

Verônica podia sentir as mãos de Reinaldo sobre seu corpo.

Ela ouvia os gritos de Roberto ao fundo, e a forma como ele parecia tentar conter o irmão, mesmo que este tivesse começado tal situação. O sangue escorria pela boca da mulher de apenas dezoito anos.

Ela tinha enterrado os pais.

Ela tinha perdido a madrinha.

Ela tinha enterrado a avó.

Enquanto Reinaldo a segurava com força contra a parede, usando toda a força de um homem que além do dobro da sua idade, tinha o dobro da sua força, ela sorriu. Os dentes sujos de sangue, e ela o cuspiu na cara dele. O homem apenas a soltou com força, batendo-a contra o chão.

— Essa vadiazinha...

— Ficou louco, Reinaldo? Perdeu a porra da cabeça?

— o irmão mais novo indagou, e Verônica apenas riu novamente

Ela não tinha forças para revidar, não fisicamente. Ela não tinha poder nenhum naquele momento, a não ser, usar aquilo que ela aprendeu durante aqueles anos – a ser como Regina. A avó lhe disse que ela precisaria ser forte e em quem ela podia confiar. E mesmo que não tivesse, mesmo em poucos anos, Verônica teve o suficiente dos tios.

Ela sabia que Roberto era o covarde que ladrava, mas não mordia, que Reinaldo era o criminoso em pessoa e Rodinei estava atormentado demais desde a perda de Pedro e agora, deveria estar ainda pior...

Já Verônica poderia não se conhecer o suficiente, mas ela sabia que teria que querer ser como Regina. E assim como um dia ela foi a razão para Regina seguir em frente, a jovem mulher de dezoito anos, mesmo completamente rasgada pela perda da pessoa que mais amava, e agora com alguns ossos talvez quebrados e se

arrastando até a mesa do escritório, ela tinha quatro razões para se manter viva.

Quatro razões que as mantiveram quando Pedro e Sérgio se foram. Quando Yumi se foi, e agora sua avó. Quatro razões para não aceitar, mesmo totalmente quebrada, a humilhação que Reinaldo tentaria sobre si. Ela sabia do ódio que seria desferido nela quando o testamento fosse lido.

Ela sabia do inferno que seria para com Tadeu, Murilo, Igor e Carolina. Ela sabia que assim que as palavras fossem lidas, os tios agiriam de tal forma - inconformados. Porque Regina lhes deixou o mínimo que deveria, e congelou quase todos os bens para apenas os netos terem direito. Não sabia que qualquer pessoa pudesse fazer aquilo, mas no caso, Regina Reis podia.

Regina Reis deixou todo o império dos Reis para Verônica. Deixou-o para os netos. Deixou-o para aqueles que segundo ela, dariam valor ao sobrenome. Verônica se manteve apenas quieta durante toda a leitura, e assim que as outras pessoas saíram, ela apenas sentiu seu corpo ser esmagado por um soco.

Um soco de um homem que praticamente condenou o irmão mais velho à morte. Um soco de um homem que não parecia se importar com nada que não fosse o dinheiro e poder que o sobrenome lhe proporcionava. Roberto não ficava muito atrás de Reinaldo, já que agiam como cúmplices.

Ela nunca entendeu como as pessoas poderiam ser apenas ruins. Mas ela sabia que eram. Ao menos, as pessoas à sua frente. Tão centradas no próprio egoísmo e bem-estar, que tiveram filhos apenas para aumentar o favorecimento que acreditavam que teriam com o testamento da mãe. Nem Tadeu, nem Murilo, nem Igor, nem Carolina tinham ideia de que eram apenas crianças encomendadas com o DNA desses homens , e que agora, tiveram o tiro literalmente saindo pela culatra.

Tiveram filhos porque achavam que estariam resguardados, caso a mãe implantasse alguma pegadinha no testamento. E agora, estavam fodidos porque o controle estava todo na mão da única e legítima herdeira do império real da família.

— Não pode matá-la. — Roberto falou, enquanto Verônica abria a gaveta, ainda de costas para os dois.

— Não pode me matar como fez com meus pais e sua mãe? — a voz de Verônica mal saía, enquanto ela sentia o peso a mais na sua mão direita.

— Do que pensa que está falando, vadia...

O homem a virou, e antes que ele pudesse acertá-la novamente, Verônica apenas apontou a arma diretamente para o peito dele, sorrindo em meio ao sangue em seus lábios. A dor do espancamento era grande, mas nada comparada à dor da perda de sua avó. Aquela era dilacerante.

— Vocês a mataram — falou, destravando a arma.
— Mataram-na um pouco a cada dia, quando ela descobriu que foram vocês que modificaram o carro dele naquele dia.

— Nós não queríamos nada além de uma foto e... — ela mal conseguia respirar pela dor, mas se apegou aos pais. A cada lembrança deles.

— Por que porra está falando isso, Roberto? Não fizemos nada!

Mas eles fizeram.

Verônica, Yumi e Regina sabiam.

Elas sabiam que o carro foi modificado para que fossem tiradas fotos a cada segundo. O que os irmãos realmente pareciam querer era uma imagem clara e nítida de que na verdade Pedro tinha um relacionamento com outro homem, e usá-la como chantagem para terem mais poder na empresa. Para se tornarem mais poderosos do que o irmão mais velho.

O que eles não pensaram era que quem contrataram para fazer aquilo, na realidade, fez mais do que instalar câmeras secretas no carro. Fez o bastante para que o carro em que Pedro, Sérgio e Yumi estavam, praticamente explodisse após alguns quilômetros percorridos.

Os Reis tinham inimigos também, mas os dois homens à sua frente pareciam nunca ter noção de fato de onde mexiam. Nunca pareceram ter interesse nos riscos

em que colocaram a própria família ao planejar algo tão mesquinho.

— Vovó sabia. — falou, já sem sorriso nenhum. — Acharam mesmo que ninguém ia descobrir? Que ninguém ia pagar por aquilo?

Ela riu sem vontade alguma.

— Vou dizer apenas uma vez — continuou, sentindo o olhar mortal, ao mesmo tempo que assustado dos homens à sua frente. — Regina era mãe de vocês, e por mais que a culpa a matasse um pouco por dia, ela nunca de fato os machucou, até agora... Até lhes deixar tão pouco de tudo que tanto desejavam. Mas eu... eu não sou Regina.

— Acha mesmo que vamos ter medo de uma garotinha assustada que sempre corria para a vovó?

— Não fale sobre ela. — Ela deu mais um passo, colocando a arma bem na testa de Reinaldo. — Se cruzarem qualquer linha, eu vou destruí-los. E não tenho nenhum sentimento que me faça arrepender disso.

— Você é o erro que Rodinei não deveria ter cometido.

— Eu sou o erro que deveriam temer.

Batidas leves à porta, no mesmo tempo que foi aberta, fizeram com que Verônica rapidamente escondesse a arma. Ela deu passos ainda de costas, e colocou a mesma novamente na gaveta, notando o olhar assustado de Tadeu, que logo correu até ela.

Roberto tentou até pará-lo, mas ele veio até ela.

— Verô... O que houve?

Ele tinha apenas doze anos, mas com certeza, conseguiria notar o quanto a irmã, que ele na realidade, considerava como uma mãe, estava completamente machucada.

Como se fosse o certo, ele se colocou à frente de Verônica e abriu os braços.

— Não vão machucá-la, não vão! — ele gritou, e logo outros três pequenos adentraram o cômodo, correndo na direção dela.

Verônica assistiu a cena abismada, mas ao mesmo tempo, ela sentiu a força suficiente para continuar ali, em pé, sem desabar.

E quando passou na frente deles, e basicamente expulsou os que deveriam ser seus pais e seus tios dali, apenas com o olhar, ela soube que fez a escolha correta de continuar naquela família.

Quando, dois anos atrás, Regina lhe disse que ela merecia a verdade, mas que nem por isso, ela era um fato. Quando ela lhe deu a melhor definição do que uma família significava: *Uma família não é apenas o sangue que corre em nossas veias. Uma família é quem nós amamos e nos ama de volta.*

E Verônica encontrou a dela, nos quatro pequenos agora agarrados a ela, protegendo-a, mesmo que na verdade, ela devesse protegê-los. E ela o faria, todos os dias, e não se arrependeria nunca de ter ficado. Por Pedro. Por Sérgio. Por Yumi. Por Regina. Por seus irmãos mais novos. Eles eram sua razão para continuar.

Quando Regina Reis faleceu, grande parte dos segredos dos Reis se foram com ela. Mas não o maior deles, que Verônica não era biologicamente uma Reis.

grávida
EM UM
casamento
POR CONTRATO

ALINE PÁDUA



Se no meio do caminho de algumas pessoas tem uma pedra, no meio do caminho de Nero, sempre teve Verônica. A matriarca dos Reis era uma mulher que intimidava a qualquer um, e ele nunca conseguiu entender uma reação dela. Quando ela estava à sua frente, ele sabia que tudo o que devia fazer era correr para a direção oposta.

Verônica Reis é uma mulher que nunca demonstra o que sente. Sendo assim, é praticamente impossível desvendar o que se passa em sua cabeça, e muito menos, em seu coração. Contudo, sempre lhe intrigou o fato de que Alfredo Lopes – ou apenas Nero para os demais –

parecia querer enfrentá-la em uma simples troca de olhares, e nunca a temer.

No meio das voltas que a vida dá, um contrato de casamento é o que os une. O que ela, e muito menos ele esperavam, era que no único momento que deixassem a guarda baixar, teriam algo maior do que o arrependimento para lidar: **UMA GRAVIDEZ EM UM CASAMENTO POR CONTRATO.**

“Ser forte não é tudo isso. Ser forte significa que você se tornará arrogante e egoísta. Mesmo que você nunca tivesse desejado isso.”[\[8\]](#)



“Me pegou como, ah, ah, ah, oh

Estou cansada de ser tocada como um violino” [\[9\]](#)

VERÔNICA

Fechei os olhos, tirando o cigarro do maço atrás da minha calça. Foi naquele instante que me lembrei de que deixei o isqueiro por algum lugar. Abri os olhos, xingando-me mentalmente. O drama de quem não fumava regularmente, mas quando realmente precisava descontar em alguma coisa os pensamentos que não deveria ter.

— Não pensei que fumasse.

E aquela voz parecia ter escolhido o pior momento para surgir.

Apenas permaneci parada onde estava, encarando a extensão da fazenda na qual meu irmão morava atualmente. E em como a vida de cada um deles mudou nos últimos tempos. Tinha que focar naquilo. Tinha que focar que meus sobrinhos mais novos tinham nascido, e por aquilo, eu estava ali.

Por nada mais.

Por ninguém mais.

— Aqui.

E ele insistia.

Como quando nos esbarramos no meio daquela mesma fazenda no último Natal. Como ele parecia sempre ter algo a dizer, mas nada de fato saía. Não me virei, e ele parou à minha frente, estendendo um isqueiro.

Neguei com a cabeça, guardando o maço novamente. Do que me adiantaria o cigarro se a razão de querer levá-lo à boca estava bem ali?

— O que faz aqui a essa hora, Alfredo? — perguntei, tentando não focar na camiseta perfeitamente agarrada ao seu torso, não deixando muito para a imaginação. As tatuagens, o ponto fraco que me tinha em alerta, toda vez que ele estava próximo e a sós comigo.

— Sem sono. — Deu de ombros, e levantou os braços, como se alongando. — Não sou bom em dormir fora de casa. Prefiro a minha cama, sempre.

— Entendo.

Cruzei os braços e fechei os olhos novamente, ignorando-o.

— Por que é tão difícil te ler?

Respirei fundo, sentindo-o dar um passo à frente.

— Por que alguém ia querer me ler? — rebati, abrindo os olhos e encontrando o azul dos seus. Ele era tão malditamente bonito, que doía. Doía ele ser tão bonito e eu não poder tocar.

Não há nada que eu odeie mais do que aquilo que eu não posso ter...

— Você é um enigma ambulante — falou, como se fosse simples assim. — Com alguém pode não querer te ler?

— Não há nada que valha a pena ser lido, por ninguém — admiti, e sabia que aquela conversa ia para um lado que eu não gostaria. — O que realmente faz aqui, Alfredo? Duvido que tenhamos nos esbarrado aleatoriamente numa fazenda desse tamanho.

— Você. — Sua resposta me pegou desprevenida, mas deveria existir algo mais por trás. Sempre existia.

— Sobre o contrato de casamento seu e de Carolina? — ele piscou algumas vezes, e negou com a cabeça.

— Ela vai quebrar o contrato. — Aquilo não me surpreendia, ainda mais, pela forma que Carolina tinha amadurecido nos últimos anos. Ela não se casaria com uma ilusão, não. Não era o que minha irmã faria. — E eu... Eu...

— O que, Alfredo? — olhei-a com uma sobrancelha arqueada. — Pensei que tinha vindo pedir minha ajuda

para manter o contrato.

— Eu nunca quis me casar com Carolina.

Sua voz soou tão séria, e seu olhar mudou por completo.

— Então por que assinou um contrato como esse?

Ele respirou fundo, com se pensando sobre algo. Levou a mão direita aos cabelos negros e os passou ali, bagunçando um pouco. Se ele soubesse o quão sexy parecia fazendo aquilo, não o faria na minha frente. Não comigo.

— Pode me dar um cigarro? — fugiu da minha pergunta, mas acabei apenas lhe entregando o maço. Ele acendeu um, parecendo perdido em si. Dali, vendo um homem tão alto e grande como ele, todo construído em músculos, ainda mais evidenciados pelas tatuagens, e roupas perfeitamente coladas, busquei o que faltava. Foi quando seu olhar parou no meu, que eu soube, faltava uma coisa... seus óculos de grau.

— Consegue enxergar bem sem? — não pude evitar perguntar, indicando com a cabeça para o seu rosto.

— Estou de lentes — admitiu, e assenti levemente.
— Às vezes, só me canso de usar óculos e ver a mesma imagem todo dia. — Deu de ombros.

Como alguém cansava de se ver sendo bonito daquela forma?

— E você? — olhei-o sem entender. — Usa algo para enxergar?

Aquela conversa poderia ser estranha, e até mesmo, tomar um lado que nenhum de nós sabia o que estava fazendo. Porém, parecia a primeira conversa que tínhamos em que não estávamos cortando um ao outro, ou ele debochando sobre algo. Alfredo Lopes tinha o poder de me fazer falar, e eu o evitava exatamente por aquilo. Porque sempre que ele tinha uma resposta esperta, eu queria fazê-lo engoli-la. E não de uma forma boa, ao menos, não para ele.

— Verônica!

Pisquei algumas vezes, virando-me em direção à voz.

Só duas pessoas me chamavam de tal maneira, e sabia que naquele lugar, naquela hora, só poderia ser uma delas – Gael Fontes.

Ele se aproximou rapidamente, e notei Nero apenas ficar alguns passos mais distante, como se não suportasse o homem que vinha.

— O que foi? — indaguei, e ele parou à minha frente, com um sorriso que poderia iluminar toda aquela fazenda. O que aconteceu para Gael estar tão feliz?

— Te dou os detalhes depois... — deu um leve olhar para Nero, como se fosse claro que queria silêncio. — Mas se lembra de Talita?

— Não! — respondi de imediato, e vi seu olhar mudar.

— Eu nem disse sobre...

— Seja o que for, se a envolver, o meu apoio será nulo.

— Ela que me procurou, N... Verô. — Respirei fundo duas vezes, antes de encará-lo.

— Bom, se for real e ela precisar de algo, ela vai me procurar.

— Ok, imaginei que sua reação seria essa. — Deu de ombros, parecendo não surpreso. — Mas depois te conto os detalhes, ou ela... Vai dormir?

Apenas neguei com a cabeça e ele deu um leve acenar, antes de se afastar.

— Por que ele me parece um grande folgado? — Alfredo perguntou, assim que Gael não estava próximo, e levantei meu olhar para o dele.

— Porque não o conhece.

Foquei então em caminhar em outra direção, não esperando que ele me seguisse. Contudo, a cada passo que eu dava, senti-o mais próximo.

— Por que está me acompanhando?

— Está tarde e...

— Essa fazenda é mais segura do que a minha própria casa, corta essa. — Foi então que parei abruptamente, e quando me virei, seu corpo bateu contra o meu. Um erro. Aquela proximidade era um erro.

— Por que não sai pra beber comigo? — pisquei surpresa, e notei o leve corar em suas orelhas, mesmo que seu rosto permanecesse intacto. Eu sempre me indagava: por que ele corava com todo mundo, menos à minha frente?

— Aqui é bem longe de qualquer...

— Eu tenho bebidas no meu carro, se quiser beber comigo lá.

Eu poderia indagar do porquê ele estava fazendo aquilo e qual seu interesse por trás. Poderia dissecá-lo, da mesma forma como fazia com qualquer um, contudo, ele não era. Alfredo nunca fora.

Vi-me apenas assentindo e o seguindo, sem questionar. Deixando que o que viesse, me mostrasse as respostas.

— Eu gosto de cachaça — falei, assim que Alfredo me direcionou a garrafa, que acabou de levar à boca. —

Sem copos?

— Muito simples para uma milionária? — revirei os olhos, levando a garrafa à boca. Se ele soubesse que o que se passava em minha mente não era o fato de que aquela garrafa estaria na minha boca, mas sim, que estive na dele.

O cheiro de café estava em cada lugar daquele carro, que tinha apenas um pouco das janelas da frente abertas. Bebi um pouco mais, para tirar meus pensamentos de quaisquer caminhos que fossem diferentes de mim voltando para minha cama.

— Aqui — ele falou rindo, e logo senti um de seus dedos próximos a meu pescoço. O líquido escorreu um pouco por ali, enquanto eu fechava os olhos e bebia, mas sequer tive tempo de reagir e limpar – ele o fez.

Era a primeira vez que ele me tocava.

Desci a garrafa e seu sorriso cessou, assim que seu olhar parou no meu.

— Desculpe — falou, mas não afastou os dedos do meu rosto, e nem eu o afastei. — Desculpe, Verônica.

— Pelo quê?

Meu coração acelerou tão fortemente, e foi como se as respostas finalmente me acertassem. Eu sabia exatamente o porquê tinha ido até aquele carro com ele. E ali, notando seu olhar dilatado e a forma como seu maxilar estava travado, sabia dos porquês dele também.

— Por isso.

Então eu não sabia quem foi até quem primeiro.

Sua boca estava na minha, e senti os braços fortes me puxarem para o seu colo. Não conseguia pensar racionalmente. Não com aquela boca finalmente na minha. Não com aquele corpo finalmente tão próximo ao meu. Não com a forma que o toque dele era mais intoxicante do que eu imaginava.

Eu o queria.

Eu o teria.



“Você mente tão mal, finge tão mal

Tá na sua cara, você não me esqueceu

Mente tão mal, finge tão mal

Tá na sua cara, você não me esqueceu” [\[10\]](#)

VERÔNICA

Cerca de uma semana depois...

Meu corpo foi puxado sobre o seu, e eu fui de bom grado, sentindo apenas a necessidade de estar bem ali. Minha calça saiu facilmente de meu corpo, e não sabia

como ele o fizera daquela forma, mas agradeci imensamente quando me senti quase nua sobre ele. Sua boca exigindo tudo o que podia em meus seios, e os gemidos já quase incontrolláveis em meu corpo.

— Tia Verô!

Um pulo sobre meu corpo me fez piscar algumas vezes e engoli em seco. Minha visão embaralhou um pouco com a luminosidade e então os olhos castanhos de Daniela.

— Oi, pequena — falei, tentando ainda digerir o meu sonho, que na realidade, era mais uma lembrança do que aconteceu há alguns dias, a qual, eu não conseguia simplesmente afastar ou esquecer. Mesmo que tentasse quando desperta, agora, até mesmo dormindo, eu estava ali - com ele em minha mente.

— Papai me mandou porque estava preocupada, já que é meio-dia e ainda não acordou....

— Meio dia? — perguntei quase incrédula, e respirei fundo algumas vezes.

Joguei os cobertores para o lado e me levantei, sentindo o olhar de Dani sobre mim. Sorri levemente para ela, caminhei até o banheiro. Escovei os dentes e joguei água no rosto, tentando de fato despertar. Como eu tinha dormido tanto?

A última vez que dormi de tal forma foi no dia seguinte àquele momento com ele. Suspirei fundo, segurando-me contra a bancada da pia. A questão era que eu sabia que Alfredo estaria por ali hoje, e talvez o meu próprio corpo tentou evitar o encontro?

Como seria evitar um encontro real já que sonhei com ele?

Nem eu mesma me entendia.

— Está trabalhando demais... — olhei então para Daniela, enquanto procurava uma roupa na mala. — É o que mamãe diz.

— Eu estou afastada do trabalho, pequena. Mesmo tendo ligações e tudo mais, não estou focada nisso agora.

— Está trabalhando demais quando cuida da gente — complementou e só assim entendi a fala de Olívia. —

Mamãe disse que precisamos te deixar mais relaxada.

— Eu estou bem — falei, e fui até ela, apertando seu nariz, que sorriu. Toquei levemente sua testa com os dedos indicador e médio. — Também amo você, tia.

Sorri e sabia que Murilo deveria ter contado aquilo a ela.

— Vermelho ou preto? — perguntei, mostrando as opções de vestido que escolhi, e ela bateu com um dedo na própria bochecha, parecendo pensar.

— Vermelho — respondeu simplesmente, e assenti, trocando-me rapidamente, enquanto ela se jogava contra a cama. — Podemos cantar juntas hoje?

— Sabe que quando quiser, pequena.

Fui até ela e beijei seus cabelos. Ela sorriu abertamente, ouvi batidas na porta, e soltei um “pode entrar”. O olhar de Murilo então nos encontrou e ele parecia um tanto preocupado.

— Ela é a única que tem coragem de te acordar assim...

— Como se vocês não tivessem feito isso quando eram pequenos — rebati, e ele riu de lado, vindo até mim.

— Não se preocupe, e falarei com Olívia para não se preocupar também.

— Ela te vê como uma irmã mais velha, você sabe. É como se fosse Inácio se doando demais para a família... Ela fez Mabi interditá-lo por um dia todo, para que dormisse.

Meu peito se aqueceu com aquilo, porque sabia que minha história com Olívia começou de uma forma não tão bonita. No entanto, sabia também do quão bem ela fazia para meu irmão mais novo e para minha sobrinha. Aos poucos, uma conexão que antes era apenas com meus irmãos, foi se tornando maior com ela. Era algo que não poderia, nem queria evitar. E era bom saber que ela sentia o mesmo.

— Não tem como me interditem, você sabe — ele assentiu, fazendo uma careta.

— O que é interditar, papai?

Deixei-o responder à pergunta de Daniela, enquanto eu colocava uma bota que combinava com o vestido que ela mesma escolheu. Quando os olhei novamente, ela já estava no colo dele e em direção à porta. Fiz meu caminho e tentei não pensar muito que deveria ser o horário do almoço de domingo.

Um almoço que geralmente Alfredo participava.

Ele tinha apenas desaparecido após aquela noite, e certa parte de mim, o entendia. Eu o tinha deixado no carro sozinho enquanto dormia. Talvez ele se sentisse um pouco sem jeito de falar sobre ou quisesse fingir que nada aconteceu.

De toda forma, não era como se eu pudesse adivinhar o que se passava na mente dele. Eu nunca consegui entendê-lo completamente, mesmo quando tentei. E muito menos me entendi quando cedi tão facilmente ao que sentia.

Surpreendi-me ao encontrar a falta daqueles olhos azuis na mesa. Abigail – sua melhor amiga – estava ali, com a filha e o marido, mas nada dele. Nem resquício. Dei

um leve aceno para todos e fui até o meu lugar na grande mesa que estava do lado de fora da casa.

— Agora que a dona da *coisa* toda chegou, podemos comer? — foi Lisa quem indagou, e apenas lhe dei um olhar com aquele apelido. Ela sorriu, piscando um olho.

— Ainda bem que não disse palavrão — Valéria comentou, suspirando fundo. — Ou seria mais uma aula de Murilo, Igor e Tadeu sobre não falar palavrão perto dos bebês.

— Ei! — Igor foi quem pareceu indignado.

— Não vou nem comentar — Murilo respondeu, e pareceu focar em beber algo.

Tadeu apenas lhe deu um olhar que guardava mais do que qualquer palavra poderia dizer, e eu segurei um sorriso. Era bom vê-los todos tão entrosados assim.

— Nada de Nero? — foi Olívia quem perguntou, ao chegar com uma garrafa de refrigerante. — Pensei que ele ia resolver os problemas no computador do Murilo hoje.

— Ele disse que vem, mas a mãe dele está deixando-o maluco, então...

— Os Lopes são conhecidos de vocês, não? — Carolina quase se engasgou ao meu lado com a pergunta de Bruno, e sabia que ela pensou no mesmo que eu – no contrato de casamento que ela tinha com eles. E que pior, ela realmente pensava que eu não sabia sobre.

Senti os olhares sobre mim, como se a pergunta fosse apenas para mim.

— Membros da alta sociedade da capital, que eu saiba, estão no ramo das joias — comentei simplesmente.

— Eles são um porre. — Abigail soltou, e aquela com certeza seria minha resposta, se o sobrenome não envolvesse Alfredo. — Acho que por isso Nero nunca dá o sobrenome, mas o segundo nome em qualquer lugar.

Aquilo estava interessante.

— Por que realmente sabe tudo sobre mim?

Aquela voz...

Só conseguia pensar em como aquela voz ficava rouca quando ele estava tão perdido no prazer que parecia parar de raciocinar. Foquei em pegar o copo de água à minha frente e levei-o à boca. Infelizmente, o lugar

vago era do lado de Abigail, o que coincidia, em estar bem à minha frente.

— Porque você me ama.

Ele revirou os olhos, e notei Bruno soltar uma piadinha sobre ela apenas poder amá-lo. Era uma amizade que eu não compreendia por completo, mas há muito tempo, deixara de tentar fazê-lo. Talvez Alfredo fosse apaixonado por ela e nunca teve coragem de se declarar, mas era óbvio que ela amava o homem com quem era casada. Mesmo que ele a amasse, não tinha chance.

— Boa tarde, gente — ele falou, e era como se seu cheiro chegasse até mim, o que me fez beber mais um pouco de água, e quase perder o apetite que mal tinha.

Todos responderam, e dei um leve aceno, ainda sem encará-lo. Eu poderia fazer e não lembrar? Eu poderia fazer e não pensar sobre nada?

— Não estava com problemas com seu computador também, Verô? — a pergunta de Murilo me acertou em cheio e o encarei, sem entender. — Aqueles softwares

todos errados que instalaram por três vezes e quase demitiram todo mundo... Nero vai resolver para mim e pode fazer para você.

— Agradeço — falei, e foi possível não levar meu olhar até Alfredo, que me encarava, o que fez ser a primeira vez que nos víamos após aquela noite.

Eu recordava bem do seu semblante tão prazeroso quanto desesperado ao me tomar. Eu recordava bem do seu semblante calmo e terno ao dormir junto a mim, em seu carro.

— Tudo bem, Nero?

Seus olhos azuis estavam nos meus, mesmo com a pergunta de Murilo, e parecia preso em detalhes, assim como eu. Resolvi então que o melhor era apenas tentar comer algo e fingir que não estava tão impactada de fato. Eu sabia que seria assim. E no entanto, cometi o erro de entrar naquele carro com ele.

— Nero?

— Sim, claro — ele respondeu de relance, enquanto eu focava em servir um pouco de salada e tentar não

parecer algo estranho. — Vim para isso, posso fazer dos dois.

Ainda sentia seu olhar em minha pele, queimando-me como se fosse uma prova de que o que tivemos não era apenas o suficiente para satisfazer aquele desejo. E não o era. Nunca foi.

— Nunca seria grata pelas ocupações de irmã mais velha.

Elas me mantinham ocupada o bastante para não pensar em como parei na mesma cama, ou melhor, no banco de trás de Alfredo Lopes. O seu olhar encontrou o meu algumas vezes, durante os dias que se passaram, mas o que eu poderia dizer?



“Meu bem, te amar tanto não faz bem
Mas não faz diferença, não quero tua presença
Não me troque por ninguém, te farei crença
Disputar ego pra quê? Que você vença” [\[11\]](#)

ALFREDO

Eu tinha o computador dela em mãos.

Talvez aquela fosse uma péssima ideia, afinal.
Contudo, eu queria só fazer o meu trabalho e apenas sair
dali. Correr para longe já que meus instintos apenas

gritavam no quão burro fui de acreditar que poderia dar certo ter uma noite com ela.

Não que o tivesse planejado, nem de perto foi algo de tal maneira. Contudo, minha mente se revirava sobre o fato de não ter notado que tomaria alguma atitude de maneira tão inconsequente quando estivéssemos sozinhos. Não esperava, não mesmo. Não já que da última vez que o tivemos, uma discussão foi desencadeada, que até hoje, me fazia sorrir apenas por lembrar.

Era Natal.

E como sempre, eu estava fugindo da minha família, que nem deveria ser chamada de tal forma, e ao lado da minha melhor amiga. O que consistia agora, em estar ao lado dos Torres e pelo jeito, dos Reis também. As coincidências da vida que eu simplesmente não conseguia compreender.

Ao olhar para os irmãos Reis, eu só conseguia imaginar, como depois de tanto tempo eles poderiam estar ao redor. Comigo tendo um casamento por contrato com a irmã mais nova deles e torcendo para que ela se apaixonasse e esquecesse daquilo. Comigo não

conseguindo disfarçar que Verônica Reis me tornava um completo estranho.

Foi quando meu olhar encontrou um vestido vermelho, destacado dentre a pouca clareza daquela parte da fazenda. Ela parecia meio agachada, mexendo em algumas flores, mas era inconfundível para mim, mesmo assim. Os cabelos castanho-escuros, estavam bem-cortados e um pouco abaixo dos ombros naquele momento. Mas não era o vermelho do vestido com o qual a vi ou os cabelos que a entregavam, não... Mas o fato de que sua presença era a única que me deixava de tal maneira - em alerta.

— O que faz aqui uma hora dessas?

Sua pergunta soou, antes mesmo de se pôr ereta e me encarar. Ela conseguiu me perceber mesmo sem me olhar antes? Talvez eu a deixasse em alerta também?

Pare de pensar tanto, Nero!

— Algo como você, quem sabe. — Dei de ombros. — Não tenho que te dar explicações, Reis. — Ela arqueou

uma sobancelha, e não conseguia fugir do desafio que sempre se implantava em mim quando se tratava dela.

Uma parte minha gostava da forma como ela parecia finalmente encontrar a própria voz quando lhe dava alguma resposta que não esperava. Não sabia se Verônica Reis, uma mulher tão poderosa quanto ela, poderia se surpreender sobre algo. Mas ela o fazia muito comigo.

— Não o via há alguns anos... Talvez tenha sido num dos últimos aniversários da sua mãe que apareceu — comentou levemente. — Está mais arisco que antes.

— Não sou um gato, Verônica.

— Sei que não, porque eu tive e tenho vários — comentou tão baixo que quase não pude ouvir. — Pode fingir que não me viu e continuar seu caminho.

— Por que sempre tem que estar tão na defensiva comigo? — indaguei, sem conseguir evitar.

— Não torne isso especial ou sobre você, eu apenas sou assim — comentou e tentei fingir que não me abalava. — Já você, parece estar apenas na defensiva

comigo. — Deu alguns passos à frente, quase tão perto que me assustou sua atitude. — Por quê?

— Você parece controlar tudo, e isso me incomoda — admiti, sem querer dar-lhe mais das poucas verdades que poderia lhe entregar.

— Não o farei com você — assenti, sem saber o que fazer. — Agora pode continuar seu caminho?

Foi minha vez de arquear a sobrancelha e ficar surpreso quando notei uma lágrima quase seca próxima à sua boca. Só a notei ali, porque meu olhar estava compenetrado nela. E segurei-me para não levar a mão até aquele local.

Foi então que uma certa lembrança me atingiu, de quando fui pesquisar sobre quem era aquela mulher, já que ficara tão intrigado sobre ela quando finalmente descobri seu nome.

— Natal não é um dia que goste. — Comecei a dizer. — Meus parentes nunca tornaram a data importante, para ser sincero. Mas sei o quão importante ela é para a maioria das pessoas.

— Por que está me dizendo isso? — indagou, e seu olhar parou no meu.

— Apenas tentando — admiti. — Não me disse que sempre estou na defensiva?

— Acho que prefiro você como antes. — Não pude deixar de rir, e ela me encarou com os olhos semicerrados. — Não vou dizer minha opinião sobre o Natal e continuar essa conversa. Se quer conversar, no momento, não sou a pessoa.

— Só queria dizer que é uma boa data, mesmo que ruim...

— O que sabe sobre mim, realmente? — indagou, e notei seu tom mudar. — Pensei que não era ligado no que as pessoas dizem sobre a alta sociedade já que mal a frequenta.

Eu estou ligado no que aconteceu e acontece com você, era o que queria dizer.

— Não sei nada além do que todo mundo sabe. — Respirei fundo. — Tem uma lágrima quase seca no canto

da sua boca, e não pude deixar de notar e interligar algumas coisas. Não quis parecer invasivo.

Ela então levou a mão à boca e limpou. Seu olhar parou no meu, antes de apenas me dar as costas e sair. Suspirei fundo, sem saber o que dizer ou o que fazer sobre. A questão era que não sabia nunca o que esperar de Verônica Reis, mesmo que sempre estivesse esperando por algo.

Uma música me fez dar um pulo na cadeira, e só então percebi que sem querer, acabei acessando uma pasta que tinha várias delas. Suspirei fundo e deixei que a faixa continuasse a tocar, sem poder evitar tentar entender mais sobre o universo dela. Enquanto terminava meu trabalho, acabei por ouvir quase um álbum inteiro de artistas que só então descobri se chamarem BIG BANG, e mesmo que não entendesse absolutamente nada do que era dito, tirando as partes em inglês, fiquei tentado a buscar mais.

Por que eu era assim?

Por que tudo sobre ela me interessava tanto?

O barulho do meu celular vibrando, me fez olhar para o mesmo e bufar ao ver o nome da minha mãe.

— Não vou me casar, mamãe — falei, assim que atendi e ouvi-a bufar.

— Vai, nem que eu mesma garanta! — sua voz não me deixava dúvidas. — Estou agora mesmo indo resolver isso, pessoalmente.

— O quê? — minha voz quase não saiu. — O que pensa que está fazendo?

— Vou cobrar a dívida de Carolina Reis conosco.

Ela então desligou o telefone, e eu dei um pulo no lugar, esquecendo tudo e correndo para fora. Esbarrei em Abi no meio do caminho, a qual tentou me parar, mas ao falar o nome de minha mãe, me soltou e me permitiu sair. Abi sabia que quando falava em Gabriela Lopes, algum problema havia surgido.

Disquei o número de Carolina, assim que adentrei meu carro e saindo de uma vez da fazenda em que Murilo morava, e que por algum tempo a família dele estava hospedada.

— O que houve? — Carolina indagou, e parecia saber que algo estava errado.

— Minha mãe descobriu que está no interior e parece que foi na fazenda do Franco — falei, em um fôlego só. Sem acreditar que minha mãe estava prestes a querer estragar tudo, já que claramente Carolina tinha desistido de um contrato comigo. — Onde está? Precisamos encontrá-la e dar um jeito nisso, de uma vez.

— Eu estou no centro...

— Eu posso passar aí agora e te pegar, para irmos para lá. — Ofereci, já ansioso para dar um fim naquilo.

Minha mãe teria que aceitar que eu não me envolveria, não novamente. Não era mais o Nero iludido que ela fez assinar papéis sem ter noção de que era enganado pela própria mãe.

— Ok. Estou na sorveteria bem na rua central, e te espero aqui.

Desfiz a ligação e tentei entrar em contato com minha mãe, o que foi recusado de imediato.

— Merda! — bati contra o volante, o que fez o porta-luvas se abrir pelo impacto, e a calcinha branca rendada cair de dentro dele. Arregalei os olhos, ao me recordar de que a calcinha de Verônica ainda estava ali.

Que diabos eu estava fazendo?

Um contrato de casamento com Carolina Reis.

Uma atração inegável e sexo quente com Verônica Reis.

Eu teria que rir para não chorar de estar vivendo o que parecia ser uma novela colombiana de sucesso.

— Oh, diacho! — soltei indignado, assim como todos no interior faziam quando se sentiam da mesma forma. Pouco tempo depois chegou uma mensagem de Carolina de que podia ir direto para a fazenda de Franco Esteves, que ela me encontraria lá.

Eu o fiz, indo o mais rápido que podia, e torcendo para que minha mãe não estragasse nada, não além do que já fizera. Assim que estacionei o carro, notei a mulher que não esperava ali, descendo de outro. O que Verônica Reis fazia ali?

Não me dei tempo para indagar ou sequer saudá-la. Eu precisava ir até minha mãe e impedi-la.

— Carolina já correu até ela — comentou, a passos largos, enquanto eu a seguia para dentro da fazenda. — E eu sei sobre o contrato.

— Sabe? — minha voz quase não saiu, e ela apenas assentiu, quando passou por mim, e fiquei embasbacado por alguns segundos.

Então Verônica sempre soube que eu tinha um contrato de casamento com a irmã? Ou ela acabou de descobrir?

Não me dei tempo de perguntar aquilo, já que tinha outro problema imediato para resolver. Foi quando avistei minha mãe discutindo com Carolina. Respirei fundo algumas vezes e fiquei ao lado da mulher que pelo menos não deveria me olhar como um objeto. Mas ela sempre o fez.

Ela trocou poucas palavras com Carolina e Verônica – que parecia já ter a solução em mãos, mesmo que eu não compreendesse e não entendesse como lia aquilo – e

sabia que logo ela fingiria um desmaio. Ela o fez. E eu a segurei, como sempre.

— Pare de fingir, mamãe — pedi, tentando recolocá-la no lugar, enquanto Verônica conversava com Carolina. — Isso aqui não é um teatro.

— Pode parar de fingir, senhora Lopes — Verônica falou e pisquei alguma vezes, ao notar que Carolina se foi. Respirei fundo, esperando que aquele pesadelo acabasse. — Como pode ver, Carolina não vai assumir esse compromisso.

Minha mãe já estava na postura ereta como se nada tivesse acontecido – o que era verdade.

— Isso é inaceitável. — Quase rosnou e eu tapei o rosto, incrédulo pela vergonha alheia que me tomava. — Os Reis cumprem sua palavra. Ao menos, é o que todos dizem desde que você assumiu o lugar de Regina.

Foi então que olhei para Verônica e me recordei daquele dia, em nós dois sozinhos na fazenda, e a forma como ela parecia triste durante todo o Natal. Minha mãe tinha tocado em um assunto sobre o qual não tinha

qualquer noção. Não que ela tivesse muita noção acerca de algo.

— Não fale dela, nunca mais. — Verônica foi incisiva. — Qual a motivação dele?

Minha mãe ainda fingia seu momento, dizendo que estava bem, enquanto a pergunta de Verônica me paralisava. Eu mal sabia como respirar ali.

— Isso é pessoal. — Tomei a frente, sem conseguir evitar. Jamais deixaria que aquilo viesse à tona, certo? E minha voz saiu mais hostil do que fato deveria, e a culpa me assolou. Mas como poderia evitar, já que ela parecia em uma sala de negócios, me negociando, sem sequer me encarar?

— Ok. — respondeu simplesmente. — Como disse, eu li os papéis e tomei uma decisão.

— O quê? — indaguei, ao mesmo tempo que minha mãe.

— Uma Reis para um Lopes... — eu conhecia bem aquela frase. Eu a refiz em minha mente tantas vezes que perdi as contas. Mas por que ela saía da boca da pessoa

que menos esperava? — Nosso casamento será daqui a um mês.

— O quê?

Minha voz mal saiu, e meu corpo todo tensionou, completamente incrédulo. Ela estava zombando, não estava?

— Bom, tudo resolvido. — Recolocou os óculos de sol, como se simplesmente deixasse sua assinatura e estava tudo certo. — Podem voltar de onde saíram, e entro em contato em uma semana.

Deu-nos as costas e não pude evitar ir até ela. Apertei seu braço e então ela parou. Eu não conseguia guardar a incredulidade, nem a pergunta que me rodeava.

— Por que está fazendo isso? — indaguei, sem conseguir entender por que ela me escolheria. Por que ela fazia aquilo?

— Isso é pessoal. — Senti o baque de minhas próprias palavras. — Se tocar em mim, sem a minha permissão novamente, vai se arrepender.

Soltei-a, dando dois passos para trás, e senti a clara repulsa que ela tinha sobre meu toque. Era aquilo? Foi uma noite de deslize e agora ela mal podia suportar estar tão perto?

Mas então por que iríamos nos casar?

E ela apenas saiu, deixando-me tão perdido quanto me encontrou, desde a primeira vez que a vi.



“Eu disse que não sentia nada, amor, mas eu menti (...)

Acho que eu era apenas outro passatempo

Até você se decidir

Você só desperdiçou meu tempo” [\[12\]](#)

VERÔNICA

Respirei fundo pensando no medalhão que sabia estar dentro da caixinha em meu quarto na capital. Respirei fundo talvez uma, talvez duas, talvez dezenas de vezes. Nem eu mesma queria crer no que estava fazendo, mas fazia.

Batidas na porta me fizeram levantar o olhar em direção à mesma, e me surpreendi por completo quando ela se abriu e Alfredo adentrou o ambiente. Minha respiração quase travou, por imaginar que iríamos tocar no assunto recentemente jogado por mim sobre ele.

— Seu computador está pronto. — Esticou-me o aparelho, que só agora havia notado a existência em suas mãos. Eu parecia realmente compenetrada em seus olhos e expressões, sem conseguir focar em nada mais. — Fiz questão de voltar e te entregar, porque as coisas não podem simplesmente ser assim.

— Assim como, Alfredo?

Minha indagação pareceu deixá-lo em alerta, assim que aceitei o notebook, e o coloquei sobre a mesa ao meu lado.

— Vai mesmo seguir com essa ideia? Minha mãe está contando para todas as pessoas possíveis e...

— Não volto atrás na minha palavra — falei de uma vez. — E um Reis não volta atrás no que ele faz. — Aquele era um ótimo argumento para ser usado.

— Se foi por conta do que minha mãe disse, saiba que...

— Não faço nada que não quero, Alfredo — cortei-o, encarando-o profundamente. — Se não quer esse casamento, apenas desfaça o contrato.

— Eu não posso — assumiu tão baixo, que jurei que não queria ser ouvido. — Como isso vai funcionar? — indagou, como se não pudesse de fato raciocinar sem saber todos os mínimos detalhes.

Nem eu sabia de todos os mínimos detalhes, o que me assustava por completo. Porque eu era uma pessoa que sempre deixava tudo minuciosamente calculado antes de tomar qualquer decisão. Mas não foi o que ocorreu com aquela.

— Podemos conversar depois, com calma, em outro lugar sobre isso. — falei, e ele assentiu, como se entendesse que ali, no quarto de hóspedes do meu irmão mais novo, não era o melhor local. — Eu te mando uma mensagem.

— Ok.

Ele então estendeu a mão e fiquei sem entender por que o fazia.

— Seu telefone — falou, e acabei entregando-lhe o mesmo, atenta à suas feições. Ele pareceu segurar um suspiro, enquanto digitava algo no meu celular e logo ouvi algo vibrar próximo a mim. — Pronto, agora tem o meu número e eu tenho o seu.

— Ok — falei simplesmente, e estiquei a mão para pegar meu aparelho.

No segundo em que coloquei os dedos nele, senti os seus encostarem levemente, e um leve arrepio percorreu todo meu corpo. Eu gostava daquela sensação que ele trazia. Da forma como nem mesmo tudo o que eu controlava, como meu próprio corpo, parecia ter vida própria quando se tratava dele.

— É... — ele se afastou, limpando a garganta. — Espero sua ligação, então.

Apenas assenti, vendo-o sair do quarto e fechar a porta atrás de si. Soltei o ar que mal sabia que segurava com força, e encarei o número discado no meu aparelho.

Não era como se eu já não tivesse o telefone dele, mas a questão era que nunca de fato o tinha salvado – o que foi uma baita sorte naquele instante.

— Meus pais com certeza ririam da minha cara agora — falei para o nada, sem conseguir evitar um sorriso.

Eu tinha entrado num beco sem saída por escolha, e aquilo, com toda certeza, seria uma grande alegria para eles. Ainda mais que sempre me disseram que deveria viver a vida sem pensar tanto. E eu pensei e repensei tudo nos últimos vinte anos, mas ali, aos trinta e oito, eu apenas deixei o que menos imperava me guiar – meu coração.

ALFREDO

Saí às pressas daquela casa e sabia que necessitava de um tempo sozinho. Minha mãe já tinha apenas deixado

o lugar e partido novamente para Capital, fazendo todas as ligações possíveis e ignorando por completo o fato de que não tinha ideia do porquê Verônica entrava naquele casamento. Ela parecia, na verdade, em um dia de bênção. Enquanto eu parecia estar em meio a um jogo que não conhecia regra alguma.

— O que houve? — dei quase um grito ao me sentar no banco do motorista e encontrar Abigail sentada no do carona.

— Puta que pariu, Abi! — reclamei, levando a mão ao peito.

— Por que parece que está fugindo do diabo em pessoa? — indagou, analisando-me. — Verônica?

— Por que de todas as coisas que me pergunta, sempre tem algum momento que toca no nome dela? — rebati, e ela arqueou uma sobrancelha, como se fosse o momento perfeito para fazer uma gracinha. — Nem pense em tocar nesse assunto! — cortei-a.

Abigail era minha melhor amiga desde a adolescência, e a gente já tinha passado de tudo quanto é

coisa juntos. A questão era que ela me conhecia melhor do que qualquer pessoa, porque o nosso laço era fraternal. Ela era a minha prova de que família não tinha que ser aceita, mas você podia sim escolher. Contudo, ao passo que me conhecia tão bem, ela sabia exatamente onde acionar cada reação minha.

— Então é sobre Verônica... — deduziu, lendo-me perfeitamente.

— Não tem um estúdio de tatuagem, uma filha, um marido e um cachorro para atormentar?

— No momento, prefiro te atormentar. — Piscou um olho. — O que houve? — seu tom mudou drasticamente. — Se envolve sua mãe e Verônica, algo tem aí.

— Eu... — respirei fundo duas vezes. — Eu acho que vou me casar com ela.

— O quê? — sua voz soou como um grito que poderia ser ouvido há metros dali.

— Vai me deixar surdo — reclamei, batendo na própria testa. — Lembra que te falei que eu tinha um contrato que assinei sob pressão e pura chantagem?

— Sim, mas disse que se a pessoa que assinou também casasse, você estaria livre... Era uma Reis, no fim?

— Carolina, para ser exato. — Abigail abriu a boca espantada. — Mas ela se apaixonou como todos nós vimos acontecer, minha mãe veio cobrar e quando dei por mim, Verônica Reis se tornou minha noiva.

— O plot de milhões. — Seus olhos brilharam e lhe dei um tapa leve no ombro, que a fez rir. — Não sei por que não está saltitando por aí.

— Ela vai se casar comigo e eu não sei o porquê... — respirei fundo. — Você é a única que sabe que eu... Você sabe. — Levei as mãos ao rosto, sem conseguir admitir. Parecia simplesmente patético dizer aquilo em voz alta.

— Pode ser a sua chance, não acha?

— De ser humilhado? — rebati, e ela bateu em meu ombro, fazendo-me olhá-la. — O que foi?

— Para de se lamentar, que não combina com você. — Revirei os olhos. — Às vezes é só o destino dando seu

jeito.

— Ou Verônica controlando tudo como ela quer...

— Você adora isso, admita. — Olhei-a estarecido. — Nem vem com esse olhar, que eu sei que nunca esqueceu a mulher do café.

— E tinha como? — rebati, levando as mãos aos cabelos. — Só tô piorando tudo ao pensar nisso.

— Quanto tempo é esse contrato?

— Um ano, pelo que lembro. Por quê?

— Então tem um ano para torná-lo real. — Olhei-a como se fosse estrangulá-la. — Não culpe a fanfiqueira por tentar.

— Não pode só aceitar que seu melhor amigo nasceu para ser sozinho?

— Ou para sonhar que a mulher do café vai notá-lo e... — joguei o pano que estava sobre o para-brisa na cara dela, a qual gargalhou. — Ok, não vamos falar disso, mas... Por que não tenta conhecê-la um pouco, antes do casamento?

— Vou me casar em um mês.

— Amei que já mudou o “acho” para “vou”. — Provocou e fui em direção ao pano caído ao seu lado para jogá-lo novamente, mas ela me impediu. — Ok ok, me rendo! — levantou as mãos em sinal de rendição. — Por que só não aproveita?

— Como se eu fosse esbarrar com ela do nada e poder descobrir todos os seus lados em um mês. — Debochei.

— Tem esbarrado com ela há anos... — aquela verdade era um tapa na cara. — Agora é hora de tentar saber mais.

Era hora?

Eu tinha que acreditar naquilo?

E se no fim fosse apenas uma sucessão de coincidências que eu deveria ignorar?

Olhei para o meu dedo anelar esquerdo e fiquei me indagando de como seria ter um anel bem ali. Um anel que teria o nome dela?

Eu estava mais do que fodido.



“Grande reputação, grande reputação

Ooh, você e eu poderíamos ser uma grande fofoca

Ah, e eu já ouvi falar de você

Ooh, você gosta das malvadas também” [\[13\]](#)

VERÔNICA

Olhei para a minha mesa e encarei novamente a vista à frente dela. Eu tive que voltar para a capital rapidamente, devido a um problema de projeto que dependia apenas de mim, e teria que ser visto pessoalmente. Resolvi-o em menos de trinta minutos,

enquanto minha mente repassava sobre o que deveria fazer a partir dali.

Encarei então os papéis à minha frente e tentei ignorar o fato de que era um novo contrato. Não que ele precisasse ser assinado, mas ao menos, deveria ser discutido e acordado com Alfredo. Precisava de tal segurança para que aquele casamento ocorresse. E mais uma vez, em dias, a culpa de estar seguindo um caminho que nenhuma das pessoas que me amavam aprovaria, me acertou.

Mas o que eu poderia fazer?

Poderia deixar passar e fingir que aquela possibilidade nunca existiu?

Poderia olhar para Alfredo e tentar crer que algo espontâneo aconteceria?

Eu não sabia mais onde estava minha mente. Não quando se tratava dele.

Meu celular tocou e surpreendendo-me o nome de Alfredo apareceu no visor. Eu o tinha salvo logo após ele pegar meu celular naquele dia, contudo, ainda estava

trabalhando comigo mesma como resolveria cada detalhe. A única parte realmente pronta era o contrato à minha frente, mas que faltava uma outra, que seriam os desejos dele.

Era assim que eu sabia resolver as coisas. Ao menos, com a maioria das pessoas.

— Eu te esperei ligar, mas já faz quase uma semana. — Sua fala foi imediata, assim que o atendi. — Precisamos conversar, Verônica.

— Estou na capital...

— Eu sei. — Cortou-me, o que me deixou surpresa. Existia algo sobre ele, que sempre trazia tal sensação sobre mim. — Eu tive que vir terminar um trabalho e estou por aqui hoje, se pudermos nos encontrar...

— Que horas estará livre? — perguntei, sentindo meu coração acelerar.

— Estou o resto do dia — respondeu, e acabei encarando meu relógio, notando que já eram 14 horas.

— Pode vir até a minha empresa? — indaguei, pensando que aquele era o melhor lugar para tratar algo

assim. Que poderíamos discutir sem que ninguém mais interferisse.

— Como um negócio, então... — pareceu falar consigo mesmo. — Eu chego em alguns minutos aí.

Girei na cadeira assim que a ligação foi desfeita, e fiquei encarando o teto. Mexi no computador e deixei uma música soar baixinho, enquanto tentava compreender como aquilo seria. Disquei então o número da recepção e autorizei a entrada de Alfredo.

Quem poderia dizer que um dia ele estaria bem ali?

Os minutos se passavam e pareciam torturantes. Vi-me levantando e caminhando até o banheiro, encarando meu reflexo, e voltando, cerca de dez vezes. Algo sobre ele me fazia sentir tão nervosa, que me deixava daquela maneira.

Joguei-me novamente contra a cadeira e respirei fundo. Fechei os olhos, tentando me acalmar e lembranças *de nós* me vieram à mente.

Seus lábios em meu pescoço, seus gemidos sôfregos contra minha pele, fazendo-me ter a mesma

reação. Sem conseguir mais aguentar a forma como seu corpo tão maior que o meu, me envolvia em seu colo. Éramos uma mistura de língua, dedos, dentes e lábios. Todo e cada toque sem poder deixar. Desci sobre ele com força, sem conseguir evitar a sensação que se acumulava em meu baixo ventre.

Batidas na porta me fizeram dar um pulo. Pisquei algumas vezes para me localizar, e senti o terror de como era me sentir tão exposta na frente dele. Tudo sobre ele me deixava assim, e agora, eu estava prestes a colocar uma aliança em seu dedo.

— Senhora Reis, Alfredo Lopes chegou. — Ouvi a voz de minha assistente, que tinha um semblante leve como sempre, e abriu espaço para que o outro adentrasse o ambiente.

Fiquei em pé e foi quando o encarei, dando um sorriso para ela, mas que morreu quando me encarou. Ele estava com uma camiseta preta que delineava perfeitamente seus músculos bem formados, e deixava as tatuagens que fechavam os braços expostas. Tatuagens

essas que até aquele momento eu desejava decorar com a minha língua.

Foco, Verônica!

— Obrigada, Leila.

Ela assentiu, saindo em seguida.

— Alfredo. — Fiz um sinal com a cabeça, indicando-lhe a cadeira à frente da minha mesa. Ele apenas assentiu e seguiu até a cadeira, e se sentou. — Feito. — Coloquei os papéis à frente dele. — Tem alguns termos que acho importante estarem claros.

— Mais papéis para eu assinar? — seu tom era quase inaudível. — Preciso mesmo ler?

— Eu posso te dizer o que é importante — comecei, e ele retirou os óculos escuros, finalmente deixando os olhos azuis nos meus. — Não posso abrir mão de morar na minha casa.

— Terei que mudar para cá? — ele indagou confuso, parecendo pensar. — Para capital?

— Sim, é algo que não posso abrir mão. — Infelizmente, era algo que também não poderia explicar

para ele. Na realidade, nunca de fato expliquei para ninguém a importância que aquele lugar, que era meu lar tinha. — Então pode me dizer o que não abre, para chegarmos a um acordo.

— Só quero algo simples nessa cerimônia. Não convide minha família. — Ele respirou fundo. — No caso, minha mãe estará, mas o resto... Só não os quero lá.

— Pode ser na própria Mansão Reis.

— Sua casa? — assenti e ele pareceu pensar. — Pode impedir que eles apareçam?

— Eu posso tudo, Alfredo. — Recostei-me contra a cadeira, e senti seu olhar preso a meu pescoço, logo desviando. Lembrava-me dos seus dentes na minha pele e como era cada toque dele sobre mim. — O que está pensando?

— Vamos falar sobre o que fizemos naquele carro? — perguntou, e sustentou meu olhar perfeitamente. Era incrível como ele ia de um gatinho assustado para um homem completamente decidido.

— Acho que pode complicar mais as coisas — respondi, por mais que quisesse adentrar aquele assunto.
— Tem algo a me perguntar sobre isso?

— Eu só... — respirou fundo e desviou o olhar. — Podemos falar disso depois, eu acho.

Assenti, sem saber o que dizer, e torci para que ele não notasse a forma como eu parecia sem ter ideia do que fazer à sua frente.

— Todos já sabem sobre o casamento? — perguntou, e seu olhar voltou para o meu. — Digo, seus irmãos, os Torres...

— Ainda não lhes contei, mas o farei essa semana — assentiu levemente. — Precisava falar com você antes, mas estava esperando isso estar pronto.

— Tenho mesmo que ler ou posso confiar em você? — sua pergunta me acertou em cheio, ainda mais, pela forma como ele parecia realmente tentado a fazer a segunda opção.

— O que acha? — não pude evitar responder com uma pergunta.

— Acho que é controladora demais para enganar alguém como eu — comentou simplesmente, seu olhar desviando para os papéis.

— Alguém como você? — aquilo eu realmente não entendia.

— Alguém que não é do seu meio — explicou, respirando fundo. — Fugi disso a vida toda, para parar exatamente aqui.

— Vai me dizer novamente que está nesse casamento por algo pessoal?

Foi então que seu olhar mudou e ele pareceu preso no meu. Ele parecia entregar mais do que deveria, e piscou algumas vezes, fugindo de mim.

— Digamos que eu era apenas burro e iludido. — Respirou fundo.

— Gostava da minha irmã? — a careta em seu rosto foi imediata. — Não?

— Nunca teve a ver com Carolina.

Não podia deixar claro, mas aquela resposta era mais do que agradável para mim. Por anos imaginando

que ele se interessou por ela, e por isso, estava preso àquele contrato. Mas não... Em Alfredo, nada parecia ser como aparentava.

— Abi já sabe sobre, mas está guardando segredo — explicou e apenas o observei, cada reação à minha frente. — Seus irmãos vão reagir bem a isso?

— Talvez não. — Dei de ombros. — Mas eles não vão tratar como um problema.

— Gosto deles, espero que não perca um dente por isso.

Quase ri de sua piadinha, mas me segurei. Era tão fácil a forma como ele tratava as coisas, e o inesperado, era o quanto eu adorava aquilo.

— Após o aniversário de Jasmine, falarei com cada um deles — expliquei, sem conseguir evitar me abrir, nem que um pouco, para ele.

— A filha de Franco, certo? — assenti e ele pareceu pensar sobre. — Eu assino onde? — perguntou de repente, indicando os papéis.

— Não se assina algo sem ler...

— Não tenho por que não confiar em você.

— Nem um porquê para confiar — rebati, e ele deixou um sorriso no canto da boca, o que era raro.

— Vou assumir o risco.

E ali estava ele, me pegando para si em cada pequeno detalhe, que me deixava a ponto de querer jogar tudo na mesa. Jogar cada palavra que guardei, da Verônica que sucumbiu a si mesma.

— Não precisa assinar, se me der sua palavra — comentei, e seu olhar era de surpresa. — Vou assumir o risco também, Alfredo.

— Espero descobrir até o fim desse casamento porque não me chama pelo apelido. — Afastou-se da cadeira e se levantou. — Eu acho que é isso, então... Te vejo?

— Eu vou te atualizando sobre a data e todo os trâmites — avisei, levantando-me para levá-lo até a porta.

Ele assentiu e seguiu à frente, e não pude evitar ir até ele. Quando estava já próximo à porta, ele parou tão abruptamente, que fez com que eu não pudesse controlar

meus saltos, e meu corpo bateu no seu. Seus braços me seguraram, antes que eu caísse, e senti cada parte do meu corpo gritar pela forma como ele estava próximo.

— Desculpe — falou, ajudando-me a ficar ereta. Suas mãos saíram tão rápido de mim, como quando me tocaram. E senti falta daquele calor, que apenas ele parecia capaz de me passar. — Só queria dizer que pode me ligar, se ficar mais fácil.

— Ok.

Cruzei os braços, assim que ele abriu a porta, e me deu um último olhar antes de sair. Assim que ele seguiu até o elevador, sendo guiado por Leila, não demorou alguns segundos para a mulher que era apenas alguns anos mais nova que eu, encarar-me com um claro ponto de interrogação na testa.

— Não tem trabalho não, Leila?

Ela riu, e sabia que era meu jeito de sair de qualquer situação. Ela era uma das poucas pessoas com quem sentia um pouco de intimidade, isso claro, fora da minha própria bolha. Ela trabalhava comigo há muitos

anos, o suficiente para saber que aquele homem na minha sala não veio apenas tratar de negócios.

A realidade era que Alfredo Lopes nunca seria apenas um negócio para mim.



“As coisas que eu fiz

Só para eu poder te chamar de meu

As coisas que você fez

Bem, espero que eu tenha sido seu crime favorito” [\[14\]](#)

ALFREDO

— Isso foi a pior ideia que poderia me dar. — falei para Abi pela vídeochamada, quando finalmente cheguei no hotel. — Não fica sorrindo!

Minha melhor amiga estava com a filha no colo, a minha afilhada, que estava claramente mais interessada

no pirulito de chocolate, do que na chamada de vídeo que eu tinha com sua mãe.

— Ok, não vou dar mais ideias sobre seu relacionamento com Verônica.

— Bruno está em casa? — perguntei, ao notá-la falar disso tão livremente.

— Tá tomando banho e cantando até os pulmões saírem... Ele não sabe sobre o casamento.

— Nem pode saber, se não toda a região vai descobrir em segundos.

Ela riu alto, mas não negou.

— Casamento, padinho? — Primavera perguntou, e finalmente me toquei de que ela poderia soltar algo, já que sempre estava em torno dos Torres, e consequentemente, dos Reis. — Com quem?

— Ninguém — respondi, e ela fez uma leve careta. — Vai precisar de mim amanhã para levar ela para vacina, né?

— Sim, por favor. — Abi praticamente implorou. Desde que Primavera nasceu, eu era a pessoa que a

levava para tomar suas vacinas, já que na primeira vez em que Abi o fez, ela desmaiou assim que chegou ao postinho de saúde. Minha melhor amiga não conseguia controlar seu nervosismo quando se tratava da filha. E eu não tinha problema algum em ser seu apoio, assim como de Prim, que também era uma parte do meu coração.

— Eu chego bem cedo e já vou para aí.

— Obrigada, porque se Bruno for com ela, acho que ele acaba desmaiando como da outra vez. — Acabei rindo e ela fez o mesmo.

— Vocês são ótimos pais para desmaiar, sério.

— Nem vem. — Semicerrou os olhos. — Quando forem seus filhos, aí será minha vez de rir dos seus desmaios.

— Nem tem um, e já tá me abençoando com mais de um? — rebati, e ela piscou um olho.

— Vai que né... Casamento, mesma casa, atração...

— Abi — falei, enquanto terminava de ajeitar minha pequena mala, ao lado do celular que usava para a

chamada. — Podemos focar em sei lá? Qualquer outra coisa?

— Ah, consegui informações...

— Informações? — indaguei sem entender.

— Ela gosta de mangá e animes, como você. Ela indica doramas de todos os tipos para as cunhadas, e sempre canta Taylor Swift para Dani. Aliás, ela gosta muito de kpop, pelo que consegui pescar.

— Abi! — ela apenas deu de ombros. — Como descobriu tudo isso?

— Daniela é uma ótima informante... aos poucos, consegui descobrir algumas coisinhas. — Sorriu vitoriosa. — Ah, ela tem mais tatuagens do que vemos nos braços e costas.

Segurei uma respiração, porque daquilo eu sabia e muito bem. Eu vi as tatuagens espalhadas por suas coxas e abdome. Mesmo que não tivesse tanta luminosidade ou tempo para reparar, era impossível não ter memorizado cada traço que me ficou exposto, com ela sobre o meu

corpo. Fechei os olhos e tentei tirar aquilo de minha mente.

— Por que eu sinto que está me escondendo algo?

— Porque você sempre inventa alguma coisa para fanficar sobre mim — rebati, e ela revirou os olhos.

— Você é bem mais fanfiqueiro que eu, ou devo lembrar de quando conheceu a moça do café e...

— OK, ok!

— Que moça do café? — ouvi a voz de Bruno e queria esganar Abi através do computador. — Oi, Nero! — fez um leve oi com as mãos, indo pegar Primavera do colo de Abi.

— Ninguém importante — respondi, tentando fugir do assunto.

— É mesmo, nem um pouco importante?

— Abigail. — Ela riu alto e se jogou contra a cadeira.

— Vou fingir que não estão me escondendo uma fofoca — Bruno comentou, e jogou a filha para o alto, que riu. — Vou pedir comida pra gente. — Deu um leve beijo no rosto de Abi e se afastou com Prim em seu colo.

Fiquei encarando-os e me imaginei naquela situação, só que com ela. Por que eu não conseguia evitar tal sentimento? Por que eu tinha que me sentir assim, justamente com ela, há tanto tempo?

— Ei, sabe que eu só quero que seja feliz, certo?

A voz de Abi me fez sair dos meus próprios questionamentos.

— Talvez ela seja para ser uma parte da sua felicidade, quem sabe? — continuou, e a encarei. — Não vai saber se não tentar.

— Eu estou tentando, Abi. Só não sei se ela também está.

— Eu não a conheço tão bem, mas eu nunca imaginei que uma mulher como ela, faria algo que não queira... Ela quer isso, mesmo que não seja pelos mesmos motivos que os seus.

— Obrigado, Abi — falei, respirando fundo. — Pareço a porra de um adolescente perdido.

— Todo mundo se sente assim quando se trata de um amor, ainda mais, um amor antigo... — ela realmente

poderia falar sobre aquilo. — E seu aniversário está chegando, o que vamos fazer?

— Faltam dois meses, Abi. — Revirei os olhos, e ela riu de lado. — Não quero nada demais, como sempre.

— Bom, eu e Prim estaremos lá, com certeza.

— Por que eu não? — Bruno indagou, aproximando-se, e claramente indignado. — Nero é meu cunhado. — Eu ri, porque era impossível não o fazer quando se tratava dele.

— Pode aparecer também, cunhado. — Ele sorriu animado, claramente satisfeito consigo mesmo. — Vou tentar dormir um pouco antes de pegar o voo.

— Vai lá, e bons sonhos com a moça do café.

Abigail gargalhou da fala de Bruno, e eu queria voar nos dois. Já não conseguia lidar com ela, os dois unidos então? Contra mim? Estava completamente lascado.

Apenas desfiz a ligação enquanto minha melhor amiga gargalhava, e me joguei contra a cama, deixando a mala de lado. Quando fechei os olhos, infelizmente, a moça do café estava lá, como a lembrança que eu nunca

consegui esquecer. Mas agora, ela tinha nome e sobrenome, e seria minha esposa.

VERÔNICA

Assim que abri a porta do meu quarto, senti corpinhos quentes e peludos ao redor dos meus pés. Sorri para Gara e Zuko que já estavam ali, querendo carinho como sempre.

— Oi, meus bebês. — falei, abaixando-me e passando as mãos por suas cabecinhas. — Se divertiram? Foram conhecer mais da casa já que seus tios não estão mais aqui?

Tive o miado de ambos como resposta, e comecei a procurar Mikasa pelo local, que encontrei se espreguiçando sobre minha cama. Joguei-me contra o colchão, e ela veio para meu colo, aconchegando-se

perfeitamente. Logo os outros dois se juntaram a nós e eu sorri pelo carinho que sempre me entregavam.

Um carinho que eu aprendi a apreciar desde muito nova.

— O que é aquilo, papai? — perguntei, notando uma caixa se mexer perto da nossa casa. Escondi-me atrás de meu pai Sérgio, que parecia tentar ver melhor. — Um fantasma?

— Um fantasma não mia, pacotinho.

Pisquei algumas vezes, vendo-o ir até a caixa, e levantá-la. Logo um corpinho de quatro de patas ficou à mostra, bem magro e com uma patinha parecendo machucada. Corria até onde meu pai o pegava com cuidado e colocava em seu colo. Ele miou baixo, parecendo quase não conseguir e meu coração ficou pequenininho.

— Podemos ficar com ele? — perguntei, e tentei levar os dedos até a cabecinha, sem saber o que fazer.

Eu tinha cinco anos e nunca tinha visto um gatinho daquela maneira.

— É uma fêmea — meu pai falou, e me fez tocar levemente na cabeça da gatinha. — Qual nome daremos para ela?

Lembrei-me do desenho que eu tanto gostava, e não pensei duas vezes antes de dizer:

— She-ra. — Meu pai sorriu e assentiu.

— Então vamos apresentar o novo membro da nossa família. — Sorri abertamente, e o segui, enquanto ele carregava a gatinha que miava vez ou outra.

Abri os olhos e sorri com a lembrança, deixando uma lágrima descer.

— Ainda bem que tenho vocês — falei, sentindo-os ao meu redor, o que me lembrava de como era sentir aquilo. — Será que vão gostar de Alfredo?

A pergunta saiu tão facilmente que eu apenas desisti de lutar comigo mesma. Não quando estávamos apenas eu e eles. Onde eu poderia deixar qualquer emoção ou sentimento à solta. Depois de tanto tempo apenas guardando e deixando cada parte que poderia ser uma fraqueza, apenas escondida.

Eles se esfregaram ainda mais em mim, enquanto eu sorria e lhes dava carinho.

— Alexa, tocar Playlist favoritos.

A música começou e fechei os olhos, descansando um pouco e cantando junto a ela. Precisava de um bom banho de banheira e pensar melhor em como contaria sobre o casamento para os meus irmãos. Contudo, em meio a tanta coisa, me via cantando junto à música e mais uma vez, ali estava ele, em minha mente

“Por você, eu passaria do limite

Eu desperdiçaria meu tempo

Eu perderia minha cabeça

Eles dizem: Ela foi longe demais dessa vez...” [\[15\]](#)

E não pude deixar de me perguntar se eu estava indo longe demais?



“Porque você não era meu para eu perder

Você não era meu para eu perder, oh” [\[16\]](#)

VERÔNICA

Senti os olhares de Tadeu e Carolina mudarem sobre mim. Já se haviam passado alguns dias, e eu sabia que as notícias correriam rápido, pela língua afiada que Gabriela Lopes tinha. Só não queria que aquilo estourasse antes do aniversário de Jasmine, para não tirar a atenção de Carolina sobre o evento.

Notei então Igor se aproximar deles, assim como Murilo. O olhar de cada um mudou drasticamente, e poderia jurar que Igor ficaria com aquela carranca por alguns dias.

— Eles estão de segredinho ou é impressão? —
Olívia perguntou ao se aproximar, estendendo-me uma garrafa de cerveja. — Beba por mim, eu imploro.

— Sem problema. — Dei-lhe um leve aceno e ela cruzou os braços ao meu lado. — Estão assim desde antes de eu chegar?

— Não — comentou, e notei que ela bebia água. — Foi logo após Tadeu receber uma chamada.

— Uma chamada que ele não me contou nada e pareceu perder a cor — Valéria comentou, chegando ao meu lado, com o filho no colo. — Não tive tempo de perguntar por que ele correu até Carolina.

Senti o olhar dos quatro sobre mim, como se tentando juntar um quebra-cabeça.

— Aquela cara de Igor... — Lisa fez um tsc com língua. — O que será que houve? Algo no trabalho?

— Uma rodinha de mulheres maravilhosas, tô dentro! — Maria Beatriz chegou, exalando como se o próprio sol a acompanhasse. — Por que não estão fofocando sobre algo?

— Estamos tentando entender o porquê de todos estarem ali, olhando para Verônica como se ela fosse o assunto — Oli comentou, indicando meus irmãos com a cabeça, do outro lado do salão.

— Eu tenho um palpite. — Abigail se aproximou, junto a Primavera que pulava ao seu redor. Dei-lhe um breve olhar, que a fez sorrir. Ela era uma boa melhor amiga para ele, certo? Ela não jogaria tudo assim? — Mas vou guardar para mim, porque sou ótima em acertar.

— Isso é injusto! — Mabi falou, batendo em seu braço.

— Tia, não podi batei na mamãe. — Primavera se intrometeu, enquanto eu levava a bebida à boca, e tentava ignorar meus irmãos, já que Franco dançava graciosamente com Jasmine à nossa frente. Era o momento dela, não de meus irmãos surtarem.

— Desculpe, pequeno arco-íris. — Mabi se agachou à frente da pequena. — Foi só de brincadeira.

— O que foi que eu perdi? — Babi se aproximou, comendo o que parecia ser um docinho que roubou de algum lugar que não deveria. — Eu estava tão ligada na dança que não percebi que tem facas sendo jogadas para cá...

Ela então indicou meus irmãos e eu quis me enterrar pela vergonha. Pelo menos Carolina parecia ter se ligado a cena à sua frente, e ignorava o que fosse que Tadeu lhe disse.

— Vou falar com eles, no fim da festa.

— Então temos mesmo uma fofoca? — Maria Beatriz era de fato uma pessoa que não parecia medir palavras com ninguém, nem comigo. E algo sobre aquilo, me fazia gostar dela. — Sobre você?

— Contarei para vocês, depois de contar a eles...

— Mal posso esperar! — Abigail sussurrou ao meu lado, como se apenas para eu ouvir, e era como se ela

torcesse de fato para aquele anúncio de casamento. Ela torcia realmente para aquilo?

Foquei em beber mais um pouco e ficar cercada de minhas cunhadas e agregadas. Era melhor para evitar que meus irmãos se desfizessem do foco real da noite. Sabia que eles agiriam exatamente de tal forma, por aquilo, tentei ao máximo evitar que eles soubessem antes do aniversário. A sorte de eles descobrirem ou desconfiarem justamente durante a festa.

As horas passaram, e os olhares suavizaram. Tadeu tinha um semblante como se tentando entender. Murilo parecia pensar em como aquilo poderia ser real. Igor parecia querer matar alguém com as próprias mãos. E Carolina estava focada demais na filha e no futuro marido, mas sempre me encarava com uma interrogação.

— Obrigada por vir, titia. — Jasmine pulou em meus braços e eu sorri para ela. Era tão bom ver uma adolescente como ela tão alegre e feliz. Algo que me fazia lembrar de mim mesma, um dia, há muito tempo.

— Espero que tenha gostado do presente. — comentei, tocando levemente sua testa com os dedos

indicador e médio. — É ótimo para quem gosta de ler.

— Eu sempre quis ler mangá, acho que vou gostar da coleção de Naruto. Obrigada mesmo! — falou e me abraçou novamente.

Afastei-me com cuidado dela, e notei o olhar emburrado de Daniela para comigo. Assim que Jasmine foi se despedir de outras pessoas, caminhei até minha outra sobrinha, e agachei-me à frente dela.

— O que foi? — indaguei, sem querer enrolar.

— Você ama a Jas mais do que eu? — perguntou e notei seus olhinhos marejados. — Fez o sinal que só faz em mim e no meu pai, e nos titios...

— Esse sinal... — suspirei fundo, fazendo-o nela. — Tem uma história muito bonita por trás, que quem sabe, eu possa te contar um dia... — descii os dedos para seu rosto. — Quando o faço é porque amo alguém, mas não só isso, são dois dedos porque eles significam amar e proteger.

— Ainda não respondeu minha pergunta. — Cruzou os bracinhos e bufou.

— Temos uma futura rebelde assim como Murilo foi?
— provoquei, e fiz cosquinha em sua barriga, o que a fez sorrir, mesmo que não quisesse. — Eu amo na mesma medida, Dani. Não tem como amar mais ou menos, não comigo. Eu amo e protejo com tudo que há em mim.

Ela então pulou sobre mim, abraçando-me e eu me levantei com ela no colo. Começava a pensar que ela cresceu tanto nos últimos anos, que logo, já não estaria no meu colo daquela forma. Assim como me senti orgulhosa ao ver meus irmãos crescerem e se tornarem pessoas maravilhosas, me doeu vê-los encarar o mundo e não poder controlá-lo ao seu redor, por mais que tentasse.

E agora seria com meus sobrinhos...

— Vem com a mamãe. — A voz de Olívia nos fez afastar, e a pequena foi de bom grado com ela. — Posso ficar e evitar uma discussão. — Sugeriu, e indicou com a cabeça, os quatro parados próximos ao meu carro, como se me esperando sair para me confrontar.

— Obrigada, mas eu sei lidar com eles — comentei e toquei levemente em seu ombro. — Vai ser rápido.

Ela assentiu e afastou-se de nós, caminhando na direção que minhas outras cunhadas estavam, assim como os seus irmãos. Caminhei então até os meus, que tinham semblantes diferentes um do outro.

— Antes que me perguntem ou comecem... — suspirei fundo. — Sim, eu vou me casar em alguns dias com Alfredo Lopes. E ia contar a vocês antes, mas optei por esperar o momento certo.

— Puta que pariu! — Igor praguejou, e levou a boca à mão, claramente incrédulo. — Diz que tá delirando!

Cruzei os braços, encarando-o com um leve arquear de sobancelha.

— Algum motivo para isso? — Tadeu indagou, parecendo o mais sensato.

— Claro que tem, é minha culpa! — Carolina tinha o tom pesado, como se se culpasse. — É por que um Reis não volta atrás em sua palavra?

— Carolina... — aproximei-me dela e toquei seus cabelos. — Não tem nada a ver com isso, e não é sua culpa. Eu apenas tenho meus próprios motivos.

— Pode nos contar um, pelo menos. — Murilo falou, e virei-me para ele. — Qualquer coisa que seja.

— Por que estão assim?

— Nervosos? Preocupados? Quase surtando? — Igor indagou e eu assenti, enquanto ele se aproximava. — Verô, você é o nosso tudo, como pode achar que a gente não vai estranhar quando sabemos que vai se casar com Nero do nada?

— Conhecem Alfredo e sabem que ele não faz mal a uma mosca. — comentei simplesmente.

— Eu não gosto mais dele. — Igor bufou, afastando-se e eu quase ri.

— Não quero nenhum de vocês presos a isso — falei, encarando Tadeu, que era o único que parecia tentar me analisar. — Pare de me olhar como um terapeuta. — Ele desviou o olhar e respirou fundo. — Para de me olhar com culpa — falei em direção a Carolina. — Pare de me olhar como se fosse matar Alfredo com as próprias mãos. — Igor bufou novamente ao me encarar. — Pare de me

olhar com a preocupação clara. — Murilo negou com a cabeça, como se fosse impossível. — Parem com isso.

— Verô... — Tadeu falou, e o encarei. — Não pode simplesmente achar que vamos saber disso e não fazer perguntas.

— Podem perguntar o que quiserem, mas não vão ter respostas, sabem como é. — Engoli em seco. — Eu não falo dos motivos por trás dos meus negócios.

— É isso, então? Alfredo é um negócio? — Igor indagou, e eu apenas assenti, tentando convencer a mim mesma daquilo. — Ok, posso viver um dia a mais com isso. — Seu olhar foi levantado para algo atrás de mim, e ele pareceu querer correr até a pessoa, mas foi impedido por Murilo.

Virei-me sem entender absolutamente nada, e minha ficha caiu quando encontrei Alfredo vestindo casualmente um conjunto de moletom e boné. Seu olhar azul parecia apagado e por um segundo, tudo ao redor ficou silencioso, como se fôssemos apenas nós.

O que ele teria ouvido?

Por que ele me olhava como se me culpasse por algo?

— Boa noite, família Reis. — falou simplesmente, e apertou seu boné, antes de se afastar, e vi-o ajudar Bruno que estava para lá de bêbado e uma Abigail que parecia a ponto de explodir com o marido, mesmo que rindo das besteiras que ele falava.

Meu olhar estava focado em Alfredo e notei que não me endereçou nenhum, mesmo quando passou ao nosso lado com o carro de Abigail. Era como se... Se fôssemos completamente estranhos. Mesmo depois de tudo, não poderia pedir-lhe ou exigir-lhe mais do que aquilo. Porque por mais que um passado, uma noite e um casamento nos unisse, eu sabia que a importância de cada parte para cada um era diferente.

Era um negócio – eu dizia em voz alta.

Isso nunca será apenas um negócio – eu gritava silenciosamente em minha mente.



“Você sabe o que é se apaixonar estando do lado de fora?

E eu não sei, mas estive tentando por você, por mim

Agora eu sei como é se apaixonar estando do lado de fora” [\[17\]](#)

ALFREDO

Eu queria quebrar alguma coisa.

E não seria a porra do meu coração.

Respirei fundo algumas vezes, sem conseguir me desfazer daquela confirmação – de que que era apenas um negócio.

Por que aquilo me atingia tão fortemente? Por que eu não conseguia apenas ignorar? Por que não encarava aquele casamento do jeito que ela fazia?

— Porque você é um burro que se encantou com ela quando ainda era um adolescente. — Xinguei a mim mesmo, jogando-me contra a cama. — Precisa superar isso. Você precisa, porra!

Eu já tinha trinta anos.

Eu já estava há quantos anos naquela? Quatorze?

Era absurdo pensar que eu nunca esqueci a mulher que me estendeu lenços de papel e depois a reencontrei tantas vezes quando pude aguentar estar na alta sociedade. A realidade era que Verônica Reis sempre esteve há passos tão distantes que nunca alcançaria. Mas eu a alcancei.

Naquela noite no carro...

Eu a alcancei a ponto de crer que não seria apenas uma transa. Mas foi, ao menos, para ela. Enquanto eu estava ali, perdido em minhas lembranças e pensamentos, sem saber como agir dali por diante. A

realidade era que devia encarar a situação como ela era – como um negócio.

Ri alto da minha situação.

Por que era tão burro e assinei aquele contrato?

O som da minha campainha me fez franzir o cenho e segui a passos lentos até a porta. Tinha deixado Bruno, Abi e Prim em casa, então, ninguém mais apareceria àquela hora. Por um segundo, um flash de esperança me tomou, de que ela apareceria e me explicaria que não era aquilo que queria dizer. Por que eu lia mangás de romance e assistia doramas, mesmo?

Eu era um péssimo fanfiqueiro. E me vi relacionando aquele momento até o mais recente jogo que estive completamente viciado – Final Fantasy XV. Por que eu pensava tanto sobre Noctis e Lunafreya? Por que eu não conseguia parar de pensar sobre aquele romance trágico enquanto caminhava até a porta?

Assim que abri a porta, mal tive tempo de raciocinar, quando um soco me veio no rosto, e cambaleei para trás.

— Mas que porra...

— Eu esperava isso de Igor, não de você, ursinho. — Ouvi a voz de Carolina, e tentei me manter em pé. — Mas gostei disso. — Eu a vi fazendo um high-five com Murilo e tentei compreender porque quatro dos cinco irmãos Reis estavam ali.

— Que merda é essa? — indaguei, finalmente me firmando, e os encarando.

— Um aviso, que se machucar nossa irmã, vai ser a pior decisão que tomou.

Eu queria rir do que Tadeu falou, porque na realidade, eu estava com o coração quebrado por ser um iludido e não saber lidar com aquele sentimento, e agora, teria um hematoma para cuidar no dia seguinte. Detalhe, ambos por culpa da mesma mulher.

— Eu não fiz nada — falei, e os encarei, já na defensiva. — Verônica quis seguir com o contrato, não eu.

— Ok, mas mesmo assim... — Murilo tomou a dianteira. — Se fizer mal a ela, vai ser pior que um roxo no rosto.

— Seria mais fácil me protegerem dela... — minha voz foi um sussurro. — Já foi o suficiente para hoje? — indaguei, jogando-me contra o sofá. — Sei que são protetores e todo o resto, e não vou machucar a irmã de vocês. Acho que ninguém consegue, mesmo que tente. — Não pude impedir a frase amarga em minha boca.

Eles não tinham noção dos meus sentimentos. Já que nem mesmo eu os entendia.

— Não fale como se a conhecesse. — Igor falou e parecia como um trovão. Nunca o vi tão nervoso antes. Nem imaginei que alguém tão alegre e animado como ele, ficaria de tal maneira. — E espero que não tente conhecê-la.

— É só um negócio — falei firme e os encarei, Carolina me olhava como se estivesse pensando em algo longe dali. — Não passa de um negócio, podem perguntar à sua irmã se quiserem.

— É apenas um aviso, Nero. — Carolina falou, respirando fundo, e se aproximou. — Sei que tem mais, porque eu a conheço bem, mas... Cuide dela, eu imploro.

Sua última frase foi apenas um sopro e se não estivesse tão próxima, jamais conseguiria ouvir.

— Vai ficar tudo bem. — Soltei e encarei todos ao redor. — Já terminou a sessão de acabar comigo? — indaguei, e ouvi-os bufar. — Eu tenho um projeto terrível para terminar nessa madrugada, então... Boa noite, família Reis.

Levantei-me e lhes indiquei a porta, notando os olhares incrédulos de alguns deles. Segundos depois apenas senti minhas costas contra a parede e notei o olhar matador de Murilo. Mais uma novidade - Murilo Reis também poderia ser assustador.

— Não é uma brincadeira, é uma promessa que vamos te destruir caso faça algo com ela.

— Sim, eu entendi. — Suspirei fundo. — Se tivesse uma irmã e a amasse, com certeza, faria o mesmo. — Afastei-me dele com cuidado. — Agora posso ficar à vontade na minha casa? — dei-lhes um leve aceno e segui para o meu quarto, sem esperar por qualquer adeus.

Eu apenas queria paz, e ficar olhando para rostos que me remetiam a ela, e falavam sobre ela, não estava ajudando em nada. Absolutamente nada. Ouvi a porta da frente ser batida e levei as mãos aos céus. Paz, finalmente algum tipo de paz.

Mesmo que minha mente estivesse borbulhando em torno daquele assunto. Liguei meu computador e peguei meu headset, já pronto para me isolar do mundo. O lado bom de ser um engenheiro de programação era poder esquecer tudo o que não fossem os códigos que estava trabalhando há dias.

Ao menos, por algumas horas, eu poderia me esquecer do quanto Verônica Reis ocupou e ainda ocupava minha mente.

Quando pensei em começar a trabalhar, meu celular tocou e foi quando vi o nome dela no visor. Ótimo! Era tudo o que eu precisava.

— Não é uma boa hora. — falei, mesmo que devesse de fato não ter atendido. — O que precisa, senhora Reis?

— Só para avisar que vou te enviar o calendário de algumas coisas importantes, como o seu terno...

— Sério mesmo que temos que falar disso agora? Essa hora? — indaguei, levando as mãos ao rosto e não podendo evitar um gemido de dor.

— O que houve?

Sua voz estava em outro tom e eu quase ri da sua reação.

— Nada com que tenha que se preocupar. — As palavras saíram como ácido e me sentia um completo imbecil. Por que eu não conseguia apenas ser indiferente? Não que eu tivesse conseguido, algum dia. — Apenas me mande o que é necessário e o farei.

— Não me trate como sua chefe, Alfredo.

— Não me trate como um negócio, então.

Eu deveria ter ficado quieto, mas não consegui. A minha língua parecia apenas maior do que minha boca. O silêncio dela do outro lado da linha me atormentou ainda mais, e sabia que deveria desligar e apenas esquecer aquilo, e engolir meus sentimentos.

— Esqueça isso e faça como quiser. — Mudei meu tom e tentei parecer indiferente. — Tenha uma boa noite, Verônica.

— Boa noite, Alfredo.

Ela desfez a ligação e fiquei alguns segundos apenas encarando seu nome. Olhei então para o meu computador e sabia que seria difícil me concentrar e terminar aquele trabalho, por mais que quisesse. Minha mente não estava ali, e era algo que sabia que tinha que evitar. Por isso a evitava. Porque ela tinha todo aquele poder sobre mim e agora ele ficava ainda mais aparente.



“Tempo, tempo místico

Me rasgando, depois me curando bem

Havia pistas que eu não vi?” [\[18\]](#)

VERÔNICA

O que ela pensaria sobre isso?

Aos trinta e oito anos, aquela pergunta se passava por minha mente todos os dias. E todos eles, eu tentava chegar em uma resposta que não fosse ruim.

Ela teria orgulho disso?

Olhei para o meu reflexo e suspirei fundo, passando o batom de um vermelho fechado. Ela, com toda certeza, adoraria aquela cor. Era até mesmo parecido com o que ela usava. Caminhei até o velho porta-joias, que sempre permanecia intocado, mas eu prometi que o usaria no dia do meu casamento.

Se ela estivesse ali, com toda certeza, faria questão de colocá-lo em mim.

Abri a tampa e encarei o medalhão que tinha o nome da nossa família e o brasão que apenas Regina Reis poderia ter definido - o de um dragão. Sorri, porque ela me ensinou a acreditar no que não existia, para poder suportar o que de fato existia. Abri-o e encontrei ali a foto rara de nós cinco.

Eu, meus pais, minha madrinha e minha avó... Regina. A que fez de tudo o que podia e não podia para que eu estivesse exatamente ali. Coloquei-os em torno do meu pescoço, que ficaria sobre o conjunto branco. Fechei meu terno e me encarei levemente no espelho. Eu sabia das perguntas e questões que rondavam a mente de todos. Sabia anda mais que aquele passo não era algo

que algum deles poderia entender. Não da minha percepção.

Ouvi leves batidas na porta, e disse um simples “entre”. Notei Tadeu adentrar o ambiente, claramente pisando em ovos. Odiava vê-lo de tal forma, como se buscasse alguma rachadura em mim. Por mais que soubesse que ele gostaria de poder cuidar. Eu não sabia permitir tal coisa. Eu aprendi que não podia.

Não com eles.

Mas sempre por eles.

— Eu sei que todos nós perguntamos e tivemos a mesma resposta — falou, e aproximou-se, até sua mão parar em meu colar, ajeitando-o levemente. Olhei para os olhos tão parecidos com os meus, que às vezes, pareciam um leve reflexo. E me machucava não o ter protegido o tanto quanto poderia. — Eu pensei nesse pouco tempo que tivemos, desde que soubemos que assinou o contrato e Verô... Se for o que eu realmente penso, o que eu sinto que é, eu quero que seja feliz. Estou grato por pensar em você, apenas me você, pela primeira vez.

Suspirei fundo, e não tinha uma resposta para aquilo. Na verdade, não esperava que Tadeu se abrisse daquela forma.

Apenas toquei levemente sua testa, e notei o quão mais alto ele já era, mesmo eu estando em meus saltos mais altos. Ele cresceu tanto... Todos eles. Ouvi o leve barulho da porta e quando toquei levemente com os dedos indicador e médio contra sua testa, ouvi os resmungos dos outros.

Meus irmãos.

Meus...

— Ele disse que ia ser rapidinho e eu já estou infartando. — Carolina dramatizou, agarrada ao ombro de Murilo, que sorria da cena.

— Ela está com ciúmes, você sabe — ele falou, e logo todos se aproximaram.

— Quem aqui não está? — Igor indagou, com uma carranca enorme no rosto. — Um estranho vai se tornar o esposo da Verô, e que... Merda!

— Pelo menos já demos os socos e ameaças suficientes.

Olhei de relance para Murilo e depois para Tadeu, que apenas manteve sua expressão neutra.

— Realmente ameaçaram e bateram em Alfredo? — indaguei, não surpresa por aquilo.

— Se ele te machucar, pode ser pior — Carolina falou séria, e olhei todos. — Não estamos brincando, se ele...

— É um casamento de contrato, quantas vezes tenho que lembrar? — perguntei, e era como se o olhar de cada um ali, me mostrasse que eles não comprariam aquilo. — Não há como alguém me machucar, e vocês sabem.

— Você é nossa super-heroína, você sabe. — Murilo se adiantou. — Mas ainda é humana, Verô.

— Não corro riscos nesse casamento e é exatamente por isso que estou nele.

E não era a primeira vez que mentia para eles. Contudo era a primeira vez que o fazia, não para o bem

deles, mas para o meu próprio bem. Eu precisava acreditar naquela mentira, para que tudo desse certo. Até o fim daquele contrato, que tudo corresse como deveria ser.



“E agora está riscado em vermelho
Mas ainda não consigo esquecer, mesmo se eu quisesse
E isso me deixa louco
Acho que estou ouvindo seu nome, onde quer que eu vá” [\[19\]](#)

ALFREDO

— Não é como se estivesse indo para forca. — Abi falou, claramente tirando com a minha cara, enquanto ajeitava minha gravata. — Aliás, ela escolheu um terno sob medida, sem você ter que experimentar? — indagou, sugestivamente, e me fez revirar os olhos.

Por que eu não podia simplesmente fechar a boca da minha melhor amiga com superbonder?

— Ela me fez ir experimentar o bendito terno. — falei, dando um tapinha na mão de Abi que começou a tremer enquanto ria.

— Então temos uma pessoa que consegue mandar em você? — debochou, e eu queria esganá-la. Intimidade realmente era um problema.

— Quem tá mandando em quem?

— Nero que está... — levei minha mão à boca de Abi, que gargalhou alto, e seu marido nos encarou como se tentando juntar os pontos. Abigail deu uma mordida na minha mão e me afastei.

— Será que tem a ver com a Reis mor no final do corredor que parece pisar na cabeça de quem queira? — meu cunhado tinha tirado intimidade e eu não sabia de onde, mas queria esganá-lo também.

— Vocês não têm uma filha para cuidar? — indaguei, enquanto ela ria indo até ele. — Preciso só achar meus óculos e estou indo.

— Parece até que você é a noiva. — Abi provocou e eu fui empurrando-os para fora. Ouvi Bruno reclamar, querendo saber mais, e os ignorei, batendo a porta de um quarto até então desconhecido para mim, mas que ficava na Mansão Reis.

Quem diria que algum dia eu colocaria meus pés ali?

E mais do que aquilo, eu estava ali para me casar com ela. Com Verônica Reis.

— Isso nem é tão bom! — reclamei para meus primos, que pareciam ensandecidos pelo café à sua frente. — Prefiro do interior.

— Tudo do interior é melhor... — Lucas debochou, e eu revirei os olhos.

Dei de ombros, sem discordar. Aos dezesseis anos, tudo o que queria era meu quarto, meu computador e música ao redor. Não estar ali na capital com primos que claramente apenas me suportavam, ou não tinham nada melhor para fazer em um sábado, eu um café que com certeza não tinha nada que eu gostava de fato de comer.

Abi ia gargalhar da minha cara, com certeza.

*— Eu duvido ter algo assim no seu interior... —
bateu o copo de café na minha frente, e eu me neguei a
experimentar. — Vamos lá, Nero!*

*Se havia algum momento em que eu detestava o
meu apelido, era quando eles o usavam, como se
tivessem algum tipo de intimidade. Eu não os detestava,
não como o restante da família, mas era muito longe de
amor ou algo fraternal.*

— Bebe logo, porra!

*Tomás bateu com a mão no copo, que apenas se
espatifou sobre minha camiseta preta. Felicitações a mim
mesmo por ter optado por ela e não a branca. E mesmo
lançando um olhar de ódio para os dois adolescentes
iguais a mim, que pareciam querer correr, felizmente, o
café era gelado.*

*— Me deixem em paz. — falei, levantando-me e
bufando.*

*Rumei em direção ao banheiro em que estive mais
cedo, e meu olhar parou um segundo, quando notei que a*

porta agora tinha um aviso.

— Droga! — reclamei baixinho, e no exato segundo ouvi a porta do banheiro ao lado ser aberta.

Meu olhar percorreu de saltos altos que quase a faziam estar na minha altura, e ela não parecia baixa, até os cabelos castanho-escuros curtos. Ela falava com alguém ao telefone, e quando se virou um pouco, pude ter vislumbre do olhar castanho-escuro tão profundo, que fiquei estático.

Senti minhas bochechas pegarem fogo, e queria poder evitar tal reação do meu corpo a uma mulher. Mas não, não com aquela. Ela era tão linda, que me deixou completamente sem fôlego.

Ela me olhou rapidamente, franzindo o cenho, e logo mexeu em algo na bolsa, estendendo-me uma caixinha.

— Vai ajudar.

Falou simplesmente, e nem sequer me esperou agradecer. Seus saltos bateram contra o piso de madeira, e sabia que ela se afastava. Foi quando a realidade me

atingiu. Não importava que eu fosse mais alto, as tatuagens ou a barba, ela nunca consideraria me olhar, ainda mais com a roupa toda suja de café. Vi-me seguindo com o olhar, e logo ela apareceu do lado de fora da vitrine transparente, falando ao telefone.

Ela, com toda certeza, era uma mulher que deixaria qualquer um de joelhos. E me via torcendo, para que pudesse vê-la outra vez, e quem sabe, passar uma impressão melhor.

— Está pronto?

Sua voz me tirou das lembranças, e pisquei algumas vezes, antes de encará-la em um conjunto branco que a deixava ainda mais imponente do que quando a vi pela primeira vez, há tantos anos. Que eu tinha certeza, ela não tinha ideia de que era eu naquela cafeteria. Mas eu sabia que era ela, pela tatuagem exposta de borboleta no ombro.

Sempre soube quem era ela, antes mesmo de ter noção do que Verônica Reis significava.



“Dizendo: É um erro

Bebendo e jogando os meus problemas fora

Mais uma taça de champanhe

E você sabe” [\[20\]](#)

VERÔNICA

Talvez nenhum de nós de fato estivesse pronto.

— Verônica Regina Reis, aceita esse homem como seu legítimo esposo? Para amá...

Dei um leve olhar para o juiz de paz, que sorriu amarelo e apenas se calou. Assenti simplesmente, e

então encarei Alfredo, que parecia estar sufocando dentro do terno que escolhi. Se não o escolhesse, não me surpreenderia se o usasse como desculpa para não estar ali.

Uma coisa que ele pareceu finalmente aprender sobre mim, era que eu tinha controle daquilo que me interessava. Mesmo sendo apenas um acordo, eu tinha os olhos e ouvidos em cada detalhe daquele dia. E em cada escolha que teríamos que partilhar a partir daquele “sim”.

— Alfredo Nunes Lopes, aceita essa mulher como sua legítima esposa?

Notei o leve avermelhado em suas orelhas, mas o seu rosto permanecia intacto. Ele apenas respirou fundo e assentiu, deixando um “sim” quase inexistente sair de sua boca. Sentia o olhar e tensão de todos à nossa volta, e queria não ter que estar em tal cerimônia, contudo, sabia das consequências de uma Reis não estar se casando à frente de muitas testemunhas.

Apenas fomos assinar o que era necessário, e as testemunhas escolhidas pela gente, fizeram o mesmo. Não esperava por parabenizações ou algo parecido, a não

ser da mãe de Alfredo, que parecia estar no céu. Contudo, quando estava apenas descendo do altar improvisado, ali mesmo no jardim de casa, senti um leve toque em meu braço.

Virei-me, para encontrar Abigail Alencar Torres – a melhor amiga de Alfredo.

Nunca consegui compreender como eles não se envolveram. No caso, não acreditava realmente que aquilo nunca havia acontecido. Eles pareciam ser o conjunto perfeito de dois.

— Eu só queria um minuto — pediu, e assenti, enquanto ela já se encaminhava para perto da parte da entrada de trás da Mansão Reis. — Não tive tempo para falar com você antes, e... Eu só queria pedir para que cuidasse bem dele. — Olhei-a surpresa, e ela permanecia com a mão sobre meu braço. — Ele é precioso, Verônica. Ele dá tudo de si por quem ama e... Sabe o quanto isso é raro, não é?

— Sabemos que é um casamento por contrato, Abigail.

— Abi. — Corrigiu-me, e ela não tinha um sorriso, mas seu rosto era leve. — Eu sei que é por contrato, mas quem disse que a gente controla quem ama?

— Se eu prometer que vou cuidar dele, podemos não falar mais sobre isso?

Ela riu levemente e assentiu.

— Gosto do seu jeito direto e honesto. — Afastou seu toque e pareceu pensar. — Aliás, tem alguém que aprendeu a chamar por você.

Não entendi o que ela dizia, até Bruno Torres se aproximar, com a filha deles nos braços – Primavera. A garotinha deveria já ter quase três anos, e era uma mistura de cores nas roupas, com os cabelos negros e bochechas redondas.

— Velô! — falou, e abriu os braços em minha direção, fazendo o pai lhe firmar no colo.

— Velô e Nelo são as palavras que ela mais disse nos últimos minutos — Bruno comentou, no seu jeito casual e leve de sempre. — Parabéns pelo casamento, rainha Mor.

— Rainha Mor? — indaguei, e ele pareceu ser pego sem querer.

— Quer segurá-la? — perguntou, parecendo disfarçar por completo, e apenas abri os braços, recebendo Primavera neles.

— Oi, Prim. — sussurrei para a pequena, que pareceu vidrada no medalhão. — Bonito, não é?

— Biito, tia Velô.

— Por que todo mundo quer a tia Verô para si? — ouvi o resmungo de Daniela, que vinha com Jasmine ao lado, que já ria da cara dela. — Eu era a única sobrinha esses dias mesmo... — ri do seu ciúme, e levei a mão livre até seus cabelos, fazendo um leve carinho.

— Sabe como é, né: Verô só para baixinhos.

— Nossa, Igor! — Lisa rebateu meu irmão, que parecia estar menos tenso, finalmente, após a cerimônia. — Essa é ruim até para você!

— Esse mundo não me merece, essa é a realidade... — piscou, com o filho no colo que também fazia sinal de querer vir comigo. — Vai dizer que estou errado?

— Vou ter que concordar com o Reis. — Bruno se manifestou, e por um milagre, eles pareciam estar de acordo em algo.

Meu olhar varreu para além dali, e encontrei Alfredo ainda parado perto dos papéis que assinamos, falando algo com a mãe. Logo ele se afastou, e vi-o caminhar para o lado oposto de todos nós. Uma das mãos na gravata, já a tirando, e não tinha ideia para onde ele iria.

— Vou ver o que houve — falei, e beijei a cabeça de Primavera, entregando-a para Abigail, que pareceu ter notado o mesmo que eu.

Ela assentiu, como se entendesse que aquela era eu cumprindo parte da promessa que fiz. Mal sabia ela da realidade.

Segui na direção em que vi Alfredo desaparecer minutos antes, e quando cheguei à frente de casa, encontrei-o parado há alguns passos dali, conversando com a pessoa que eu sabia que não poderia faltar à cerimônia – Roberto Reis.

— Eu realmente não sei a localiza...

— Viu com os próprios olhos e não ficou satisfeito, Roberto?

O homem mais velho mudou a expressão assim que me escutou, e caminhei para perto de Alfredo, levando uma das mãos até seu ombro, para afastá-lo delicadamente do homem à nossa frente.

— Uma cerimônia pior que a de Rodinei, que nem existiu — comentou, e dei de ombros, sem paciência para o que fosse. — Quando Reinaldo me contou, fiquei surpreso. Não imaginei que a herdeira de Regina teria alguma chance de encontrar alguém, ainda mais, por contrato... Contra tudo o que a minha mãe ensinou, não é?

— Não fale o nome *deles*. — Entrei na frente de Alfredo por completo.

— Não tenho medo de você como Reinaldo. — Dei um passo à frente, ficando bem perto. — Eu posso te destruir, se quiser.

— Eu sei que quer, por que nunca o fez?

Ele levantou a mão para tentar me alcançar, como se eu ainda fosse a mesma Verônica criança, que poderia ser atingida. A questão era que Roberto não tinha ideia do quanto tudo se modificou, nos anos que ficou fora dali. Sabia que estava pela Europa e com certeza, o dinheiro que ainda lhe restava acabou, e agora, ele apareceria novamente.

Era o time perfeito para ir ao casamento da sobrinha que detestava e sempre quis tomar o lugar.

Antes que eu pudesse evitar o toque de Roberto e derrubá-lo, senti outro corpo, bem maior, passar à minha frente, e empurrar o homem. Fiquei por alguns segundos tentando entender a reação de Alfredo.

— Ficou louco, porra?!

A voz um tom maior, e mais grossa que o normal. Roberto se desequilibrou e cairia se não fosse pelo próprio Alfredo o segurar.

— Se insinuar algo assim novamente, te deixo desmanchar no chão.

— Quem você pensa que é? O garoto da vez dela?
— ele indagou e notei o aperto de Alfredo aumentar contra o braço dele. — Ela só usa quem quer, e depois descarta. Devia ter ao menos um neurônio, Lopes.

Vi-me levando a mão até a de Alfredo, que segurava Roberto. Apertei levemente e lhe entreguei um olhar que ele leria facilmente: apenas deixe. Ele soltou o homem mais velho do aperto e então, esperei dois segundos para que o outro se estabilizasse, e o encarei.

— Tenha piedade de si e vá embora — falei, e notei meus seguranças que estavam a postos ali perto, como sempre. — Só está aqui, porque eu permiti que estivesse. Não se esqueça quem realmente sabe das coisas.

— Ainda vai cair do seu pedestal e levar a sua corja junto.

— Se eu for pro inferno, te levo comigo, não se preocupe — sussurrei e lhe dei as costas. Levei minha mão até a de Alfredo e o trouxe comigo até a frente de casa novamente. De canto de olho, vi os seguranças praticamente escoltarem Roberto para fora dali. — Nunca mais faça isso! — falei, assim que encarei o homem mais

novo à minha frente, e agora, meu marido. — Nunca mais se aproxime assim de Roberto!

— Ele ia te machucar, eu...

— Não preciso ser protegida, Alfredo — falei, e senti seu olhar pesar sobre o meu, como se tivesse mais a dizer.

— Não precisa de nada, não é, Verônica?

Foi então que senti sua mão tocando a minha e notei que ainda o segurava, e então ele se afastou. E na minha mente, guardava que era melhor assim, mesmo que estivesse tudo completamente errado.



“E talvez eu não saiba exatamente o que dizer

Mas eu estou aqui na sua porta

Eu só queria que você soubesse que essa sou eu tentando...” [\[21\]](#)

VERÔNICA

— Por que mesmo Nero tem que morar aqui? — Igor indagou, com um bico nos lábios, que quase me fez rir.

— Você não tem sua própria casa? — rebati, e ele cruzou os braços, como se fosse ficar ali a noite toda.

— Deixa sua irmã em paz, garoto. — Lisa adentrou meu escritório, com Theo no colo. — Já está na hora de a

gente ir, ou esqueceu que prometemos dormir na casa da vó do Theo?

Ele pareceu cair em si, e resmungou baixinho.

— Para de se preocupar. — Murilo quem falou, levantando-se do sofá e encarando-me. — Verônica, melhor do que ninguém, sabe o que está fazendo.

— Ela ia fazer o que também? Se mudar para a casa do Nero no interior, sendo que a gente sabe que Verô ama essa casa. — Carolina se manifestou, e eles discutiam entre si, como se eu não estivesse ali.

Apenas fiquei sentada, deixando-os divagar.

— Eles não precisavam morar...

— Igor, chega! — Tadeu foi quem falou, respirando fundo, e levantando-se do sofá, no qual estava jogado com o filho em seu colo. — Estamos na cabeça da Verô há semanas, e isso não mudou nada. Será que podemos só deixar ela?

— E ela está os ignorando como boa dona da porra toda que é. — Valéria comentou, ao adentrar o escritório, acompanhada do irmão mais novo, que tinha um leve

sorriso no rosto. — Será que podem aceitar que sua irmã se casou, por favor?

— Se fosse de verdade, eu acho que não estaríamos assim.

Virei meu olhar para Igor, que era claramente o mais ciumento de todos em relação a mim. Sabia que ele não fazia por mal, e sabia também o quanto era cauteloso comigo.

— Ei! — chamei-o, ele se aproximou, contornando minha mesa. Levantei-me e toquei sua testa com carinho, o dedo médio e indicador. Ele abriu um sorriso, claramente a contragosto. — Sabe que não aceito a preocupação de nenhum de vocês.

— Não os faz menos preocupados. — Oli comentou, desviando o olhar do livro que parecia compenetrada até segundos atrás. Nunca imaginei que ter um escritório grande como aquele, serviria para a minha família de cinco que se tornara de muito mais. — Mas eu vou rebocar o que posso, para a sua paz. — Piscou um olho, e vi-a puxar Murilo consigo, que apenas deu um leve sorriso antes de saírem.

Leves batidas na porta me fizeram levantar o olhar, e foi quando vi Jasmine adentrar o ambiente em rápidos passos, enquanto o seu pai parecia completamente deslocado, parado do lado de fora.

— A gente já vai indo, tia — falou, abraçando-me e fiz um leve carinho nos seus cabelos. — Papai disse que vai levar a tia Barbie para te deixar livre.

— Você disse o que, Franco?

A pergunta quase gritada de Carolina me fez quase gargalhar, enquanto via o homem adentrar um ambiente com um claro pedido de desculpas no olhar.

— Pode levá-las nas costas, se precisar.

— Verônica! — ela falou inconformada, mas veio até mim, dando-me um forte abraço, antes de se virar para sair. — Me liga, sério!

— Vocês todos... — olhei para cada um dos meus irmãos que ainda estavam ali. — Fora, antes que eu expulse vocês.

— Já está nos expulsando! — Igor reclamou, mas aceitou quando Tadeu o puxou para fora.

Acompanhei-os até a sala principal, e notei as discussões baixinhas e reclamações. Não era como se seu não os quisesse ali, mas honestamente, sabia que eles apenas queriam ficar ali por estarem preocupados. O que eles pensavam que Alfredo poderia fazer?

— Agora está em boas mãos. — Ouvi a voz de Abigail, parada na porta de entrada. Ela apenas esbarrou em Alfredo, que tinha um semblante neutro. — Podemos nos ver amanhã, certo? Claro se tiver alguma disposição...

— Eu vou fingir que não ouvi isso. — Igor falou, saindo pela porta, e apenas assisti a cena, sem querer me intrometer.

— Espero te ver em breve, Verônica. — comentou, com Primavera em seu colo, e a pequena sorriu para mim. — Fala tchau para a tia Verô, pequena.

— Tchau, tia Velô! — falou, mexendo as mãozinhas e virando para Alfredo. — Tchau, padinho!

Se eu tinha um ponto fraco, com toda certeza, era a inocência e fofura de crianças. Eu queria pegar Primavera e enchê-la de beijos ali mesmo.

— Tchau, pequeninha. — A voz de Alfredo finalmente voltou a aparecer, desde aquele momento em que nos desentendemos à frente da casa. A realidade era que se ele me deixasse tempo para responder, com toda certeza, não gostaria da resposta.

Eu me criei de tal forma - para nunca precisar de nada de ninguém, a não ser que fosse um acordo.

Em poucos minutos, vi todos saírem e quando fechei a porta atrás de mim, encontrei Alfredo parado no mesmo lugar, como se não soubesse o que fazer. A aliança brilhava em seu dedo anelar esquerdo e sabia que o peso dela, poderia ser muito maior do que a realidade.

Eu ainda queria entender o porquê de ele estar naquele casamento. Era uma pergunta para a qual não encontrara respostas.

— A casa é sua. — Quebrei o silêncio, e ele sequer me encarou. — Acho que preciso te apresentar aos outros moradores.

Fui em direção às escadas e caminhei até o meu quarto. Com toda certeza, eles todos estariam ali.

Pareciam detestar ficar nas outras alas da mansão, mesmo que fossem muito grandes. Desde que meus irmãos se mudaram, eles pareceram começar a explorar mais, contudo, ficar dormindo na minha cama parecia bem mais interessante para os três.

Senti passos às minhas costas, e foi quando abri a porta.

Dei de cara já com uma bolinha de pelos pretos.

— Tenho alguém para conhecerem — comentei e chamei os outros dois, que deveriam ou estar sobre algo, ou na cama apagados. — Esse é o Gara.

Acendi as luzes, e tentei encontrar os outros dois, mas com toda certeza, deveriam ter partido do corredor que tinha do meu quarto para o meu escritório, e ficado por lá. E realmente, estava exausta para procurá-los.

— Deve conhecer os outros dois amanhã — comentei, ao sentir Gara em minhas pernas.

Sentei-me na beira da cama e tirei os saltos. Gara pulou na cama, e veio até meu colo, carinhoso como sempre era.

— Eles estranham meus irmãos desde sempre — avisei, e notei Alfredo parado próximo à porta.

— Por isso perguntou se tenho problema com gatos, aquele dia...

Assenti levemente.

— Se eu tivesse? — indagou, parecendo mais corajoso do que minutos antes.

— Te colocaria para dormir do outro lado da casa e bem longe deles — afirmei, e ele pareceu ligeiramente surpreendido. — Depois vamos achar seus irmãos — falei para Gara, acariciando sua cabeça.

Coloquei meus pés descalços no chão e agradeci aos céus pela madeira sob meus pés. Levantei-me e fui até onde Alfredo ainda estava parado, já sem a gravata e o terno de cor clara. Ainda assim, parecia um cara que acabou de se casar. No caso, com a mulher que não amava.

— Vou te mostrar o seu quarto.

Passei por ele, esbarrando levemente em seu corpo, por ele ser muito grande. Senti aquela mesma sensação

de semanas atrás, e a enterrei. Ainda precisava colocar a cabeça no lugar e descobrir o que fazer sobre. Não poderia simplesmente agir por impulso. Não como fiz antes.

Andei até o quarto que ficava à frente do meu, e o abri.

Por muito tempo ele apenas serviu de mais um quarto de hóspedes, e era um dos poucos que ficavam na divisão que eu tinha criado para a ala da casa que era apenas minha. Quanto mais velha eu ficava, mais eu prezava pelo meu espaço pessoal. Ao menos, dentro daquele canto que era meu.

— Mandei colocarem tudo novo — falei, cruzando os braços após acender as luzes. — Se não gostar de algo, só me dizer.

— Eu acho que... obrigado — comentou simplesmente, após adentrar o ambiente.

— Sua mãe me mandou algumas coisas suas, mas deixei nas malas que chegaram.

Ele franziu o cenho, como se não estivesse entendendo.

— Imaginei que não seriam de fato suas, e caso queira que sejam doadas, só me dizer — assentiu levemente.

— Como te disse, vou trazer minhas coisas, aos poucos... — assenti, lembrando-me de nossa conversa. — E também, só o necessário por esse tempo... Um ano, certo?

— Um ano e vai poder voltar para onde quiser, tenha certeza.

Ele abriu a boca para dizer algo, mas se calou em seguida.

— Vou te deixar à vontade, para fazer o que quiser — falei e dei um leve acenar de cabeça. — Qualquer coisa, estarei no meu quarto ou pode me ligar.

— Certo.

Apenas me vi saindo dali, e era pesada a tensão que carregava junto a distância que se formava entre nós. Em meio a tudo aquilo, que acontecera, tinha certeza de

que aquele não era o cenário que nenhum de nós imaginou ao se casar.

Não o todo.



“Eu quero que você saiba
Eu sou um globo espelhado
Eu posso mudar tudo em mim para me encaixar
Você não é como os outros
Os brincalhões de máscaras
Bêbados enquanto observam
minhas bordas estilhaçadas brilharem...” [\[22\]](#)

VERÔNICA

Meu olhar varreu toda a extensão daquela festa e parou exatamente em uns óculos de grau pretos e de armação grossa. Olhos azuis sob eles, que não escondiam

o descontentamento claro de estar ali. Levei a taça de champanhe à boca e caminhei na direção, notando-o corar por completo assim que uma mulher parou à sua frente. Reconheci-a, mas não ele.

Se passava por minha mente, por que eu estava tão intrigada em saber quem era ele?

Senti vários corpinhos quentes ao meu redor, despertando-me aos poucos. Lambidas em meu cabelo, que só poderia ser Zuko, e outras duas bolas de pelo brigando pela minha barriga - Mikasa e Gara. Abri os olhos, sem acreditar que apaguei de fato, e que ainda, lembranças foram parte dos meus sonhos. Levantei-me com cuidado, enquanto os gatos se espalhavam pela cama, e me espreguicei.

Já estava em meu pijama e realmente cansada.

Olhei de relance para a aliança dourada em meu dedo anelar esquerdo, e suspirei fundo. Levantei-me porque estava com fome, e rumei em direção ao quarto de Alfredo. Bati levemente na porta, esperando uma resposta, mas nada. Ou ele estava dormindo ou estava em alguma outra parte da casa. Segui então para o andar

debaixo, pisando leve com meus pés dentro de uma pantufa, e da forma silenciosa que era acostumada a estar devido a ter dividido tantos anos uma casa com várias pessoas.

Assim que cheguei próxima à cozinha, notei uma luz acesa, e me indaguei como Alfredo chegou ali em toda aquela escuridão. No segundo que adentrei o ambiente, não o encontrei, e foi quando vi a porta de trás aberta, que dava para os jardins, onde nos casamos naquela tarde.

Encontrei-o encostado contra um pilar, olhando para o nada, e usando apenas uma calça de moletom. Olhei-o dali, e ele continuava tão bonito quanto nas minhas lembranças. Suspirei fundo e arranhei a garganta, vendo-o dar um pulo no lugar e levar a mão ao peito.

De repente, Alfredo parecia apenas um garotinho assustado.

— Puta merda! — bradou baixo, respirando fundo, como se tentando se recuperar.

— Desculpe pelo susto — falei, e fechei o robe que até então estava aberto sobre o meu corpo.

— Eu quase morri do coração, Jesus! — suspirou fundo e se escorou melhor no pilar. — Eu odeio levar sustos, não tem ideia.

— Eu odeio surpresas também, de todos os tipos, o que inclui, sustos — comentei e seu olhar desviou do meu. — O que foi?

— Uma hora me trata como se fosse seu inimigo, e na outra... — suspirou fundo. — Eu não consigo entender nada sobre você, Verônica. Para ser honesto, não entendi até agora porque seguiu esse contrato.

— Nem eu sei os seus motivos, e mesmo assim, não te indaguei uma terceira vez sobre.

Ele então encarava o chão, como se sem saber o que dizer, ou completamente perdido ali. E por um segundo, me atingiu a sensação que ele tinha. Ele estava num lugar estranho, com uma quase completa estranha, e casado com ela.

— Eu tenho muitos inimigos, Alfredo — falei, e finalmente seu olhar voltou para o meu. — Sei muito bem que pode me detestar, mas não é um deles.

— Por que sempre é tão boa com as palavras? — indagou, e pareceu preso em seus pensamentos por alguns segundos. O olhar tão profundo no meu, que era como se ele realmente pudesse me ler. Contudo, sabia que não o fazia. Ninguém o fazia.

— Eu leio muito — comentei simplesmente, e ele piscou algumas vezes, como que surpreso. — Não tenho cara de quem lê?

— Na verdade... — seu olhar percorreu todo meu rosto, passando pelo robe de seda preta fechado, e por um segundo foi como se ele estivesse fazendo o mesmo que eu, relembrando o corpo do outro ao me encarar.

Não pense sobre isso!

Não pense sobre o homem que foi a melhor transa da sua vida.

Porque ao menos, em pensamento, eu poderia admitir tal coisa.

— Tem cara de que lê muito. — Sua voz me fez sair dos pensamentos, e do meu olhar preso ao seu torso nu todo tatuado, e voltei para o seu olhar. — Só não consigo apostar o quê.

— Mangás. — comentei casualmente, notei seu olhar se arregalar e segurei uma risada, pois ele parecia genuinamente surpreso e empolgado. — Reconheço a sua tatuagem... — apontei com a cabeça em direção ao lado do seu peito esquerdo que tinha o símbolo da Tropa de Exploração. — É o meu anime favorito nos últimos anos.

— Tirando o final? — perguntou cauteloso, e notei parte da sua armadura descer, como se estivesse à vontade comigo. Aquela era a segunda vez que o via de tal forma comigo. A outra, era bom não lembrar naquele instante.

— Tirando parte do final — respondi e notei o brilho nos seus olhos. Queria ficar ali e falar com ele. Queria ficar ali e escutar suas teorias, e poder compartilhar as minhas. Contudo, ainda me travava. Bem ali, no lugar que cresci e que fui criada. Bem ali, tão exposta a alguém. Bem ali, eu não sabia como deixar a minha armadura

descer. — Tenho que acordar cedo amanhã. — Respirei fundo e acenei com a cabeça para ele. — Tenha uma boa noite, e se sinta em casa, Alfredo.

Ele assentiu levemente, e diferente do que esperei, não parecia chateado por ter interrompido o começo de uma real conversa entre nós. Se ele soubesse...

Dei-lhe as costas e segui para dentro de casa. Assim que dei o terceiro passo, senti-o me chamar. Parei e apenas o encarei sobre o ombro.

— Durma bem.

Não pude evitar um leve sorriso em meu rosto, quando voltei a andar e até chegar ao meu quarto. Ele estava ali. Ele estava na minha casa. Ele estava há algumas portas de mim.

Mas meu sorriso morreu quando recordei que eu não conseguia. Não naquele momento. Não com o meu coração em jogo. A questão era: quando eu conseguiria?



“Isso não é para o melhor
Minha reputação nunca esteve pior, então
Você deve gostar de mim por quem eu sou
Não podemos fazer
nenhuma promessa agora, podemos, querido?
Mas você pode me preparar uma bebida...” [\[23\]](#)

ALFREDO

Segundo o que a própria Verônica me dissera, ela tinha alguns empregados. Eram pontuais e em dias específicos, e pelo que sabia, não estariam no final de

semana. No caso, a gente se casou em uma sexta à tarde, o que bateu com o prazo que ela dera. Era sempre assim? Ela decidia e tudo acontecia?

Aquela mulher não sabia, mas aquilo me atraía por completo nela. Até mesmo, pelo fato de querer quebrar seu poder, em um momento específico.

— Chupa — ordenei, colocando três dedos em seus lábios, e ela o fez, sem sequer hesitar. Seus olhos castanhos presos aos meus, tão rendida sob o meu corpo, de costas para mim, que eu poderia me ajoelhar para aquela mulher e fazer dela o meu altar.

— Bom dia.

— Puta merda!

Senti apenas o líquido frio cair sobre mim mesmo, e odiei que por alguns segundos, me esqueci de que estava com a geladeira aberta, e uma garrafa de água na mão.

Minha camiseta branca estava completamente arruinada, e praguejei por ser tão assustado daquela forma. Senti parte do meu corpo queimar, e sabia que seu olhar estava sobre mim.

— Isso me lembra de quando te conheci.

Arregalei os olhos, e ela estava confortavelmente andando até um dos armários e me entregando um pano. Já vestida perfeitamente em um vestido e blazer, e botas de salto nos pés. Ela parecia tão perfeita naquela pose de CEO intocável, que fiquei tentando entender, como diabos ela se lembrava de mim?

Como ela lembraria de um garoto todo sujo de café à frente da porta do banheiro, para quem ela estendeu uma caixa de lenços, sem sequer encarar?

— Quer um chá? — indagou simplesmente, e eu neguei, pensando se tirava aquela camiseta ou não.

No caso, o que eu teria a perder? Ela já tinha visto muito mais do que o meu torso, e segundo ela, eu poderia ficar à vontade. Retirei a camiseta molhada, e notei por um segundo seu olhar pousar sobre meu peito exposto.

Talvez ela ainda pensasse na nossa noite?

— Prefiro apenas água — falei simplesmente, encarando com uma careta a garrafa de água que quase

virou inteira sobre mim. — O que te lembrou de quando nos conhecemos?

— Isso. — Apontou para a camiseta em minhas mãos, enquanto pegava uma caneca, e depositava sobre a bancada. — Atropelou um dos garçons na festa e virou todo o champanhe em si, basicamente. Uma ótima estratégia para fugir de uma festa de negócios, admito. A não ser que foi apenas algo como hoje.

Sorri amarelo, tendo a certeza de que ela não se lembrava mesmo de quando nos vimos pela primeira vez. Como ela poderia, certo?

— Vou pegar outra camiseta, pra começar o dia...

Um miado alto me fez pausar e então encontrei duas bolas de pelos felinas, diferentes da noite anterior.

— Eles estão desbravando a casa, finalmente. — Verônica falou, enquanto eu me abaixava, e cautelosamente tentava passar as mãos na rajada de três cores. — Essa é Mikasa.

Ri abertamente pelo nome, e não pude evitar trocar um leve olhar com Verônica, que parecia completamente

leve. Diferente do habitual. Ela parecia apenas ela, ali, me apresentando seus gatos.

— E o que está tentando roubar sua camiseta... — apontou para o cinza, que já mordida o tecido. — Esse é o Zuko.

— Vou encontrar Hange ou Levi por aqui também?

— Talvez um dia. — Deu de ombros. — Já tive Itachi e Sasuke, mas os adotei já bem velhinhos, e não poderá conhecê-los.

— Sinto muito — falei, ainda fazendo carinhos em Mikasa. — Eu já tive uma gatinha, ela também levava um nome de um dos mangás favoritos.

Dei uma breve atenção aos gatos, ainda tendo todo o ambiente em silêncio. Ouvi Verônica falar algo com a Alexa, e logo uma música começar a tocar.

Surpreendido era como me sentia, ao ouvir a voz de PSY tocar ao redor, uma música que recentemente ele lançou. Dei um breve olhar para Verônica, que agora estava encostada contra um dos armários, bebendo

calmamente seu chá. Aquela mulher não era só um enigma, ela era uma caixinha de surpresas.

— Assim que terminar meu chá, se estiver livre, vou te mostrar um dos quartos que temos, que pode ser seu escritório...

— Essa casa é realmente grande, né?

Assentiu levemente, focada no chá.

Os gatos foram até ela, Zuko subindo sobre a bancada, e Mikasa passando em suas pernas. Eles claramente, a adoravam. E por um segundo, me peguei pensando, se eu, agachado ali, sem camisa e observando-a apenas tomar chá, não fazia o mesmo que eles.

— Eu só preciso de um cômodo que tenha alguma vista qualquer, e está ótimo. Essa semana vou trazer o meu pc e outros detalhes, mas por enquanto, meu notebook vai servir.

— Te disse para trazer tudo antes, eu poderia ter providenciado isso.

— Eu só... — suspirei fundo, e levantei-me, tentando encontrar alguma vergonha na cara. Eu conseguia não

corar com ela, contudo, quem diria que eu conseguia me manter são? — Só estava tentando me acostumar com a ideia.

— Não vou fazer desse casamento um inferno, pode ficar tranquilo — falou, e depositou a caneca sobre a bancada. — Cada um de nós tem seus próprios motivos e somos adultos, não tem por que achar que é o fim da sua vida. Ainda é bem jovem, Alfredo.

— Me sinto um velho como me chama pelo meu nome — admiti, e foi quando, surpreendentemente, um sorriso se abriu em sua face.

Verônica Reis estava sorrindo.

Verônica Reis estava sorrindo sobre algo que eu disse.

— É um nome bonito. — falou, logo voltando a sua expressão costumeira.

— Parece que tinha cinquenta anos desde que nasci — resmunguei, seguindo-a para fora da cozinha, e poderia jurar que ela estava sorrindo enquanto estava de costas para mim. Ela estava?

— Algo contra pessoas mais velhas? — perguntou, parando de repente, e meu corpo bateu contra o seu.

Lembranças daquela noite em minha mente...

— Sou apenas oito anos mais novo, qual é. — Revirei os olhos, e ela apenas me afastou com um toque leve do dedo indicador na testa. — Um ótimo jeito de afastar as pessoas, gostei.

— Nunca te vi tão falante quanto agora.

— Nunca vamos falar sobre o que aconteceu naquela noite?

Minha pergunta saiu antes mesmo que eu pudesse processar, e notei a forma como piscou, talvez tentando entender se eu realmente estava falando sobre aquilo.

— Não temos o que falar, ou temos?

— Não pode agir como sonsa, não você — respondi, e a nossa proximidade, só tornava tudo ainda pior. — A gente não se bate, aí a gente transa, aí a gente se casa... Estamos um ano presos um ao outro, Verônica!

— Me diga o que quer, Alfredo — falou, parecendo a Verônica que eu conhecia. Direta e sem rodeios. — Não

tenho tempo para joguinhos.

— Eu odeio joguinhos — pontuei, mas poderia complementar que adoraria qualquer joguinho com ela... Foco, Nero! — Eu...

Batidas na porta me fizeram fechar a boca e passar as mãos nervosamente pelos cabelos. Que cacete!

— Eu preciso ver o que é, mas vai me dizer exatamente o que quer depois que resolver isso.

— Por que parece controlar tudo? Inclusive eu?

— Não posso perder o controle. — Sua admissão me pegou de surpresa. Pensei que ela me ignoraria e apenas iria até a porta. — Se eu perco o controle, tenho que lidar com surpresas. E como te disse, eu odeio surpresas.

— Uma caixinha de surpresas que odeia surpresas...
— ri sem vontade alguma.

— No segundo andar, ala esquerda, as portas da direita, pode escolher as portas de cores brancas. Fique à vontade.

— Ok.

Foi tudo o que consegui dizer, ao vê-la caminhar até a porta de entrada. Queria ser uma mosquinha e bisbilhotar o que acontecia. Poderia até ouvir Abigail me dizendo: para de ser enxerido!

Mas quem conseguia?

Ao menos, não eu. Não quando se tratava de Verônica.



“Longe de casa e dos meus

Só tem você minha paz

Mas eu não sei confiar

Em ninguém, até sei que você me quer bem...” [\[24\]](#)

VERÔNICA

Abri a porta e não me surpreendi ao encontrar Gael ali do outro lado da porta. Ele tinha me deixado uma mensagem de madrugada e sabia que precisava da minha ajuda. Ele era um velho amigo, que tentou se tornar um caso, mas honestamente, Gael e eu éramos

incompatíveis. Dois problemas com P maiúsculo. Existiam certas semelhanças entre nós, principalmente, pela nossa origem.

— Bom dia, Noona^[25]. — falou, e ajeitou a camisa social no corpo. — Estou completamente desacostumado a usar isso.

— Bom, bem-vindo de volta ao jogo.

Abri a porta e ele adentrou o ambiente. Surpreendi-me ao encontrar Alfredo parado no alto da escada, agachado em um degrau, com Gara ao seu lado. Seu olhar parou no de Gael, e eu me vi apenas fechando a porta, e ignorando aquilo.

— Meu escritório — falei, e ele me seguiu, e sequer sabia se deu um leve aceno ou não para Alfredo.

— Isso é ter um casamento por contrato? — perguntou, assim que fechou a porta atrás de si. Apenas me sentei na minha cadeira, e abri o notebook, ignorando sua pergunta. — Eu te disse para casar comigo.

— Eu te disse que isso nunca daria certo.

— Casamentos por contrato têm que dar certo? — indagou, e eu já era acostumada com sua prepotência, e a forma como ele parecia realmente não ligar para o sentimento de quase ninguém. Não daqueles que ele não amava.

— Tentei falar com Talita durante essa semana. — Fiz um sinal com a cabeça, para que ele viesse até meu lado da mesa, e ele o fez. — Ela tem seus motivos, Gael.

— Ela não vai me contar. — comentou, lendo o arquivo que deixei aberto no notebook. — Conseguiu descobrir?

— Sim, mas não vou te falar sobre. — Seu olhar parou no meu, como se incrédulo.

— Ela se tornou sua protegida? — indagou com claro cinismo, e vi-me apenas fechando a tela do notebook. — Nunca entendi a relação forte que tem com os Castilho.

— Vamos mesmo falar sobre o que não entendemos? — ele pareceu pensar e se calou, respirando fundo. — Esse arquivo foi ela quem me passou, com detalhes de como a empresa da família que ela gera está.

— Por que ela simplesmente não me passou isso?

Pareceu indagar para o nada, passando as mãos pelos cabelos pretos lisos, claramente sem entender.

— Quer que eu responda isso?

— Vai me dar uma resposta sincera? — rebateu, e eu dei de ombros, encostando-me contra a cadeira. — Eu já sei que ela me odeia, mas isso é infantil.

— Infantil é humilhar alguém que não tem culpa dos problemas da sua família.

— Noona...

— Não vou compactuar com isso e disse para ela. Só te passei isso porque ela pediu essa ponte, apenas isso. — Fui honesta. — Para mim, quanto mais longe de Talita você ficar, melhor.

— Eu sou tão ruim assim, Noona? — indagou, e mesmo sendo um homem feito, às vezes, Gael apenas voltava a parecer o mesmo garoto tão assustado quanto eu. Nossa diferença de três anos de idade, não parecia tanta, quando o via de tal maneira.

— Está perdido até hoje, Gael. — Novamente fui honesta. — Não sei o que fez durante os anos fora, mas minha intuição aposta em coisas não boas. Ainda mais, por ter conseguido desenterrar o testamento original da sua mãe.

— Todos nós temos coisas das quais nos arrependemos.

— Eu não me arrependo — admiti, e ele me encarou com um sorriso. — Fiz o que era necessário e você devia começar a pensar no que realmente foi.

— É apenas três anos mais velha, mas sempre age como uma irmã muito mais velha.

— Quatro irmãos mais novos. — Dei de ombros, e ele sorriu de lado. — Quero o seu bem, você sabe. Mas quero o bem de Talita também.

— Não vou machucá-la.

— Não é sobre isso — falei, e senti um leve coçar em meus olhos.

— Um cílio, espera! — comentou, e senti seus dedos tocarem meus olhos, e logo o incômodo passar. — Calma,

deixa eu soprar...

— Gael...

Ele então se afastou, e o sorriso que estava no seu rosto morreu ao encarar o outro lado da sala, e não entendi nada, ainda tentando voltar a piscar normalmente. Levantei o olhar, e foi quanto encontrei apenas a cabeça de Alfredo para dentro da casa.

— O que houve? — perguntei, já me levantando.

— Eu bati na porta. — falou, e abriu-a um pouco mais, como se explicando. Seu maxilar cerrado e seu olhar que parecia capaz de matar alguém, ou no caso, ele poderia tentar. Eu apenas o achava ainda mais gostoso quando parecia bravo daquela forma. — Os gatos começaram a miar muito alto, e eu não sei onde fica a ração deles ou...

— Manhosos. — Revirei os olhos, e fiz um sinal com a cabeça para Gael. — Algo mais?

— Almoço? — indagou de repente, e neguei com a cabeça.

— Tenho um compromisso nesse horário.

— É o seu primeiro dia de casada e está trabalhando, sério?

— O que tem a ver com isso?

A voz cortante de Alfredo me deixou surpresa, e eu conhecia Gael o suficiente para entender o que ele estava fazendo. Gael adorava uma boa briga. Por aquilo, todo mundo na alta classe sabia que era bom evitar até um começo mal de conversa com o mais velho dos Fontes.

— Sou um velho amigo, e você? — vi-o ir até perto de Alfredo, e segurei-me para não revirar os olhos com a cena.

A única coisa que eu gostava era da pose autoritária que Alfredo carregava, como se fosse capaz de desmontar Gael a qualquer momento. Eu não duvidava, ainda mais pelos músculos e tamanho dele.

— O marido.

Vi-me apenas saindo de trás da minha mesa e caminhando para perto deles. Empurrei Gael com um dedo quase na costela, afastando-o, e empurrei Nero, o outro dedo indicador na testa.

— Você vá se resolver e sem envolvê-la. — pontuei para Gael, que com toda certeza, não obedeceria àquilo.

Onde ela estava com a cabeça de entrar em um casamento por contrato com ele?

— E você... — virei-me para Alfredo, que agora já dava uns passos para trás, afastando meu dedo. — Vou te mostrar onde fica a ração dos gatos.

— Também gostei de te ver, Noona.

Gael falou, assim que o levei até a porta.

— Agradeça por eu te atender após uma mensagem de madrugada. — Ele levou uma das mãos ao peito, como se dramatizando. — Assumindo o posto de Igor, interessante.

— Acho que seu marido não gosta muito de mim. — Caçoou e eu cruzei os braços, já querendo bater a porta na cara dele. Gael sabia ser inconveniente.

— Eu acho que quase ninguém gosta de você.

Dei um falso sorriso e fechei a porta em sua cara. Ainda não era horário para conseguir lidar com as provocações e gracinhas de Gael.

Virei-me e então subi as escadas atrás de Alfredo. Não tardei a encontrá-lo, no que parecia ter sido o cômodo que escolheu como seu escritório.

— Esse não... — falou para Zuko, que parecia querer morder algum cabo. — Ainda bem que tem vocês para me distrair e tirar a raiva...

— Raiva do quê?

Perguntei e ele deu um pulo no lugar, mas quando se virou, não parecia a ponto de morrer de susto, mas sim, com o semblante fechado de antes.

— De gente inconveniente.

Olhei-o dali, e parecia apenas ter se ajeitado na mesa que tinha ali, que agora parecia uma pequena estação de trabalho, com um notebook que tinha muitas cores no teclado.

— Está à vontade?

— Não com gente inconveniente. — Rebateu, e parecia um garoto mimado, o que quase me fez rir.

— Gael não mora aqui.

— Mas praticamente amanheceu aqui. — Olhei-o curiosa e caminhei para dentro do cômodo, encontrando alguns livros depositados sobre uma das prateleiras do outro lado.

— Isso é um problema? — indaguei, e me aproximei, notando sua feição apenas piorar. — Qual o problema, Alfredo?

— Não vai querer que eu pergunte isso, sério?

Negou com a cabeça e apenas me ignorou, tirando Zuko de perto dos fios que ainda arrumava.

— Eles estão com fome, eu acho. — comentou simplesmente, e tentou se virar, mas aproveitei a proximidade da parede, para passar meu braço e impedi-lo. — O quê?

— Qual o problema, Alfredo?

— Você — respondeu sem ainda me encarar. — Ele — continuou, e então seu olhar azul parou no meu. — Vocês têm algum caso?

Eu esperava qualquer coisa, menos aquilo.

E de repente, apenas me vi gargalhando.



“Eu, eu te amei em segredo

Foi à primeira vista, sim

Nós amamos sem razão (...)

Oh, como você sabia?” [\[26\]](#)

ALFREDO

E eu tive que segurar as batidas do meu coração.

Assim como o queimar que quase tomou conta de todo meu rosto. Eu nunca odiava tanto aquela característica minha, quanto quando quase acontecia na frente de Verônica.

Uma mulher como essa nunca vai olhar para um garotinho bobo que cora em qualquer palavra trocada...

Fiquei um pouco boquiaberto, e ela ria ainda com a mão contra a parede, me prendendo naquele canto.

— O que é tão engraçado? — vi-me perguntando, tentando não parecer tão mexido com o som da gargalhada dela.

Porra, como ela ficava ainda mais atraente?

— Eu não me casaria com alguém, se estivesse tendo um caso.

Bom, ela não negava que teve um caso com ele em algum momento... Por que eu ficava apegado àqueles detalhes? Por que eu deveria me importar? Por que eu parecia um adolescente perdido quando se tratava dela?

Porque você era exatamente um adolescente perdido quando a conheceu, minha mente rebateu.

— Não vou te trair, Alfredo — falou, sua expressão voltando ao normal, e negando com a cabeça. — Isso tudo são ciúmes?

— Ciúmes? — olhei-a incrédulo.

— Não são ciúmes?

— Não tenho por que ter ciúmes de você — falei, senti-a se aproximar mais, e logo meu corpo estava contra a parede. Merda de mulher que sabia exatamente como me desarmar! — Se afasta — pedi, e ela me encarou profundamente.

— Você tem uma grande dualidade.

Afastou-se e caminhou até Zuko, tirando-o de perto dos meus fios novamente. Como aquele gato fazia aquilo tão rápido?

— Uma hora parece capaz de destroçar um corpo, e na outra não sabe o que dizer — comentou, e me senti sendo analisado. Eu odiava o fato de que ela estava certa.

— Não me conhece, Verônica.

— Conheço o suficiente. — Então voltou seu olhar para o meu.

A tensão que se formou, me fez perceber que permanecia parado contra a parede. Eu não tinha um pinga de autocontrole, porra?

Um miado mais alto quebrou nossos olhares e encontrei Gara e Mikasa na cama, claramente reclamando.

— Eles fazem manha antes de comer — Verônica falou, e pegou Zuko no colo. — Vou te mostrar onde fica o cantinho deles.

Segui-a para fora do corredor e senti duas bolinhas peludas passarem por minha perna e irem até ela. Respirei fundo e segui também, e logo adentrei seu quarto, mas notei que tinha dois corredores diferentes, dentro do próprio cômodo, e ela seguiu um deles.

— Como disse, eles odiavam sair daqui — comentou, e então cheguei a um lugar que parecia um playground criado para os gatos. Talvez agora eu entendesse o porquê de eles não quererem sair dali. — A comida deles fica aqui. — Apontou para três potes de ração, que nada pareciam com potes de ração que eu conhecia. — Quando dá o horário, a comida desce — explicou e odiei o fato de estar sem meus óculos naquele instante, porque não via claramente como funcionava.

— E onde você deixa a ração para repor?

— Naquele armário ali. — Mostrou, e notei o que parecia um armário mais ao fundo. No caso, a miopia não me ajudava muito. — Está enxergando?

— O pouco que consigo sem óculos ou lentes.

— E onde seus óculos estão?

— Em algum lugar da minha mochila... — respondi simplesmente, dando de ombros. — Acho que então, não tenho que me preocupar com a comida deles?

— Bom, a não ser que acabe e saiba que acabou...

— Ok.

Apenas me vi dando meia-volta e caminhando para fora daquele cômodo. Por um segundo, vi-me encarando a imensa cama que ficava no seu quarto. Não me passou despercebido os tons de preto e branco espalhados pelo local, mas não consegui me atentar tanto, justamente pela minha visão.

O que ficava em minha mente, era o porquê de tamanha proximidade do tal Gael com ela? Péssima ideia não ter colocado os óculos e visto com clareza. Contudo,

não era possível que estivesse tão enganado. A mão dele estava sobre o rosto dela...

Por que eu detestava tanto aquela cena?

Cheguei até o cômodo que agora seria meu local de trabalho, e encarei as prateleiras vazias. Talvez o melhor fosse trazer tudo o que poderia da minha real casa, e preencher aquele local, assim como o quarto, para tentar me sentir à vontade. Para poder me trancar e trabalhar, esquecendo que estava muito longe de onde chamava de lar, e com a cabeça presa à mulher a poucos metros dali.

Uma batida na porta me fez girar e encontrei-a, com seu semblante neutro.

— Estarei trabalhando no meu escritório, no quarto — falou simplesmente. — Se precisar de algo, só me chamar.

— Certo.

— E ainda não terminamos aquela conversa de mais cedo...

Desviei meu olhar, sem querer relembrar aquilo. Talvez a interrupção de Gael fosse um sinal do destino

para que eu não fosse tão sincero assim. Algumas pessoas, geralmente, se assustavam com a minha sinceridade. Seria possível assustar Verônica Reis?



“Eu tenho partido corações há um bom tempo

E brincando com caras mais velhos

Apenas brinquedos para eu usar

Algo aconteceu pela primeira vez” [\[27\]](#)

VERÔNICA

— Eu não pensei que teríamos essa reunião tão cedo, querida.

— Como está?

— Direta ao ponto, como sempre — comentou, e eu assenti, encarando-o pela chamada de vídeo. Ele parecia

ter se acostumado melhor com ela desde a última vez. — Soube que Roberto apareceu no seu casamento.

— Ele e Reinaldo, pelo que meus seguranças viram e reconheci, Ricardo estava com eles.

— O mal da família é o R. — repetiu aquela frase, e eu pude lembrar do exato momento que a ouvi pela primeira vez. — Ricardo não é um garoto ruim.

— Ele nunca se interessou em fazer parte, o senhor sabe — ele assentiu, suspirando fundo. — Tenho o acompanhado tempo suficiente para saber que ele é mais esperto que Reinaldo.

— Ele se sente em dívida, por Reinaldo ter pagado o tratamento da mãe — assenti, mexendo na caneta em minha mão. — Ele não sabe que foi você.

— Não quero mais alguém que se sinta com dívida, mas não o quero tendo perigo ao redor deles — suspirei fundo. — Preciso encontrar um jeito de afastá-los.

— Acho que não vai demorar muito para Ricardo acordar. — Olhei-o atentamente. — Ele tem acessado a

conta de banco de Reinaldo e acredito que não encontrou nenhum pagamento para hospital.

— O descobrimos tarde demais — comentei, e o homem mais velho do outro lado da linha, negou com a cabeça.

— Nunca é tarde demais para a família, querida.

— Sei que não me ligou para contar o que já sabia. — falei, piscando algumas vezes. Conversar com ele sempre me trazia uma nostalgia que eu gostaria de deixar guardada. A saudade que eu tentava segurar, todo dia. Porque todo dia, era um dia para me lembrar que era um dia sem ela... sem eles.

— Yumi vai aparecer.

— O quê? — indaguei incrédula.

— Ela está melhor, querida. — Levei as mãos aos cabelos, tentando respirar fundo. — Vincenzo e Jeon a tem ajudado, você sabe.

— Eu não os vejo há muito tempo — comentei, e suspirei fundo novamente. — Mas o que ela pensa em fazer sobre Reinaldo e Roberto?

— Eles têm mais a temer do que tomar. — Parecia tentar me tranquilizar. — Reinaldo e Roberto sabem que perderam, no momento em que fizeram aquilo com seus pais. Eles sabem disso, querida.

— Onde Yumi unnie^[28] está, oppa^[29]?

— Deve chegar na próxima semana, ela não foi exata. — Mordi o lábio inferior com força. — Ela queria fazer surpresa, mas eu sei que você não reagiria bem.

— Eu odeio surpresas, e ela sabe...

— Ela te ama muito, você sabe, não é?

Eu assenti, porque eu sabia. Sabia do papel imprescindível que Yumi tinha em minha vida - minha madrinha. Assim como o homem à minha frente, que era seu primo e agiu como um irmão mais velho, quando ela perdeu tudo - Cha Kang.

— Ela parecia tão bem... — falei inconformada. — Ela parecia ter superado o medo de sair à noite, de andar de carro e... Por que agora?

— Ela soube que você se casou.

— Não...

— Sabe que o que você faz, veio antes de você, certo? — assenti. — A gente sempre tenta saber de tudo, para te proteger.

— Não precisam se preocupar.

— Sei que não, mas ainda assim, o faço. Assim como Yumi.

— Meus irmãos não sabem de nada, Kang. — Respirei fundo. — É um segredo que não posso simplesmente abrir e fazer sentido. Eles sabem apenas do que é necessário.

— Eles sempre respeitaram seus segredos, querida.

— Eles também cresceram — comentei, sem poder evitar um sorriso. — Eles têm suas próprias famílias e o sobrenome Reis nunca pareceu tão duradouro.

— Regina ficaria feliz, eu tenho certeza.

Baixei meu olhar, e encarei o piso daquele andar, o mesmo que ela me fez ajudá-la a escolher. Porque ela o reformaria, e faria daquela ala, um lugar só meu. Ela os escolheu. Os detalhes, cada um deles. Regina Reis me segurou, quando nem mesmo deveria fazê-lo.

E eu sentia falta dela.

Todo dia.

— Olhar para Yumi vai me fazer lembrar deles —
suspirei fundo.

— Não vai ser fácil para nenhuma de vocês, encarar uma à outra, depois de tanto tempo... Ainda mais para ela. Mesmo que ela tenha tentado ao decorrer dos anos, e você tenha vindo vê-la algumas vezes.

— Toda vez é como uma dose de saudade e dor, mesmo que eu a ame — suspirei fundo. — Obrigada por me ligar e me contar.

— Eu queria poder te ver também, querida. Mas sabe como é...

— Um fim de vida em paz e calmo? — ele assentiu, levantando sua cerveja. — Não são sete da manhã aí?

— Quero morrer feliz, querida. Me permita.

— Se cuide, por favor.

— Quando eu não o faço? — sorriu amplamente, o mesmo que ele me deu, quando passou a me ajudar no

exato dia em que vovó se foi. — E eu pesquisei sobre o seu marido...

— Kang...

— Eu gostei do histórico dele, confesso. — Olhei-o sem entender. — Não parece alguém com dramas maiores que uma mãe que apenas queria um casamento de sucesso na alta classe — falou com desprezo, e eu sorri, — Sei que tem mais do que me diz, mas... cuide de seu coração.

— Não tem por que se preocupar, ok?

— Se me diz. — Bateu com a garrafa contra a tela. — Tenha um bom dia, querida.

— Tenha um bom dia, Kang.

Joguei minha cabeça para trás, e girei com a cadeira. Yumi estava voltando. Yumi estava disposta a encarar aquele mesmo lugar, que a fez fugir tantos anos atrás. Para o qual vovó a mandou para protegê-la.

— *Eu vou sentir saudade, madrinha — falei, agarrando-me à sua cintura, e notava os machucados profundos em seu corpo. — Mas eu vou te ver.*

— *Com certeza, eu venho te ver... um dia, querida.*

Foi a última conversa que tivemos quando eu tinha seis anos. Ao decorrer dos anos, ela aparecia ou eu ia até ela. Geralmente a segunda opção, já que era dolorido demais para Yumi vir ao Brasil, porque ela queria ir a Mansão Reis, o lugar que um dia foi seu lar – o nosso lar. E ainda não estava pronta, não para a enxurrada que poderia surgir dentro dela ao estar ali. Apenas ela sabia sobre sua própria dor. Se eu perdi muito naquela noite, ela perdeu tudo. Se não fosse Cha, talvez ela perdesse a esperança.

Meu celular vibrou e notei ser minha assistente, já com a reunião que aconteceria na hora do almoço. O melhor que eu podia fazer era focar de manter aquela empresa viva e próspera, do jeito que Regina fez. Do jeito que tentaram destruir, mas que não conseguiram. Porque para derrubar o império dos Reis, mesmo tendo o sobrenome, eles teriam que derrubar Regina no passado. Tentaram, não conseguiram. E agora, tinham que passar por cima de mim, mas era algo que nenhum deles conseguiria.

Eu aprendi como era estar sempre três passos à frente.

E existia uma diferença entre mim e vovó, que se não fosse pela promessa que fiz já teria findado. Eu teria acabado com a vida de Reinaldo e Roberto, assim como fizeram com a de meus pais.

Desci as escadas, com meu pescoço doendo e a tensão por todo meu corpo. Não conseguia parar de pensar em onde Yumi estaria e quando chegaria. Caminhei até a cozinha, para encontrar alguma das comidas prontas que estariam lotando o freezer apenas com elas, e pelo menos, tentaria me distrair com a comida.

Prendi meus cabelos no alto, enquanto a música ainda tocava em meus airpods, e fui me alongando pelo caminho. Assim que abri o freezer, fiquei encarando qual

seria a escolha da vez. Mas antes daquilo, acabei optando por abrir um vinho. Era em torno de duas da tarde, com a reunião de negócios tomando mais tempo que deveria. Talvez o álcool me fizesse relaxar um pouco e parar de pensar em problemas.

Deixei a escolha da comida de lado, e fui até a adega. Escolhi um vinho e já separei minha taça, sem me importar em enchê-la. No mesmo instante, deixei meu celular sobre a grande ilha da cozinha e vi uma notificação de Carol.

Está vestida? Podemos aparecer amanhã para o almoço?

Convidem todos que estão na cidade ou não, para
virem.

Vi que ignorou a minha primeira pergunta... Use camisinha, irmã.

Revirei os olhos da mensagem de Carolina e bloqueei a tela. Levei o vinho à boca e sorvi um pouco do líquido, pensando em como o meu dia pós-casamento

parecia mais uma bagunça do que realmente um início de um ciclo. Regina me repreenderia por aquilo, com certeza.

Ainda mais, por eu não estar tentando.

— Verônica?

Virei-me em direção à voz, e encontrei Alfredo parecendo pronto para sair. Foi impossível não o olhar de cima abaixo. Contudo, tentei focar que não era o momento para ficar babando sobre ele.

— Precisa de algo? — indaguei, e ele abriu a boca, mas logo a fechou. Tirei um dos fones e fiquei esperando sua resposta.

— Vai comer só agora? — perguntou, como se soubesse exatamente o que eu vim fazer. — Já é tarde.

— Bom, foi a hora que deu. — Não me importava muito com aquilo, mas claramente Alfredo não estava tão animado. — O que houve?

— Vou te levar para comer algo além de comida congelada — falou, estendendo-me a mão. — O quê? Foi você que disse que não somos inimigos, estou tentando ser seu amigo.

Olhei-o desconfiada porque não esperava tal atitude. Não depois da tensão que claramente emanava entre nós e do fato que tínhamos que conversar sobre o que aconteceu.

— Amigos lembram amigos de comer — complementou, ainda com a mão em minha direção.

Levei minha mão a dele, sem acreditar em mim mesma que estava mesmo concordando com aquilo, mas fiz. Ao menos agora, eu sabia que estava tentando. Era o que realmente importava.

O calor da pele de Alfredo contra a minha, me fez quase me separar do toque, devido à necessidade que vinha junto a ele. Porém, não o fiz. Caminhei com ele até o carro, o qual sabia ser dele, e só nos separamos quando ele abriu a porta para que eu entrasse, e em seguida, deu a volta para adentrar o banco do motorista.

Eu não sabia nem mais como se respirava.

Ele conseguia ver que me tirava completamente da zona de conforto?

Ele conseguia ver que qualquer atitude dele nunca me era esperada?

Como ele conseguia me surpreender todas as vezes em que trocava, nem que poucas palavras?

Suspirei fundo, tentando não pensar demais sobre ou deixaria claro o quanto ele me afetava. E ainda era difícil deixar qualquer pessoa entrar, mesmo que eu desejasse muito aquilo. Era difícil porque tudo que eu amei, um dia, foi tirado de mim. E ter Alfredo na lista de pessoas que eu temia perder não era algo que eu gostaria de fazer. Mesmo que talvez, no meu subconsciente, ele já estivesse.



“É legal que tenha dito tudo isso?

É bacana que você esteja na minha cabeça?

Porque eu sei que é delicado” [\[30\]](#)

VERÔNICA

Assim que desci do carro, olhei ao redor e sabia que meus seguranças estavam a postos. Era uma vida diferente do que a maioria das pessoas estava habituada. Mas depois do que houve com meus pais, eu sabia que qualquer cuidado era pouco. Nunca imaginei de fato que viveria com medo, por mais que aparentemente, eu não

sentisse nada. O meu maior medo era que algo acontecesse e eu não pudesse estar mais presente para aqueles que amava.

Encarei a fachada do local e não me era estranha. Ao menos, não a localização.

— Onde conheceu esse lugar? — indaguei, assim que Alfredo passou ao meu lado, e segui-o em direção à entrada. A mão dele estava na minha novamente, e nenhum de nós parecia desconfortável com tal coisa, mesmo que fosse algo completamente novo.

— Venho aqui há muito tempo — comentou, assim que fomos guiados até uma mesa, em uma parte que dava visão para o que acontecia do lado de fora do que parecia ser um restaurante. Mas as minhas lembranças remetiam que ali era um café'. Eu estaria certa?

— Esse lugar já foi um café antes de ser um restaurante? — indaguei, e ele assentiu, enquanto puxava a cadeira para mim e agradei o cavalheirismo que não tinha morrido, ao menos, não com ele. Quando se sentou à minha frente, tinha um sorriso de canto que poderia

derreter qualquer mulher. Ele tinha noção do quão bonito era quando fazia aquilo?

— Quando comecei a vir, ainda era um café... Eu ainda era um adolescente.

— Ah, claro, então faz o que? Uns dois anos? — não pude evitar a provocação e ele fechou a expressão, mas claramente, estava entrando na brincadeira junto a mim.

— Não sou tão novo assim. — Piscou um olho e eu quase caí para trás na cadeira. — Ok, temos uma diferença de oito anos, certo? — assenti, e ele continuou, mexendo em algo no celular, como se estivesse pronto para abrir o cardápio. — Não é grande coisa, se pararmos para pensar.

— É muito comum, quando o homem é oito anos mais velho — comentei, achando aquilo tão ridículo quanto quem julgava sobre. — Mas o fato de eu ser mulher e mais velha que você, com certeza gerou burburinhos por aí.

— Nunca liguei para esse bando de gente rica e esnobe. — Revirou os olhos azuis, mas pareceu cair em si

segundos depois. — Sem ofensa, claro. — Eu quase ri da forma como ele falava, como se aquilo de fato pudesse me magoar.

— Nunca neguei que sou rica ou esnobe... — dei de ombros. — Só não participo das fofocas da alta sociedade.

— Não tem interesse em saber do que acontece? — perguntou, claramente interessado, mesmo que fosse apenas uma conversa comum.

A realidade era que eu não tinha tal experiência com alguém, fora meus irmãos, ou que não sentisse medo de indagar ou perguntar sobre qualquer coisa, há muito tempo. Não era como se eu fosse Verônica Reis à sua frente. Não, Alfredo não me tratava de tal forma. Ele apenas me tratava como uma mulher, em um restaurante, que estava conversando casualmente sobre coisas aleatórias.

E eu gostei disso.

Eu gostava da forma que ele me via, não apenas como um nome e sobrenome.

— Eu sempre sei, porque tenho meus contatos, mas mais por segurança e necessidade... Não me importo se fulano ou ciclano foram pegos no banheiro da festa x, se isso não for algo que vai impactar na minha vida ou dos meus irmãos.

— Seus irmãos parecem sua vida. — Encarei-o, mais uma vez, completamente surpresa. — Desculpe ser direto, mas... É como se vivesse para eles, e não sei se isso é bom ou ruim porque eu não tenho irmãos, mas... acho uma atitude louvável. Se entregar de tal forma à família.

— Qual o problema com a sua família, Alfredo?

De repente, eu estava preocupada e não podia evitar.

— Nada — suspirou fundo. — E quando digo nada, é literalmente nada. Meu pai largou minha mãe e eu quando eu tinha apenas dois anos, então é só um fantasma na minha lembrança. Minha mãe me criou para ter um casamento que pudesse calar a boca da família toda, sobre nós sermos os rejeitados. E o resto, digo, os parentes... Eles são os clássicos ricos, metidos a besta e sem qualquer educação. Eles acham um absurdo por

exemplo eu ter tantas tatuagens... — revirou os olhos, indicando os braços e parecia realmente com raiva. — Sendo que fiz as tatuagens com o meu dinheiro, mas ok. E pior, com o passar dos anos, o fato de eu não apresentar ninguém para eles, começou o burburinho de eu ser gay... — ele então riu, como se lembrasse de algo. — E teve uma festa de família, há uns dois anos, que levantaram isso novamente, e eu disse que se fosse, com toda certeza não tinha a ver com o cu deles.

Eu quase cuspi pela risada que veio forte, e Alfredo riu à minha frente, como se adorasse contar aquilo.

— Não tem como ser educado com eles, então eu só soltei essa e eles calaram a boca. Pelo menos, não me convidaram mais para festas. — Eu ri de lado, e neguei com a cabeça. — É um porre, eu sei... Minha “família”... — fez aspas com as mãos. — Eles não são de fato uma família.

— Não vai chamá-los para o seu aniversário, então? — ele piscou algumas vezes, como que surpreso. — O quê?

— Sabe quando é meu aniversário?

— Eu sei tudo o que preciso saber, Alfredo. — Ele pareceu digerir tal fala, e logo assentiu.

— Geralmente somos apenas eu, Abi e Prim... — deu de ombros. — Por muitos anos fomos apenas nós, até Bruno aparecer na vida dela, e os Torres virarem parte da nossa vida. — Ele sorriu levemente. — Não sei o que ela tá aprontando para esse ano, mas é sempre ela que encomenda o bolo.

— Vou falar com ela.

— Não — falou, como se sem crer naquilo. — Não precisa pensar sobre o meu aniversário.

— Não estamos tentando ser amigos? — ele pareceu levar um soco na cara junto as suas palavras voltando. — Amigos preparam festas de aniversário, Alfredo.

Ele apenas se calou, assentindo em seguida.

— Você tem alguma sugestão? — perguntei, ao abrir o cardápio em meu celular.

— Eu geralmente pego o prato do dia porque sempre me surpreendo... — comentou, e virou o próprio

celular em minha direção. — O que acha do de hoje?

— Podemos pedir o mesmo, acredito.

Ele assentiu e em seguida fez nossos pedidos. Pensei que o silêncio entre nós seria constrangedor ou terrível, mas a realidade era que Alfredo parecia não permitir que se formasse.

— Você sempre perde a hora para comer?

— Geralmente, eu tenho despertadores para me lembrar, mas andei me irritando com eles, e os tirei — comentei, pegando a água que nos foi servida há alguns segundos. — E hoje não foi um dia habitual, já que geralmente estou na empresa. Então, aos fins de semana que eu perco o hábito de comer nos horários comuns, digamos. Quando estou na empresa, minha assistente sempre traz algo que já ficou pré-combinado.

— Você gosta disso? — perguntou e o encarei atentamente. — De ser CEO do próprio negócio e tudo mais?

— Eu gosto de estar à frente das empresas da família — admiti. — Fiz algumas coisas, ao longo dos anos,

para testar se existia algo que gostaria além disso.

— Sério? — indagou, tão interessando que me fez quase suspirar.

Era estranho não me sentir estranha por estar abrindo algo dessa maneira para alguém. Contudo, não era qualquer alguém, era Alfredo. O Alfredo que vivia em minha mente há muito tempo.

Eu estou tentando...

— Eu fiz Administração e em seguida o mestrado na área, e foi quando meus irmãos começaram a ir à faculdade também. Quando percebi que estava fazendo tudo isso para estar perto deles, já que eu sempre fui muito cautelosa, acabei me inscrevendo para o curso de Enfermagem.

— Você é formada em enfermagem?

— Sou. — Ele piscou algumas vezes, como se incrédulo. — Foi como algo diferente de tudo que já tinha feito e que me ajudou a entender que eu realmente gostava do que fazia antes. Mas todo conhecimento que adquiri, em algum momento, ajudou muito.

— Eu não sei se digo que estou chocado ou não... — ele riu de lado, como se percebesse que já deixou aquilo livre.

— Sua expressão entregou seu choque.

— Eu só... Sério, não esperava — admitiu. — Como você pode ser boa em tudo que faz?

— Simples, eu não sou. — Fui franca, mesmo que sua pergunta não fosse esperada. — As pessoas acham que eu sou, por conta da minha postura diante de tudo.

— Quando te vi pela primeira vez, em uma dessas festas aleatórias de ricos, eu só pensei que era a pessoa mais imponente do lugar.

Algo sobre aquela frase dele, me fez perceber que Alfredo ainda parecia me esconder algo. O que eu não entendia o que poderia ser, já que ao mesmo tempo que algumas vezes seu rosto entregava tudo sobre ele, em outros, entregava-me absolutamente nada.

— Espero ter passado uma boa primeira impressão.

Vi seu olhar ir em direção ao que parecia ser o corredor dos banheiros, há uns quinze passos dali, e logo

seu olhar voltou para o meu. Ele sorriu abertamente, do jeito que eu nunca o vi fazendo para mim, e acabou tirando o resto do meu senso.

Não tínhamos falado sobre aquela noite, nem sabia se o faríamos.

Mas ainda assim, era um bom momento. Era um almoço com alguém que eu gostaria de confiar e que parecia genuinamente interessado. Nem que fosse como amigos, nem que fosse apenas com colegas de mesma casa por algum tempo... Era bom. Era boa a sensação de ser apenas eu na frente dele.



“Você me deixa tão feliz que vira tristeza

Não há nada que eu odeie mais do que o que não posso ter

Acho que vou voltar para casa, pros meus gatos

Sozinha

A menos que você queira me acompanhar?” [\[31\]](#)

ALFREDO

— Você quer mesmo ver isso? — indaguei, empurrando a porta entreaberta do quarto que agora era o meu, e era seguido por saltos batendo no chão.

Foi quando notei Gara deitado em minha cama, como se fosse o lugar mais confortável de todos. Acabei rindo, e indo até ele, fazendo um leve carinho.

— Eles gostaram de você. — A frase de Verônica era simples, mas era como se existisse algo muito maior sobre ela. — E eles não gostam de muita gente, nem de meus irmãos eles chegavam perto.

— Gosto deles também — falei, fazendo um último carinho na cabeça de Gara. — Mas no caso, só temos um aqui.

— É que não olhou para a parede oposta.

Foi quando o fiz e dei cara com os outros dois, dormindo sobre as roupas que joguei bem ali, quando estava me trocando de manhã. Não sabia se ficava feliz por eles estarem ali ou envergonhado por entregarem a bagunça em pessoa que eu era.

— Bem... — limpei a garganta. — Ainda estão nas malas. — Fui até a mala maior e a abri, mostrando a grande coleção de mangás que eu tinha, de Shingeki no Kyojin^[32] e Naruto^[33], ao menos, foram as duas que

couberam naquele espaço. Ainda tinha muitos mais em casa.

— Quando começou a ler Shingeki?

Verônica perguntou, ajoelhando-se e passando as mãos pelos exemplares ainda plastificados. Eu tinha lido todos e novamente os embalados, pelo medo de estragarem ou algo parecido.

— Uns três anos após a primeira publicação — comentei, sentando-me na cama e notando o leve sorriso no seu rosto para as coisas. — E você?

— Descobri meio sem querer quando estava no Japão, foi quando tinha acabado de lançar. — Olhei-a surpreso. — Comprei em japonês e pedi para que um amigo traduzisse, o que fosse possível.

— Tem muitos amigos? — não pude evitar a pergunta, e mordi a língua em seguida.

— Não, acho que não dá uma mão. — Seu olhar parou no meu. — Apenas Abigail?

— Abigail vale por uns dez amigos, então... — levantei as mãos aos céus. — Estou ótimo, obrigado.

— Bom, agora tem a mim.

Ela então se levantou e veio para mais perto. A cada passo que ela dava até mim, minha respiração se perdia. Eu estava sentado na beira da cama, com os pés plantados no chão. A ousadia da mulher de se aproximar, quase adentrando a abertura das minhas pernas, com um sorriso que era diferente de todos que ela já tinha me entregado.

— Não tem?

— Se a gente puder ignorar essa atração, sim. — Fui honesto, e ela então veio para ainda mais perto, as mãos em meu pescoço, fazendo-me encará-la. — Verônica...

— Por que foge de mim?

— Você fugiu de mim primeiro. — Rebatí, e seu olhar estava preso no meu. Segurei-me com tudo de mim para não levar as mãos até sua cintura e trazê-la para meu colo. — Tenho medo de estragar, seja lá o que seja isso que estamos fazendo.

— Vamos ser amigos e se for insuportável, isso aqui... — segurei um gemido quando suas unhas

esbarraram em meu pescoço, e minhas mãos formigavam para tocá-la. — Vamos falar abertamente, ok?

— Ok.

Ela então me deu um leve beijo na bochecha, e se afastou, deixando-me ainda mais perdido do que quando me encontrou.

— Quer ver o meu quarto nerd, kpop e otaku? — perguntou, como se fosse simples assim e eu tive que rir. Eu nunca sabia o que esperar daquela mulher, mas mesmo assim, era bom demais para eu me negar ou proibir de sentir.

Mesmo que meu coração fosse quebrado, valeria a pena. Por ela, valeria cada pedacinho que pudesse ser espalhado.

Segui-a pelo corredor, e assim que adentramos seu quarto, senti bolinhas de pelo passando por minhas pernas, como se precisassem ficar perto dela. E não os culpava por aquilo, já que Verônica era bonita e incrível demais para seu próprio bem.

Então ela abriu uma das portas adjacentes a seu quarto em si, onde a cama estava ligeiramente bagunçada, e eu não podia deixar de pensar em como seria dormir ao lado daquela mulher. Foco, Nero! Segui-a até a porta que abriu, e minha boca quase caiu.

— Puta merda, Verônica!

Era uma sala gigante, com várias estantes que só poderiam ser vidro, que guardavam dentro variadas séries diferentes de mangás e actions figures. Além de uma parte que tinha jogos de videogame, que deveriam ser edições de colecionador. Paralisei diante de alguns, sem saber o que dizer.

VERÔNICA

Vamos, Verônica!

Fale para ele!

Conte a ele!

Minha mente ficava me lembrando, já que agora eu lhe tinha lhe mostrado uma das partes mais bem guardadas de mim mesma - minhas coleções. Não era sobre o fato das coleções em si e do meu gosto pessoal para as coisas, mas de como isso começou.

— Eu ganhei meu primeiro mangá quando tinha quatro anos — falei, e tentei controlar minha própria respiração. — Um dos meus pais tinha origem sul-coreana, e ele tinha um ótimo gosto, se posso dizer. E ambos adoravam coleções, então... Cheguei aqui, assim.

O olhar de Alfredo parou no meu, como se tentando entender, mas não sei se entendeu que eu não estava pronta para me abrir mais do que aquilo, contudo agradeci quando ele apenas sorriu e seus olhos estavam vidrados novamente nas portas de vidro.

— Isso é incrível — falou, e parecia uma criança em um playground.

Não o julgaria, porque era exatamente assim que me sentia quando entrava ali. Lembrava-me do exato momento em que coloquei meu primeiro mangá em uma das estantes, com a ajuda de meus pais e como eles

estavam animados a fazer aquilo comigo. Tentei apenas afastar os pensamentos e não ficar presa neles, mas era impossível.

Eu estava abrindo mais do que um dia abri para qualquer outra pessoa. Além de meus irmãos, ninguém mais, sabia através de mim, quem eram meus pais e o quanto eles eram importantes. Mas ali estava eu, segurando as lágrimas dentro de meu corpo, porque as lembranças eram fortes demais, e Alfredo estava bem à minha frente.

— Eu descobri sem querer que gosta disso. — Sua voz me tirou do autocontrole que tentava construir. Levei meu olhar pra onde ele estava encarando, e notei que era a parte dos meus álbuns de kpop e pop favoritos. — Quando arrumei seu computador, descobri o Big Bang.

— Eles são incríveis — falei, sem conseguir lhe entregar mais do que aquilo, por mais que tentasse. Partes seriam o suficiente? — Meu bias é o T.O.P.^[34]

Ok, eu consegui dizer algo além. E por um segundo, quase dei um pulinho da vitória.

— Bias? — Alfredo me encarou parecendo não entender.

— Há muito o que entender quando se entra no universo sul-coreano, e principalmente, no kpop — falei, e cruzei os braços, tentando ainda segurar minhas lembranças. — Posso te explicar melhor, quando quiser.

— Vou precisar, já que ainda me sinto um completo perdido nisso — assumiu.

— Está ouvindo kpop ou vendo dorama? — indaguei, e ele piscou algumas vezes, encarando-me. Notei que ele parecia sem saber o que dizer, como se tivesse sido pego.

— Ouvindo kpop — respondeu, e parecia querer correr dali. Tentei entender, mas não consegui uma resposta que parecesse convincente.

Ouvi algo vibrar e então, Alfredo levou as mãos aos bolsos, como se procurando o aparelho. Vi-o encarar o visor, e pareceu que foi o time perfeito para ele sair dali. Algo naquilo tudo me deixou ainda mais curiosa. Ele fez apenas um movimento indicando o aparelho e eu assenti.

Mas antes que ele pudesse passar ao meu lado e sair dali, parei-o, segurando levemente contra seu peito.

— Se precisar de algo, só me chamar.

Seu olhar parou na minha boca e voltou, como se ele quisesse muito mais do que estava entregando.

— Obrigado, Verônica — assenti, e o deixei passar, e ele deixou o rastro de si, ali dentro daquele ambiente.

Seu cheiro em todo lugar, e cada parte de mim, sem saber o que estava de fato fazendo. Mas eu gostava daquilo, talvez mais do que deveria.



“Amigos se separam, amigos se casam
Estranhos nascem, estranhos são enterrados
Tendências mudam, boatos voam por novos céus
Mas eu estou exatamente onde você me deixou” [\[35\]](#)

VERÔNICA

Eu estava pronta pra ir a empresa e voltar o mais rápido possível para o almoço em que minha família estaria. Desci as escadas e olhei novamente se não tinha esquecido nada. Não tinha falado diretamente com Alfredo no resto da noite anterior. Pelo que pude ver, ele

parecia realmente ocupado organizando várias coisas em seu escritório, então apenas lhe dei o espaço que necessitava.

Não que eu pudesse fazer muito além de observá-lo.

Você está casada com ele! Minha mente não cansava de me cobrar.

Assim que abri a porta, suspirei fundo, tentando espantar tais pensamentos. Quando meu olhar deu de cara com saltos altos pretos, e levantei-o calmamente. Só uma pessoa poderia ter passado pela segurança sem ninguém me avisar...

— Madrinha?

— Surpresa para quem odeia surpresa! — ela gritou, e eu me segurei contra o batente da porta.

— Eu sei — falou, segurando minhas mãos e me trazendo para perto. Sem nem mesmo se importar, puxou-me para os seus braços e me agarrei a ela. — Eu sei que prometi avisar quando aparecesse de novo, mas... Não pude resistir.

— Madrinha...

— Senti saudade, pacotinho. — O apelido quase me desmontou e senti seus carinhos em meus cabelos, como o afago que eu tanto precisava.

Yumi tinha reaparecido no Brasil em momentos específicos. O trauma que ela passou foi tamanho, que eu sabia que cada vez que ela aparecia ali, tinha que ser algo que realmente a fizesse voltar. Se não, ela mandaria seu primo, que foi praticamente meu tutor por longos anos. Eu não a culpava, porque só de tê-la ali comigo, eu quase desabei.

Quando a encarei, ela não parecia diferente. Éramos a lembrança uma da outra de um passado que não voltaria. Sua mão veio para o meu rosto e ela o tocou com cuidado.

— Tão bonita — falou e notei uma lágrima descer por seu rosto. — Seus pais diriam que puxou a eles, mas eu tenho certeza de que foi a mim.

— Madrinha...

Suspirei fundo e ela segurou minha mão com carinho.

— Desculpe ter demorado tanto... — senti a culpa em cada palavra. — Sei que falhei com você, em todas as vezes que não consegui chegar aqui. Mas eu já estou velha demais para viver com medo, querida. E acho que todos os seus aniversários que eu consegui vir e os Natais que passamos juntas... Me fizeram ser mais forte para estar aqui agora.

— Não tem nenhuma data especial, então...

— Direta como Sérgio. — Ri, porque ela era a única pessoa que falava tão abertamente sobre ele, e ainda mais, com propriedade. — Eu tentei chegar para o casamento, mas tive problemas com meu passaporte, foi uma correria... Cheguei atrasada, mas eu quero muito conhecer o cara que fez seu coração bater mais forte. — Pisquei algumas vezes, sem reação. — Eu sei que é um contrato, sabe que nada passa por mim ou por Kenny, mas... Eu conheço você muito bem pra saber que não iria contra um pedido de Regina.

— É mais complicado do que parece.

— O amor pode ser complicado.

Pensei em desmenti-la e dizer-lhe que aquilo realmente não passava de um contrato, mas eu travei. Ali estava minha madrinha, que pouco conseguia vir me ver, e entregar-lhe um casamento de total mentira, me mataria por dentro. Porque ela era pessoa que melhor me conhecia em todo aquele tempo.

Meu celular vibrou e notei ser uma mensagem de Tadeu, mas acabei indo rapidamente para o contato de Nero e digitando uma mensagem: se prepare e finja ser o marido mais apaixonado do universo.

— Quem é? Seus irmãos?

— Tadeu, como sempre tentando descobrir como estou.

— Ai, ele está tão lindo... — comentou sonhadora, e tentei crer que ela não desconfiou da mentira. — Murilo? Carol? Igor?

— Os dois primeiros no interior e Igor tá na capital, mas na casa dele.

— Então a casa é toda sua e de Alfredo? — indagou e respirei fundo. — Sei que chamam ele de Nero também,

como ele prefere?

— Acredito que Nero — respondi um pouco atordoada com tudo.

— Posso conhecê-lo? — indagou e eu engoli em seco, assentindo. — Por que parece tão nervosa?

— É a primeira vez que apresento alguém. — Fui honesta. — Ele deve estar no quarto, vou chamá-lo...

— Eu vou esperar aqui, querida.

— Tem certeza, madrinha? — indaguei, e ela assentiu.

Sabia que ela estava dando tudo de si ao estar ali, na frente da casa. Talvez estar lá dentro, ainda fosse demais.

— Quem sabe, um dia, eu consiga entrar e ficar alguns dias aqui... — comentou, parecendo mais decepcionada consigo.

— Tá tudo bem não estar bem, lembra? — ela assentiu, porque era o que ela sempre me dissera.

— Obrigada por entender, pacotinho.

Fiz uma leve careta, que sempre estivera ali, quando me chamavam por tal apelido. Fui em direção às escadas e tentei não parecer desesperada, apenas aproveitei para correr quando estava no corredor e bati forte na porta de Alfredo.

— O que houve? — ele parecia ter acabado de acordar, com o torso todo exposto e apenas uma bermuda preta. Foco, Verônica!

— Preciso que coloque uma roupa, desça comigo e finja ser apaixonado por mim, loucamente. — Ele pareceu então acordar de fato e seus olhos azuis estavam quase saltando das órbitas. — Eu prometo que te explico o que puder depois.

— Ok... — falou, e o empurrei para dentro, para apressá-lo. — Vai ficar aí enquanto me troco?

— Não é como se eu nunca tivesse te visto nu. — Ele passou as mãos pelos cabelos, como se não pudesse crer. — Rápido.

Ele então correu até o banheiro, e escovou os dentes. Logo voltou, jogando a bermuda longe e ficando

apenas numa boxer branca que me fez quase babar e esquecer o que estava fazendo ali.

— Para sua sorte, hoje eu não dormi pelado.

— Minha sorte? — indaguei, sem poder evitar, e notei-o morder o lábio inferior.

— Você ainda vai ser a minha morte. — Sua voz foi quase um sopro e se não fosse tão atenta e tivesse uma ótima audição, jamais ouviria.

— Ok, precisa saber de duas coisas: ela é Yumi Kang, minha madrinha e tia, basicamente. Segundo: ela vai me chamar de pacotinho e você vai agir como se já soubesse de tudo isso há tempos.

Alfredo franziu o cenho, mas assentiu em seguida. Então ele veio para perto de mim, e segurou minha mão. Olhei-o sem entender por completo, mas assenti, quando a ficha caiu. Eu precisava parecer em um casamento... Ok, por Yumi.

Não era tão estranho porque ficamos mais próximos depois daquele almoço, mas ainda assim, o calor que emanava dele, me acertava em cheio. Assim que

descemos as escadas, consegui vislumbrar minha madrinha com os olhos brilhando em direção a Alfredo.

— Ela não vai entrar na casa, então não a convide — sussurrei para ele, antes que nos aproximássemos e torci para que fosse o suficiente.

Por ora. Nunca imaginei que minha madrinha apareceria naquela porta. Ao mesmo tempo que estava um caos porque não queria que ela soubesse que era um contrato, estava feliz por vê-la superar mais uma parte de seu trauma.

— Então esse é o cara lindo e gostoso que fisgou o coração do nosso pacotinho — falou e eu quis abrir um buraco e me enfiar. Alfredo deu passos para fora da casa, ficando à frente dela, que o puxou para um abraço. Ele me encarou sobre o ombro e eu apenas fiz um joinha, como se estivesse tudo bem. — É ainda mais bonito que nas fotos — falou, ao se afastar.

— É um prazer, senhora Kang.

— Yumi ou madrinha ou Noona, apenas — falou, e segurou a mão dele, suspirando fundo. — Eles iam amar

te conhecer, tenho certeza. — Seu olhar parou no meu e eu me calei, sem saber o que dizer. — Eu estou amando, confesso. Não sei por que, mas desde que soube do casamento, senti que foi uma ótima escolha.

— Obrigado pela confiança — Alfredo falou de forma tão sincera, que até me tocou. — Só quero que Verônica seja feliz, na verdade.

Seu olhar azul parou brevemente no meu e era como se não fosse algo que ele inventasse apenas para convencê-la.

— Eu quero saber de tudo sobre vocês, sério — falou e respirou fundo. — Mas acabei de chegar de um voo de quase vinte e quatro horas entre mil aviões então... Preciso ir para o hotel dar uma descansada. Podemos marcar um jantar amanhã?

— Meus irmãos e alguns amigos vão aparecer para o almoço hoje, se quiser... — sugeri e ela me encarou com carinho, logo vindo segurar minha mão. — Eu sei, eu sei!

— Eu posso tentar, quem sabe? — indagou, e eu assenti, sentindo sua mão segurar a minha com força. —

Mais motivação, de poder ver e conhecer todos que estão na sua vida atualmente.

— O que conseguir, madrinha.

Ela então tocou minha testa com os dedos médio e indicador e segurei tudo de mim para não desabar.

— Senti saudade — admitiu, e me puxou novamente para seus braços. — Prometo que vou dar meu melhor.

— Você sempre deu — falei, pois era a mais pura verdade. Eu não estaria ali se não fosse pela força, que mesmo a distância, ela sempre me dera. Yumi Kang era uma parte de mim e sempre seria. Um das que me mantinha de pé.

— Aliás, Rodinei está ainda à frente da segurança? — indagou, e eu assenti. — Preciso encontrá-lo, aliás.

— Ele deve estar na casa no final da rua, ele comprou há alguns anos. — Ela pareceu pensar, e foi quando levantei meu olhar e soube que ela não precisava procurar tanto. — Ou pode virar e encontrá-lo.

Ela o fez, e foi como assistir a um dorama na vida real. Os dois se olharam, e aquele sentimento que

pareciam tanto esconder, e que parecia impossível, praticamente explodiu. Senti braços fortes ao meu redor, puxando-me para perto, e tentei ignorar, que talvez, só talvez, eu me sentisse da mesma forma, que o olhar das pessoas à minha frente revelava, para com o homem que agora estava em torno de mim.

— Não precisa me explicar nada que não esteja pronta. — A voz de Alfredo foi apenas um sussurro. — Estou aqui para te ajudar, no que precisar.

Desviei da cena de reencontro à minha frente e olhei para o homem ao meu lado. E era tão diferente de tudo, aquele toque que me deixava em combustão, também acalmava todos os furacões que se formavam dentro de mim. Não consegui dizer nada, apenas fiquei ali, em seus braços por alguns instantes.

Poderia ser uma atuação, mas a sua sinceridade e o que eu sentia, não eram.



“E diga, diga que conseguimos

Eu sou uma bagunça

Mas sou a bagunça que você queria

Oh, porque isso é a gravidade

Oh, mantendo você comigo” [\[36\]](#)

VERÔNICA

Isso aqui está lotado de crianças, seus irmãos, irmãos Torres... Se Carolina soltar outra piada de duplo sentido, acho que Igor vai esganá-la.

A mensagem de Alfredo me fez gargalhar, enquanto já estacionava na frente de casa. Tinha ido à empresa e resolvido o que precisava rapidamente. Era domingo e eu nem deveria estar fora de casa, contudo, eram ossos do ofício. E estava acostumada a ter um ou dois domingos no mês tomados pelo trabalho, fosse fora ou dentro de casa. Desci do carro e encontrei Rodinei encostado próximo à entrada.

Caminhei até ele, porque sabia que ele nunca se mostrava assim, se não fosse por um motivo maior. Ele não era meu pai, não biologicamente, nem sentimentalmente. Mas foi graças a ele que eu tinha chegado até os Reis. Até Pedro Reis. E de certa forma, sua rejeição me trouxe a família que era destinada a ser minha.

— Bom dia — falou, e eu assenti, encarando-o. — Eu sei que sou só mais um velho, e que já tivemos algumas conversas antes sobre meu irmão e Sérgio... — suspirou fundo, e sabia que era difícil para ele. — Nunca falei sobre Yumi com você, Verônica.

— Ela gosta de você — falei, sem querer fingir algo que nem mesmo ela o fazia. — Sei que você dois têm uma história, não tão bonita, mas é de vocês.

— Ela vai ficar na minha casa, no tempo que estiver aqui — informou e parte de mim ficou mais calma e feliz, por saber que ela estaria tão perto. — Só queria te avisar, e te prometer que eu jamais faria algo para machucá-la.

— Você não é Reinaldo ou Roberto, tio — soltei, e notei os olhos marejados do homem à minha frente. Sabia que demorou para Rodinei entender a importância que sua família tinha e quem era de fato, mas estava claro que ele sentia a culpa pelo que os irmãos fizeram, mesmo que não propositalmente. — Você não tem dívida alguma comigo ou com meus irmãos. Só quero que fique bem, e Yumi faz isso.

— Obrigado, pequena.

Ele sorriu e fez o mesmo, vendo-o se afastar.

Mudei minha direção para dentro de casa, e não me surpreendi ao ouvir gritos, ainda sem nem mesmo ter

aberto a porta. Quando o fiz, quase fui atacada por uma bagunça de crianças pequenas, e me firmei para não cair.

Aquele era o tipo de almoço de domingo que eu passei a adorar. Amava quando éramos apenas nós cinco quando era criança. Amava quando se tornaram outros cinco quando fiquei maior, até cada um seguir seu caminho. Contudo, agora éramos muito além de cinco, e eu amava aquilo.

— Olá a todos — falei e passei as mãos pelos cabelos de alguma das crianças que correu em direção à outra, e nem me deu tempo de ver com clareza.

Notei que estavam todos que vieram ao nosso casamento bem ali. Ou seja, a família Reis e Torres estava completa, uma mistura que eu jamais pensei que gostaria. Ainda mais pelo mau começo que tive com Olívia.

Foi quando vi Carolina se escondendo atrás de Tadeu, que parecia apenas apreciar a cena, e Murilo segurando Igor.

— Preciso me intrometer nisso? — perguntei ao me aproximar, e vi Igor bufar baixinho.

— Eu sou inocente — Carolina falou, e a encarei como se soubesse que tinha mais nisso.

— Ela provocou Igor falando que você estava na cama com Nero, por isso estava demorando — Lisa falou, chegando ao meu lado, com Theo em seu colo. Desviei dos meus irmãos, para fazer um carinho nos cabelos dele e sorri para meu sobrinho. — Igor tem sido esse brucutu aí.

— E eu achando que Inácio era o bruto — Mabi soltou, sentada no sofá com o filho no colo e o marido próximo, que a encarava inconformado. — O quê, velho?

— Vou fingir que não ouvi isso, criança.

Desviei do casal número um dos Torres e foquei nos meus irmãos.

— Dou dez segundos para pararem com isso e irem se sentar na mesa. — Minha voz saiu em tom de ordem e Tadeu segurou uma risada. — Dez...

— Odeio quando ela me faz sentir um adolescente.

— Não aja como um, então — Valéria comentou, aproximando-se e puxando Tadeu. Igor a encarou embasbacado e ela piscou. — Ia trazer Gael, mas ele tava enrolado com alguma coisa com Rique e Paola.

Dei uma breve olhada ao redor e notei Alfredo em um dos sofás com Primavera no seu colo, brincando com a afilhada e parecia genuinamente o seu lugar. E só conseguia pensar que talvez fosse melhor Gael não aparecer. Ele sabia provocar, e com certeza, saberia que botões apertar para deixar Alfredo sem jeito.

— Devo encontrá-lo na festa que tem essa semana, dos Lima — comentei, e Murilo fez uma careta.

— A sorte de não ter que ir mais nessas coisas. — Levantou as mãos aos céus.

— Posso conseguir convites, não quer? — provoqueei e ele arregalou os olhos. — É o aniversário do senhor Lima, e bom, vai ser um bom momento para Gael voltar a aparecer.

— Tomara que ele não quebre a cara de alguém — Valéria comentou e pareceu pensar sobre. — Talvez eu

devesse ir...

— Nem pensar — Tadeu comentou e ela o encarou como se fosse possível pulverizá-lo. — Você acabou de ter um bebê, vai se estressar com essas coisas?

— Nisso, eu tenho que concordar — intrometi-me, tentando salvar a pele do meu irmão. — Foque em Vitor por agora, depois que ele estiver maior, aí sim, você pode voltar a aparecer, porque lidar com tudo isso agora, pode ser cedo demais.

— Só porque você me convenceu, Verô. — Tadeu fez uma carranca, e eu quase ri dele. — Aliás, eu ajudei a escolher a comida, mas não tenho ideia se acertei.

— Eu acho que não tem como errar com lasanhas de vários sabores. — Abigail se aproximou, com Alfredo em seu encalço, que trazia Primavera consigo. — Podemos comer?

— Vou só deixar minha bolsa no escritório aqui debaixo — comentei e me virei para meus irmãos. — Os ajude com a mesa — eles assentiram e segui em direção

ao escritório que tinha ali, mas que raramente usava, só quando alguém me visitava, como Gael fez.

Joguei minha bolsa sobre a mesa e ouvi batidas na porta, que me fizeram levantar a cabeça. Surpreendi-me ao encontrar Alfredo ali.

— Aconteceu algo? — indaguei, afastando-me da mesa e indo em sua direção.

— Só queria saber se está bem.

Sua fala tinha uma amplitude de sentimentos que eu não conseguia compreender de fato, mas fiquei presa na mesma.

— Sempre estou bem — respondi, sem querer falar da bagunça que me sentia, desde o segundo em que Yumi apareceu. Tinha usado o trabalho fora para tentar ignorar tal sensação e não pensar demais na saudade que sentia. No passado que nunca pôde se tornar um futuro.

— Realmente?

— Pensei que não queria explicações — comentei, notando seu olhar azul preocupado.

— Não é que eu não queira, eu respeito que não possa se abrir. — Olhou-me profundamente. — Mas isso não me impede de ficar preocupado.

— Onde mais vai me surpreender, Alfredo? — indaguei, levando uma das mãos ao seu peito e pude sentir seu coração disparado. — Sempre na defensiva, sendo diferente comigo do que é com qualquer outra mulher, e agora parecendo protetor e preocupado... O que mais pretende fazer para continuar sendo uma incógnita?

— Sou mais óbvio do que imagina. — Ele deu uma leve risada, mas levou a mão até a minha. — Quem sabe um dia possa te falar abertamente.

— Estarei esperando por isso.

Ele então se afastou e seguiu para fora do cômodo, em direção à grande mesa, onde todos já estavam sentados. Notei que Carolina batia em Igor com um pano de prato, que reclamava de o lugar ao meu lado estar vazio, e que ela tinha deixado justamente para ser o de Alfredo.

Alfredo pareceu não pensar quando puxou a cadeira para que eu sentasse e senti os olhares de todos sobre nós. Olhei em direção a Inácio, que parecia o único não muito ligado a fanficar sobre o que acontecia à sua frente. Ao menos, alguém.

— Eles também agem como adolescente às vezes?
— perguntei em direção ao mais velho dos Torres, que quase me entregou o vislumbre de sorriso.

— Quase sempre, devo dizer.

— Como assim, Ná? — Olívia foi a primeira a refutar.

Vi então Júlio jogar o pano de prato no irmão e Bruno começar a listar todas as vezes que agiu como um adulto. A bagunça se instalou e senti o olhar de meus irmãos sobre mim, como se soubessem exatamente o que eu estava fazendo, mas os ignorei.

Uma ótima saída para que todos focassem em nós e não na atitude de Alfredo, o qual sentia os olhos azuis em cada parte de mim, e parecia não conseguir fugir. E quando o encarei, eu também não queria.



“Eu me lembro do dia

Até anotei a data

Que me apaixonei por você” [\[37\]](#)

ALFREDO

— Yumi disse que precisa de um tempo a mais para podermos ir jantar com ela. — Verônica falou, focada em seu telefone, enquanto descia as escadas. Eu estava jogado no enorme sofá daquela sala e agradecendo aos céus pelo silêncio, já que todos tinham ido embora na segunda de manhã. Não que eu não gostasse de barulho,

mas para um cara introvertido, era difícil se acostumar com uma casa cheia. Aos poucos, eu ia tentando.

— Quando ela quiser, eu estarei lá — falei, mudando as séries e tentando encontrar alguma que gostasse.

Parei na parte de doramas e vi o exato segundo em que Verônica se sentou em uma poltrona, que tinha uma visão privilegiada da televisão, parecia que aquele lugar gritava por ela, por aquilo, nem cogitei me sentar ali. Quanto mais longe melhor, mesmo estando na mesma casa.

— Nunca assistiu dorama? — perguntou e se não estivesse digitando algo no celular, juraria que ela estava prestando atenção. No caso, ela poderia ser multitarefas. — Posso recomendar algum?

— Um que me prenda, por favor — pedi e respirei fundo. — Estou quase reassistindo Shingeki antes de sair a última temporada.

— Por que não vê Spy x Family?^[38] — indagou e finalmente seu olhar parou no meu. — A tevê tem acesso

a todo tipo de conteúdo oriental, é só me pedir, que posso te ensinar a achar.

— Eu já ouvi falar nesse. — Tentei buscar na minha memória. — Era um mangá, certo?

— Sim, baseado no mangá que também foi um sucesso — argumentou e se ajeitou melhor na poltrona. — Se quiser, aí estão disponíveis alguns episódios.

— Ok, vou tentar.

Ela assentiu e voltou a mexer no celular. Não sabia dizer como consegui achar o canal em que tinha o anime e em poucos minutos, já estava compenetrado nele. Era fofo, precisava dizer, e ao mesmo tempo, me instigou por completo. Não tão trágico e enérgico como Shingeki, mas eu sabia que ia atrás do mangá se ele não estivesse todo adaptado.

Quando acabou o primeiro episódio, me assustei ao sentir algo sendo colocado no meu colo. Pisquei algumas vezes, até me acostumar que era um balde cheio de pipoca, e vi Verônica seguir para a poltrona e se sentar, com um balde apenas dela.

— Obrigado — falei, e ela assentiu.

— Tem refrigerantes na geladeira, energético, suco... Trouxe esse daí. — Apontou para a Coca-Cola que só agora havia notado em cima da mesa de centro. — Achei que seria mais fácil de acertar seu gosto.

— Sou bem básico... — admiti e meu olhar se prendeu no seu. — Quer dizer, para comida. — Limpei a garganta e ela ainda me encarava. — Vai assistir também?

— Eu estou assistindo, na verdade. — Levantei as mãos em sinal de rendição e recoloquei o episódio.

De repente, dividir com ela momentos tão rotineiros quanto aquele me deixaram realmente ainda mais sonhador. Como eu podia me iludir tão facilmente? A questão era, quando eu não me iludia quando se tratava dela?

Os minutos se tornaram horas, e quando vi, já tínhamos terminado a primeira temporada toda. Mesmo que fossem tão poucos episódios, eu queria mais, e como

já imaginava, assim que procurei, ainda não tinha sido toda lançada.

— Eu tenho o mangá — Verônica falou, enrolando-se em uma manta e carregando o balde de pipoca que estava consigo já vazio até o meu.

— Eu tiro as coisas e lavo — avisei e não deixei que continuasse, pegando o balde de sua mão, mas não deixando de notar o arrepio que percorreu meu corpo pelo breve encostar das mãos.

Levei tudo até a cozinha, jogando fora as latinhas de Coca-Cola e lavando os baldes de pipoca em seguida. Senti que alguém me seguia com o olhar. Não qualquer alguém – ela. Assim que terminei, tentando não derrubar ou estragar nada, me virei e tentei fingir surpresa ao vê-la encostada contra a entrada da cozinha.

— Se quiser, pode ler — comentou e eu não podia disfarçar minha animação diante daquilo.

— Eu posso comprar e ler também.

Ela arqueou uma sobrancelha como se aquilo fosse um desafio.

— Vai mesmo negar quando alguém tenta te emprestar algo precioso assim? — indagou, aproximando-se e eu quase perdi o fôlego.

Se eu a achava linda em outros momentos, ali, enrolada em uma manta, com o rosto já sem maquiagem após um dia de trabalho, jurava que ela ficara ainda mais linda. Existia algo nas partes dela que eu encontrava e que nunca vi antes, que me fazia ansiar por mais.

— E se eu estragar? — indaguei, quando se aproximou muito e segurei minhas próprias mãos para não a tocar.

— Você me compra outro — falou simplesmente e não tinha mais argumentos. — Ou será que quer fazer outra coisa que não seja ler?

— Verônica...

— O quê? — fez-se de inocente, passando a língua pelo lábio inferior, e eu quase caí por completo.

Levei minha mão até seu pescoço e pressionei levemente, sem conseguir me conter.

— Como pode ser tão provocadora? — indaguei, trazendo-a para ainda mais perto e notei sua respiração mudar. — O que quer de mim? — perguntei e ela então teve que ficar na ponta dos pés e mordeu meu lábio inferior, fazendo-me apertar ainda mais seu pescoço e quase gemer.

Aquela tensão explodindo por cada canto.

Quando estava prestes a devorar sua boca o barulho do que agora sabia ser o toque do celular dela, fê-la sorrir diabolicamente e se afastar. Soltei-a, completamente perdido.

— Eu tenho uma reunião de última hora...

— Sabia disso. — Arrisquei e ela apenas deu de ombros, saindo em seguida.

— Puta merda! — reclamei para o silêncio da cozinha e fiquei incrédulo. Aquela mulher queria tirar minha mente, só podia ser. Como seria se todo dia debaixo do mesmo teto fosse assim?



“E você levou cinco minutos inteiros
Para arrumar nossas malas e me deixar com isso
Segurando todo esse amor aqui fora no corredor” [\[39\]](#)

VERÔNICA

— Por que realmente estou aqui?

Alfredo parecia mais querer morrer do que estar usando a gravata em seu pescoço. Não pude evitar meu olhar percorrendo cada centímetro dele, perfeito em um terno sob medida. As tatuagens evidenciadas no pescoço e parte das mãos, e eu me perguntava se teria alguma

outra nova desde a vez em que as vi por completo. Queria poder ter decorado e descoberto a história de cada uma delas.

— Porque é meu marido — falei, parando à sua frente, e levando minha mão até a gravata, fazendo-o cambalear levemente para a frente e refazendo de forma correta o design da peça. — Porque Yumi está nos observando.

Subi meu olhar e encontrei o azul do seu. Ele parecia preso aos meus olhos por alguns segundos, e tinha certeza de que nossos pensamentos eram os mesmos.

— *Não devíamos...*

Falamos praticamente juntos, quando sua boca tomou a minha novamente e agarrei-me a ele como se minha vida dependesse daquilo.

Por alguns segundos até mesmo pareceu que dependia. Mas eu não podia me apegar àquilo, não agora. Estávamos em um aniversário de um grande empresário,

que na verdade, era o disfarce perfeito para conseguirem contratos e contatos.

Eu estava acostumada a frequentar aquele tipo de festa desde os dezesseis anos. Minha avó tinha me mostrado como seria aquilo, caso um dia, eu precisasse estar ali. Já fazia tanto tempo, que muitas vezes, eu apenas estava em modo automático.

O lado bom das pessoas te respeitarem, ao mesmo tempo que temem, é que não tem que se esforçar para agradá-las. Era sempre o oposto. Passei levemente as mãos no terno de Alfredo, sem tocá-lo de fato, e o ajeitei.

— Odeio esse tipo de coisa.

— Percebi no dia em que nos conhecemos — comentei casualmente, e aceitei o champanhe que estava sendo servido. A expressão de Alfredo mudou e vi-o levar a taça que acabou de pegar à boca e quase virar. — O que foi?

Ele apenas negou com a cabeça e continuou a beber.

— Não se lembra de nos conhecermos aqui ou do champanhe que caiu sobre você?

Ele quase engasgou e vi-me olhá-lo sem entender absolutamente nada. Muitas vezes, Alfredo era uma completa incógnita, e aquele era um dos momentos. Por que ele aprecia estar tão ligado a tal informação?

Vi-o respirar fundo e apenas segurar a taça vazia e resolvi não indagar novamente. Não naquele instante.

— Ótimo!

Sua voz era apenas um sopro e foi quando meu olhar seguiu o seu, e encontrei Gael dentre algumas pessoas. Ele conversava com o dono da festa, e parecia estar voltando aos poucos ao lugar de herdeiro dos Fontes. Há coisas, que por mais que você negue, apenas são para você. Ele parecia estar redescobrando seu lugar.

— Ele é um bom garoto — comentei, por não poder evitar tentar notar a expressão modificada de Alfredo. Seus olhos azuis ficaram semicerrados e notei a forma como segurava com força a taça.

— Eu vou encontrar o banheiro. — falou por fim, apenas se afastando levemente, e sem me dar chance para dizer algo.

Um quase sorriso surgiu em meu rosto, enquanto caminhava calmamente atrás dele, porque tinha certeza de que não saberia como encontrar o banheiro. Aquele salão era enorme e quem nunca o frequentava, geralmente, precisava ser guiado.

Quando finalmente o alcancei e voltou a minha visão, a expressão leve que tinha no rosto se foi. Ele tinha o rosto um pouco corado, e um sorriso aberto, antes de se afastar de uma das convidadas que eu conhecia bem o nome e sobrenome. A mulher da idade dele, e com um olhar que o perseguia a cada passo que ele dava para longe, como se o avaliando.

Apenas fiquei parada, esperando que ela voltasse à realidade e notasse que eu estava ali.

— Um puto gostoso...

Ela então se virou e seu olhar parou no meu. Sua expressão foi de arregalar os olhos e sorrir abertamente.

— Senhora Reis. — Fez um leve aceno com a cabeça e eu tentei descontar o que realmente sentia na taça ainda cheia com o champanhe. — Procurando o banheiro também?

— Frequento esse lugar antes mesmo de você nascer, Carina. — Notei o sorriso sem graça em seu rosto e ela parecia completamente sem jeito. — Gostou do que viu?

— Com assim? Seu vestido maravilhoso que deve ser um Prada ou Dior...

— O puto gostoso — respondi, cortando-a, e ela arregalou os olhos, mudando levemente seu semblante. — Gostou?

— Nunca o vi antes e parecia tão perdido... Sabe quem ele é?

Foi então que notei o real interesse dela em Alfredo e apenas levei a taça à boca, sorvendo um pouco da bebida.

— Meu marido — respondi, ao descer a taça e notei-a quase perder o equilíbrio. — E posso te dizer com

certeza, ele é puto de um gostoso.

— Eu sinto muito, senhora Reis... Eu... Eu realmente não sabia.

— Agora sabe — ela assentiu, e parecia querer fugir dali.

— Reis!

— Acho que é meu momento — falou, e praticamente correu em seus saltos de perto de mim. O time de Gael a salvando por completo.

Terminei minha bebida e tentei controlar a raiva que estava em todo meu interior. Ele corou... Ele sorria para ela... Por que ele não era assim comigo? Por quê?

— Por que assustou a garota? — Gael indagou, e eu apenas mantive meu semblante neutro. — Ok, vou entender que é mais um dos seus charmes adoráveis que todos adoram.

— O que houve?

— Só queria te ver, Noona — comentou e sorriu levemente. — Estou me adaptando novamente, e graças a você.

— Você tem uma causa e está dando seu melhor...
— dei de ombros. — Sempre soube que tinha potencial.
— Obrigado, mesmo assim.

Ele então ficou muito próximo, e suas mãos vieram para minha cintura. Olhei-o sem entender absolutamente, e estava prestes a afastá-lo se não fosse por sua boca estar próxima à minha orelha e um sussurro.

— Ele não gosta de mim, mas com certeza, gosta de você... — sorriu em meu pescoço e se afastou. — Pode se esconder muito bem, mas o fato de estar com ele aqui me diz que pode ser recíproco, então...

Puxou-me para um abraço e meu corpo todo tensionou, quando sussurrou novamente.

— Se ele socar a minha cara, vou socar a dele de volta, aí é bom que pode cuidar dele... — comentou e o afastei delicadamente com as mãos. — Ele está vendo tudo no fim do corredor, cinco, quatro, três...

ALFREDO

Eu sabia que aquele filho da puta ia tentar alguma coisa.

Que a mãe dele me perdoasse, mas eu não conseguia deixar de xingá-lo mentalmente do nome mais horrível que fosse. Eu fui ao banheiro para controlar a raiva que sentia apenas por vê-lo no mesmo ambiente. Como explicar o ódio por saber que ele era tão próximo de Verônica?

E agora, dava de cara com ele, com as mãos sobre ela no meio do corredor, como se ela fosse toda dele. E o pior, ela não o afastou. Verônica sentia algo por ele? Verônica teria se casado para jogar com ele? As perguntas se embaralharam em minha mente, enquanto cada canto de mim se corroía, e eu caminhava até ela.

Sem pensar duas vezes, a puxei levemente pela cintura, e a afastei do mesmo. Ele tinha um sorrisinho no rosto, que se eu não quisesse parecer ainda mais idiota,

tiraria com um soco. E se ele tentasse mais alguma coisa, com certeza, eu não me controlaria.

— Nero, não é?

— Alfredo Lopes para você — respondi simplesmente, sentindo o quão fino o vestido de Verônica era, a ponto de eu sentir sua pele quente sobre o mesmo. Ou era o fato de ela estar tão perto?

— Sou ruim com nomes, sabe... Mas o de No... Verônica é inesquecível.

Respirei fundo e estava pronto para apenas socar a cara dele.

— Acho que deveria dar uma volta, Gael.

— Eu acho que seria bom ficar mais...

Dei um passo à frente, e apenas senti uma mão em meu peito, parando-me.

— Boa noite, então. — Ele ainda piscou para ela, e eu fiquei boquiaberto com tamanha intimidade e audácia.

Ninguém parecia ser tão íntimo daquela forma... ninguém. Por que ele era?

— O que ele é para você?

— Por que se importa com o que Gael faz ou não? — indagou, ficando à minha frente, sua mão ainda em meu peito.

— Não me importo porra nenhuma. — Fui honesto. — Me importo porque sempre parece tão íntima dele.

— Então se importa comigo?

— Sem joguinhos, Verônica — falei por fim, e levei minha mão até a sua, sobre o meu peito. — O que ele é para você?

Meu coração estava descontrolado e ela podia sentir perfeitamente, porém, eu não me importava mais. Não me importava tanto que ela soubesse que consumia minha mente, mesmo que não pudesse deixar que o fizesse com meu coração.

— Sem joguinhos? — indagou e eu assenti, seu olhar preso no meu. — Um amigo tentando te provocar, porque acha que nos gostamos.

Meu coração quase parou.

— Não nos gostamos. — Ao menos, eu sabia que não da parte dela.

— Mas nos queremos? — não sabia se era uma pergunta ou afirmação, mas senti suas unhas sobre o terno, batucando levemente ali. — Ou não?

Não soube o que responder, quando deu mais um passo e ficou tão próxima, que se eu me mexesse qualquer milímetro, seus lábios estariam nos meus.

— Vamos para casa.

— Mas não tinha que estar nessa festa e...

— Tenho que estar com você — falou simplesmente, e afastou-se de mim, e sua mão entrelaçou a minha.

Eu apenas a segui, sem conseguir argumentar ou negar, e senti como se todas as borboletas em meu estômago quase voassem para fora. Porra, eu também tinha que estar com ela.



“No meio da noite, em meus sonhos
Você devia ver as coisas que fazemos, amor, hm
No meio da noite, em meus sonhos
Eu sei que vou ficar com você, então vou no meu tempo
Você está pronto para isso?” [\[40\]](#)

ALFREDO

— Eu não sei por que está me olhando assim —
falei, sem conseguir admitir a mim mesmo o papelão ao
qual tinha me prestado. Onde eu estava com a cabeça?

— Gael não é um perigo. — Sua voz soou baixa, enquanto apenas a luz de fora da casa, iluminava levemente seu rosto. Vi-a tirar os saltos altos e jogá-los para o lado, e seus passos então se tornaram próximos. — Por que não admite?

— Admitir o que, Verônica? — indaguei, e felizmente, estávamos no escuro e ela não poderia ver que meu corpo todo deveria estar vermelho. Não sabia se por vergonha pelo que fiz, ou pela raiva que ainda sentia.

— Que me quer só para você.

Ri baixo, sem conseguir me impedir, mesmo que engolisse em seco em seguida.

— Não vamos tornar isso real — falei, e foi tão da boca para fora, que foi quando seus olhos castanhos pararam nos meus. — Não podemos.

— Queremos a mesma coisa, querido.

Por que eu gostava tanto do meu nome quanto era dito por ela?

Por que eu gostava daquele bendito apelido?

— Não me chame assim — pedi, e dei um passo para trás, tentando não me recordar daquela noite. Da noite que parecia rondar minha mente e me fazia querer esquecer que não éramos uma verdade. — Sabe que isso é perigoso, Verônica.

— Vai se apaixonar por mim? — perguntou, e senti uma de suas mãos sobre meu peito, e ela podia sentir meu coração acelerado ali. — Vai me deixar quebrar seu coração?

— Não para a primeira pergunta — falei, pois era a realidade.

Como eu poderia me apaixonar novamente pela mesma pessoa?

— Então me deixe quebrar seu coração, o tanto quanto quero que quebre o meu — assumiu e suas unhas passaram levemente pelo meu pescoço, puxando-me levemente para si. — Sei que quer o mesmo...

— Verônica...

— Que quer estar sobre mim e me exigir como sua.
— Sua voz era tão baixa, que se não fosse o completo

silêncio do local, não a ouviria. — Que quer me domar.

Suspirei fundo diante do seu toque e minhas mãos coçaram para tocá-la, e trazê-la. Eu a queria tão perto quanto naquela noite. Queria poder exigir novamente que era minha. Queria poder acreditar por alguns segundos que ela era toda minha.

— Me beija — falei, meu tom mudando por completo, e cedendo tanto a ela, quanto a mim mesmo o que eu queria.

Ela não hesitou e seus lábios vieram para os meus. Apenas sua boca na minha, e senti cada parte do meu corpo gritar por mais. E eu queria tê-la com paciência, diferente de antes. Não queria apenas parecer sedento por ela, o que novamente, parecia impossível.

O ar faltou e ela se afastou, respirando fundo.

— Eu te disse para parar? — indaguei, e desci minhas mãos levemente pelas laterais do seu corpo, e senti como ela era quente, mesmo sob o fino tecido do vestido. Parei as mãos bem na cintura onde *e/le* segurou, como se tivesse algum direito. Apertei o local a ponto de

fazê-la quase gemer, e podia sentir seus olhos atentos aos meus.

— Eu te disse que ia deixar me domar?

— Não — falei, e puxei-a de forma que a coloquei contra a parede, sobrando quase nada entre nossos corpos. — Mas eu sei que você quer isso... — sussurrei perto de seu pescoço. — Eu sei que é o meu toque que quer bem aqui... — apertei-a com ainda mais força, e com certeza, a marca de minhas mãos ficariam ali. — E não o dele.

— Quem te garante?

Olhei-a de imediato, ainda pressionado contra seu corpo.

— Quem não me garante, bebê? — notei seu olhar mudar rapidamente, e eu sabia que ela gostou daquele apelido. E me enlouquecia ela corresponder tão perfeitamente a cada insinuação, escolha ou toque que lhe entregava. — Sua boca ou seu corpo?

Assim que ela abriu a boca para dizer algo, minhas mãos entraram sob seu vestido e sentia-a nua ali. Fechei

os olhos por alguns segundos, tanto para recuperar meu controle pelo quão molhada ela estava, quanto para não pensar que ela esteve daquela maneira a noite toda.

— Eu tirei no carro. — Sua voz me fez acordar, e encará-la, enquanto sua cabeça estava jogada para trás. — Eu sabia que ia gostar.

— Gosta de me ver te querendo, não é?

— Gosto de toda merda que vem com você.

Sua mão fechou levemente no meu pescoço, puxando-me para si, e nossos lábios tão próximos que eu morreria por aquele beijo.

— O que estamos fazendo, Verônica? — perguntei, no lapso de lucidez que me atingiu, sentindo-a tão quente em minha mão, e meu corpo tão entregue ao dela, que a teria contra aquela parede na sala de estar.

— Não ligando para nada.

Ataquei sua boca, enquanto a levantava até minha cintura e ela entrelaçou as pernas perfeitamente. Uma de minhas mãos a segurando pela bunda, que eu marquei da outra vez e queria de novo. Enquanto ela me segurava

pelo pescoço com uma e abria a minha calça social que já parecia tão incômoda a ponto que eu não suportava.

— Me diga para parar. — Praticamente implorei, quando se encaixou perfeitamente em mim, e minha testa encontrou a sua.

— Nunca.

Sua resposta veio junto a um gemido quando a tomei de uma vez, fazendo ambos perdermos a respiração por alguns segundos. E ali estava eu, no inferno e paraíso pessoal, sem acreditar que aquela mulher era minha - mesmo que por alguns segundos.



“Não tenho muita certeza de como me sentir quanto a isso

Algo no modo como você se mexe

Me faz sentir como se não pudesse viver sem você

Isso me leva do começo ao fim

Eu quero que você fique” [\[41\]](#)

VERÔNICA

Se em algum momento pensei que o beijo dele se tornaria menos viciante após o primeiro, eu estava errada. Quanto mais a boca de Alfredo se encontrava com a minha, mais eu gostava de me perder por completo nela. Suas mãos me prenderam contra o tapete, uma em meu

pescoço a outra descendo perigosamente pelo centro do meu vestido já quase arruinado.

Seus lábios vieram novamente para os meus e eu estava a ponto de implorar para que tomasse novamente. O ar me faltou quando senti sua boca descer para os meus seios, e sequer tinha ideia de como saímos da parede e fomos parar ali.

— Para de me torturar, Alfredo. — Não sabia dizer se era uma ordem ou uma súplica.

— Eu não estou mais dentro de um carro, sem muito espaço... Sabe o que eu sempre quis, todo esse tempo? — indagou, sua boca perigosamente pairando em minhas coxas, enquanto o vestido já estava apenas o resto de um tecido sobre mim.

— O quê? — minha voz quase não saiu quando senti seus dentes em minha coxa.

— Sentir o seu gosto. — Sua língua encontrou o lugar que eu mais necessitava e senti o aperto de sua mão em meu pescoço se soltar, descendo até minhas

pernas, abrindo-me para ele. — Como seria te ver desmanchar na minha língua.

Antes que eu pudesse reclamar de que ele deveria parar de falar e fazer, sua boca me tomou. Minha cabeça que estava levantada um pouco, apenas para olhá-lo, caiu para trás de imediato. Minhas unhas se arrastavam pelo tapete, procurando algo em que descontar o prazer que ele me fazia sentir.

Como ele poderia saber exatamente como me deixar à sua mercê?

— Vira. — Exigi, encarando os olhos azuis que estavam dilatados e claramente obstinados a me dar prazer, e quase não resisti ao gemer mais alto. — Alfredo...

— Terá todo o tempo do mundo para me fazer gozar, bebê. — Sua voz soou baixa e perigosa, e senti um leve sopro contra a pele, fazendo-me arrepiar. — Hoje é tudo sobre você, apenas você. Uma punição por ter me provocado desse jeito...

— Então vou ter que te provocar mais. — Senti seus dentes contra a pele sensível e fechei os olhos pela forma como meu corpo todo parecia já perto do orgasmo. — Porra!

— Sou apenas eu, bebê — falou contra mim, e logo sua língua me tomou novamente.

Tentei ficar presa em seus olhos, mas a cada segundo, ficava mais difícil de focar. Eu só sentia milhares de pontos do meu corpo querendo se desintegrarem. Quando estava pronta para cair, senti-o se afastar e minha ira ficou presa na garganta, já que o senti me tomar por completo. Meu corpo explodiu ao seu redor, apertando-o e senti o seu gemido próximo ao meu ouvido.

— Caralho — gemeu, levantando minha perna, a ponto de castigar minha bunda com dois tapas, como se para me punir pela forma que o fazia sentir. Eu sequer raciocinei por alguns segundos, enquanto meu corpo voltava do céu e sentia o orgasmo ser prologado por cada encontro do seu corpo no meu. — Você me aperta tão bem, bebê.

Minhas mãos foram até seu pescoço e o puxei para mim, sentindo meu gosto nos seus lábios, e gemendo pela forma possessiva como cada parte daquele corpo tatuado me tomava para si. Tudo dele me tomando e eu aceitando de bom grado.

— Gostosa. — Sua boca se afastou da minha, e senti-o castigar minha bunda novamente, fazendo-me quase gritar. Ele se afastou, fazendo-me olhá-lo incrédula, mas senti o exato segundo que tentou virar meu corpo e queria me apoiar no sofá.

— Peça por favor — falei, e senti-o usar toda sua força para me deixar de costas para si, e beijos foram depositados por toda minha coluna.

— Eu faço tudo o que desejar, bebê — sussurrou, suas mãos chegando até minha bunda, e me fazendo gemer pelos beijos que ainda colocava por toda minha pele. — Se for para ter você nua, bagunçada e molhada para mim... eu peço por favor todos os dias.

— Me fode, Alfredo — exigi, fazendo-o se colocar atrás de mim, e senti uma de suas mãos passar por meus

seios, que estavam carentes por sua atenção. Tudo de mim queria que cada parte dele estivesse presente.

Ele não falou mais nada, mas senti sua respiração mudar, assim que entrou em mim novamente, e me puxou para perto de si. Estava de costas, quase gritando pela forma que tudo nele me tomava naquela posição. Sua mão que estava em meus seios subiu até meu pescoço, arqueando-me como bem entendia, e eu tive minha cabeça caindo para trás contra seu ombro, castigando-o como podia. Minhas unhas em cada parte de sua pele que podia encontrar, apertando-o até sentir sua respiração mudar e ele aumentar os movimentos.

Senti sua mão subir até minha boca, e chupei seus dedos como o faria na próxima vez que tivesse a chance de tê-lo. Como eu também tanto desejava. Lamber cada bendita tatuagem que eu não tive oportunidade por estarmos dentro de um carro, mesmo que grande, na primeira vez.

Ele se afastou levemente, para sua mão que estava na minha cintura, encontrar minha bunda e apertar. Gemi e meu corpo todo foi de encontro ao dele, que gemeu

baixo contra meu pescoço, e sabia que estava quase perdido.

— Será que eu tenho que te marcar, bem aqui... — sua língua lambeu meu pescoço e quase me desfiz ali mesmo. Tão perto do segundo orgasmo que eu não conseguia mais pensar. — Alguém vai perceber que é minha?

— Mas eu sou. — A resposta saiu nublada pelo prazer e pela parte minha que tanto desejava aquilo. Ser dele. Pertencer a ele. — Assim como você é meu. — Minha voz até mudou, porque era exatamente aquela troca que eu buscava. Ele ser meu. Ele me pertencer.

Sua boca encontrou a minha, e senti-o gemer em meio ao beijo, e cada parte de mim queimava pela maneira como ele me tomava. Cada vez mais forte. Cada vez mais certa. E eu estava quase perto do orgasmo, que não consegui beijá-lo e apenas caí com a cabeça para trás e gemi.

— Isso, bebê. — Sua voz grossa, parecendo treinada para me fazer desfazer. — Goza pra mim. — O tom de ordem, acompanhado dos toques certos e ele

procurando o próprio prazer, me fez chegar ao mais alto prazer, e chamar pelo seu nome.

Não demorou mais que segundos para Alfredo também chegar ao orgasmo, e senti a bagunça que éramos perdidos nos braços um do outro. E a forma como os olhos azuis permaneciam dilatados, mas um sorriso se abriu em seu rosto, me mostrava a dualidade que eu adorava nele. E eu o queria. Não apenas aquela versão que me fazia explodir por cada poro. Mas ele todo, cada pedacinho.



“Isso não é para o melhor
Minha reputação nunca esteve pior, então
Você deve gostar de mim por quem eu sou
Sim, eu quero você” [\[42\]](#)

VERÔNICA

Ouvi meu celular tocar.

Parecia tão distante que pensei ser um sonho. Ou eu estava presa em um sonho em que o trabalho me visitava.

Senti algo quente ao meu redor, e me aconcheguei, sem conseguir evitar de notar o quanto era duro e macio ao mesmo tempo. Pisquei algumas vezes, quando o barulho continuou e forcei meus olhos a se abrirem. Mesmo se fosse um sonho, eu deveria estar dormindo nele.

Quando o fiz, vi que estava totalmente enrolada contra o corpo de Alfredo. Olhei-o por inteiro, o semblante claramente incomodado enquanto dormia, mas que parecia se negar a realmente despertar. Desvencilhei-me do grande corpo a contragosto, e quando pensei que sairia sem acordá-lo, senti braços me puxarem de volta.

— É domingo.

Quase ri do seu resmungo, e notei que ainda estava de olhos fechados.

— Exatamente por isso, deve ser extremamente importante.

— Odeio seu trabalho. — Olhei-o surpresa, quando seu olhar finalmente se abriu, encarando-me. — Ser CEO

de uma empresa grande só te tira mais tempo de estar comigo.

— Temos um ano pela frente, Alfredo. — Notei seu olhar mudar por um segundo e quase me arrependi de dizer tal coisa. Mas eu precisava, porque era a realidade.

— Ainda assim, é domingo e está frio — insistiu, como se ignorando minha fala. — Fica aqui, que eu trago o bendito celular.

Puxou-me para perto, dando um leve beijo e vi-o se levantar no segundo seguinte. Segurei um suspiro diante do corpo todo tatuado e nu, que caminhou primeiramente até a cueca, como se enrolando, e logo rumou em direção à minha bolsa, jogada na porta da frente de casa.

A casa que agora era nossa.

A casa que nunca pensei que dividiria com alguém além dos meus irmãos e gatos. Mas dividia com ele.

— Pietro. — Leu o nome no visor, antes de voltar até mim, e me entregar o celular. Ele tinha uma carranca, e eu revirei os olhos. — Por que sempre tem tantos homens ao seu redor?

— Tem muito mais mulheres — falei, atendendo a ligação. — Verônica Reis

— Lauren Ferreira está na frente do condomínio, claramente desesperada e com os olhos inchados. — Franzi o cenho, sem entender nada. — Deixo-a entrar, senhora?

Pensei sobre e uma questão me veio em mente - Bianca. Por que a mãe da ex-esposa do meu irmão estaria ali? Depois de tantos anos da morte da filha?

— Pode deixar, Pietro — suspirei fundo. — Obrigada.

Desfiz a ligação e notei o olhar de Nero ao meu redor, que já se aconchegava sob os cobertores que eu nem sabia como tinham chegado à sala.

— Problemas sérios?

— Ainda não sei — admiti, e era estranho ter alguém tão atento ao que me acontecia. Alfredo Lopes tinha o poder de fazer minha guarda descer, mesmo que eu não permitisse. — Vai ter que ir para o quarto.

— Para o seu quarto?

— Estamos mesmo fazendo isso? — indaguei, e ele fez um leve bico. — Você parecia bem receoso ontem à noite.

— Não estou ligando para nada que não seja isso aqui agora. — Fez um sinal entre nós dois e sua mão parou em meu rosto. — Foda-se o contrato, Verônica.

— Foi ele que te prendeu aqui, você sabe, eu sei... — falei, e ele negou com a cabeça. — Não estou entendendo, Alfredo.

— Podemos conversar melhor depois?

— Acho que não vai demorar, então sim — ele assentiu, e me ajudou a levantar, surpreendendo-me ao enrolar os cobertores ao meu redor, e me puxar pra o seu corpo. — O que...

— Precisa colocar alguma coisa que não seja o vestido rasgado na sala — comentou, assim que senti meus pés novamente no chão. — Vou te esperar aqui e enquanto isso, apreciar a vista.

Eu poderia negar, mas vi o exato instante em que ele pulou na cama, e meus gatos sequer se importaram

com a presença de um homem de um metro e noventa todo tatuado que até dias atrás, nunca estiveram perto. Gara para piorar, foi até ele, que estava enrolado sobre os outros cobertores, e pediu carinho.

Soltei os meus cobertores e notei o olhar de Alfredo sobre meu corpo, enquanto eu caminhava até o closet. Optei por um macacão comprido de material mais grosso, e saltos mais baixos. Encarei meu reflexo no espelho e minha pele gritava que eu tinha transado a noite inteira. Um sorriso se abriu e queria poder evitá-lo, mas era um fato. Ele estava ali. Com meus gatos. Com o sorriso de menino que eu tanto gostava. Suspirei fundo, e passei pelo quarto para vê-lo já rodeado dos outros dois gatos e caminhei até o banheiro.

Meu sorriso foi ainda maior para aquele outro reflexo. E eu sabia, que estava muito fodida.

Quando voltei para a sala de estar, joguei tudo o que restava da noite anterior para trás de um dos sofás, e

esperei pela chegada de Lauren. A mulher mais velha, assim que adentrou o ambiente, parecia a ponto de desabar e me senti completamente estranha diante da situação.

— Precisa de uma água ou café?

Ela negou de imediato, segurando levemente em meu braço, enquanto a encaminhava até o meu escritório daquela parte da casa. Sentei-a no sofá dali, que era mais confortável e algo parecia muito errado para ela estar quase se desfazendo à minha frente.

— Eu só queria te entregar isso — ela suspirou profundamente. — Tem sido um longo tempo até conseguir mexer nas coisas de Bianca, mas quando encontro algo que seja importante e que seja para outra pessoa... Eu encontrei algo para Tadeu.

— Tadeu? — de repente, aquilo não fazia sentido algum. Não deveria ser sobre Murilo?

— Descobri recentemente um fundo falso onde ela escondia cartas que gostaria de entregar. Tinha várias, algumas eu consegui porque tinha o destinatário, como

Murilo e Valéria. Mas essa aqui, acho que o tempo acabou apagando o destinatário e quando fui ler... Eu não tive coragem de encarar seu irmão.

— Pode me entregar isso? — perguntei, e ela me destinou o papel, que claramente já estava amarelado.

— Eu só espero que isso não tenha sido um problema para ele e... Sinto muito por ter lido, até perceber que era algo tão sério — comentou e a encarei perdida. — Eu só queria deixar isso aqui porque já estou velha para tomar decisões dessa maneira. Como sei que protege seus irmãos, talvez, possa tomar uma melhor do que eu.

— Obrigada, Lauren.

Foi tudo o que consegui dizer, enquanto ela se levantou e parecia querer sair dali.

— Tem certeza de que quer ir embora? — perguntei, ao acompanhá-la até a saída.

— Eu só queria minha filha aqui, para conversar sobre tudo... Bianca tomou tantas decisões ruins baseadas no seu medo da doença. — Eu vi as lágrimas

descerem pelo seu rosto. — Minha filha queria ter mais chances de viver, e tentou de tudo enquanto pôde, mas me dói saber, e agora sei que doeu nela, machucar pessoas no caminho.

— Eu ainda não entendo, mas... — respirei fundo. — Eu realmente sinto muito por sua perda, Lauren. Não tenho ideia do que é a dor da perda de um filho, mas... Eu sinto muito.

— Eu sou das antigas, sei das histórias... — olhou-me profundamente. — Você perdeu em massa, Verônica. Talvez seja uma das poucas pessoas que consiga me entender, e talvez entenda Bianca.

— Eu vou tentar, prometo.

Ela apenas me deu um leve sorriso, antes de abrir a porta. Pietro já estava a postos, como pedi que ficasse, esperando-a.

— Pietro levará a senhora em casa, em segurança. E não aceito uma negativa — falei, e a velha mulher apenas acenou com a cabeça e seguiu em direção ao homem de roupa social à sua frente.

Pietro assentiu e voltei para dentro, ainda com aquele papel em mãos. O que poderia ser tão sério, que até mesmo envolvia Tadeu? Quando finalmente me sentei, ainda no sofá e comecei a ler, o chão sumiu dos meus pés e foi como se os céus desabassem. Aquilo tinha que ser mentira... Tinha que ser.



“Nossa maturidade chegou e se foi
De repente, neste verão, está claro
Eu nunca tive a coragem das minhas convicções
Enquanto o perigo estiver próximo
E está ali esquina, querido
Porque ele vive em mim
Não, eu nunca conseguiria te dar paz” [\[43\]](#)

VERÔNICA

*“Não sei para quem destinar essa carta, na verdade.
Talvez seja para mim mesma, tentando me perdoar.
Talvez seja para Tadeu, que foi apenas um fantoche nessa*

história. Talvez seja para não permitir que ela seja esquecida ou usada para machucar alguém.

Eu não sabia o que estava fazendo. Nem mesmo quando me casei com Murilo. Eu o amava, profundamente, mas sabia que aquele amor romântico nunca seria de fato meu. Murilo era meu melhor amigo, meu confidente, uma parte de mim. Ele me via como uma irmã, por mais que tudo que desejasse fosse que me visse como uma mulher.

A questão era que quando Tadeu bateu à minha porta e se declarou, algo fez sentido. Foi como se o universo me mostrasse que eu ainda tinha alguma chance de viver um amor. Nunca tinha pensado que o irmão mais velho do cara que eu amava, poderia realmente gostar de mim. Mas se eu nunca de fato reparei em Tadeu, como teria feito?

Naquela noite, eu fiz.

E demorou alguns segundos para entender que não teria nada dele, a não ser aquelas três palavras declaradas. Contudo, eu imaginei que as ouviria no dia seguinte, eu clamava por aquilo. Eu não o amava, mas

talvez fosse a chance de encontrar o amor verdadeiro. Viver um verdadeiro amor antes de tudo acabar. Meu tempo era pouco, mas minha vontade de viver era maior.

Foi por isso que quando Tadeu pareceu não entender nada do que fez e claramente perdido, acabei optando por deixá-lo entender que tivemos uma noite inteira juntos. Eu senti medo de ele voltar atrás. Eu senti medo de aquele amor que ele disse sentir não fosse real. Eu o prendi a mim, esperando que em algum momento, as três palavras voltassem a ser minhas. Como se eu tivesse direito de usar alguém e exigir que fosse como eu queria.

Eu o fizera com Murilo e não obtive o que queria.

Eu o fiz com Tadeu e acredito que apenas o machuquei.

Não sei para quem eram aquelas três palavras, mas não eram para mim. Demorei um tempo, quando voltei a ser internada, a entender que não passou de um devaneio meu, no qual o prendi, e acreditei que seria real. Tadeu Reis não era o meu príncipe encantado. Murilo Reis não

era o meu príncipe encantado. Na verdade, eu nunca encontrei o que era meu de fato.

E talvez nunca encontre.

Faltam-me poucos dias de vida e não é como se eu pudesse fazer muito para poder reparar o que fiz. A vergonha me assola, só de pensar em encarar Tadeu novamente. Mas eu espero que essa carta chegue até ele, caso seja necessário. E bom, que as palavras que finalmente coloquei para fora, me ajudem a ter paz.

Não tive amor, não romântico, mas gostaria de ter paz. De não ter deixado nada de fora ou esquecido algum detalhe. Não sei se sou a vítima ou vilã de qualquer história, mas me sinto apenas uma mulher comum tentando encontrar algo maior na minha própria.

Talvez, um dia, em outra vida, eu encontre.

E espero que Tadeu consiga se declarar para a pessoa que realmente amava. Ou quem sabe, ainda ama.

Espero que todos encontrem a paz e felicidade que buscam, e dizer que aprendi a lição de que mesmo no desespero há coisas que simplesmente não me

pertencem. E o amor e corpo de Tadeu Reis, nunca me pertenceram.”

Talvez eu já estivesse quase decorando aquela carta, a ponto de que juntei fatos e épocas em minha mente, e só consegui imaginar que foi quando Tadeu resolveu morar por um tempo em seu apartamento no centro, o qual sabia que era próximo do de Valéria. Eu sabia que ele gostava dela desde muito novo...

Quase amassei a carta, mas a deixei sobre o sofá. Eu precisava racionalizar aquilo, mas ainda assim, parecia impossível. Só conseguia pensar em como Tadeu se sentiu. Se ele acordou e acreditou que passou a noite com a esposa do irmão... Ele deveria ter se culpado. Ele ainda se culpava?

E de repente, a realidade despencou sobre mim. E eu me encolhi contra o sofá, abraçando as pernas e sem conseguir conter um soluço. Eu não o tinha protegido. Eu o tinha deixado preso naquilo e se não fosse aquela carta que Lauren encontrou ao acaso, talvez eu nunca soubesse.

Eu não o tinha protegido...

Como sei que protege seus irmãos, talvez, possa tomar uma melhor do que eu.

Eu não o tinha protegido...

Você protege seus primos como seus irmãos, foi o que meus pais disseram.

Eu não o tinha protegido...

Eles te veem como exemplo de proteção, foi o que vovó um dia disse, quando separei a primeira briga deles.

Eu não o tinha protegido...

As lágrimas desceraam com força e eu não consegui evitar. Senti-me mais sensível que o normal, e só poderia ser pelo fato de que envolvia meus irmãos. Poderia ser sobre qualquer coisa, qualquer pessoa, mas não sobre eles. Só consegui imaginar onde eu estava para não ter notado o que Tadeu passou. O que eu estava fazendo que não percebi que tinha algo errado? Como eu permiti que algo assim acontecesse?

De repente, tudo o que lutei e tentei a vida inteira, escorrendo pelas minhas mãos. Eu tinha uma função clara em minha mente, de protegê-los a todo custo, e de

repente, descobri que tinha falhado. Falhado e sequer sabia que o fizera.

Levei as mãos ao rosto e me senti desabar.

ALFREDO

— Onde será que a dona de vocês se enfiou? — perguntei para o trio de gatos que estava ao meu redor e descí as escadas.

Foi quando ouvi o barulho de algo baixinho, como um soluço interrompido e meu corpo todo entrou em urgência. Dei passos leves até o sofá mais próximo e foi quando encontrei Verônica praticamente em posição fetal, com o que deveria ser a manta jogada sobre o sofá, só que daquela vez, sobre ela.

Os gatos chegaram antes de mim, ficando em torno dela, mas era como se ela sequer os visse. Ela parecia em

completo choque e eu não soube fazer outra coisa que não fosse me aproximar com cuidado.

— Verônica... — chamei baixo, colocando-me de joelhos à frente do sofá. Seu olhar estava perdido e era claro o rastro de lágrimas em sua face, assim como, a vermelhidão em seus olhos.

Ela estava tão bem antes daquela visita... Por que ela estaria assim?

— Me deixe sozinha, por favor.

Sua voz mal saía, e mesmo com o pedido no final, soou mais como uma ordem.

— Não vou deixá-la sozinha — falei, e seu olhar parou no meu, tão machucado que eu jamais imaginei que a veria assim. — Não está sozinha.

— Alfredo...

— Não precisa me contar nada, apenas me deixa te abraçar.

Ela não disse nada.

Ela não negou e notei-a tentar se acomodar melhor contra o estofado. Tomei aquilo como uma resposta

positiva, e me posicionei ao seu lado no sofá, trazendo-a para meu corpo. Ela não veio de tão bom grado, mas agarrou-se ao meu peito segundos depois. Ela não chorava alarmada ou se permitia aquilo, era um choro silencioso, de uma dor que eu nunca saberia que ela carregava, se não fosse por estar exatamente ali.

Deixei-a desabar em meus braços.

Permiti-me estar ao seu redor, como se os meus braços fossem o bastante para protegê-la, mesmo que não fossem. Eu queria dizer tantas coisas. Eu queria explicar-lhe tantas coisas. Mas ainda era tão cedo para tudo aquilo. Parecia tão errado pensar no que sentia, enquanto ela desmoronava.

Mas me doía profundamente, porque não podia fazer nada para tirá-la daquele momento. Por mais que quisesse. Não era como se Verônica fosse me deixar entrar de tal maneira. E eu fiquei ali, com ela em meus braços, até que adormecesse neles.



“O diabo está nos detalhes, mas você tem uma amiga em mim

Seria o suficiente se eu nunca conseguisse te dar paz?” [\[44\]](#)

VERÔNICA

Pisquei algumas vezes, enquanto meu corpo se sentia envolto e quente. Quando finalmente notei onde estava, tentei recapitular o que tinha acontecido. Uma inundação de informações me acertou, enquanto encarava Alfredo adormecido, com as mãos me trazendo para si, como se para me proteger.

Eu queria dizer-lhe obrigada. Eu queria dizer-lhe que foi a pessoa que eu sempre quis que estivesse exatamente ali. No entanto, como eu poderia deixá-lo entrar em meio a toda bagunça que era, se não conseguia proteger ninguém de fato. Levei as mãos ao seu rosto, e o analisei com carinho. Encostei nossas testas e respirei fundo. Por alguns segundos, eu queria acreditar que poderíamos entrar naquela bolha e nunca mais sair. Mas não era possível, não sendo quem eu era.

— Alfredo... — chamei-o baixo, e toquei sua barba bem-feita. — Alfredo...

— Estou num sonho tão bom... — reclamou, e notei a careta no belo rosto. — Só mais cinco minutos, tô com a moça do café dizendo que me ama.

— Moça do café? — indaguei, e apertei levemente seu rosto, tentando chamar sua atenção.

Ele piscou algumas vezes, antes de me encarar e parecer cair na realidade.

— Quem é a moça do café? — perguntei, sem conseguir fingir que não ouvi nada.

— Quem é o quê? — rebateu, suas mãos subindo levemente para meus braços. — A gente dormiu? — indagou, como se perdido, e talvez, querendo mudar de assunto.

Suas mãos então vieram para o meu rosto e o seguraram. Sua expressão mudou por completo, como se ele lembrasse do porquê paramos exatamente ali.

— Como se sente? — perguntou, e de repente, eu não podia focar nos devaneios dele ou nos meus ciúmes. Eu sabia aonde deveria ir.

— Preciso ir encontrar Tadeu — suspirei fundo, e levei minhas mãos às dele, afastando-as de mim. — E não podemos continuar com isso.

— O quê?

Tentei sair de seu aperto, mas suas mãos me impediram, prendendo-me pela cintura.

— Alfredo... Isso vai acabar te machucando.

— Ficar longe de você me machuca — assumiu, pegando-me completamente desprevenida. — Eu não sei como dizer isso, mas... Mas eu gosto de você. Não me

lembro de uma vez que não o tenho feito. Desde quando te vi pela primeira vez e não esqueci seus olhos. E depois, em todos os reencontros. Tenho vivido de chances do acaso, para apenas te deixar ir assim.

— Não está falando sério...

Eu não podia acreditar naquilo.

Ele não podia sentir o mesmo que eu.

Ele não podia acreditar no mesmo que eu.

— Eu nunca pensei que amor à primeira vista fosse real, até nunca conseguir tirar você da minha cabeça. — Pegou-me completamente desprevenida. — Sei que tem algo errado e claramente quer resolver, mas não me afaste... Eu só quero que essa chance seja real.

— Não posso te dar mais do que esse contrato — falei, mesmo que na realidade, fosse o completo contrário. Forcei-me a me afastar do seu contato e segurei-me ao que restava de mim para sair dali. — Não posso, Alfredo.

— Mas você quer?

Ele então se levantou e tentou vir até mim. Levantei minha mão e não pude encará-lo. Nunca me senti tão exposta de tal maneira que não soubesse o que dizer ou como agir. Ele viu lados meus que ninguém mais tinha conseguido, e aquilo me assustava para cacete.

Ainda mais, porque agora tinha certeza de que não podia protegê-lo totalmente. E se alguém sabotasse o carro que ele usava? E se alguém tentasse contra a vida dele por minha causa, pelo que sentíamos?

— Me diga que não quer e te deixo ir — falou, e levantou meu queixo, fazendo-me encará-lo.

— Não quero.

Porém, se ele conseguisse ler o mínimo de mim, ele saberia que não era aquela a resposta. E como se entendesse, ele me deu um leve beijo na testa, e me fez quase voltar atrás.

— Onde precisa ir? — indagou e eu neguei de imediato.

— Preciso ver Tadeu, mas você fica. — Praticamente ordenei, tentando voltar a mim mesma. — Não é um

pedido, Alfredo.

— Esqueceu que não é minha chefe e não sou o seu negócio — rebateu, com um sorriso no canto da boca, como se pudesse quebrar qualquer clima ruim. — Pode não gostar de mim, mas por enquanto, vai ter que me aturar.

Abri a boca para dizer algo, mas desisti. Apenas me vi indo em direção ao meu quarto e tentando racionalizar o que faria. Precisava encontrar Tadeu e saber mais daquela história, e só então, descobrir como poderia fazer mais por eles. Parar de permitir que algo assim escapasse por minhas mãos. Para protegê-los.

Horas depois e finalmente o carro parou à frente da casa do meu irmão. Alfredo fez o que disse que faria, não me deixaria sozinha. Assustava-me tal promessa que nem era para ser uma promessa mais cedo, sendo cumprida.

Não me lembrava de um momento, fora minha família, que alguém quisesse fazer aquilo por mim.

Mas era o comum, certo?

Quando se gosta de alguém, você fica ao lado dela?

Eu não sabia ao certo, porque nunca de fato permiti que a maioria das pessoas ficasse ao meu redor. Não sabia confiar, e me era completamente confuso, o fato de que o fazia, mesmo sem querer, para com ele.

— Vou ficar no carro, para não atrapalhar.

Assenti, e desci, encontrando meu irmão já na porta, com o filho em seu colo. Seu olhar me analisou e ele pareceu desconfiar de que tinha algo errado.

— Tá tudo bem?

— Valéria está em casa? — perguntei, cruzando os braços e ele assentiu. — Preciso de um momento a sós com você, se possível.

Ele assentiu e vi-o adentrar a casa e logo voltar sem o filho em mãos. Fiz um leve aceno de cabeça para que me seguisse, e ele o fez. Quando senti que estávamos longe o suficiente para que ninguém pudesse ouvir, vi-me

puxando-o para os meus braços. A sua surpresa foi tamanha, porque eu não demonstrava afeto de tal maneira, não com eles. Sempre foi em outros tipos de toques, mas ali, eu precisava daquilo.

Eu precisava abraçá-lo e pedir-lhe perdão.

— Verô...

— Por quanto tempo sofreu achando que traiu seu próprio irmão? — perguntei ao me afastar, a culpa me corroendo. — Por quanto tempo achou que tinha feito isso?

— Como... Como soube disso? — ele parecia ligeiramente confuso e surpreso. — Não era para saber.

— Apenas me responda, Tadeu.

— Na verdade, só melhorou quando conversei com Murilo, ano passado. — Fechei os olhos com força e mal conseguia encará-lo. — Verô, por favor, eu... Eu não queria te contar porque ficaria assim. Eu te conheço para saber que sofreria junto comigo.

— Eu poderia ter sido mais atenta e você não teria que passar por isso. — Fui incisiva. — Eu... Eu sinto muito,

Tadeu.

— Verô...

— Lauren achou uma carta de Bianca, está aqui comigo... — entreguei-lhe o papel. — Você nunca a tocou, irmão. — Notei seu olhar mudar, e como se ele raciocinasse novamente. — Carregou essa culpa por todos esses anos...

— Não é sua culpa, que eu me sinta assim — falou, e me fez encará-lo, segurando levemente em minha mão. — Você sempre deu mais do que podia para gente, e não tinha como saber que Bianca mentiria sobre ou faria algo assim... Eu não culpo nem ela, Verô. Por que seria sua culpa?

— Porque eu sou a irmã mais velha de vocês — soltei, sentindo toda a dor me percorrer. O papel que de fato não era meu e o abracei com todas as forças, e eles me aceitaram. — Porque eu os escolhi e vocês me escolheram. Mesmo quando souberam da verdade, vocês ainda me escolheram. Eu lembro que você foi quem entendeu primeiro quando contei que não tínhamos o mesmo sangue, e mesmo assim... Você veio e me disse

que confiava em mim, que se sentia protegido por mim...
E onde eu estava quando isso ocorreu?

— Cuidando para que Igor e Carolina não fossem fodidos da cabeça pelos nossos pais imbecis — rebateu e senti suas palavras como cortes. — Você estava dando atenção ao fato de que tinham pessoas tentando roubar nossa família, nossa... Que a gente escolheu. Um caso ou não com Bianca, não muda o fato de que você sempre me protegeu.

— Tadeu...

— Eu te amo, você sabe disso — falou e apertou minha mão novamente. — Por mim, não se culpe. Eu nunca te contei não porque tinha vergonha do que houve ou não sabia o que fazer, mas porque eu sabia que seria mais um peso para você.

— Você nunca foi um peso. — Cada palavra saiu determinada e notei o brilho em seu olhar. — Você foi minha escolha.

— E você também foi a minha.

Deixei uma lágrima descer e limpei-a rapidamente, levando meus dedos médio e indicador da mão direita à sua testa. Eu não sabia o que fiz para merecer aquilo, todo aquele amor e carinho, toda a sua escolha, mas eu sempre seria grata.

Tadeu sorriu e não soltou minha mão esquerda.

— Mas estou feliz que não dormi com ela — admitiu, fazendo-me rir de lado. — Aliás, vi que Alfredo está no carro com você, dirigindo...

— O que isso tem a ver?

— Quer dizer, acho que nós dois sabemos que nunca se casaria apenas por contrato, sei que é uma promessa que fez à vovó. Eu era novo, mas lembro de ela falando isso. — Olhei-o surpresa. — Então... tem algo a me dizer?

— Sem mais declarações por hoje, irmão.

Ele riu de lado, e sabia que entendia.

— Ok, talvez... — ele então passou a mão pela minha cintura, levando-me novamente em direção à sua casa. — Talvez em breve?

— Sem chance de falarmos sobre isso.

Ele riu novamente, e me senti mais leve, porque por mais que eu me culpasse e aquilo nunca fosse passar, Tadeu era um grande homem. Eu o olhava dali e ficava pensando: quando foi que ele deixou de ser um bebê tão pequeno, para se tornar um irmão e agora, um homem casado e com um filho?

A sensação que sempre tive com eles, nunca foi apenas fraternal, em alguns momentos, chegava a ser maternal, e talvez por aquilo, eu me sentisse ligada de mais. Sentisse-me culpada demais. Como já ouvi por aí: nasce uma mãe, nasce uma culpa. Poderia ser algo que me atingia também, e nunca admiti a mim mesma.



“E quando eu senti que era um cardigã velho

Debaixo da cama de alguém

Você me vestiu e disse que eu era o seu favorito” [\[45\]](#)

VERÔNICA

Não sabia dizer como Alfredo tinha me convencido, mas ali estava eu, pronta para passar uma noite na antiga casa dele. No caso, ainda tinha jeito e cara de casa, já que ele pareceu apenas levar coisas pessoais para a Mansão Reis. Era um duplex, a parte de cima sendo a parte de sua

casa, e a debaixo pelo que entendi o estúdio de tatuagem de Abigail e o seu escritório.

— Eu ainda posso ficar na casa do meu irmão — falei, vendo-o colocar um lençol novo na grande cama do seu quarto. — Ou na fazenda de Carolina ou na casa de Murilo.

— Eu sei que não é um palácio, mas tem lençóis limpos — comentou com um sorriso leve no rosto. — A cama é toda sua. — Bateu contra a mesma, e o encarei sem entender. — Acho que precisa de um tempo descansando de verdade, e logo voltamos para a capital.

— Por que tem sido tão legal comigo? — indaguei e ele me encarou. — E não diga que é por gostar de mim.

— Não acredita que goste de você? — rebateu, e deu alguns passos mais para perto.

— Ainda não sei o que pensar sobre isso — admiti, e ele parou, quase tão próximo, que poderia sentir sua respiração. — O que quer que eu pense?

— Que eu sou um cara legal que vai deixar você dormir na cama dele e vai dormir no sofá. — Piscou um

olho e se afastou, deixando um leve rastro quente de sua distância.

— Eu te disse que isso... — fiz um sinal entre nós dois. — Não vai acontecer, não da forma que parece querer.

— Um homem pode sonhar, Verônica — falou, e parou no batente na porta, encarando-me. — Tenho sonhado com você há muito tempo.

— Quando vai sentar e me contar isso a fundo?

— Quando eu senti que quer ouvir e não estiver tão sensível quanto agora.

— Já me chamaram de muita coisa, mas não me lembro de sensível ser uma delas — não pude deixar de comentar.

— Deve ser porque eu te enxergo... quero te enxergar — falou, e deu um sorriso sem dentes. — Qualquer coisa, estarei na sala. Sinta-se em casa.

— Obrigada, Alfredo.

Virei-me em direção ao quarto e por mais que tivéssemos dividido muitos momentos nos últimos dias, e

que todos eles fossem íntimos em níveis diferentes de tudo que já experimentei, estar ali no seu quarto me fez sentir novamente outro sentimento. Olhei ao redor, e me vi agindo como uma adolescente quando me deitei na sua cama e inalei seu cheiro no travesseiro. Ainda tão presente, como se ele estivesse ali.

ALFREDO

Não surte!

Não posso surtar!

Não posso surtar já que a mulher dos meus sonhos estava no meu quarto, na minha casa. Abri a porta da geladeira e fechei, sem saber o que fazer de fato. Girei na pequena cozinha e levei a mão à boca, tentando abafar um grito.

— O que eu faço? — minha voz saiu quase como um sussurro.

Olhei em direção ao corredor que dava para o meu quarto e me vi parando à frente da porta, pensando se deveria bater e perguntar se ela precisava de algo. Porém, parei com a mão no ar, sem saber o que de fato fazer. Baixei a mão e voltei para o sofá, esticando-o de forma que eu pudesse caber no mesmo.

Lembrei que Abi me falou que deveria ter comprado um sofá que eu coubesse, mas eu nunca fui de usá-lo. Nem de ficar muito na sala. Ajeitei-me como pude e tentei fechar os olhos para me acalmar.

Não pense tanto nisso!

Não pense que a mulher que você sempre sonhou está no seu quarto!

Não pense que a qualquer momento ela pode simplesmente aparecer na sua frente!

Respirei fundo e tentei pensar em qualquer outra coisa que não fosse Verônica. *Mas e se eu tivesse sido sincero demais? E se ela apenas dissesse que não poderia me dar uma chance? E se eu estivesse sendo uma merda insistente?*

— Vem.

Apenas ouvi a voz e meus olhos se abriram ao comando. Verônica estava à minha frente, vestindo o que deveria ser a camiseta que deixei sobre a cama, caso ela quisesse se sentir mais à vontade. O ar quase me faltou.

— Eu notei que esse sofá era minúsculo, quando passei por aqui... — olhou-me profundamente. — Não vai dormir aqui se tem uma cama daquele tamanho.

— Mas...

— Sem “mas”, Alfredo. — Esticou-me sua mão, e aquela foi a primeira vez que ela o fizera. — Já estive mais perto de mim do que numa mesma cama, qual o problema?

— Não queria parecer mais íntimo do que sou ou apressado...

Ela apenas agarrou minha mão e eu fui, sem conseguir me negar àquilo. Quando me fez deitar na cama, e o fez em seguida, colocando-se sobre meu peito, o ar quase me faltou.

— Só fica quieto e finge que eu não sou uma bagunça — sussurrou, posicionando sua mão sobre meu peito.

— Gosto da sua bagunça.

Sua mão parou na minha boca e eu sorri sob seus dedos.

— Boa noite, Alfredo.

— Boa noite, Verônica.

E aquela entrava para a lista dos meus momentos favoritos e completamente inesperados, onde ela estava em cada linha imaginária escrita em minha mente.



“O tempo todo isso foi uma febre
Uma pessoa crédula, nervosa e impulsiva
Eu joguei minhas mãos para o alto e disse: Mostre-me alguma coisa
Ele disse: Se você se atreve, chegue mais perto” [\[46\]](#)

VERÔNICA

Senti meu corpo quente.

Pisquei algumas vezes e respirei profundamente. Aquele cheiro me era inconfundível e não demorei para entender onde estava. Levantei meu rosto e encarei-o ainda em seu sono, ressonando baixinho. Os cabelos negros um pouco bagunçados contra o travesseiro, a

barba começando a crescer... Eu gostava de memorizar pedaços dele, mesmo que nunca tivesse admitido.

Foram aqueles pequenos pedaços que tive, desde quando o vi pela primeira vez em uma festa, que me perseguiram. Foram eles que me fizeram tentar tirá-lo de minha mente quando soube do contrato com Carolina. Foram eles que me trouxeram até ali.

Não os físicos, eles eram apenas um bônus. Mas a forma como ele corava e um sorriso tímido surgia em seu rosto. A forma como tinha uma postura perfeita à frente de qualquer um, mas claramente odiava estar em um terno. A forma como parecia ligeiramente destrambelhado, e mesmo bagunçado, ainda era algo tão bom de se olhar. A forma como ele me enfrentava, queixo com queixo, todas as vezes que nos encontrávamos. Mesmo que eu adorasse ser uma mulher que o fazia corar, eu admirava sua bravura.

Porque a realidade era que Alfredo era das únicas surpresas que eu tive e não me machucaram. Ao menos, não até agora. Ele poderia sempre me trazer uma dose de surpresa, mas sempre era boa. Era uma experiência que

me fazia sentir viva e com um ser humano. Talvez fosse pelo fato de que ele parecia pouco se importar com o meu nome ou sobrenome. Ele sempre esteve lá, me provocando, instigando, enfrentando... Sem falhar. Surpreendendo-me, e talvez eu soubesse que ele ficaria em minha mente, desde o primeiro momento que meus olhos chegaram nele.

— Estou sentindo olhos em mim. — Sua voz saiu baixa, e logo seus olhos azuis encontraram o castanho dos meus. — Bom dia, bebê.

Sua fala me pegou completamente desprevenida, e senti minhas bochechas esquentarem. Não... Eu não podia estar corando? Eu estava?

— Pensei que só me chamaria assim na hora do sexo? — indaguei, tentando disfarçar a queimação em minhas bochechas, e logo senti uma de suas mãos bem ali.

— Acho que você gostou de quando te chamei assim, no carro... — comentou e eu me fingi de burra. — Devo te lembrar?

— Pode parar de ser tão fofo só por alguns segundos? — indaguei, agradecendo o fato de que uma de suas mãos tampava minha bochecha que deveria estar vermelha, e o outro lado não lhe era tão visível.

— Eu te deixo envergonhada quando sou fofo? — perguntou, afastando a mão e descendo para meu queixo, puxando-me para perto.

— Eu nunca sei com que versão de você eu estou lidando — assumi, e parei as mãos sobre seu rosto. — Me diga, qual é essa?

— A de um homem assustado para caralho porque quer confessar seus sentimentos mais profundos e não sabe o que esperar. — Sua admissão me pegou desprevenida. — Acho que preciso me explicar, sobre o que disse em casa.

Em casa... Não minha casa. Talvez Alfredo começasse a ver a Mansão Reis como um possível lar? Foco, Verônica!

— Lembra quando disse que me conheceu numa festa? — assenti, e ele continuou. — Eu te conheci antes

disso.

— O quê?

— Sabe o restaurante em que te levei, no nosso primeiro encontro?

— Aquilo foi um primeiro encontro? — indaguei, e vi-o levar as duas mãos ao rosto, como se escondendo. — O que foi? — insistindo, rindo levemente. — Alfredo...

— Deixa eu continuar, sem que me veja queimar de vergonha...

— Por minha causa? — perguntei, sem conseguir disfarçar minha animação.

— Eu nunca fiquei tão sem jeito na minha vida, como fico perto de você...

— Não me parece. — Fui honesta. — Acho que ouvi por aí que sou a única mulher que você não cora e não corre.

— Nunca se perguntou do porquê disso?

— Algumas vezes — admiti. — Mas nunca cheguei a uma conclusão.

— Tem a ver com quando te conheci... — olhei-o interessada. — Foi naquele restaurante, que antes era um café. Meu primo idiota me fez derrubar café em mim mesmo, então eu fui ao banheiro... Perto da porta uma mulher pareceu me notar, mas de relance, e entregou-me uma caixa de lenços. Essa mulher tinha olhos castanhos que eu nunca esqueci, e uma postura de rainha que quase me deixou de joelhos.

Arregalei os olhos, sem acreditar, e tentando me lembrar daquilo.

— Eu tinha dezesseis anos e acho que todo meu sangue se concentrou nas bochechas. — Eu não conseguia acreditar em cada palavra. — Mas claramente você estava resolvendo algo e mal me notou, então eu... Meus primos me disseram algo que ficou na minha mente: que nunca, uma mulher mais velha, e como ela me olharia, se eu continuasse a não saber dizer nada e corasse fortemente.

— Eu sou a moça do café? — a pergunta saiu e foi quando ele me mostrou novamente seu rosto,

completamente vermelho nas duas bochechas, e ia até suas orelhas. — Eu... Como assim?

— Eu só fui te rever numa festa, dois anos depois... Eu corria desse tipo de coisa, assim como faço hoje em dia, mas foi quando te reencontrei. Foi nessa festa que tomei um banho de champanhe de alguns garçons, e mais uma vez, passei vergonha na sua frente. Mas foi a primeira vez que não corei.

— Eu... — eu estava incrédula. — Eu tinha te notado antes do champanhe virar sobre você.

— Sério? — olhou-me atentamente e eu assenti. — Por que não disse nada?

— Você tinha dezoito anos e eu estava intrigada, pensei que fosse apenas algo aleatório... — fui sincera. — Até você continuar a aparecer no meu caminho. Até que eu descobrir sobre o contrato seu com Carolina, e pensei que talvez fosse por isso que tenha ficado tão conectada ao garoto de óculos de grau pretos.

— Minha mãe fingiu que estava doente e que precisava que o único filho dela ficasse em boas mãos

quando ela falecesse. Eu era ingênuo demais, e caí na dela... Foi a última vez que ela conseguiu me usar assim, e acho que era exatamente o que precisava de mim. Já que só reapareceu na minha vida de fato quando Carolina disse que quebraria o contrato.

— Por que não quebrar antes de Carolina o fazer?

— Eu só queria menos dor de cabeça — admitiu. — Uma Reis tem mais poder que eu para isso, então, deixei que fosse resolvido assim. Até que...

— Até que eu tomei a dianteira — falei, e ele entrelaçou nossas mãos. — Não pareceu muito feliz com a ideia.

— Na verdade, eu estava em choque. — Riu de lado. — Eu estava quase caindo de joelhos e agradecendo aos céus, ao mesmo tempo que surtando porque você poderia me odiar para sempre quando me conhecesse melhor nesse um ano de contrato... Abi me disse que eu não ia saber se não tentasse, e caí na fanfic dela. Na verdade, a fanfic que eu criei, de que a moça do café ainda me olharia.

— Eu sempre olhei para você — falei, tentando me abrir, mesmo que fosse realmente difícil. — Nunca pude parar e pensar em algo que eu realmente quero, até que você ficou na minha cabeça. Foi um tempo de culpa porque sabia que Carolina tinha algo sobre você, por mais que a conhecesse e sabia que era o eu romântico dela falando, não algo real... Tem sido um tempo de me entender, porque quando eu anunciei que nos casaríamos, não foi algo que planejei. Eu só fiz o que queria.

— Você me queria?

Assenti, sem saber como admitir mais do que aquilo.

— Não sou boa nisso, Alfredo. — Fui sincera. — Todos os casos que tive foram apenas casos e nada mais... A questão é que nunca te vi como um. Eu sempre te vi e quis, e não sei explicar. Não sei dizer o que eu sinto, mas sinto.

— Eu também — ele falou, e me puxou até que nossas testas se encontraram. — Uma vez vi um filme que

eles falavam que uma das protagonistas é como uma cebola, você tem que tirar uma camada por vez...

— Está me chamando de cebola?

Ele gargalhou e eu não pude deixar de sorrir.

— O que quero dizer é que vale a pena, por você, tirar uma camada por vez... Não quero declarações de amor e festas, nem que finja ser quem não é. Não precisa me explicar todo seu passado e seus medos, ou me entregar mais do que pode. Eu apenas quero você. Quero seu tempo, seu respeito, seu corpo, seu amor, seu futuro... Tudo que seja você. E cada camada que puder retirar.

Sorri, sem conseguir me conter, e levei minha boca à dele. Em um beijo terno que me fez saber que era a resposta que ele tanto precisava. Alfredo me queria, e eu o queria. E eu sabia, que por mais difícil que pudesse ser, aquilo poderia bastar.

— Eu vi você corar — falou contra minha boca e bati contra seu peito, o que o fez rir. — Não pode bater em quem você cora.

— Diz isso para minha bunda que você arruinou, e não te impediu de corar hoje...

— Verônica! — me afastei para rir do seu semblante, que claramente se tornava desejoso. — Você é a minha morte, sabia disso?

— Assim como você é a minha.

Então sua boca veio faminta para a minha, e eu sabia que não tínhamos como evitar aquilo. A conexão de dois corpos que sempre imploraram para estar juntos. E que finalmente, podiam ser livres um com o outro.



“Ninguém gosta de uma mulher louca

Você a fez ficar assim

E você cutucará aquela urso até as garras dela atacarem

E você encontra um motivo para colocá-la em sua força

E não há nada como uma mulher louca” [\[47\]](#)

VERÔNICA

Olhei para Leila que corria ao meu lado, já que tínhamos uma reunião em alguns minutos e devido aos acontecimentos recentes, tivemos que remarcar e reavaliar vários dados. Por mais que eu me dedicasse a

empresa, ela sempre veio em segundo lugar. O primeiro lugar sempre seria da minha família.

— Senhora Reis.

Paralisei diante do meu nome sendo chamado, e me virei levemente. Não pude deixar de reparar no homem que tinha praticamente a idade de Igor e que descobri em um mau momento. No caso, quando sua mãe estava doente. Aquele era Ricardo Reis, um irmão que nunca de fato quis fazer parte da nossa família, mesmo que depois da mesma formada.

Ele tinha a ideia do que os Reis eram, fora da bolha que construímos. Foi como se Reinaldo pensasse exatamente sobre como fazer para ter um filho que não levasse o legado de Regina adiante, ou seja, não acreditasse em mim. Eu já tinha tentado me aproximar de Ricardo, mas ele deixou claro que não queria fazer parte.

Eu o respeitei. E fiz o que pude, mesmo a distância.

— Temos vinte minutos, senhora — Leila falou ao meu lado, e deu uma olhada no homem de olhos verdes à nossa frente.

— Vou precisar de cinco, e te aviso se for demorar mais — ela assentiu, indo em direção ao elevador privativo.

Aproximei-me cautelosamente até Ricardo, que tinha as mãos nos bolsos e parecia levemente envergonhado. Era fácil ler algumas pessoas, e ele, mesmo que confiasse na pior pessoa possível – que era seu próprio pai – nunca me pareceu uma pessoa ruim.

Era um garoto esforçado e que sustentava a família desde os dezesseis anos. Foi um garoto que sofreu uma das piores perdas que alguém pode ter e me enxergava na sua dor.

— Ricardo — falei, cruzando os braços. — O que o traz aqui?

Meu celular tocou e o atendi de imediato, ao ver que era Rodinei.

— Reinaldo está na frente da empresa... Ele quer alguma coisa.

— Acho que estou vendo exatamente o que ele quer — comentei e encarei Ricardo, que parecia muito nervoso.

— Apenas chute a bunda dele, por gentileza.

— Pode deixar.

Desfiz a ligação e encarei o homem à minha frente.

— Reinaldo parece atrás de você, mas ele não é permitido de entrar nesse prédio... — ele pareceu olhar ao redor, como se desconfiado. — Está aqui por ele?

— Estou aqui porque descobri a verdade. — Olhou-me e sabia de imediato que tinha a ver com o tratamento de sua mãe. — Eu achei que fosse ele... Ele me enganou, na verdade. Quanto mais pesquisei, mais descobri que estive envolvida com a minha vida. Os estágios e bolsas que consegui, os empregos e indicações... O tratamento que minha mãe precisava e infelizmente não foi o suficiente... Tudo foi você.

— Seus outros irmãos também estão nessa — comentei, lembrando-me de que todos estavam bem cientes de que Ricardo existia, e que sempre tentavam ajudá-lo, mesmo que anonimamente. — Eu te disse que era uma parte de nós, se quisesse.

— Eu queria pedir desculpas por não ter lhe dado atenção — confessou. — Reinaldo deve estar atrás de mim porque cortei relações com ele. Ele queria que eu fizesse um escândalo e trouxesse à tona que sou um Reis. Ele queria que eu tomasse meu lugar por direito. — Fez aspas com as mãos. — Eu nunca quis nada disso, eu só... Só queria uma família. E me neguei a ter.

— Nunca é tarde para família — falei e senti no mesmo momento uma leve tensão na cabeça. — Se estiver sendo sincero...

Estiquei a mão para ele, tentando me manter em pé, mas parecia impossível. Escutei uma outra voz conhecida ao redor, e tentei responder, mas parecia impossível. Minhas pálpebras pesaram, mesmo contra minha vontade. E tudo o que ouvi por último foi Noona, e simplesmente, apaguei.

ALFREDO

— Meu Deus, isso é muito difícil — falei, tentando aprender alguma coisa em coreano. — Tem certeza de que pode me ajudar?

— E por que não o faria? — Yumi indagou, sorrindo abertamente. — Estou feliz que consegui seu número e te convidar para um almoço. Ainda não conseguimos acertar aquele jantar.

— Tá tudo bem. — Sorri, olhando novamente para as anotações que ela me mostrou. — Com quantos anos aprendeu coreano?

— Na verdade, desde muito pequena... Meus pais falavam português e coreano, então nunca foi algo que me indaguei ou vi como duas línguas a aprender.

— Dizem que crianças aprendem com mais facilidade.

— Você ainda é jovem. — Bateu em meu braço e sorriu. — Estou feliz por ver Verônica com você, de verdade.

— Eu fico feliz que esteja feliz — falei, sem saber muito o que dizer.

Não que minha experiência em namoros fosse longa, mas eu tinha conhecido uma ou duas famílias em meus trinta anos, e com Verônica, era claro que Yumi era um dos seus pilares. Ao menos, eu imaginava que sim.

Ela tinha me convidado para almoçar, e disse que não aceitava um não como resposta. E ali estava eu, no fim da rua de onde a Mansão Reis ficava, almoçando com a madrinha da mulher que era minha esposa. Minha esposa que agora estava nos dando uma chance. Aquelas palavras tinham um novo gosto na boca.

Ouvi uma música e logo Yumi se afastou.

— Um segundo — falou e eu continuei a encarar os cadernos que ela colocou à minha frente. Yumi comentou que Verônica sabia um pouco de coreano e de repente, só conseguia me imaginar como seria a voz dela em outra língua. Era normal querer saber tanto da pessoa que se gosta? — O quê? Como assim? Ela está bem?

Levantei meu olhar de imediato, encarando a mulher mais velha à minha frente.

— Estou indo para aí. — Eu a vi pegar a bolsa e jogar no ombro. — Precisamos ir.

— O que houve? — indaguei, seguindo-a na mesma hora.

— Rodinei acabou de me ligar e disse que Verônica desmaiou do nada, no meio do hall da empresa...

— O quê? Onde ela está? Está no hospital?

De repente, eu estava desesperado.

— Calma. — Yumi parou à minha frente, e vi-a fazer um sinal para alguém ao nosso redor, que deveria ser um dos seguranças que ela também tinha. Eu tinha, ligeiramente, me acostumado com eles, já que Verônica sempre tinha algum ao seu redor. — Ela deve estar bem, Gael está com ela.

— O que Gael faz com ela?

Yumi riu em meio a cara de preocupação.

— Você me lembra o irmão ciumento que eu tinha.

— Eu não sabia o que responder, e apenas segui seus

passos até o carro.

E a preocupação me assolou: o que diabos fez com que ela desmaiasse?

Minutos depois chegamos à frente da empresa, e assim que Yumi desceu, vi-a caminhar até um homem que parecia da sua idade, só que vestido como segurança. Talvez aquele fosse Rodinei Reis. Olhei de relance para ver um outro, que estava preso por três seguranças.

— O que ele faz aqui? — vi Yumi perguntar e o ódio era claro em sua voz. — Acha que vai matá-la? — sua pergunta me fez ficar na defensiva de imediato, e notei o homem à sua frente segurá-la e dizer que não valia a pena. — Nunca mais vai tocar nela, nem sobre o meu cadáver.

— Vai. — Foi o que o homem à sua frente disse, e eu me vi apenas correndo em direção à entrada do prédio. Felizmente, eu já estava autorizado e em segundos cheguei ao andar que sabia ser a sala dela. Encontrei Leila do lado de fora, e a porta da sala de Verônica aberta.

— Eu estou bem, Gael.

— Mas Noona...

Foi então que uma das expressões que Yumi me ensinou durante o almoço me acertaram. Noona era a forma que homens chamavam mulheres mais velhas que eles consideravam talvez como irmãs mais velhas. Ou outras coisas.

Notei Verônica sentada no sofá do canto, e Gael ao seu lado, segurando sua mão. Ele era realmente uma pedra no meu sapato. Não conseguia digerir a forma como ele parecia admirá-la, e por mais que pudesse ser fraternal, eu adoraria quebrar a cara dele.

— Será que pode nos dar licença? — perguntei, sem querer parecer grosseiro, mas sem poder evitar o desgosto em minha voz.

O olhar do homem à frente dela parou no meu, e ele parecia pronto a me dar uma negativa.

— Pode ir, Gael — ela falou, e ele a olhou. — Obrigada.

— Qualquer coisa, só me chamar.

Ele então se levantou e não me destinou o olhar ao sair. Assim que a porta foi fechada atrás dele, praticamente corri até Verônica e levei minhas mãos até seu rosto.

— Como está se sentindo? Chamou um médico?

— Minha pressão deve ter baixado e apenas isso...

— comentou e semicerrei os olhos.

— Quantas vezes desmaiou por pressão baixa?

Ela abriu a boca para responder, mas nada saiu.

— Vamos ao hospital ou vamos chamar um médico, você escolhe. — Aquela era a primeira vez que exigia algo à sua frente e notei o sorriso que se abriu em seu rosto. — O quê?

— Nada.

Ela apenas se recostou melhor em mim e suspirou.

— Estou falando sério — sussurrei, e logo ela deu uma risadinha.

— Prometo fazer meus exames de rotina... — ela então parou e se afastou de mim, indo em direção à sua mesa.

— O que foi?

— Rotina me lembrou de uma coisa... — ela então digitou algo no celular e tentei enxergar, mas demorei a estar do seu lado.

— Não deveria estar levantando assim — falei, puxando-a para colocá-la na cadeira. — E do que lembrou?

— Vou fazer alguns exames de rotina, apenas.

Olhei-a curioso, como se soubesse que era mais do que aquilo.

Antes que pudesse insistir, a porta se abriu e Yumi adentrou o ambiente.

— Madrinha?

— Eu convidei Nero para um almoço, aí Rodinei me ligou, aí quase mandei Reinaldo pro inferno aqui na frente... — ela soltou o ar com força — Tô velha e você pare de me preocupar! — bateu levemente com força em Verônica, que sorriu. — O que houve? Por que desmaiou?

— Ainda não sei, mas não deve ser grave.

O olhar de Yumi então mudou de mim para Verônica, como se pensasse em algo.

— Pode nos dar um tempinho, Nero?

— Claro — respondi, fazendo um leve carinho no rosto de Verônica antes de me afastar. — Vou estar ali fora, com Leila.

— Ok.

Verônica parecia tão bem, que nem diria que tinha desmaiado. Assim que fechei a porta atrás de mim, vi-me indagando porque eu parecia o único que não entendia o que de fato havia acontecido. Ainda mais pelo olhar interrogativo de Leila sobre mim. Seria um sexto sentido de mulheres?

Só queria que nada grave tivesse feito Verônica desmaiar. Era pelo que torcia.



“E você sabe que eu faria tudo por você

Sentaria com você nas trincheiras

Te daria minha vida selvagem, te daria um filho” [\[48\]](#)

VERÔNICA

— Qual a chance? — Yumi perguntou, encostada contra minha mesa.

— Alguma — respondi, aguardando que o meu pedido para Leila fosse concretizado o mais rápido possível.

Yumi então pegou minha mão e a segurou.

— O que pensa sobre ser mãe? No caso, mais uma vez. — Olhou-me profundamente.

— Acho que já pensei nisso algumas vezes e no quanto gostaria de ter a experiência de gerar uma vida, mas... — respirei fundo, quase levando minha mão livre até a barriga ainda plana. — A probabilidade de ser real é assustadora.

— Nada planejado? — indagou, e eu neguei com a cabeça.

Aquela noite no carro dele. Nada daquilo foi de fato planejado. E se alguém me contasse que aconteceria, eu duvidaria. Alfredo sempre esteve longe do meu alcance, e agora... E agora, eu poderia estar esperando um filho dele.

— O quanto você sente que é real?

— Não vou nem chutar, madrinha. — Respirei fundo, apertando levemente sua mão. — Leila já deve ter marcado o exame de sangue e vou ao laboratório fazer a coleta.

— Você é uma das pessoas mais cautelosas que eu já conheci e o fato de estar talvez grávida, sem qualquer planejamento disso, me faz pensar no quanto Nero te deixa à vontade, a ponto de não pensar tanto...

— Ele deixa — respondi, sem poder esconder mais aquilo. — Mas também não sei como as coisas vão ficar, se eu confirmar que estou grávida.

— Eu aposto que ele desmaia.

— Madrinha... — ela riu de lado e pareceu certa daquilo.

— Pelo que pudemos conversar durante o almoço, ele é o completo oposto da versão física. Um homem grandão, de tatuagens e voz grossa, mas que tem um coração de menino. Eu acho que consigo entender por que se casou com ele, mesmo que por um contrato...

Arregalei os olhos e ela continuou: — Eu nunca disse que não sabia nada sobre. Planejei chegar e conversar com você a respeito, mas quando vi a forma que se olhavam, só pensei que o contrato foi uma desculpa. Tem algo na maneira que se olham, que os entrega.

E era exatamente o que eu pensava, toda vez que a via à frente de Rodinei.

— Não sei se o amor é complicado ou se a gente que complica.. — Só sei que ele está em minha cabeça desde que posso lembrar, de quando o vi pela primeira vez.

— Pedro sempre disse que o sonho dele era um amor à primeira vista, mas que Sérgio o arruinou para isso — comentou tão leve, que nem parecia que estávamos falando de pessoas que tanto nos faziam falta. Antigamente, entrar naquele tópico era algo que ela jamais faria. — Mas eu acho que foi à primeira vista, mesmo que eles fossem muito pequenos. Talvez fossem muito pequenos para entender.

— Papai gostava do romance... — suspirei fundo. — Mas ele não apoiaria o que eu fiz para tentar o meu.

— Não pense assim. — Ela apertou minha mão, fazendo-me olhá-la. — Eles jamais te julgariam, principalmente, Pedro. Ele é a pessoa mais entendedora que já conheci.

Meu celular vibrou e notei ser Leila, que avisou que tinha conseguido um horário na clínica mais próxima e confiável, dali a vinte minutos.

— Quer que eu vá com você? — minha madrinha perguntou, assim que me levantei e me afastei dela.

— Como quiser, eu só... — suspirei fundo. — Só quero descobrir logo.

— Então vamos lá.

Ela então passou ao meu lado, puxando meu braço para o seu, e nos levando para fora da sala. Encontrei Alfredo sentado nas poltronas do lado de fora, com o olhar um pouco perdido e parecendo pensar em muitas coisas.

— Exames? — ele perguntou, e se levantou de imediato. — Vou com vocês, tudo bem?

— Claro que sim. — Foi Yumi quem respondeu, já que eu só conseguia olhar para ele. Imaginando como seria ter uma miniversão dele, com olhos azuis e aquele nariz empinado.

Por que a ideia de ter um filho com ele não me assustava como de fato imaginei que assustaria?

Eu não era uma pessoa que sabia lidar com surpresas. Na realidade, a maioria que tivera na vida foram ruins, por isso, nunca soube lidar com o que viria sem eu ter a plena consciência. Por que eu não me sentia assim apenas pela probabilidade?

Senti um braço ser colocado em minha cintura, puxando-me para perto, e levantei meu olhar para Alfredo, que me encarava, como se dizendo que estava tudo bem, que tudo ficaria bem. Ele parecia tão inocente e correto, que me perguntava se eu merecia alguém assim ao meu lado. Se eu merecia que ele se sentisse de tal maneira comigo desde quando me viu.

Ele me viu, e ele me quis. Era o que eu sabia após sua confissão, em seu quarto, que resultou em nós dois corados e corações entregues.

Eu o vi, e o quis da mesma maneira. Era o que eu ainda escondia, por mais que acreditasse que ele podia ler partes de mim, que ninguém mais podia.

Pela nossa diferença de altura, mesmo em meus saltos, era fácil para ele me dar um beijo nos cabelos e no top da cabeça, como se me assegurando que estaria ali.

Fechei os olhos por alguns segundos e só os reabri quando chegamos ao hall.

Os minutos se passaram rapidamente.

Agora eu estava apenas sentada em uma sala separada, esperando pelo resultado. Pelo que ouvi, não demoraria mais que quinze minutos. E eu me vi contando cada um, encarando meu relógio e tentando me acalmar no processo. Sabia que Alfredo e Yumi estavam na sala de espera, e foi o melhor.

Queria receber aquele resultado sozinha. Era como se eu já soubesse e sentisse que era uma realidade. Contudo, a quem poderia culpar? A mim mesma e a um senso de maternidade que não sabia que tinha?

De repente, eu não sabia se esperava mais pelo resultado ou por um positivo.

— Senhora Reis. — Levantei meu olhar, encontrando uma das colegas que fiz durante a faculdade de enfermagem, e que sabia ser uma das responsáveis por aquele laboratório.

Eu já estive em laboratórios como aquele por várias vezes. Na realidade, em sua maioria, em testes de paternidade que eram exigidos por Reinaldo e Roberto, até que Rodinei se cansou que fossem feitos. No final, minha avó tinha deixado tudo encaminhado e eles poderiam buscar onde fosse, e nunca descobririam a verdade. O poder de um Reis manipular um resultado era simples, mas faltava muita capacidade para aqueles dois.

Eu nunca me neguei por conta da questão de não ter nada a esconder, mesmo que eu tivesse. No final, a minha postura intocável e correta, os enfurecia ainda mais, e no fim, os convencia. Era um jogo que eu aprendi a jogar muito melhor que eles.

Contudo, agora não estava ali por conta de um jogo.

Era bem longe de qualquer outra coisa que já fizera.

— Então?

— Eu trouxe o resultado, por questão de que sabemos que não gostaria que vazasse. — Estendeu-me o papel. — Não há cópias ou alguém abriu. Eu vou esperar do lado de fora, e qualquer coisa, é só me chamar.

— Obrigada — falei e ela sorriu levemente.

Minhas mãos tremiam e apenas naquele momento as notei de tal maneira. Tentei me focar enquanto deslacrava o envelope e puxava de dentro o papel. Fechei os olhos por alguns segundos e então tive coragem de abri-los. Pisquei algumas vezes, lendo e relendo, tentando entender se eu não estava entendendo algo errado. Contudo, a resposta estava na minha frente, estampando um positivo que eu nunca imaginei ver.

Eu estava grávida.



“Oh, eu só quero te amar, te amar de graça

Todo mundo quer algo de mim

Você só quer a mim” [\[49\]](#)

VERÔNICA

Assim que consegui encontrar força nas minhas pernas, caminhei até a saída da clínica, onde Alfredo e Yumi estavam. Encontrei-os na sala de espera e fiz um sinal para irmos. Assim que ia abrir a porta, levei um susto quando Tadeu passou por ela.

Logo Murilo, Igor e Carolina. Olhei para eles sem entender o que faziam ali ou como tinham chegado.

— Eu fiquei nervoso e falei com Abi, acho que ela estava no viva-voz, e eles estavam todos juntos — Alfredo sussurrou ao meu lado, e então as coisas começaram a fazer sentido. Eu nunca comunicava aos meus irmãos o que acontecia, principalmente se fosse algo que eu tinha que pensar para poder falar com eles.

— Na verdade, Gael falou com Valéria assim que desmaiou, e por isso chegamos só agora...

Levei a mão ao rosto e apertei a têmpora. Eu não podia me estressar, repeti a mim mesma.

— Eu estou bem, não tem nada de errado comigo — falei, e segui para fora da clínica, esticando minha mão para Alfredo, que veio logo atrás. — Quantas vezes eu disse para não se preocuparem comigo?

— Como se a gente ouvisse isso. — Igor rebateu, revirando os olhos. Encarei os quatro à minha frente e sabia que seria um interrogatório do qual não queria participar.

— Seja o que for, Verônica tem que descansar... — Alfredo tomou a dianteira e o encarei sem entender. — Em paz, sozinha... — complementou e notei o olhar duro dos meus quatro irmãos para com ele. — Não vão me matar só olhando.

Eu adorava o lado debochado dele.

Adorava?

Respirei fundo, porque sabia que o sentimento era maior do que eu esperava, mas não podia evitá-lo. Ao mesmo tempo que, queria conseguir lhe contar o que de fato estava acontecendo, sem envolver nossos sentimentos. Era algo maior do que nós dois.

— Vamos para casa — falei, e encarei os quatro emburrados. — Aliás, se não notaram, Yumi está atrás de vocês.

— Estou aqui esperando meu momento...

— Yumi! — Carolina gritou, e Igor praticamente correu até ela.

Vi Tadeu ficar emocionado de imediato e ser amparado por Murilo. A relação que eles tiveram com ela,

era diferente da que eu tinha, mas ainda assim, todos eles sabiam do quão importante ela era. Do quanto ela nos protegeu. Principalmente Tadeu.

— Estamos indo na frente — avisei e encarei-os. — Tudo bem, madrinha?

— Mais do que bem — falou, sendo agarrada por vários braços e eu sorri da cena.

Família.

Era a minha família.

Assim como, a família que agora eu formava com Alfredo.

— Jeon e Vincenzo vão morrer de ciúmes. — Ouvi-a dizer por último, enquanto eu caminhava com Alfredo até o carro.

Assim que nos sentamos no banco de trás, pedi para o motorista nos deixar em casa. Era claro que Alfredo queria perguntar algo, mas ele não dizia, então me vi apenas aceitando seu abraço e permanecendo ali, até chegarmos. No segundo em que chegamos, assim que

retirei meus saltos, encontrei-o fechando a porta da frente com cuidado.

— Fala — pedi, e ele respirou fundo, virando-se.

— Sabe, eu estive com Abi toda a gravidez da Prim. Eu sou um pouco lerdo às vezes, mas quando comecei a pensar mais sobre isso, assim que saí da sua sala... Qual a chance de estarmos prestes a ter um filho?

Seu olhar era apreensivo, mas eu não consegui identificar o que de fato significava.

— Se eu disser, que talvez uns oito meses... — seu olhar azul se arregalou e notei o quanto ele brilhava. — Eu me cuido, Alfredo. Mas eu não sei, naquela noite nem me lembro de falarmos sobre camisinha ou...

Antes que eu pudesse continuar, e ser a pior pessoa a dar uma notícia de gravidez, vi-o vir até mim e cair de joelhos à minha frente. Fiquei paralisada por alguns segundos, e só pareci voltar a mim, quando senti suas mãos sobre minha barriga.

Seu olhar azul estava no meu, como se pedisse permissão, e me vi assentindo.

— É o papai — falou, e notei algumas lágrimas por seu rosto. — É o meu sonho... — então seu olhar parou no meu. — Eu sempre quis ser pai, sempre... sempre desejei uma família. Acho que por nunca ter tido uma, eu só queria construir a minha e me sentir parte. Ser o bom pai que eu não fui.

— Alfredo... — levei minha mão ao seu rosto e o acariciei. — Não está com medo?

— Para caralho. — Fez uma careta. — Acho que vou ter que parar com os palavrões — assumiu, e levou sua cabeça até minha barriga, logo seu olhar se voltando para o meu. — Como você está se sentindo? — levantou-se, e segurou meu queixo, como se não me deixasse fugir.

— Não gosto de surpresas, como já te disse. — Respirei fundo. — Eu nunca pensei que seria mãe dessa forma, quer dizer, eu tenho meus irmãos que praticamente me fazem sentir assim, mas... É diferente. Tem um ser humano aqui... — indiquei minha barriga. — E eu não sei o que fazer. — Estou pensando em todos os perigos que existem e como vou fazer para que...

— Vamos pensar nisso juntos. — Cortou-me, dando-me um leve sorriso, e senti sua mão sobre a minha, que estava na barriga ainda plana. — É o nosso filho, bebê.

— Duas coisas que eu nunca esperei, gostar de um apelido brega. — Ele riu como um menino e eu estava sem saber o que dizer. — Não planejamos nada disso, mas... Eu quero fazer isso — falei, respirando fundo e encarando. — Eu quero você. Eu quero nosso filho. Eu quero essa família também.

Notei outra lágrima descer e sua boca veio para a minha. Lento, calmo e apenas um encontrar que me dava a resposta de que ele queria o mesmo.

— Que diabos...

Foi quando ambos nos viramos em direção à porta, e notei quatro pares de olhos desviarem diretamente para onde minha mão e de Alfredo se uniam.

— Não! — Carolina quase gritou. — A gente vai ter um irmãozinho? Quer dizer, a gente vai ser tio? De um bebê Venero?

— Venero? — Alfredo indagou, e eu apenas neguei com a cabeça, porque não tinha ideia do que era aquilo.

— Entendemos certo? — Tadeu foi quem se aproximou primeiro, encarando-me. — Está grávida?

Não soube o que dizer, e era a primeira vez em muito tempo, acreditava que desde quando eles me protegeram de Reinaldo, que me sentia completamente exposta à frente dos quatro.

— Estou.

Senti Alfredo se afastar, mas logo fui cercada pelas quatro razões que me trouxeram até ali. E agora eu tinha mais uma. Na verdade, mais duas. O homem que me fazia cair por ali a cada dia mais. E o fruto de um sentimento que nenhum de nós ainda sabia nomear, mas explodia em cada um.



“Um brinde aos meus amigos de verdade

Eles não ligam para o disse-me-disse

E outro para o meu amor

Ele não está lendo do que estão me chamando ultimamente” [\[50\]](#)

VERÔNICA

Um dia nunca me pareceu tão imprevisível quanto aquele.

Começou com Ricardo aparecendo, logo após um desmaio, um teste positivo para gravidez, meu marido

emocionado pela descoberta, e meus quatro irmãos agora ali, ao meu redor, na cama.

— Estou me sentindo uma adolescente — falei, ao encarar os corpos espalhados pela minha cama, que felizmente, era enorme.

— A gente fazia muito isso quando éramos pequenos, né? — a pergunta veio de um Tadeu sonolento, e me virei para vê-lo de costas para mim, agarrado ao travesseiro do lado esquerdo.

Carolina estava grudada em minha barriga, como se tentando sentir algum chute, o que eu sabia não ser possível, já que eu não sentira nada, e nem imaginei que seria tempo para isso.

— Todas as noites, até que começamos a ficar grandes e cada um finalmente dormir no próprio quarto — Murilo respondeu, e ele estava de costas para Carolina, agarrado em um outro grande travesseiro.

Enquanto isso, Igor já estava apagado, no final da cama, praticamente dormindo nos pés de todos. Ele

sempre era o primeiro a dormir, e me recordava bem daquilo.

— Quando vai ao médico? — a pergunta veio de Tadeu, que estava torcendo para que dormisse logo, porque ele tinha ativado o modo superprotetor, mesmo sabendo que não o permitiria agir assim.

— Pedi a Leila para marcar um médico para amanhã cedo — comentei, e respirei fundo. — E nenhum de vocês está convidado.

— Mas nós somos família. — Igor rebateu, o que jurei que deveria estar dormindo. — Nero que devia ficar.

— Ele é o pai da criança. — Vi Murilo dar um chute leve em Igor, que bufou. — Qual o seu problema, afinal?

— Não gosto de nenhum homem perto da Verô, não é exclusivo dele.

— Ele é meu marido, Igor — falei, e senti-o se virar de imediato, como se me olhando. — Por que não está dormindo?

— Porque eu fico imaginando seu filho, correndo com os nossos filhos... Tô me sentindo tão velho —

admitiu, e eu quase ri da sua fala.

— Preciso dizer que sou a única perto dos quarenta aqui? — rebati, e levantei um pouco, para ter visão completa da minha cama repleta de irmãos.

— Aliás, não foi aqui que conceberam o bebê, né? — Igor perguntou de repente, quase pulando da cama. — Apenas o pensamento disso...

— Não, e sossegue! — falei, e dei um leve chute em sua barriga, fazendo-o virar.

— Quanto tempo está mesmo? — Murilo perguntou, senti que ele me encarava também, e olhei-o de volta.

— Pelas minhas contas, um mês e meio.

— Ufa, pelo menos não falou em semanas e... Espera aí! — Carolina levantou sua cabeça da minha barriga. — Você ainda vai fazer um mês de casada... Verônica Reis!

— O quê? — fingi-me de burra. — Aliás, eu estou com sono e não podem estragar o sono de uma grávida.

Tadeu gargalhou alto e senti um leve beijo em meus cabelos.

— Boa noite, Verô.

— Eu não vou dormir depois disso. — Carolina e Igor falaram ao mesmo tempo.

— Ah, calem a boca. — Murilo reclamou e eu quase ri, enquanto tentava me concentrar.

Eles sabiam que nunca teriam as explicações que tanto desejavam, a não ser que conseguissem tirar de Alfredo. O que eu duvidava ser possível, já que o mesmo não era tão aberto assim com as pessoas. Mas o que eu poderia dizer? Que fodi até revirar os olhos dentro de um carro com um cara que nunca pareceu gostar de mim, e que agora era meu marido e eu adorava?

Bom, aquele era apenas um resumo do resumo, e eu acreditava que a nossa história tinha detalhes demais para ser apenas isso.

ALFREDO

— Eu vou ser pai — falei pela décima vez e Abigail gritava do outro lado da linha. Minha sorte era estar escondido no jardim e com fones de ouvido. — Eu só não tô gritando porque tô fingindo plenitude, mas Abi do céu... Puta que pariu!

— A família de milhões com a crush de milhões! — ela berrou, jogando Primavera para cima, que estava claramente sem entender nada. — Filha, você vai ganhar um primo ou prima!

Aí veio o grito fino de Prim, que parecia finalmente raciocinar toda aquela situação.

— Eu tô quase pedindo Verônica em casamento... é sério — falei, e levei as mãos ao roto, equilibrando o celular nas pernas, para que Abi conseguisse me ver.

— Espera aí! — ela parou de jogar a filha, e sentou-se novamente. — Eu entendi a parte das declarações e tal e amei, mas não acha que é cedo para pedir sua esposa por contrato em casamento?

— Posso esperar mais, né?

— Eu sei que você a ama — falou, respirando fundo.
— Sei que ela é o seu primeiro amor e fico feliz de ser mais incrível do que imaginou, mas... Verônica ainda é Verônica. Ela é uma pessoa que você vai demorar para desvendar.

— Eu sou emocionado, Abi — confessei e ri. — Eu me casaria com ela amanhã.

— Tecnicamente, já são casados.

— Você entendeu. — Ela riu e acenou positivamente com a cabeça. — Aliás, eu já disse que vou ser pai?

— Nero... — então notei que ela estava tão empolgada a ponto de chorar. — Parece que foi ontem que você salvou a mim e a Prim...

— Salvou? Padinho salvou?

Meu coração acelerou e eu nunca me esqueceria do momento em que Abigail voltou à vida.

— Eu sempre desejei que tivesse isso, sabe? — perguntou, suspirando fundo. — Nós dois sempre fomos uma família, até viramos três com a Prim, mas eu sei que sempre quis mais... Sempre quis que fosse maior.

— Vocês são parte de mim, Abi — confessei. — A melhor parte. E agora é até maluco pensar que Verônica e... — lembrei-me do apelido que sua madrinha usava, e só consegui me ligar a ele. — O nosso pacotinho de gente, vem para somar.

— Pacotinho? Nero!!!! — praticamente gritou, e notei uma lágrima descer. — Não é hora pra me deixar emocionada.

— Eu agoia tenho uma madinha? — Primavera perguntou, pegando-nos de surpresa.

— Claro que sim, pequena.

O celular quase caiu, e ouvi Abigail gargalhar do outro lado.

— Puta merda! — falei, odiando-me no segundo seguinte ao lembrar que tanto Primavera quanto o meu filho estavam ouvindo aquilo.

— Boa noite, moça do café. — Abi gritou. — Boa noite, Nero.

— Boa noite, madinha e padinho!

Eu ainda tentava pegar meu celular, e foi então que me virei, para encontrar Verônica e um violão em mãos. Olhei-a sem entender nada, e pensei se não estava frio ali fora, para ela simplesmente sair com um robe tão fino.

— Acho melhor entrarmos — falei, assim que consegui colocar meu celular no bolso da calça de moletom. — Essa brisa meio fria pode ser ruim para o bebê.

— Para o nosso pacotinho?

Senti minhas bochechas pegarem fogo diante de sua pergunta, e um sorriso se abriu no rosto sério que eu tanto adorava.

— É sério, Verônica!

— Não está frio — falou, e me estendeu a mão, para me ajudar a levantar, mas neguei, sem querer lhe dar qualquer peso. — E eu gostei que usou o apelido.

— Quanto tempo da conversa ouviu?

— Cheguei agora, e peguei a parte do pacotinho — comentou e sorriu lentamente. — Não consegui dormir e como pensei que estava dormindo, resolvi fazer o que me

acalma em algumas noites... — indicou o violão e eu a encarei curioso. — Uma camada a menos?

— Gostou mesmo do lance da cebola? — ela bateu contra meu peito, enquanto a seguia para parte de trás do jardim, onde tinham redes e várias cadeiras espalhadas, assim como puffs. Uma bela piscina ao fundo, que eu me perguntava se eles usavam para alguma coisa.

— Meus pais gostavam dessa música... — falou e notei a fragilidade no olhar que fugiu do meu. — Minha avó também cantava ela... — continuou, e então me encarou. — Toda vez que tenho dificuldade para dormir, cantar as músicas que eles cantavam, me traz paz.

Sentei-me à sua frente, de pernas cruzadas no chão e vi-a posicionar o violão.

*“Presentemente eu posso me considerar um sujeito de sorte
Porque apesar de muito moço, me sinto são e salvo e forte
E tenho comigo pensado, Deus é brasileiro e anda do meu lado
E assim já não posso sofrer no ano passado*

*Tenho sangrado demais, tenho chorado pra cachorro
Ano passado eu morri, mas esse ano eu não morro
Tenho sangrado demais, tenho chorado pra cachorro*

Ano passado eu morri, mas esse ano eu não morro

Ano passado eu morri, mas esse ano eu não morro

Ano passado eu morri, mas esse ano eu não morro... [\[51\]](#)

Sua voz era tão linda, que senti falta no segundo em que ela parou, encarando-me.

— Tenho cantado na frente apenas da minha família, acho que... desde sempre — suspirou profundamente. — Como posso olhar para você e me sentir em casa, Alfredo? Como isso não pode ser uma coisa que inventei?

Levantei-me, sentando-me ao seu lado enquanto ela deixava o violão no chão.

— Não sei as respostas certas, acho que... — trouxe suas mãos até meus lábios e as beijei. — Acho que só vivendo juntos, vamos descobrir isso.

— Gosto dessa ideia.

Tocou meu rosto e aproximou nossas cabeças, encostando sua testa na minha. Percebi no exato segundo em que se afastou e colocou um dedo sobre minha testa, como se a delineando. Eu sabia que poderia ficar ali, para sempre, apenas vivendo aquele momento com ela.



“Estamos vivendo vidas diferentes, só Deus sabe
Se retornaremos com todos os nossos dedos das mãos e pés
5 anos, 20 anos, de volta
Será sempre do mesmo jeito” [\[52\]](#)

VERÔNICA

— Bom dia, pacotinho.

Sorri para minha madrinha, saindo de dentro de casa e encontrando-a perto da calçada. Ela tinha me mandado uma mensagem na noite anterior avisando que já sabia da resposta no segundo em que apareci na sala

de espera e que decidiu me dar o espaço para pensar sobre o que fazer. Ainda mais, com meus irmãos ao redor.

— Bom dia, madrinha.

— Demorei um pouco para me adaptar com essa volta, mas... Fico feliz de poder caminhar por aqui com você — comentou, entrelaçando nossos braços e começamos a andar. — Sabe, eu pensei muitas coisas quando entrei no avião e vim pra cá. Sabia que meu primo ia te avisar que eu estava vindo, por isso apenas deixei Jeon ou Vincenzo contarem quando tivesse chegado.

— Foi uma surpresa te encontrar do outro lado da porta, tão rápido...

— Bom, fico feliz. — Ela me apertou ainda mais junto a si. — Cha oppa cuidou de mim por muito tempo. Ele, Vincenzo e Jeon me fizeram encontrar algum propósito depois que perdi Sérgio e Pedro. — Parou, quando estávamos próximas à esquina. Segurou minhas mãos e encarou-me. — Queria ter conseguido passar por esse trauma antes, e ter estado aqui com você.

— Madrinha...

— É sério, pequena. — Olhou-me profundamente. — Eu não entrei em um carro por quase uma década, e vivi presa a mim mesma... Se não fossem as suas ligações ou Cha, eu não sei o que teria acontecido. E você era uma criança. Não tinha que ter responsabilidade por tanto. Sei que ama seus irmãos e ama estar no lugar de Regina, que parece ter sido feito para você, mas... Querida, você merecia viver. Merecia a infância e adolescência que seus pais tanto desejaram. Eu desejei — suspirou fundo, desviando o olhar. — Eu sei que não me culpa, mas eu só queria dizer que por mais tarde que possa ser agora, eu estou aqui. Eu vou te proteger e o seu pacotinho de gente... — falou, levando uma das mãos à minha barriga, e eu deixei uma lágrima descer. — Não quero que se estresse ou se preocupe, por mais que seja impossível. Quero que curta esse momento.

— Toda vez que te olho, eu me lembro da criança feliz que eu era — admiti. — Lembro-me de como foi crescer em um lar com tanto amor e carinho, mesmo com os fantasmas de Reinaldo e Roberto. Eles não

conseguiram quebrar nossa conexão, mesmo quando nos tiraram tudo — suspirei fundo, tentando não desabar. — Papai Pedro, papai Sérgio, vovó Regina... Mas eu sempre tive você, por mim, pelos meus irmãos... Rodinei, você e Cha nos protegeram, quando eu ainda tentava entender como seria me tornar a responsável por tudo isso. Vocês fizeram os reais culpados pagarem pela morte deles, eu sei.

Ela abriu a boca para dizer algo, mas se calou. Eu sabia que era delicado aquilo. Sabia que vovó demorou a descobrir quem foram os responsáveis por trás da sabotagem do carro em que meus pais e minha madrinha estavam. Mas ela descobriu, mesmo não tendo tempo para se vingar. Mas sabia que eles tinham pagado.

— Sangue por Sangue é um lema dos Kang — ela comentou e me encarou. — Sérgio nunca foi tão ligado nessa parte, na verdade, ele nunca teve capacidade de machucar alguém, mesmo que fosse alguém ruim... Não queria que soubesse desse lado nosso.

— Eu sou uma Kang também, madrinha. — Notei seus olhos se encheram de lágrimas. — Não teve tempo

de papai colocar esse sobrenome na minha certidão, mas eu entrei com os papéis há alguns anos e Cha me ajudou. Sou Verônica Regina Kang Reis. Eu tenho orgulho de quem eu sou.

— Obrigada por não me julgar.

— Como o faria? — ri de lado, sem poder evitar. — Sei que Reinaldo e Roberto só estão vivos porque fez uma promessa à minha avó. Eu sempre me perguntei por que eles não pagaram caro pelo que houve, mas sabia que por mais que doesse, seria difícil demais para vovó saber de outros filhos morrendo da mesma forma...

— Eu quase os matei — admitiu, e segurei fortemente sua mão. — Das poucas vezes que vim te ver, em todas, me vi no meio da noite, na casa deles, quase acabando com sua vida... Mas a promessa com Regina me segurou. Ainda mais porque Rodinei é irmão deles, mesmo que não o mereçam. — Ela respirou fundo. — Mas quando revi Reinaldo ontem, mesmo com todo ódio que nunca vai sair, eu senti pena. Senti pena pela pessoa que ele é.

— Eu acho que eles não valem a pena... — dei de ombros. — Eu nunca os perdoarei ou deixarei que estejam na vida dos meus irmãos, mas não valem nem mesmo o sangue.

— Eu sempre me assusto no quão é uma perfeita mistura as personalidades de Pedro e Sérgio. — Ri baixinho e ela tocou meu rosto, e a outra mão estava em minha barriga. — É uma mulher incrível, mas sempre será o nosso pacotinho. Não abro mão de poder te proteger.

Ela então levou a mão até minha testa, tocando com os dedos indicador e médio, e logo me puxou para um abraço. Eu sabia que não era uma história simples assim e muito menos fácil de se digerir, mas Yumi Kang era um lar para mim. A lembrança viva de que um lar me criou, e era o que eu desejava ter. E mesmo que todo o drama nos perseguisse, nós éramos ainda mais fortes juntas. Todos nós.

— Meu Deus! — ela se afastou, com uma animação que me pegou desprevenida. — Eu me esqueci que hoje era o dia de buscar Vincenzo e Jeon no aeroporto.

— Jeon me mandou uma mensagem, dizendo que estaria no Brasil e queria me ver...

— Você sabe, ele é encantado por você... Vai ter um treco quando descobrir que está casada e grávida.

— Quem está grávida e casada, Yumi Noona?

Virei-me e vi Yumi dar um grito e correr na direção dos dois homens que acabavam de descer de um carro preto, que deveria ser blindado. O brasão da família Kang marcado em uma parte baixa da lataria. Aqueles pequenos momentos em que Yumi se animava, me lembravam de como ela sempre foi assim. Há coisas que nunca mudam.

Vincenzo foi o primeiro a conseguir desviar-se dela, como se fugindo do abraço de leão e Jeon ficou preso a ela.

— Há quanto tempo, prima. — Vincenzo falou, o sotaque carregado em seu português, e eu assenti. — Temos negócios e claro, Yumi Noona não parou de nos instigar a vir.

— Vincenzo... — falei, e ele franziu a sobrancelha, mas eu não pude evitar. — Cassano?

Ele levou as mãos ao nariz, e ouvi a gargalhada de Jeon, que se aproximava.

— Preferia quando me chamava de Oppa. — Soltou, mas notei que sua expressão era leve. Se existia alguém mais enigmático do que eu, poderia nomear a pessoa como Vincenzo Kang.

— Verônia Noona — Jeon falou animado, e me encarou de cima a baixo. — Linda — falou em coreano, e o encarei com uma sobrancelha arqueada. — Vou fingir que não sei do casamento e muito menos que ouvi sobre gravidez.

— Já perdeu antes mesmo de tentar, irmão.

— Você não ajuda, hyung^[53] — ele rebateu Vincenzo, que ajeitava sua gravata e sequer parecia que passou horas em um voo até ali. — Mas enfim, temos negócios com os Fontes, e pelo que entendi, os conhece...

— Sem negócios uma hora dessas. — Yumi entrou no meio. — Verônica está indo fazer o primeiro ultrassom,

tenham um pouco de vergonha na cara.

— Jeon é um péssimo primo — Vincenzo falou, e colocou seus óculos escuros. — Vamos ficar mesmo na casa no outro final da rua?

— Podem ficar na minha, se quiserem. — Ofereci, e Jeon estava prestes a responder, antes que Yumi se intrometesse.

— Vão sim e perto de mim, porque eu os conheço... Sei que Cha lhes mandou para coisas ilícitas e eu odeio isso.

— Somos anjos, Noona — Jeon respondeu sorrindo, mas eu sabia que estava bem longe daquilo. — Eu preciso dormir bem!

— Devia ter dormido no voo.

Yumi segurou em meu braço, enganchando-se nele, enquanto caminhávamos ao lado dos seus sobrinhos, que estavam claramente discutindo algo entre si. No caso, Jeon falando e Vincenzo apenas ouvindo. Quando cheguei próxima à minha casa, surpreendi-me ao encontrar Alfredo saindo dela, vestido como um pecado em um

conjunto todo preto de jeans e camiseta. Poderia ser simples em qualquer outra pessoa, mas nele, com todas aquelas tatuagens que chamavam para serem descobertas, os olhos azuis e cabelos negros despontando, eram a definição do pecado.

— Quem é esse? — Jeon perguntou, olhando de cima a baixo.

— Se lesse o que Cha hyung nos passa.... — Vincenzo retrucou e estendeu uma mão para Alfredo. — Vincenzo Kang, primo de Verônica.

Alfredo o cumprimentou, olhando levemente para mim.

— Eu sou Jeon Kang, o favorito da Verônica. — Semicerrei o olhar, e poderia jurar que na briga entre ser mais irritante, Jeon e Gael poderiam ser páreos. Alfredo o cumprimentou e logo veio para meu lado, parando para dar um leve beijo no rosto de Yumi e logo se virando para mim.

— Seus irmãos estão loucos atrás de você... — revirei os olhos, porque eles eram realmente previsíveis

quando estavam preocupados. — Disse que tinha saído com Yumi.

— Eles vão viver. — Bati levemente contra seu peito, e senti Yumi se afastar. — Tudo bem se for conosco, madrinha?

— Será uma honra, querida.

— E eu pensando que o metidinho dos Fontes fosse o meu problema... — ouvi Jeon reclamando, enquanto Vincenzo o fazia caminhar na outra direção, no caso, até a casa de Rodinei, na qual Yumi estava, e que agora, eles estariam.

— Então todo mundo achava que você ficaria com Gael? — Alfredo perguntou e o encarei interessada. — O quê?

— Ciúmes? Numa hora dessas, Alfredo?

— Como diria a indústria musical: Caramba, são sete da manhã! — a voz sonolenta de Carolina nos encontrou, e notei que ela bebia algo. — Aliás, eu vou conter os outros três, mas quero ir à próxima consulta.

— Feito, Carolina!

Ela pulou no lugar e voltou para dentro, já xingando.

— Eu adoro essa bagunça — Yumi falou, e eu a encarei, com um olhar que refletia o mesmo - eu também.



“Por favor, nunca se torne um estranho
Cuja risada eu poderia reconhecer em qualquer lugar
Por favor, nunca se torne um estranho
Cuja risada eu poderia reconhecer em qualquer lugar” [\[54\]](#)

ALFREDO

— Olhei todos os exames que já ficaram prontos e está tudo bem — a médica falou, sentando-se ao lado da maca em que Verônica já estava sentada. Eu entendia um pouco sobre gravidez, pelo que experienciei junto a Abi e

Primavera, mas ainda assim, o nervosismo que me invadia era completamente diferente.

— Como são cerca de seis semanas... — a médica começou e deu um leve sorriso. — Ainda não teremos muito para ver, mas... Mas essa será a primeira imagem que terão do filho de vocês.

Ela então mexeu em algo e se posicionou, pedindo permissão a Verônica, que estava atenta a cada ação da médica, e notei seus dedos, da mão esquerda quase fechados em punho, como se ela estivesse descontando, talvez a ansiedade que sentia, neles. Vi-me tocando minha mão com a sua, e me colocando mais perto. Como se fosse um costume, seus dedos se abriram e entrelaçaram-se aos meus, e seu olhar pousou rapidamente no meu.

— Esse risquinho, aqui... — a médica falou, após alguns minutos e indicou algo preto e branco na tela. Eu não sabia o que pensar, mas era tão novo que de repente, senti a emoção me tomar. — Esse é o bebê de vocês, que está no tamanho esperado para esse tempo.

Pisquei algumas vezes, reajeitando meus óculos de grau e fiquei tentando colocar as coisas em ordem em minha mente. Como poderia, uma imagem tão simples me fazer tão bem? Era estranho pensar que ali, naquela imagem, uma parte tanto minha quanto de Verônica crescia. Mas não era ruim, não, em momento algum.

— Podemos ter essa imagem? — perguntei, sentindo os dedos de Verônica mais fortes contra os meus. A médica disse que sim, e foquei na mulher deitada na maca, que parecia maravilhada com o que via. — Eu posso dizer que se parece com você? — brinquei ao sussurrar perto de seu rosto e dei-lhe um leve beijo na testa.

— Vou fingir que não ouvi essa pergunta. — Seu tom de ordem era algo que me mantinha cativo nela. Mesmo em um momento tão especial era tão bom saber que nada entre nós mudou. Talvez mais emocionados que o comum, mas ainda éramos nós.

— Nosso pacotinho tá mais para risquinho...

— Alfredo — ela falou, e eu me fiz de inocente.

— Estou mentindo? — rebati, e ela apenas desviou o olhar para a médica que terminava de mandar imprimir as imagens.

Minutos se passaram, e Verônica finalmente pôde se trocar e voltou vestindo sua roupa de CEO que mandava e desmandava em qualquer um que passasse à sua frente, e me deixava derretido por ela, e se sentou ao meu lado. Foi apenas a primeira consulta dela, e a maioria das questões foi respondida por resultados de exames laboratoriais. Eu não me recordava muito do que vinha a seguir, e já comecei a pensar em que livros ler para entender melhor sobre maternidade.

— Aqui, madrinha. — Vi Verônica entregar as imagens para Yumi, que parecia estar prestes a chorar novamente.

Ela puxou Verônica para perto e sussurrou algo, e só consegui pensar no quão era importante sempre escolher as pessoas certas para estarem ao redor do seu filho. Algo como o que Yumi e Verônica tinham era lindo.

— Já pensou que temos que escolher uma madrinha e um padrinho? — indaguei, caminhando ao lado das

duas, e o olhar de Verônica mudou por completo. — Como vamos escolher um de cada com o bando de gente que vai querer apadrinhar esse bebê?

— Não é como se todo mundo tivesse interessado...
— ela começou a falar, mas parou. — Ok, eu tenho quatro irmãos.

— Fora suas cunhadas e cunhado — comentei e pensei sobre mim. — Pelo menos, do meu lado, tem apenas Abi. — Levantei as mãos aos céus.

— Aliás, não pense que esquecemos do seu aniversário...

— Aniversário? — Yumi comentou e eu tentei fingir que não era comigo, quando abri a porta do carro para que as duas entrassem. — Quando?

— Alfredo faz aniversário daqui a uma semana — falou, assim que me sentei do lado do carona, e cumprimentei Pietro, que entendi ser o principal segurança de confiança de Verônica.

— Não é como se fosse algo importante...

— Aniversários são importantes. — Senti um leve tapa no meu ombro e olhei assustado para Yumi.

— Não os meus... — minha voz mal saiu, e era como uma verdade que eu dizia apenas para mim mesmo. Nunca me importei de fato com aquela data, já que nunca me mostraram o que ela realmente era. Se não fosse por Abi, eu já teria parado de comemorar há muito tempo.

— Já está tudo organizado e ele vai estar lá. — Ouvi Verônica comentar, e olhei para as duas mulheres que conversavam entre si. A mão de Yumi estava na barriga de Verônica, o que quase me fez perder a pose de decidido a não ter uma festa. — Ou vai mesmo me fazer passar vontade?

— Como assim? — indaguei, a encarando sem entender.

— Minha vontade é que você curta o seu aniversário — falou e continuei sem entender nada. — Acho que sabe que grávidas não podem passar vontade.

— Isso é golpe baixo. — Semicerrei os olhos e ela deu de ombros.

— Cada um usa as armas que tem. — Piscou um olho e me virei novamente para encarar o caminho.

A cada momento perto daquela mulher, mais eu me sentia caído por ela. Se achava que eu não poderia me apaixonar novamente pela mesma pessoa estava completamente errado. Apaixonei-me à primeira vista, e agora, me apaixonava a cada momento novo ao seu lado.

VERÔNICA

— Vem cá...

Alfredo bateu contra suas pernas, agora sentando-se na ponta da minha cama. Tinha sido uma luta chegar até aquele momento, apenas com nós dois. Felizmente, meus irmãos tinham suas famílias e estavam presos em chamadas de vídeo naquele momento. Eu sabia que a qualquer momento poderia surgir uma enxurrada dos que

faltavam, porque todo mundo estava realmente curioso sobre a gravidez.

Assim que me aproximei, ele me puxou para seu colo, fazendo-me sentar de lado, e sua mão foi para minha barriga. Um leve carinho, os olhos azuis presos ali, enquanto uma de minhas mãos estava em seus cabelos. Notei-o abrir a boca para dizer algo, mas logo a fechar. contei que ele o fez quatro vezes, e me vi levantando seu queixo e fazendo-o me encarar.

— O que foi?

— Tenho medo de te assustar — assumiu. — Eu não quero que se sinta pressionada ou...

— Me fala — pedi, subindo minha mão para sua bochecha, e logo delineando os óculos que ele ainda usava. Ele era tão lindo daquela maneira, que me tinha entregado a ele.

— Eu te amo. — As três palavras me acertaram em cheio. — Eu sei que é meio que do nada, mas... Eu acho que te amei desde que te vi. E agora, me vi apaixonado por você de novo... Eu realmente te amo, Verônica.

Sorri para ele, e fechei os olhos, assim que levou meu rosto para perto do seu.

— Não preciso que me diga o mesmo ou se sinta pressionada, é que eu não sei guardar essas coisas — admitiu. — Eu escondi por tanto tempo que te teria, que agora que eu te tenho, não quero mais esconder nada.

— Obrigada por ser sincero — falei, e senti sua testa na minha. Já se tornando o que parecia um ritual entre nós dois. — Obrigada por ser você.

Quando abri os olhos, temi por encontrar algum arrependimento ou tristeza em seu semblante, por eu não poder lhe entregar o mesmo. Contudo, os olhos de Alfredo brilhavam, como se aquele momento fosse precioso, mesmo que eu não lhe desse o mesmo. E foi naquele instante que eu entendi que ele talvez fosse uma das poucas pessoas capazes de me entender, mesmo sendo completamente diferente de mim. Ele não me julgava, ele me esperava.

Levei um dedo até sua testa e tracei levemente por ali, e foi quando percebi que não era mais o suficiente para demonstrar o carinho que sentia. Não era apenas

proteção. Foi naquele segundo que eu entendi, que todos os sentimentos que ele me causava, convergiam apenas em um: amor.



“Minha reputação me precede, eles te disseram que sou louca

Eu juro que não amo o drama, ele que me ama

E não consigo te largar, suas digitais estão em minha alma

É como se seus olhos fossem licor, e seu corpo, ouro

Você vê a farsa de todos os meus truques usuais

Então aqui está a verdade vinda dos meus lábios vermelhos” [\[55\]](#)

ALFREDO

— Não pode me pedir para parar de trabalhar —
falei, terminando de fechar meu blazer e Alfredo bufou,
indo até os meus sapatos e vi-o escolher os de salto mais
baixo e colocá-los à minha frente.

— Eu li algumas coisas e pode ser que...

— Por isso as olheiras? — cortei-o, ficando na ponta dos pés para tocar seu rosto. — A médica disse que tudo bem eu usar salto, trabalhar como qualquer ser humano e transar até cansar.

— Saltos mais baixos? Você trabalha muito mais do que oito horas diárias, sem contar os finais de semana! E sobre transar... — suas mãos vieram para minha cintura, puxando-me para perto.

Ele estava perigosamente vestido apenas em uma calça de moletom, e meu olhar percorreu cada tatuagem e músculos aparentes.

— Por que não fica em casa e gastamos o tempo...

Um miado alto me fez conseguir do homem gostoso que era meu marido e sabia que Gara merecia o sachê mais caro que eu encontrasse. Vi então os outros dois gatos virem em minha direção e correrem até Alfredo. Eles tinham se escondido em seu canto quando notaram mais pessoas, além de Alfredo por ali, mas parecia apenas o certo, quando notavam que só tinha nós dois.

— Bom dia, bolinhas de pelos — falei, passando a mão na cabecinha de Mikasa e em seguida em Zuko.

— Nunca pensei que um gato seria empata-foda. — Alfredo reclamou, e vi-o com Gara nos braços, fazendo carinho no gato que parecia mais do que confortável ali.

— Preciso dizer que você também tem trabalho?

— Eu sou ótimo em usar as madrugadas em que estiver dormindo.

— E isso é saudável em que planeta, Alfredo? — rebati, e ele abriu a boca, mas pareceu se perder nos argumentos. — Eu gosto de trabalhar e pode ficar tranquilo que diminuí minha carga horária.

— Jura? — perguntou animado e eu assenti.

Por mais que eu adorasse focar todo meu tempo no império que minha avó construiu, eu sabia que minha família vinha em primeiro lugar. Assim como também sabia que trabalhava mais do que deveria, e estando grávida, era um cuidado que eu tomaria. Não me estressaria ou me forçaria mais do que o necessário.

— Eu não sou uma workaholic. — Ele semicerrou os olhos, se aproximando.

— Quando atendeu Gael depois do nosso casamento...

— Será que vamos superar o tópico de Gael em algum momento? — perguntei, aproximando-me dele e tocando seu peito. — Mesmo que eu ame te ver com ciúmes.

— Não é ciúmes, ele apenas é... irritante — complementou e eu quase ri. — Vai me dizer que não o acha irritante?

— Eu não caio nos joguinhos dele — falei, e ele pareceu pensar. — Aliás, hoje eu tenho uma reunião com ele e minha prima mais distante.

— Uma Kang também? — indagou, e eu neguei com a cabeça.

— Os pais de Talita faleceram muito cedo e ela ficou a cuidados dos Kang, mas ela não usa esse sobrenome. — comentei, enquanto me virava e ia até a penteadeira,

colocar meus brincos. — Então, é como se ela tivesse ficado sob meus cuidados.

— Você sabe que parece uma dessas protagonistas fodonas de novelas e filmes? Até dos mangás que a gente lê.

— Eu sou só uma mulher normal. — Dei de ombros.

— Só não se esforce demais, por favor — ele falou, e o encarei pelo reflexo da penteadeira. Virei-me assim que terminei de colocar o último brinco.

— Prometo não me doar cem por cento, satisfeito? — indaguei e um sorriso lindo emoldurou seu rosto. — Essa carinha de destruidor de corações mas que consegue me amolecer... Honestamente, Alfredo.

Ele riu e colocou Gara no chão.

Logo seus braços me puxaram para ele, e me agarrei ao seu abraço. Ele se afastou, tocando meu rosto com as duas mãos e olhando-me profundamente.

— Não sei se eu disse antes, mas... Você é linda — falou, e quase me derreti por completo.

— É a base da Dior...

— Verônica. — cortou-me e eu ri de lado. — E quando sorri, eu acho que perco quase todo meu fôlego.

— O que falamos sobre ser um fofo e gostoso, ao mesmo tempo? — rebati, apertando os gominhos de sua barriga, e senti-o estremecer sob minha palma.

— Você gosta que eu seja um fofo gostoso, eu sei.

— Convencido. — Revirei os olhos, e ele me fez levantar a mão até seu pescoço, para me alinhar com seu rosto.

— Linda. — Sua boca estava bem próxima à minha.

Foi ali que soube que se o beijasse, eu não sairia daquele quarto tão cedo. O calor e prazer que vinham junto com ele, seriam facilmente a minha escolha se encostasse nele.

Encostei rapidamente os nossos lábios e me afastei, vendo-o me encarar como se o tivesse abandonado.

— Não me olhe assim — falei, indo até os saltos que ele escolheu, e que surpreendentemente combinavam com minha roupa. — Traga suas coisas para cá hoje, certo?

Sua expressão mudou, como se iluminando tudo ao redor.

— Vou pedir ajuda a Igor — comentou, assim que peguei minha bolsa e bati contra seu peito. — Que foi?

— Sem provocar Igor — alertei e ele me deu um sorriso de lado, que me desmontava inteira. — Estou falando sério, Alfredo.

— Ele me adora.

— Não quero ter que cuidar do roxo da cara de ninguém — avisei.

— Nem me lembra, porque a direita de Tadeu é pesada — assumiu e recordei-me do que meus irmãos contaram que fizeram antes do casamento. — Sorte que não deixou um hematoma feio.

— A minha sorte é de que você não tem irmãos.

— E que Abigail te adora de graça — rebateu, e eu apenas fiz minha melhor pose. — E eu jurando que ela me defenderia da malvada Verônica Reis.

— Fez minha caveira por muito tempo?

— Só o suficiente para ela perceber que eu gostava de você, aí foi só ladeira... — eu ri alto, e ele me puxou novamente para si. — Me mande mensagem, qualquer coisa.

— Ok.

— E caso queira me dizer que hora será sua reunião com Gael, eu posso aparecer, sabe...

Bati contra seu braço e ele me puxou novamente.

— Eu te amo — falou, e me deu um leve beijo na boca, antes de abaixar e beijar minha barriga. — Eu te amo, pacotinho.

Assim que ele se afastou, vi-me tocando quase imperceptivelmente sua testa com os dedos indicador e médio. Ele poderia conhecer o significado que aquele gesto tinha no mundo dos mangás, mas ainda assim, não tinha ideia do quanto era importante para a minha família. O quanto era importante para mim.

E esperava um dia conseguir lhe contar sobre isso.

ALFREDO

— Gente, que climão! — Carolina falou, assim que se sentou na mesa, e eu tentei fingir que não era comigo.

Sentia os olhares de todos sobre mim, mas principalmente o de Igor. E de repente, aquilo parecia mesmo sério, não apenas implicância.

— Vão quebrar as minhas pernas? — perguntei, deixando o copo de suco sobre a mesa. Tadeu largou a fruta que ia colocar na boca, Murilo quase cuspiu a água e Igor me encarou friamente. Apenas Carolina parecia realmente empolgada com o rumo da conversa. — Até quando vai ficar esse climão? Carolina tá certa!

— Eu sempre estou — rebateu, e eu sabia que ela estava tentando amenizar o clima. — Parecem três patetas.

— Eu só to tentando entender qual a resposta para Verônica estar grávida de mais tempo do que o

casamento de vocês... Um casamento que era por contrato. — A voz de Igor era ácida, e eu bufei.

— A gente transou antes — falei o óbvio e fiz um sinal com as mãos, como se fosse realmente simples assim. — A gente se casou por contrato, sim. Mas eu amo, acho que sempre amei... Será que podemos só ser uma boa família?

— Eu sabia! — Tadeu falou, levantando a mão para Murilo, que bateu em um high five. Vi Igor abrir a carteira e passar dinheiro para os outros três irmãos.

— O que diabos apostaram?

— Eu disse que você já gostava dela e ela de você — Tadeu comentou e apontou Murilo.

— Eu fui na ideia dele.

— Eu também! — Carolina parecia animada, rica mais cem reais que estavam à sua frente.

— Eu achei um absurdo e fui contra... Nada contra você, Nero, mas Verônica... Verônica é tudo para gente. Eu só to tentando entender a dinâmica sem sentido de vocês. — falou e olhou para a carteira, fazendo uma

careta. — E agora é torcer para Verô não ter gostado de você antes ou nunca falar nada sobre, ou eu vou ficar 400 reais mais pobre.

— Por que 400, se são só mais três irmãos no meio?

— Abigail que deu a ideia — bufei, sabendo que era típico dela.

— Sabem que ela nunca aposta se não tiver certeza, e ela sabia sobre mim. — Igor fez uma careta ainda pior. — Ok, boa sorte com a parte de Verônica.

— Mas agora sério... — encarei Tadeu, que parecia de fato daquela maneira. — Fico feliz por vocês, e não vou pedir desculpas pelo soco, mesmo que me arrependa.

— Eu devia ter pensado nisso, de socar a cara do Bruno antes de ele se casar com Abi, mas perdi a chance. — Tadeu assentiu com um quase sorriso, como se soubesse que eu o entendia. E de fato, o fazia. — Não vou machucá-la.

— Se sonhar fazer isso, está fodido — Murilo que falou e engoli em seco. Era surpreendente a mudança dele, quando se tratava da irmã mais velha.

— Nero é um golden, por favor. — Carolina debochou e todos a encaramos sem entender. — Explicando... Tem os mocinhos de cabelo preto e passado duvidoso, que são quase vilões e que todo mundo adora. E tem os golden, por conta da raça de cachorro, enfim... que são os mocinhos loiros bonzinhos que fazem de tudo pela mocinha. O Nero tem a cara de um, mas o jeito é de golden.

— Obrigado, eu acho.

Ela riu abertamente, enquanto seus irmãos pareciam ter entendido menos do que eu. Contudo, o clima que se instaurou era bem mais leve e pela primeira vez, eu tinha uma refeição com eles, ou um momento, após o casamento que não fosse de fato como pisar em ovos. Era como se eu pudesse olhar para eles como parte da minha família, e eu realmente gostaria daquilo.



“Mas eu fiquei mais inteligente, fiquei mais forte com o passar do
tempo

Querido, eu me levantei dos mortos, faço isto o tempo todo
Tenho uma lista de nomes e o seu está em vermelho, sublinhado

Eu o marco uma vez, e aí marco duas, oh!” [\[56\]](#)

VERÔNICA

— Senhora... — levantei o olhar dos papéis que lia, e encarei Leila, que adentrou meu escritório. — Não sei se deveria dizer, mas isso ficou na minha cabeça.

Fiz um sinal para que ela se aproximasse e se sentasse.

— Depois que desmaiou, tive que encaminhar o homem que conversava para a enfermaria... — olhei-a atenta. — Tive que deixá-lo em casa, pelo nervoso que ele estava. Ele estava repetindo a todo momento que a culpa foi dele.

— Lembra quando te falei sobre deixar liberada a entrada de Ricardo Reis e até me indagou se era algum parente...

Ela abriu a boca e pareceu interligar os pontos.

— É ele. — Desviei dos papéis que mexia. — Eu só tenho uma reunião com Gael e Talita, e estou livre, não é?

— Sim — comentou e me encarou. — Quer o endereço de onde o deixei?

— Você sempre me ajudando, Leila.

Ela sorriu e anotou rapidamente em um dos bloquinhos que sempre carregava o endereço, estendendo-me o papel. Ela era da idade de Carolina, talvez menos, mas tinha começado a estagiar na empresa desde muito nova, por isso, ela chegou a ser minha assistente.

Ela era boa e confiável, e parecia realmente gostar de estar ali. Era alguém que não tomava mais intimidade do que deveria, e parecia respeitar meu jeito. De todas as pessoas que já estiveram ali para serem minha assistente, ela era a única que era espontânea e nunca forçada, e eu a admirava por aquilo.

— Mas a senhora está bem, certo? — perguntou e eu assenti. — Desculpe se me intrometi demais ao contar isso, mas fiquei realmente preocupada. Não sabia se tinha ligação, mas... Resolvi dizer.

— Obrigada, mesmo.

Ouvi seu telefone tocar e ela se levantou em um pulo, dando um leve aceno antes de ir para sua mesa. Virei-me na cadeira e sabia onde exatamente eu deveria ir após o trabalho. Deixar Ricardo se culpar sobre algo que não tinha nada a ver com ele, não era justo. Ainda mais agora que ele queria ser parte de nós. E ele era.

Batidas na porta me fizeram virar, e foi quando ela se abriu.

— Talita Park, senhora Reis — assenti, e logo me levantei para ir até ela.

A porta foi fechada por Leila, e me concentrei em olhar o quanto Talita parecia bem em suas roupas grandes e o cabelo que deveria ter cortado e pintado.

— Novo visual? — indaguei e ela riu, passando as mãos por eles.

— Eu deixo crescer, deixo curto, às vezes mudo pra aplique... — deu de ombros. — Chegou até mim que passou mal ontem, como está? — perguntou, e veio para mais perto.

— Jeon? — indaguei, e ela arregalou os olhos.

— Não falo com ele faz um bom tempo — admitiu. — Como ele sabe que passou mal?

— Ele e Vincenzo estão no Brasil. — Ela arregalou os olhos e pareceu animada. — Devem te procurar em breve.

— Eles não vão apoiar o que quero fazer, e espero que Cha consiga convencê-los.

— Não! — falei, e ela suspirou fundo.

— É só um casamento por contrato — anunciou e eu cruzei os braços, indicando com a cabeça para que se sentasse na cadeira à frente da minha mesa. Andei e me encostei contra a mesa, ainda a encarando. — Você está em um, sabe como funciona...

Na realidade, eu não sabia. Porque Alfredo e eu não tínhamos uma relação de contrato, nem mesmo se parecia com algo assim, já que mesmo quando ele veio até aquela sala falar sobre isso, não parecia realmente um negócio. Nunca foi.

— É diferente, Talita. — Ela me encarou atentamente. — A sua relação com Gael não começou boa, e sabemos do quanto foi difícil o que houve.

— Mas eu preciso de um casamento para herdar tudo que me pertence... Por que não ele?

Notei seu olhar mudar e fiquei curiosa. Talita era mais esperta do que aquilo.

— Por que ele, Talita? — indaguei, e lhe encarei de forma que não pudesse mentir ou se o fizesse, eu saberia.

— Não posso dizer isso a alguém que gosta dele. —
ao menos, ela foi honesta. — Só é um negócio, Verônica!

— Você é maior de idade e nenhum de nós... —
referia-me aos Kang. — Vamos poder pará-la, mas saiba
que se a qualquer momento quiser desistir disso, eu te
ajudo.

— Obrigada. — Sorriu levemente. — Obrigada
mesmo.

— Só tome cuidado, por favor — pedi, e ela
assentiu.

Batidas na porta, me fizeram levantar o olhar e Leila
a abriu.

— Gael Fontes, senhora Reis.

E assim que o homem adentrou aquela sala, notei a
postura de Talita mudar por completo, e sabia que as
coisas poderiam ser mais complicadas do que pareciam.
Pela minha visão Talita queria aquele casamento por dois
motivos: reaver a herança e se vingar de Gael.

E não sabia se aquilo teria um final feliz.

Pouco tempo depois e de algumas discussões à parte, que praticamente Gael falou sozinho, eu estava à frente do endereço que Leila me passou. Eu mantinha todos os dados de Ricardo, mas a informação dada por ela foi ainda mais rápida. Toquei a campainha e esperei. Rodinei e Pietro estavam comigo e sabia que logo meus irmãos chegariam.

Não era algo que eu poderia fazer sozinha, não mais. Porque Ricardo não era apenas parte de mim, era deles.

— Já não bastou ter roubado os outros quatro, quer mais um? — a voz me fez quase revirar os olhos. Pietro já estava à frente de Reinaldo e notei Roberto em seu encalço. — O que quer com o meu filho?

— Seu filho? — rebati, retirando meus óculos de sol. — Onde você estava em toda a vida do seu filho? Ou só apareceu quando ele fez dezoito e pediu para que

tentasse tomar o lugar dele por direito em alguma das empresas da família?

— Sua vadia... — eu ri, e logo ouvi o barulho de um portão sendo aberto. Assim que me virei, encontrei Ricardo com um semblante surpreso, que logo notou a cena patética do pai e do tio ao seu lado. — Não pense em ficar do lado dessa vadia! — praticamente ordenou e eu me vi dando espaço para Ricardo passar. — Dois homens velhos desses, que parecem presos em uma novela mexicana de quinta categoria, por favor. — Foi quanto notei que meus irmãos chegaram e Carolina tomou a frente. — Vão se foder!

— Carolina — falei, e ela abriu um sorriso enorme, como se fosse um anjo.

— Não sei o que fazem aqui, mas já está na hora de deixar Ricardo em paz — Murilo falou, chegando mais próximo deles. — Vão embora! — a voz de Tadeu foi como um trovão, e notei de relance a movimentação atrás dos homens.

O que Vincenzo fazia ali?

— Como sempre, estão estragando nossa vida... Então podem fazer o favor de se foderem longe daqui? — Igor indagou, e parou ao lado de Ricardo, que pareceu surpreso com a proximidade.

— Ricardo, você vem comigo — Reinaldo ordenou e vi o exato segundo em que se virou para o irmão e pegou algo de sua cintura. — Por bem ou por mal... — foi quando ele apontou uma arma em direção a quem deveria chamar de filho.

Eu poderia tirar a arma que estava na minha bolsa, mas foi quando vi Rodinei apontar uma para os próprios irmãos e Vincenzo se mostrar, com uma arma para cada um. Roberto e Reinaldo pareciam completamente surpresos.

— Cha hyung soube o exato momento em que arranjaram essa arma. — Vincenzo falou, e encostou o cano na testa de Reinaldo. — Se eu pudesse, eu já teria atirado. Mas se disparar, eu não preciso pensar duas vezes antes de fazer o mesmo.

— A família filha da puta de Sérgio... — reclamou e eu quase ri de quão patético ele era. — E ainda tivera

isso... — apontou a arma em minha direção. Antes que ele pudesse continuar vi Jeon aparecer e o desarmar em segundos.

— Brigar com velho vai nos levar para o inferno — falou em coreano e sabendo que apenas eu, Vincenzo e Rodinei entenderíamos. — Seu marido está no...

— Mulher, você disse que ia trabalhar menos e agora te vejo à frente de uma arma! — Alfredo apareceu à minha frente e segurou meu rosto, e pareceu analisar todo meu corpo, como se procurando algum machucado. — É tarde para dizer que sou cardíaco?

— Pode me dizer se for demais — falei baixo e ele negou com a cabeça. — Estou falando sério, Alfredo.

— Eu também. — Deu-me um leve beijo na testa. — Por que eles ainda estão aqui?

— A rua é pública — falei, ainda vendo Vincenzo apontar a arma para Reinaldo e Roberto, com certeza, torcendo para eles fazerem algo de errado. — Ricardo... — chamei a razão real de eu estar ali, e ele se virou,

claramente assustado. — Tudo bem se for até a Mansão Reis?

— Eu...

— Nem pense ni... — a voz de Reinaldo sumiu e foi quando notei que Rodinei o desmaiou. Agora ele estava caído sobre Roberto, que poderia não dizer ou agir, mas era tão ruim quanto o outro. Talvez a real mente por trás de cada ação, e da pior delas.

— Não foi sua culpa que eu tenha desmaiado — falei e seu olhar mudou. — Posso te contar com calma, em casa.

— Eu não quero atrapalhar, Verônica.

— Família de verdade nunca atrapalha. — Foi Tadeu quem disse, chegando próximo a ele. — Todos nós queremos que vá até lá. — apontou para os outros, que sorriram para ele.

— Eu vou precisar de me acostumar com as reviravoltas dos Reis, pai amado! — Alfredo sussurrou, dando-me um beijo no rosto. Eu ri, sem poder evitar.

— Bem-vindo à grande bagunça que somos.



“Não leia a última página
Mas eu fico quando está difícil ou errado
Ou nós estamos cometendo erros
Eu quero suas meia-noites” [\[57\]](#)

ALFREDO

Estava compenetrado nos códigos enquanto uma música estourava ao meu redor. Ajeitei-me melhor na cadeira, e foi quando senti uma mão sobre meu ombro. Não precisava me virar para saber quem era, já que meu corpo sempre parecia saber que ela estava por perto.

Desliguei o som e a encarei, dando espaço para que se sentasse em meu colo. E ela veio, como se fosse o seu lugar. No caso, era. Apenas dela.

— Ocupado? — perguntou, e eu neguei de imediato.

— Não para você — respondi e seus lábios vieram para os meus.

— Brega — sussurrou, antes de me dar um leve beijo.

— Como foi com seu irmão? — indaguei, sem saber como deveria chamar o tal Ricardo.

— Fui bem, eu acho. — Respirou fundo. — É algo novo para ele, aceitar que somos sua família... E família se constrói. Acho que ele vai ficar mais por perto, mas ainda assim, sei que Reinaldo vai continuar atrás dele.

— Esse velho não cansa? — perguntei e ela quase gargalhou. — É sério, eu não sei muito sobre isso, mas é claro que ele já tá velho pra ficar brigando pelo que quer que seja.

— Que ele viva muito para continuar sendo humilhado. — Sua fala foi cortante, e me vi acariciando

seu rosto, sem querer adentrar um assunto que parecia ser delicado. — Já está tarde, por isso vim ver se está muito ocupado.

— Sêrio? — indaguei, e só então encarei as horas no computador e fiquei surpreso. — Já é uma da manhã... Você deveria estar dormindo! — falei preocupado, já largando o headset e desligando o computador. Ela ainda permanecia em meu colo, então quando me virei para sair, peguei-a com cuidado em meus braços. — Por que não está dormindo?

— Porque fiquei presa nos meus próprios pensamentos...

— Não tentou cantar algo para te ajudar a acalmar? — perguntei, levando-a em direção ao seu quarto, que agora também era meu. Não que eu tivesse muita coisa, mas com toda certeza, era um passo de quilômetros, ter um lugar nosso.

— Queria isso — assumiu, me surpreendendo, e se agarrando ao meu peito. — É estranho me sentir tão aberta assim, mas... senti sua falta na cama.

— Uma das frases que eu nunca pensei que sairia da sua boca — admiti e a deitei com cuidado contra o colchão. Fiz o meu caminho sobre si, pairando sobre seu corpo. — Mas eu gosto de todas suas versões.

— Versões? — perguntou, parecendo bem relaxada e claramente com sono.

— A versão dona da porra toda. — Depositei um beijo em sua perna. — A versão CEO fria e intocável. — Um beijo próximo à sua coxa. — A versão irmã/mãe superprotetora. — Um beijo em sua barriga coberta pela camisola. — A versão gostosa que me faz esquecer meu nome. — Um beijo no vão de seus seios. — A versão exposta e frágil. — Encostei nossos narizes e dei um leve beijo na ponta do seu. — A versão mãe do meu filho ou filha... — Beije seu rosto e senti seu sorriso. — A versão minha esposa... só minha. — Beije seus lábios e a encarei.

— Fofo gostoso — reclamou e apertou minha barriga, fazendo-me rir. — Sei que deve ter bastante coisa pra fazer do trabalho e gosta das madrugadas, mas fica comigo, até eu dormir...

— Sempre, bebê.

Bateu contra meu peito, mas me puxou para o seu lado, e me aconcheguei ao seu corpo.

— Boa noite, querido.

Um sorriso enorme se abriu em meu rosto e me vi colocando a mão sobre a sua, que estava prostrada em sua barriga.

— Boa noite, pacotinho — falei, fazendo um leve carinho em sua barriga. — Boa noite, bebê — sussurrei e beijei seus cabelos.

Pude ouvir sua risada e levei um cutucão.

Porra, eu amava todas as versões que eu conhecia e as que eu ainda conheceria daquela mulher.

VERÔNICA

Acordei por volta das cinco da manhã, e ainda tinha um bom tempo até ir trabalhar, mas o sono havia ido

embora. Alfredo ainda dormia profundamente e me vi acariciando seu rosto, e o admirando. Ele era tão bonito e bom... até para o próprio bem. E me doía saber que ele nunca soube o que era ter uma família, e seria eternamente grata a Abigail por lhe entregar algo assim.

Levantei-me com cuidado e fui até a minha coleção. Parei na porta para admirar Alfredo dormindo e o que agora pareciam ser nossos três gatos ao seu redor. Pequenos e velhos traidores que tinham gostado dele de cara. Adentrei a outra sala e me vi indo até o primeiro mangá que ganhei, escondido no vidro. Abri ali e o retirei, procurando pela parte em que tinha um recadinho de meus pais.

— Sabe, pacotinho... — falei, agora para o meu filho ou filha que crescia dentro de mim. — Seus avós iam amar te mimar, do jeito que fizeram comigo. — Passei a mão pela minha barriga e achei a página que tinha a caligrafia dos dois. — Eles iam te desejar uma imaginação que te tirasse desse mundo, mas que te desse coragem para ser o que quiser... — li parte do que estava escrito e suspirei fundo. — Eles iam saber exatamente o que fazer.

— Segurei o mangá que significava muito mais que apenas páginas em preto e branco. Significava eles. — E sabe quem mais adoraria te conhecer... sua bisa. — Respirei fundo e parecia tão recente aquela perda, que me matava por dentro. — Ela me fez ser a pessoa forte que eu sou, que seus avós não puderam me ensinar pelo tempo que gostariam... — encostei-me contra a parede e deixei o mangá no chão, levando as duas mãos à barriga. — Não durmo direito desde o dia em que descobri sobre você, e você sabe disso... — fechei os olhos, tentando me acalmar. — Tenho medo de não ser tão boa como eles. De errar com você, assim como errei com meus irmãos... Por mais que eu saiba que não posso te proteger do mundo, eu queria poder — confessei. — Queria tanto que eles estivessem aqui... — segurei um soluço e senti uma lágrima descer. Sabia que eu precisava colocar aquilo para fora e felizmente, aquela cômodo tinha isolamento de som. — Eles te fariam sentir em casa... Eles me fariam sentir em casa. — Abri os olhos e soltei o ar com força. — Você e seu pai me fazem sentir assim, sabe? Mas eu

queria ter a chance, nem que por um segundo, de tê-los todos pertinho...

Continuei acariciando minha barriga e tentando encontrar as palavras certas, mas elas fugiram. Tentei me acalmar porque não queria que nenhuma tristeza fosse passada para o meu bebê, mas ainda assim, era como se não pudesse mentir para ela. Por que eu tinha o sentimento de que era uma menina?

— Se você for menina, já tenho o seu nome... — confessei. — E se for menino, também tenho. Nome duplo, como o meu... — olhei para onde minhas mãos estavam, e tentei imaginar como seria a barriga maior e sentir outro ser ali dentro. Parecia-me mágico e assustador. — Talvez você ache sua mãe brega, mas eu sou velha... Não posso defender seu pai, no entanto. Ele é bem mais novo.

— Um complô de madrugada?

Foi só assim que notei Alfredo ali, tentando colocar os óculos e de cara amassada.

Antes que eu levantasse, ele veio até mim e me ajudou.

— Por que acordou? Eu te acordei? — indaguei, estranhando porque não era para ele escutar nada.

— Senti sua falta na cama — falou, com um leve bico nos lábios. — Aí vim te procurar.

— Quem é o bebê agora, querido? — perguntei, apertando seu bico e me virando para guardar o mangá com todo cuidado. Senti suas mãos em minha barriga, em um leve carinho, e assim que me virei, ele sorria.

— Você é o meu bebê, sem chance de mudar. — Revirei os olhos, e ele me puxou para si, fazendo-me ficar deitada em seu colo. — Agora vai deitar nessa cama e eu vou te contar uma história para dormir.

— Alfredo...

— São cinco da manhã e você tá com cara de quem não descansou direito, vai que uma história ajuda — falou, e me deu um leve beijo na testa, puxando-me para seu peito, no qual me deitei confortavelmente. — Estraguei o momento mãe e bebê? — perguntou do nada e vi sua

expressão mudar. — Merda, talvez você precisasse desse momento sozinha e...

— Eu gostei que foi até lá e me tirou... — admiti. — Não pode conter quem é perto de mim, não aceito isso de você.

— Vai me xingar quando for mais intrometido que o normal... — deu uma risadinha e eu me aconcheguei ao seu peito. — Era uma vez, um fofo gostoso...

— Alfredo... — reclamei e ele apenas me apertou mais ao seu redor.

— Vai ser a melhor história para se ouvir, só dar uma chance.

— Até duas... — minha voz quase não saiu, mas ouvi sua risada, e tinha certeza de que ele ouviu.

Até quantas fossem necessárias, para estar bem ali. Talvez aquela fosse a resposta que eu tinha, ao pedir por todos perto. Talvez Alfredo fosse o futuro que eu não esperava, mas que me fazia sentir em casa, assim como o meu passado.



“Você pode deixar pra lá

Você pode dar uma festa cheia de todo mundo que você conhece

E não convidar a sua família, porque eles nunca te mostraram amor

Você não precisa se desculpar por ir embora e crescer” [\[58\]](#)

ALFREDO

— Isso aqui não é uma festa de aniversário, isso aqui é...

Antes que eu pudesse continuar, Abigail usou uma língua de sogra na minha cara. Semicerrei os olhos e apenas não destruí o seu apetrecho porque senti meu

celular vibrar. Assim que vi o nome da minha mãe no visor, imaginei que talvez ela tivesse se lembrado do meu aniversário. Quem sabe, depois de tantos anos?

— Alfredo. — Era incrível o quanto eu detestava meu próprio nome por serem eles falando. Uma coisa que até Verônica conseguiu mudar para mim. — Que dia vou ser convidada para almoçar na Mansão Reis?

— Sêrio? — indaguei incrêdulo, e só conseguia imaginar que quando vazasse a gravidez de Verônica ela apareceria na porta do condomínio. — Sêrio que ligou para isso? De novo?

— Até agora não pude almoçar com a minha nora...

— Então quer almoçar com a sua nora... — as palavras saíram como ácido e notei um olhar atento sobre meu corpo e o sorriso de Abi se desfez. — Espero que nunca esteja na mesma mesa que Verônica.

— Não se esqueça de que fui eu quem fez você se casar com ela... — eu tive que rir, e ouvi o barulho de saltos se aproximando. — Se não continuaria sozinho.

— Ela que quis se casar comigo. — Revirei os olhos.
— Apenas me deixe em paz, Gabriela.

— Eu sou sua mãe, me respeite.

— A partir do dia em que você passar a me tratar como filho — falei e desfiz a ligação, cansado daquele tipo de situação. Ela sequer se lembrava de que aquele dia era meu aniversário.

Senti mãos em minhas costas, como se para me acalmar e encontrei os olhos castanhos da mulher que eu amava.

— Gabriela não perde a chance de ficar calada, não é? — Abi indagou e eu apenas me vi guardando o celular no bolso, para esquecer. — Para sua sorte, tem uma família de milhões por aqui... — apontou ao redor, enquanto eu sentia Verônica apoiar a cabeça em meu ombro. — Vocês são realmente fofos, sério!

— Uma coisa que nunca me chamaram... — Verônica soltou e vi minha melhor amiga querer rir.

— Nero sempre te teceu elogios, claro que às vezes ele se irritava um pouco e dizia que você era inacessível,

mas... Ele até imitou a sua tatuagem, então podemos dizer que ele já era cadelinha há tempos?

— Você não disse isso, Abigail — falei, e ela engoliu em seco.

— Acho que ouvi Prim me chamar... — ela então apenas piscou um olho e correu.

Logo senti Verônica se posicionar à minha frente e me encarar.

— Como assim, que tatuagem? — ela estava realmente curiosa, e segurei tudo de mim para não corar diante daquela revelação. — Se não quiser falar, tudo bem — falou, talvez por ver minha preocupação.

— É vergonhoso. — Mostrei-lhe minha mão direita e mostrei a tatuagem no dedo indicador. — Eu vi que a mulher do café tinha uma tatuagem de borboleta no ombro e como não conseguia tirá-la da minha cabeça, pensei em marcar isso na minha pele, como uma lembrança, caso um dia a esquecesse... — engoli em seco e acompanhei as leves mudanças em seu rosto. — Eu trabalho digitando, então... sempre consegui ver bem ali,

no meu dedo, a lembrança da mulher que ficou presa na minha cabeça. Não que eu a tivesse esquecido em algum deles.

Ela então tocou meu rosto e subiu os dedos médio e indicador até minha testa, a tocando. Eu puxei sua mão até meus lábios e deposei um leve beijo. Não que eu soubesse o que de fato aquilo significava, mas eu gostava da forma como parecia dizer tanto sobre ela, mesmo que em silêncio.

— Verô! — o grito de Igor a fez olhar em direção dos irmãos, que falavam animados com o mais novo membro deles - Ricardo, que estava ali. Além de Vincenzo e Jeon que estavam ao redor. Verônica fez questão de que todos aqueles que eram sua família estivessem no meu aniversário, para deixar claro que eles eram parte de mim também.

— A titia Verô te ama, tio Nero. — Olhei em direção a Daniela que saía do escritório do primeiro andar, com Jasmine ao seu lado.

— Por que tá me dizendo isso, pequena? — ajoelhei-me e ela apenas fez o mesmo movimento com os dedos,

que Verônica fez segundos antes. — Não entendi.

— É o jeito da titia Verô dizer que ama alguém. — Jasmine complementou e Daniela assentiu, como se fosse algo que elas tinham completa ciência.

— Que ela ama e protege... — Daniela continuou e sorriu.

Abri a boca, mas nada saiu. Fiquei alguns segundos tentando entender, mas demorei para cair em mim. Quando me levantei, procurei Verônica próxima aos irmãos, e seu olhar, como se soubesse que eu a buscava, encontrou o meu. Ela não sorriu, mas a forma como me encarava, entregava a profundidade dos seus sentimentos – de que ela estava feliz.

Feliz comigo.

E Verônica Reis me surpreendia mais uma vez, ao ter dito que me amava muito antes do que eu esperei e sem usar qualquer palavra para aquilo. Mesmo à frente de todos que ela amava e que conheciam aquele gesto, ela não se escondeu. Ela se mostrava para mim, nos detalhes

de si mesma. Mais uma versão dela, que eu descobri amar.

VERÔNICA

Todos já estavam praticamente cansados demais após uma festa cheia de balões, crianças, boa comida e muita falação. Yumi não tinha conseguido entrar, mas tinha nos encontrado à frente da casa mais cedo, para dar parabéns a Alfredo. Eu via que ela se esforçava tanto que gostaria de que não tivesse que o fazer. Não com a gente. Mas ela me disse que não me perdoaria se a festa não fosse na Mansão Reis, que era exatamente aquilo que eu deveria fazer. Fazer Alfredo se sentir em casa. Que ele estava em casa.

— Eu também te amo.

A voz chegou até mim, que estava sentada na cama, com meus gatos ao redor e apenas levantei o olhar.

Alfredo tinha ido tomar um banho, claramente cansado mas com um sorriso no rosto. Só não esperava que ele sairia de tal forma do banheiro.

— Você tem sobrinhas fofoqueiras — falou, parando à minha frente e sorrindo. — Elas me explicaram o que esse sinal... — ele então colocou o dedo médio e indicador em minha testa. — Significa quando vem de você.

Olhei-o não tão surpresa porque eu o tinha feito à frente de muitas pessoas que conheciam aquele significado.

— Eu pensei que entenderia como algo do Itachi — provoquei e ele deu de ombros.

— Pensei sobre, mas parecia mais profundo ainda... — sentou-se no tapete à minha frente e puxou meus pés para suas pernas. — Nada é tão simples quando se trata de você.

— Os nomes deles era Sérgio e Pedro... — comecei, sem pensar muito e nunca pensei que me sentiria tão confortável para falar deles. Não que não doesse, mas era como se fosse certo fazer aquilo. — Eles eram melhores

amigos e se apaixonaram, mas não podiam declarar seu amor, não na frente de tantas pessoas, então... — fiz novamente o sinal em sua testa e uma lágrima quase desceu. Lembrava-me de quando Yumi me explicou cada detalhe daquele sinal e de como meus pais o inventaram. — Era uma forma de dizer eu te amo, te protejo e volto logo... — era triste pensar que ele nunca mais voltou, mas tentei me manter presa ao significado bonito daquele gesto. — Foi uma das heranças que Pedro Reis e Sérgio Kang me deixaram.

— Eu ainda não entendo as relações, mas não é como se precisasse disso para perceber o quanto eles te criaram com amor. — Suas mãos passaram para minhas pernas em um leve carinho. — Você pode ser qualquer versão de si, mas sabe o que todas elas têm em comum?

— O quê? — perguntei e ele me deu um leve sorriso de lado, tão simples, mas que tocava minha alma.

— Amor. — Olhei-o surpresa, porque ele sempre parecia saber o que dizer ou como me fazer não conseguir desviar a atenção de si. — Você é movida a amor, Verônica.

Ele então apenas me puxou com cuidado para o seu colo, e me vi indo, sabendo que era um dos lugares onde me sentia segura.

— Me sinto honrado por ter o seu amor — falou, passando as mãos por meus rostos e limpando as lágrimas. — Me sinto honrado de estar aqui. — ele me tirava as palavras, ele me tirava o fôlego. Era como se Alfredo viesse com um manual de instruções de como me desarmar. — É o meu melhor aniversário, com o melhor presente que eu podia imaginar... Você e a nossa família.

E ele tirava as palavras não apenas da minha boca, mas da minha alma. E eu entendia o porquê de sentir que deveria colocar aquele medalhão que vovó me entregou quando fui até ele no altar - era como se eu sentisse, antes mesmo de realmente entender, que era ele. Sempre foi ele.

Meu futuro. Meu corpo. Minha alma. Meu amor. Minha família.

CHAME DO QUE QUISER...

“Porque o meu amor é lindo como um sonho

Andando com a cabeça baixa

É na minha direção que ele está caminhando

Então chame do que quiser, é

Chame do que quiser chamar

Meu amor é elegante como um jatinho

Muito acima de qualquer confusão

Me ama como se eu fosse novinha em folha

Então chame do que quiser, é

Chame do que quiser chamar” [\[59\]](#)

Não que ela não quisesse se casar com ele novamente, mas Verônica gostava de torturar Alfredo. Ao menos, daquela maneira. Uma barriga enorme e dores nas costas era como ela se encontrava naquele instante, sentada na poltrona na sala, vendo-o praticamente fazer uma apresentação dos motivos óbvios de eles se casarem novamente antes da filha nascer.

— Por que eu acho que não está prestando atenção?

— Alfredo indagou, passando as mãos pelo rosto e quase derrubando os óculos de grau, enquanto se encaminhava até a mulher que o tinha preso em seu dedo mindinho.

— Porque estou com vontade de melancia. — A boca de Verônica salivou. Ela não teve nenhum desejo antes, mas talvez fossem as novidades de ter entrado na vigésima semana de gravidez. Nem ela acreditaria se lhe dissessem que conseguia se guiar por semanas, mas parecia que quando se torna a grávida, aquilo era apenas fácil.

— Sêrio? — Alfredo correu em direção à cozinha e ela gritou uma resposta positiva. — Acho que eu previ porque fui à feira com Yumi ontem e achei linda a melancia pequena, por isso eu comprei.

— Pensei que fosse porque se parecia com o tamanho da minha barriga. — Verônica rebateu, lembrando-se do que sua madrinha lhe contou.

— Nunca pensei que Yumi fosse fofoqueira. — Ele cortou rapidamente um pedaço de melancia, colocou em

um prato e correu de volta para sala para entregar a ela.

— Se quiser mais, eu pego.

— Obrigada, querido.

Assim que Verônica mordeu a fruta, ela soltou um gemido tão satisfatório que poderia jurar que aquele era o céu na terra.

— Acho que acabei de perder para a melancia. — A voz de Alfredo soou baixa, e debochada, fazendo com que Verônica levantasse o olhar e o encarasse. — Não perdi?

— Vai perder se insistir em nos casarmos antes do nosso pacotinho nascer — falou, comendo mais um pouco dos pedaços que ele trouxe. — Aliás, já não pensou como vai ser lindo se ela ou ele entrar com as alianças?

— Eu já, mas isso pode ser uma renovação...

— Teoricamente, o que vamos fazer é uma renovação — ela argumentou e Alfredo sabia que estava perdido. Ele não tinha qualquer coisa para refutar. — Por que não me diz exatamente a razão de querer se casar de novo comigo? — Verônica indagou, terminando de comer

a melancia que estava ali e se sentindo mais feliz pela fruta.

Alfredo apenas foi para perto dela, ajudando-a a levantar, e se sentando na poltrona em seguida, trazendo-a para o seu colo, onde poderia ficar confortavelmente.

— Porque eu te amo — respondeu, passando as mãos por sua barriga. — Eu não sei explicar, eu só sinto que quero isso.

— Está parecendo comigo, quando aceitei esse contrato com você.

Alfredo riu baixinho porque nunca se cansaria de saber que a mulher com quem ele ficou intrigado à primeira vista, se sentiu da mesma forma que ele. A ponto de ela se casar com ele, para tentar e querer mais. Era tão bom saber daquilo, que quando Verônica contou, ele ficou alguns bons dias digerindo, sem conseguir acreditar.

— Fazer o que, se a gente é cafona.

— Meus pais diriam que somos sortudos — ela rebateu e era algo novo em sua vida, poder falar

abertamente sobre os pais com alguém que não se feriria e não a questionaria.

Claro que com o tempo ao lado de Alfredo ela conseguiu mostrar-lhe muito mais sobre isso. Ele sabia agora como eles eram, principalmente pelo medalhão que ela passou a usar e tinha as fotos de cada um e pelo fato de que Verônica se sentiu à vontade para falar com ele, acerca de tudo.

Aos poucos, cada camada dela era tirada, e Alfredo estava ali para apoiá-la no que fosse. Dos melhores dias às piores noites, ele estava lá. Assim como ela estava lá por ele. A ponto de que Verônica lhe contou o segredo mais profundo dos Reis, de que ela não tinha aquele sangue.

A reação de Alfredo, como sempre, a surpreendeu. Ele praticamente deu de ombros e disse que não mudava nada. Não era como se um exame positivo fosse mudar quem ela era, e ela era uma Reis. Verônica se sentia exatamente assim, mas nunca imaginou que alguém lhe entenderia tão bem. Tão bem quanto seus irmãos, escolhidos, o fizeram quando lhes contou.

Alfredo era realmente fora da curva. Ali agora, em seu colo, ela só pensava em como tinha sorte. Mesmo que nunca tivesse pensado que conseguiria um amor como aquele, lá estava ele. Ou melhor, lá estava ela, em seu colo, sentindo leves carinhos sobre sua barriga.

— Acho que a gente deveria perguntar ao pacotinho — Alfredo tirou argumento de onde mais não sabia. Verônica o encarou como se ele tivesse perdido a mente, mas queria entender. — Se ela não mexer, a gente se casa antes dela nascer. Se ela mexer, a gente se casa depois.

— Devo lembrar que isso é injusto e que apenas eu sinto ela se mexendo e bem pouco? — indagou e ele abriu um sorriso sacana, como se fosse exatamente por aquilo. — Ok, fale com o pacotinho! — Verônica decidiu testar a própria sorte.

— Pacotinho...

As mãos de Alfredo passaram pela barriga de Verônica, e ele nem precisou continuar antes de sentir uma leve ondulação debaixo de sua palma. Verônica

nunca tinha sentido tão forte, e ela mesma levou as mãos à barriga.

Naquele segundo, eles se esqueceram por completo do que de fato Alfredo estava tramando. Eles ficaram maravilhados pelo fato de que era a primeira vez que sentiam o bebê mexer, e a barriga de Verônica nunca pareceu tão agitada quanto naquele instante.

Não que Verônica não fosse jogar na cara dele que ele perdeu, mas isso poderia esperar. No caso, eles ficaram ali, por minutos talvez horas sentindo a filha mexer e sem ter a mínima noção de que na próxima consulta, ela finalmente lhes deixaria saber que era uma menina.

Uma menina, que Verônica já tinha o nome há muito tempo: Regina Yumi Lopes Kang Reis. Nome grande, duplo e um pouco cafona, para que ela fosse a mãe babona e amorosa, assim como foi criada. E se havia algo que Alfredo acertou sobre ela, era que Verônica Reis poderia parecer intocável e fria para muita gente, mas na realidade, o que a movia e sempre moveu, foi o

sentimento que aprendeu com Pedro, Sérgio, Regina e Yumi – amor.

Verônica Reis era movida a amor. E por aquilo, ela merecia sua história de amor romântico também.



“Essa é a minha família
Eu achei. Sozinho. Eu achei.
É pequena e incompleta.
Mas é boa. É, é boa.
Ohana quer dizer família,
família quer dizer NUNCA mais abandonar. ou esquecer.”[\[60\]](#)

Uma casa cheia.

Verônica olhou para o seu jardim, e viu o exato segundo em que Yumi se sentou próxima a Rodinei, em um canto mais reservado. Ela estava ali, na casa que um dia também foi dela, no que um dia foi seu lar. O coração de Verônica se aquecia a cada vez que ela lhe via

adentrar aquele ambiente. Da vez que ela apareceu de manhã na cozinha, fazendo o café da manhã logo após o nascimento de Regina, e apenas deu de ombros, como se fosse normal, mesmo que o rastro de lágrimas no rosto da mulher mais velha fosse claro. Foram muitos anos para ela estar exatamente ali, ao seu lado.

Ela sentiu o exato segundo em que mãos pequenas circundaram suas pernas e a apertaram. Os olhos azuis bateram nos seus, idênticos aos do pai, mas ela tinha os cabelos castanhos de Verônica. Uma mistura perfeita dos dois e que a cada dia parecia crescer mais. Segundo o que o próprio Alfredo reclamava, sua filha estava crescendo rápido demais. Tanto que já não maratonava Lilo & Stitch todos os dias, o seu filme favorito.

— O que foi? — perguntou à filha, se abaixando e tocando seus cabelos. Ela tinha apenas cinco anos, toda cheia de protetor que Verônica sabia ser Alfredo e sua preocupação e uma boia em cada braço.

— Já poso entrar na piscina de novo? — perguntou animada, apontando para onde os primos estavam. Todos espalhados e se jogando contra a água. Regina apenas

tinha saído de lá porque o pai a obrigou e passou protetor novamente. — Por favor, mamãe.

Verônica apenas assentiu e tocou sua testa, e a pequena gritou animada, correndo na direção da piscina.

— Não... — a voz de Alfredo morreu e ele respirou fundo, vendo a filha de jogar na piscina. — Corre — complementou em vão, lançando um olhar para Verônica, que sabia que a faria pagar mais tarde, do jeito que ambos gostavam.

Ele estava próximo à churrasqueira, que parecia estar sendo ensinado pela milésima vez por Júlio Torres como deveria fazer aquilo. Verônica olhava para cada canto do jardim e se via em paz. Os domingos em família nunca mais foram os mesmos, não desde que a família passou a crescer. Não desde que Daniela apareceu em suas vidas e parecia ser a luz que precisavam.

Ela olhou em direção a cada irmão, espalhados pelas cadeiras e com suas próprias famílias, que em momentos como aqueles se tornavam uma só. Sorriu ao ver Murilo quase brilhar por estar perto dos filhos e das pessoas, e que agora carregava o sobrenome Torres tão

feliz. Sorriu ao ver Tadeu puxar Valéria para seu colo e ajudá-la a passar o protetor solar, do jeito que apenas ele sabia e de não a permitir ficar descalça para não se gripar. Sorriu ao ver Igor sendo perseguido por Lisa, que estava grávida e fazendo-o experimentar junto a ela toda a comida esquisita que ela desejava, em sua maioria, frutas que ele já detestava. Sorriu ao ver Carolina colocando o chapéu de Franco e dançando em seu próprio mundinho, como se os dois fossem o centro um do outro. Sorriu ao ver Ricardo quase cair sobre Leila que estava lhe chamando de intrometido.

— Eles crescem rápido.

Virou-se para a voz de Inácio Torres, que era o mais velho da outra família e que já encontrou similaridades em vários momentos. Ele era quieto, contido e cuidadoso, e mais claro do que aquilo, a forma como ele a enfrentou pela irmã, quando se conheceram, mostrou o quanto protetor ele era. Ela o respeitava e no decorrer dos anos, eles foram se tornando próximos. Duas famílias que ela jamais diria que se misturaria, ainda mais, pela dela ser tão fechada e a dele, tão aberta.

Talvez fosse o complemento perfeito. Porque Alfredo vinha, de certa forma, dos Torres. E ela era grata por cada encontro que teve com ele, pela relação que a melhor amiga dele tinha com o mais novo daquela família. Eles acabaram por recolocar Alfredo em seu caminho, e ela adorava chamar aquilo de destino. O grande destino do amor que seus pais falavam, e que era muito jovem para entender, mas que agora, ela compreendia.

— Todos eles — concordou e ele encostou contra a pilastra do seu lado oposto. — É cedo para dizer que estou me sentindo mais velha do que nunca?

— Acho que não mais — ele falou e apertou o chapéu branco em sua cabeça. — Mas pode dizer que fez um bom trabalho, Reis.

— Você também, Torres.

Ela então voltou a olhar para todas aquelas pessoas e se viu segurando o medalhão que estava em seu pescoço, que complementava aquele momento. Verônica não podia negar que torcia muito para que seus pais e avó, de onde estivessem, sentissem o orgulho que ela tinha de cada um à sua frente. Que o sentimento os

tomasse, de alguma maneira. Ela então se lembrou da frase que Regina sempre repetia quando assistiam ao seu desenho favorito e que ela tatuou, assim como Alfredo: OHANA. E se ela poderia concordar com algo que a filha repetia do filme, era que família realmente significava nunca abandonar ou esquecer. E ainda complementaria: sempre proteger e voltar para casa.

Ela sentiu a leve brisa em seu rosto e sabia que eles estavam ali, da forma que podiam. Eles sempre estiveram.

FIM



“Meninos só querem amor se tiver tortura
Não diga que eu não disse, que eu não te avisei
Meninos só querem amor se tiver tortura
Não diga que eu não disse, que eu não te avisei”[\[61\]](#)

TALITA

Eu me lembrava como se fosse ontem. Ou até mesmo, há poucos minutos.

Um salão bonito. Um combinado de centenas. Uma festa lotada. Um par perfeito. E eu esperei, pela noite toda

até que ele chegasse. Mas quando ele chegou, foi como se esquecesse de que ainda era jovem demais e quisesse relembrar. Como se precisasse esfregar o quão ingênua eu era.

— Eu não vou me casar. — Lembrava-me de cada palavra. — Eu não vou me casar com ninguém, muito menos com você, Talita Park. — Lembrava-me das lágrimas que eu não sabia segurar e desceram fortemente. — Isso aqui é o auge da palhaçada. — Lembrava-me de olhar para o presente que comprei para ele, mas que agora, eu deixava cair e se quebrar por inteiro.

Foi naquele momento que os olhos de Gael Fontes chegaram nos meus. Eu deixei seu presente se quebrar, assim como permiti que ele quebrasse o meu coração. Algo que nunca mais eu lhe permitiria. Nem ele, nem ninguém. Algo que eu cobraria. Pelos pedaços que eu nunca pude colar. E eu o faria pagar, da forma que seu ego e sobrenome não suportariam. E ele, com toda certeza, pensaria duas vezes antes de humilhar outra pessoa.

Continua?

NOTA

E depois desse EXTRA eu só imagino você assim: o que vem por aí?

Tenho que dizer que Verônica é o final e fechamento da série Torres-Reis, mas a gente sabe que os Torres tiveram o seu conto de Natal, e com ela, não será diferente. Um conto de Natal na Mansão Reis depois de tudo seria algo bonito a ser contado, né? Espero que sim, em dezembro.

Imagina só um mini VeNero no Natal? Eu voto sim, e você? Rs

E o Ricardo Reis, hein, minha gente? Será que ele merece uma história e a gente contar o fim que de Roberto e Reinaldo? Deixo na mão de vocês rs

Posso dizer que tenho planos para outras séries de família sim, os Fontes, os Esteves, os Kang... O lado bom é que sempre vamos rever alguns personagens que são partes desse meio. Eu tento dizer adeus, mas é difícil rs

Eu não sei de fato como se sentiu ao ler a história de Verônica, mas acho que tiramos todas as camadas necessárias, até mesmo para nós, conseguirmos entendê-la. De alguma forma, espero que toda a expectativa que esse livro gerou tenha sido alcançada. Foi feito com muito amor, carinho e dedicação, e espero que tenha passado cada um deles em cada linha.

Não sei dizer adeus, e tô aqui tentando encontrar as palavras certas rs Talvez em algum momento, eu consiga. Mas eu me vejo apenas pronta para usar os dedos médio e indicador e dizer até logo aos Reis. Porque eles se tornaram uma parte de mim, principalmente Verônica. Ela é a personagem que me fez cair de cabeça e deixar com que tudo aquilo que eu desejava fosse real. E espero que ela tenha sido.

Obrigada pela chance e espero que tenha sido uma boa leitura.

Com amor,

Aline

Contatos da autora

Instagram: @alineapadua

Tiktok: @autoralineapadua

Twitter: @alineapadua

Meus outros livros: [aqui](#)

[1] “Ofereçam! Ofereçam!/Ofereçam seus corações!/Todos os sacrifícios/Foram por este momento!” Trecho da canção intitulada Shinzou wo Sasageyo! pela banda japonesa Linked Horizon liderada pelo compositor REVO.

[2] Trecho da canção intitulada "BB's Theme", composta por Ludvig Forssell e interpretada por Jenny Plant , e a décima oitava faixa da trilha original de Death Stranding .. <Fonte: https://deathstranding.fandom.com/wiki/BB%27s_Theme>.

[3] Trecho da canção intitulada Matilda de Harry Styles.

[4] Trecho da canção intitulada Os Bons Morrem Jovens de Legião Urbana.

[5] Trecho da canção intitulada All I Want de Kodakone.

[6] Trecho da canção intitulada Brother de Kodakone.

[7] Trecho da fala do personagem fictício Itachi Uchiha do Clã Uchiha da série de anime e mangá Naruto criada por Masashi Kishimoto. Fonte: Wikipédia.

[8] Trecho da fala do personagem fictício Itachi Uchiha do Clã Uchiha da série de anime e mangá Naruto criada por Masashi Kishimoto. Fonte: Wikipédia.

[9] Trecho da canção intitulada Love On The Brain da artista barbadense Rihanna – álbum: ANTI, data de lançamento: 2016.

[10] Trecho da canção intitulada Hotel Carol da artista brasileira Luisa Sonza part. BACO Exu do Blues, data de lançamento: 2022.

[11] Trecho da canção intitulada Hotel Carol da artista brasileira Luisa Sonza part. BACO Exu do Blues, data de lançamento: 2022.

[12] Trecho da canção intitulada Call Out My Name do artista canadense The Weeknd – álbum: My Dear Melancholy, data de lançamento: 2018.

[13] Trecho da canção intitulada End Game da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: Reputation, data de lançamento: 2017.

[14] Trecho da canção intitulada Favorite Crime da artista norte-americana Olivia Rodrigo – álbum: Sour, data de lançamento: 2021.

[15] Trecho da canção intitulada Don't Blame Me da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: Reputation, data de lançamento: 2017.

[16] Trecho da canção intitulada august da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: folklore, data de lançamento: 2020.

[17] Trecho da canção intitulada Him do artista britânico Harry Styles – não lançado.

[18] Trecho da canção intitulada invisible string da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: folklore, data de lançamento: 2020.

[19] Trecho da canção intitulada Here's Your Perfect do artista galês Jamie Miller – álbum: Here's Your Perfect (with salem ilese), data de lançamento: 2021.

[20] Trecho da canção intitulada Here's Your Perfect do artista galês Jamie Miller – álbum: Here's Your Perfect (with salem ilese), data de lançamento: 2021.

[21] Trecho da canção intitulada this is me trying da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: folklore, data de lançamento: 2020.

[22] Trecho da canção intitulada mirrorball da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: folklore, data de lançamento: 2020.

[23] Trecho da canção intitulada Delicate da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: Reputation, data de lançamento: 2017.

[24] Trecho da canção intitulada melhor sozinha :-)-: da artista brasileira Luisa Sonza – álbum: DOCE 22, data de lançamento: 2021.

[25] "Noona" nada mais é do que "irmã mais velha". Apesar de ter uma tradução aparentemente simples no português, o termo carrega algumas particularidades por trás de seu uso. Em primeiro lugar, a palavra é utilizada apenas pelos homens para se dirigir às suas irmãs ou pessoas mais velhas da família. Além disso, essa palavra também pode ser utilizada pelos garotos para se referir a amigas próximas que também são mais velhas. Fonte: < <https://educacao.umcomo.com.br/artigo/o-que-significa-noona-em-coreano-30196.html>>

[26] Trecho da canção intitulada King of My Heart da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: Reputation, data de lançamento: 2017.

[27] Trecho da canção intitulada Don't Blame Me da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: Reputation, data de lançamento: 2017.

[28] "Unnie" nada mais é do que "irmã mais velha". Apesar de ter uma tradução aparentemente simples no português, o termo carrega algumas particularidades por trás de seu uso. Em primeiro lugar, a palavra é utilizada apenas pelas mulheres para se dirigir às suas irmãs ou pessoas mais velhas da família. Além disso, essa palavra também pode ser utilizada pelas garotas para se referir a amigas próximas que também são mais velhas. Oppa (오빠) e Hyung (형) significam algo como “irmão mais velho”, e Noona (누나) e Unnie (언니) significam “irmã mais velha”. Fonte:

<https://www.koreapost.com.br/conheca-a-coreia/comportamento/o-significado-de-oppa-hyung-noona-unnie/>>

[29] Essa é uma palavra que os fãs de cultura coreana com certeza já ouviram em k-dramas, músicas, filmes e reality shows. A tradução de "oppa" para o português é "irmão mais velho". O termo deve ser utilizado pelas mulheres para falar com e/ou se referir aos seus próprios irmãos, namorado e/ou amigos homens muito próximos. Além disso, a palavra costuma ser usada em ambientes mais íntimos, como círculo de amigos e festas. Já no mercado de trabalho e na escola ou universidade, normalmente as mulheres utilizam outros termos para se referir aos homens mais velhos. Fonte: <<https://educacao.umcomo.com.br/artigo/o-que-significa-oppa-em-coreano-30202.html>> Oppa(오빠) e Hyung (형) significam algo como “irmão mais velho”, e Noona (누나) e Unnie (언니) significam “irmã mais velha”. Fonte: <https://www.koreapost.com.br/conheca-a-coreia/comportamento/o-significado-de-oppa-hyung-noona-unnie/>>

[30] Trecho da canção intitulada Delicate da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: Reputation, data de lançamento: 2017.

[31] Trecho da canção intitulada Gorgeous da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: Reputation, data de lançamento: 2017.

[32] Shingeki no Kyojin também conhecido pelo título em inglês Attack on Titan, é uma série de mangá escrita e ilustrada por Hajime Isayama. Fonte: Wikipédia.

[33] Naruto é uma série de mangá escrita e ilustrada por Masashi Kishimoto, que conta a história de Naruto Uzumaki, um jovem ninja que

constantemente procura por reconhecimento e sonha em se tornar Hokage, o ninja líder de sua vila. Fonte: Wikipédia.

[34] Choi Seung-hyun, mais conhecido pelo nome artístico T.O.P, é um rapper, compositor, produtor musical, ator e modelo sul-coreano. Fonte: Wikipédia.

[35] Trecho da canção intitulada right when you left me da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: evermore, data de lançamento: 2020.

[36] Trecho da canção intitulada Dancing With Our Hands Tied da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: Reputation, data de lançamento: 2017.

[37] Trecho da canção intitulada Here's Your Perfect do artista galês Jamie Miller – álbum: Here's Your Perfect (with salem ilese), data de lançamento: 2021.

[38] Spy x Family é uma série japonesa de mangá shōnen escrita e ilustrada por Tatsuya Endo. A história segue a vida de Twilight, um espião que precisa "formar uma família" de forma repentina para executar uma missão. E foi adaptada para anime em 2022. Fonte: Wikipédia.

[39] Trecho da canção intitulada exile da artista norte-americana Taylor Swift part. Bon Iver– álbum: folklore, data de lançamento: 2020.

[40] Trecho da canção intitulada Ready For It? da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: Reputation, data de lançamento: 2017.

[41] Trecho da canção intitulada Stay da artista barbadense Rihanna part. Mikky Ekko– álbum: Unapologetic, data de lançamento: 2012.

[42] Trecho da canção intitulada Delicate da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: Reputation, data de lançamento: 2017.

[43] Trecho da canção intitulada peace da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: folklore, data de lançamento: 2020.

[44] Trecho da canção intitulada peace da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: folklore, data de lançamento: 2020.

[45] Trecho da canção intitulada cardigan da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: folklore, data de lançamento: 2020.

[46] Trecho da canção intitulada Stay da artista barbadense Rihanna part. Mikky Ekko– álbum: Unapologetic, data de lançamento: 2012.

[47] Trecho da canção intitulada mad woman da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: folklore, data de lançamento: 2020.

[48] Trecho da canção intitulada peace da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: folklore, data de lançamento: 2020.

[49] Trecho da canção intitulada I Drink Wine da artista britânica Adele – álbum: 30, data de lançamento: 2021.

[50] Trecho da canção intitulada This Is Why We Can't Have Nice Things da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: Reputation, data de lançamento: 2017.

[51] Trecho da canção intitulada Sujeito de Sorte do artista brasileiro Belchior – álbum: Alucinação, data de lançamento: 1976.

[52] Trecho da canção intitulada Brother da banda irlandesa Kodaline – álbum: Politics of Living, data de lançamento: 2018.

[53] "Hyung" nada mais é do que "irmão mais velho". Apesar de ter uma tradução aparentemente simples no português, o termo carrega algumas particularidades por trás de seu uso. Em primeiro lugar, a palavra é utilizada apenas pelos homens para se dirigir às seus irmãos ou pessoas mais velhas da família. Além disso, essa palavra também pode ser utilizada pelos garotos para se referir a amigos próximos que também são mais velhos. Oppa (오빠) e Hyung (형) significam algo como “irmão mais velho”, e Noona (누나) e Unnie (언니)

significam “irmã mais velha”. Fonte: <https://www.koreapost.com.br/conheca-a-coreia/comportamento/o-significado-de-oppa-hyung-noona-unnie/>>

[54] Trecho da canção intitulada New Year’s Day da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: Reputation, data de lançamento: 2017.

[55] Trecho da canção intitulada End Game da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: Reputation, data de lançamento: 2017.

[56] Trecho da canção intitulada Look What You Made Me Do da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: Reputation, data de lançamento: 2017.

[57] Trecho da canção intitulada New Year’s Day da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: Reputation, data de lançamento: 2017.

[58] Trecho da canção intitulada Matilda do artista britânico Harry Styles – álbum: Harry's House, data de lançamento: 2022.

[59] Trecho da canção intitulada Call It What You Want da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: Reputation, data de lançamento: 2017.

[60] Trecho da fala do personagem Stitch, de Lilo & Stitch um filme de animação de longa-metragem dos estúdios Disney, realizado em 2002, dirigido por Dean DeBlois e Chris Sanders, e apontado como um dos novos clássicos da Disney, sendo a 42ª longa-metragem de animação produzida pelo estúdio. Fonte: Wikipédia.

[61] Trecho da canção intitulada Blank Space da artista norte-americana Taylor Swift – álbum: 1989, data de lançamento: 2014.